

A woman with long, wavy blonde hair is shown from the chest up, wearing a black lace bra. She is being embraced from behind by a man wearing a white long-sleeved shirt. The man's left hand, which has a black leather watch on his wrist, is resting on the woman's waist. The background is dark and out of focus.

BEM-VINDA
ao *Jogo*

A R I E L A P E R E I R A



BEM-VINDA AO JOGO

Ariela Pereira

Copyright© 2016 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1º Edição

2016

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)

[CAPÍTULO XXIX](#)

[CAPÍTULO XXX](#)

[CAPÍTULO XXXI](#)

[CAPÍTULO XXXII](#)

[CAPÍTULO XXXIII](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONTATO](#)

[Outras Obras na Amazon:](#)

[Fontes de pesquisa:](#)

PRÓLOGO

A tempestade que caía lá fora podia ser classificada como a mais violenta dos últimos tempos. Através das frestas nas janelas podia-se ver o clarão dos raios rompendo a escuridão daquela madrugada de sábado, os estrondos das trovoadas se faziam tão altos que nos alcançava, assim como o uivo do vento forte.

Na sala de espera da mais cara e discreta maternidade que encontrei, eu aguardava o nascimento da minha filha, que aprendi a amar ainda no ventre da sua mãe, minha jovem ex-amante, apesar de não poder ficar com nenhuma das duas, por isso a dor lancinante me dilacerava a alma.

Embora não pudesse gerar filhos e optasse pela adoção, Cecily, minha esposa, se recusava a adotar minha filha de sangue, como fizera com os dois garotos, Joshua, de sete anos e Noah, de três, alegando que não suportaria viver toda uma vida olhando para o rosto da menina que representaria a prova da minha traição, assim como o seu fracasso em não ser dona do corpo que a concebeu.

Eu teria lutado para ficar com aquela criança, sangue do meu sangue, se Cecily não tivesse ameaçado pedir o divórcio, me acusando de adultério, de modo que todos os nossos bens materiais passariam automaticamente a lhe pertencer e eu não podia abrir mão da Prime, a empresa que representava toda uma vida de trabalho árduo e que era tudo para mim.

Na outra extremidade da sala, estavam os pais de Emma, a mãe da minha filha. Meu motorista Jeffrey e sua esposa, a cozinheira da mansão, Mary. Ambos me fuzilavam com olhos raivosos, como vinham fazendo desde que a gravidez foi revelada, embora nada dissessem e eu sequer podia culpá-los, afinal desonrei a única filha deles, uma menina de dezoito anos, que podia ser considerada uma criança se comparada a um homem de trinta e dois, como eu era quando tudo começou.

Eu jamais esqueceria o momento em que a vi pela primeira vez, tão linda, tão meiga e calma, em contraste com o temperamento explosivo de Cecily, que vinha piorando à medida que os tratamentos caros para engravidar não davam resultado. O fato de não poder conceber um filho, transformou minha esposa em uma mulher amarga e infeliz, de modo que me tornava infeliz também.

Era fácil culpar nossa infelicidade pela minha traição, e embora esta tenha contribuído, não foi a razão pela qual me envolvi com a filha do meu motorista, mas sim o desejo latente que surgiu entre nós desde que descobri a mulher linda e encantadora que ela se tornou.

Emma nasceu e cresceu nas dependências da minha casa, em Dallas, embora eu quase nunca a visse, já que permanecia na casa dos fundos reservada aos empregados. Foi apenas quando eu e Cecily adotamos o pequeno Noah, nosso segundo filho, na época com um ano, que ela entrou em nossa casa para trabalhar como babá do garoto. A atração que surgiu entre nós foi imediata, avassaladora. Tudo naquela menina parecia gritar por mim: sua pele cor de jambo, os lábios carnudos, o corpo perfeito com cada curva no lugar certo. Era impossível ficar indiferente, principalmente depois de constatar que ela também estava interessada.

Ainda tentei lutar contra aquele sentimento que se intensificava mais a cada dia, afinal ela era quase uma criança e seus pais trabalhavam para nós há anos, eu não podia trair a confiança deles, não podiatrair Cecily. Mas foi inevitável. O desejo se transformou em paixão e tudo ficou

incontrolável.

Durante cerca de seis meses não passamos da troca de olhares. Até que durante uma das viagens que Cecily costumava fazer, Emma tomou a iniciativa, que não me atrevi a tomar e veio a mim, em meu quarto, com seu corpo lindo, moreno e esguio coberto por apenas um roupão, que ela deixou cair no instante em que meus olhos encontraram os dela.

A partir daquela noite, continuamos nos encontrando às escondidas durante dois anos, os melhores anos da minha existência. Eu a amava, mas não podia ficar com ela. Quando sua barriga cresceu e tudo veio à tona, tive que escolher entre continuar com Cecily, nossos dois filhos adotivos e uma empresa que levei anos para construir, ou abandonar tudo e começar do zero ao seu lado e da menina que carregaria meu sangue nas veias. Fui covarde, escolhi a segurança em vez do amor. E já não a via há três meses, pois outra exigência que Cecily fez quando soube sobre a gravidez foi que Emma e toda a sua família se afastassem definitivamente das nossas vidas e da nossa casa. Assim, ofereci a eles uma fazenda próspera que a Prime adquirira há pouco tempo, com o intuito de usar parte do terreno para a construção de um condomínio de luxo, devido à sua boa localização, no interior do Texas. Um lugar que podia oferecer ao mesmo tempo moradia, sustento e segurança a toda a família.

Humildes e passivos como sempre foram, mesmo sabendo que podiam ter tirado muito mais de mim, os Mitchell aceitaram a oferta sem discutir e se mudaram logo em seguida, me deixando com a certeza de que minha filha cresceria em um lugar seguro e tranquilo, sem que nada faltasse a ela, afinal a fazenda era rica na criação de gado e forneceria recursos necessários para que a família nunca mais precisasse trabalhar para ninguém. Além do que, fiz uma gorda conta bancária no nome deles.

O combinado foi que eu nunca mais voltasse a vê-los, mas não consegui ficar longe quando soube que minha filha nasceria hoje. Entretanto, seria a última vez. A partir de agora, eu tentaria não fazer parte da vida dela, pois se me aproximasse, dificilmente encontraria forças para deixá-las novamente.

Os passos da enfermeira sobre o piso lustroso da sala ampla interromperam meus pensamentos.

— Como minha filha está? — Mary, que se encontrava perto da porta, junto ao marido, apressou-se em perguntar, aflita.

— Está ótima. A menina também. Nasceu forte e saudável. Com três quilos e meio.

O casal de avós sorriu e a mesma euforia passou dentro de mim, embora eu não me sentisse encorajado a expressá-la sem parecer um hipócrita.

— Podemos vê-la? — Jeffrey quis saber.

— Claro, venham comigo. — A enfermeira se virou para mim. — O senhor vem?

— Depois eu vou. Podem ficar à vontade.

Eu não queria que a minha desprezível presença interferisse em um momento tão único para eles.

O espaço de tempo entre os Mitchell saírem da sala de espera e retornarem, me pareceu uma eternidade. Quando por fim ambos deixaram a filha e a neta recém-nascida, foi a minha vez de ir vê-las.

Precisei respirar fundo várias vezes para conter aquela agonia que preenchia meu peito, por saber que olharia para o rosto da mulher que eu amava, para o fruto do nosso amor e que ela me acharia o covarde que de fato eu era. Ela não abriria a boca para me acusar de nada, jamais abriu. Mesmo quando teve que deixar a casa onde nasceu e cresceu para se enfiar em uma fazenda, por minha causa, jamais reclamou de nada, o que me fazia sentir ainda pior, um

verdadeiro verme.

Fui guiado pela enfermeira através do corredor largo e bem iluminado até o quarto onde ela estava. Emma me recebeu com um sorriso meio tímido, mas ainda um sorriso, quando qualquer outra no lugar dela se negaria a olhar para mim novamente. Fazia meses que eu não a via e olhar para ela foi como derramar um bálsamo sobre minhas feridas. Ela estava deitada em seu leito, linda como sempre, apesar do rosto meio pálido por ter acabado de enfrentar um parto normal, tinha a pele aveludada, os olhos negros brilhavam como duas pérolas. Usava uma camisola branca folgada.

Quando olhei para ela, constatei que minha saudade era muito maior do que eu percebera.

Ao seu lado, no pequeno berço, estava o bebê, tão imóvel que parecia adormecido, porém, foi apenas ao me aproximar o suficiente, que vi seus olhinhos abertos.

— Como você está? — Perguntei. Culpa, saudade, dor, tudo me remoendo.

— Muito feliz. Nossa pequenina é linda.

Porra! Eu me sentiria menos mal se ela me xingasse como eu merecia.

— Posso segurá-la?

— Pode.

Era a minha única chance de segurar minha filha em meus braços e o fiz emocionado, pois quando se tem trinta e quatro anos de idade e se é casado com uma mulher que não pode ter filhos, não se espera ser pai um dia. Mas Emma me deu essa honra.

Cuidadosamente, tirei a pequenina do berço. Era muito frágil, toda molinha. Tinha a pele clara e os olhos verdes como os meus, embora os traços do rosto fossem mais parecidos com os de Emma.

— Por Deus! Ela é linda. — Sentei-me na beirada do leito com minha filha nos braços.

— Tem os seus olhos.

— Sim. E as suas feições. Como vai chamá-la?

— Amber.

— É um lindo nome. — Olhei sua face rosada, tentando imaginar como ficaria depois de crescida e precisei de um esforço inumano para conter as lágrimas. Eu nunca chorei antes, não ia começar agora. — Emma... eu... — As palavras me faltavam, pois nada do que eu dissesse seria capaz de aplacar o tamanho da minha fraqueza ao lidar com a situação.

— Não precisa dizer nada. — Emma interveio. — Nós dois erramos, embora eu não me arrependa de nada.

— Eu também não me arrependo.

— Eu sabia que você era casado. Nunca me iludi acreditando que ficaríamos juntos. Eu só lamento ter durado tão pouco.

A possibilidade de continuar encontrando-me com ela se projetou em minha mente, pela milésima vez desde que a perdi. Qualquer coisa seria melhor que ficar sem as duas. *“Vamos, diga a ela, Robert”*

— Eu estava pensando se podíamos...

— Não. — Ela me interrompeu, séria. — Não podemos continuar. Não quero que nossa filha cresça vendo a mãe dela se relacionando com um homem casado. Isso não seria um bom exemplo, e vou fazer de tudo para que ela tenha uma vida melhor que a minha.

Eu a compreendia, apesar de todo o meu ser se recusar a aceitar.

— O que você vai dizer a ela sobre mim?

— Ainda não pensei nisso. Mas ela nunca saberá quem é você. Talvez eu invente que tive um relacionamento fracassado, mas com um homem solteiro. Não quero que ela cometa o mesmo erro.

— Foi um erro?

— Sim. Como eu já disse, não me arrependo de nada, mas nós erramos feio, com a sua mulher, com essa criança. Agora só nos resta nos punirmos para que ninguém mais sofra por nossa causa.

— Não voltarmos a nos ver será a nossa punição.

— Sim. E isso ainda é pouco perto do que merecemos.

Devagar, levantei-me, plantei um beijo casto na testa delicada da minha filha e a coloquei de volta no berço, observando-a pela última vez, gravando sua imagem na minha memória, enquanto as lágrimas insistiam em ameaçar cair dos meus olhos sem que eu permitisse. Depois, inclinei-me sobre Emma e a beijei na boca com toda a paixão que ardia dentro de mim.

— Eu te amo tanto. — Sussurrei contra seus lábios.

— Eu também te amo.

— Me promete que vai ficar bem.

— Nós ficaremos. Morar em uma fazenda sempre foi o sonho dos meus pais e não posso imaginar um lugar mais perfeito para nossa filha crescer. Como meu pai trabalhará no rebanho para garantir nosso sustento, não precisarei trabalhar fora e me dedicarei exclusivamente a educá-la.

— Me promete que vai me procurar se vocês precisarem de alguma coisa.

— Eu prometo que não vou te procurar. Sei que não vamos precisar de nada. O dinheiro que você deixou na nossa conta é mais que suficiente para tudo. Dá até para pagar uma faculdade para Amber.

Vasculhei minha mente em busca de algo mais para dizer, mas não havia nada. Tudo já fora dito. E Emma estava certa em cada palavra. Não seria saudável para uma menina crescer sabendo que era fruto de uma relação adúltera como a nossa. Seria melhor para todos que as coisas ficassem como estavam, que nunca mais nos víssemos.

Procurei forças dentro de mim para dizer adeus pela segunda vez e não encontrei. Então as deixei em silêncio, praticamente obrigando minhas pernas a me levarem para fora do quarto e depois da maternidade. Entrei em meu carro me movendo mecanicamente, como um zumbi, dirigindo até em casa sem ver o percurso à minha frente.

CAPÍTULO I

Tyler, Texas, vinte e três anos depois.

O pequeno apartamento de um quarto estava uma verdadeira bagunça, como quase sempre, quando acordei naquela manhã de segunda-feira. Como acontecia em todas as noites de domingo, nas de sábados, nas sextas e por vezes, nas do meio da semana também, eu, Kate e seu namorado Dean, tínhamos exagerado nas cervejas. As garrafas vazias e as pontas de cigarro ainda estavam espalhadas por toda a parte, em meio à desordem de CDs e móveis fora do lugar.

Apesar da dor de cabeça causada pela ressaca, eu precisava levantar-me mais cedo que o habitual, pois era um dos dias mais importantes da minha vida, quando seria entrevistada para a vaga de estagiária que a Prime Company estava, milagrosamente, oferecendo. Milagrosamente porque era quase impossível uma companhia tão grande e renomada oferecer vagas a pessoas recém-formadas, como eu. E surgiu no momento certo, logo depois da minha formatura. Inclusive foi o reitor do campus quem me telefonou para avisar.

Aliás, aquele era o segundo milagre que acontecia em minha vida partida da mesma empresa, que há quatro anos ofereceu bolsas de estudo universitário aos alunos notáveis do colégio onde eu estudava, no interior. Meu nome era o primeiro da lista entre os selecionados, embora eu não me lembrasse de ter sido uma aluna notável, pelo contrário, eu precisava fazer uso da minha popularidade para colar nos verdadeiros alunos estudiosos em épocas de provas, e só assim conseguir passar de ano, afinal, naquela época eu ainda tinha uma vida social e afetiva à qual me dedicar, não me restava tempo para estudar.

Enfim, a Prime estava a fim de ajudar os menos favorecidos e cá estava eu, formada em Engenharia Civil na Lancaster University at Tyler. Não era a maior faculdade do país, mas era bem-conceituada e foi a que escolhi por ser localizada em uma cidade pequena e tranquila, a duas horas do centro comercial de Dallas, onde tudo acontecia, inclusive as oportunidades.

A Prime custeara meu curso, mas eu ainda tinha que trabalhar como garçonne para pagar o aluguel e me sustentar. Tive muita sorte em conhecer Kate, que também estudava com bolsa financiada por uma empresa petrolífera de Houston, e concordou em dividir o aluguel comigo.

Animada, levantei-me com um pulo do sofá onde costumava dormir quando Dean vinha passar a noite com Kate, o que se tornava cada vez mais frequente. Eu só não reclamava porque ele me emprestava seu carro de vez em quando, como emprestaria hoje para minha ida a Dallas, um percurso que durava uma hora e meia para qualquer ser humano, mas que para mim demorava mais de duas horas.

Se conseguisse a vaga de estagiária, eu precisaria me mudar para a cidade, não sabia como Kate se viraria sem a minha parte no aluguel, mas pensaria nisso depois, afinal, precisava dar um passo de cada vez.

Apressada e ao mesmo tempo pisando cuidadosamente para não acordar o casal, tomei um banho rápido e me troquei ali mesmo no banheiro, vestindo a roupa que comprei especialmente para aquela ocasião: um conjunto de saia lápis grafite e terninho da mesma cor. Os scarpins pretos complementavam o traje. Era a roupa certa para se frequentar um lugar luxuoso como devia ser a sede da Prime. Entretanto, ao observar minha aparência no espelho, me senti meio ridícula usando aquilo. Eu estava parecendo um brinquedo mal embrulhado em um papel de presente sem cor.

Definitivamente, a roupa não combinava comigo. Se pelo menos eu tivesse seguido os conselhos de Kate e ido ao salão alisar minha juba, talvez não estivesse tão fora de contexto.

Minha aparência não combinava com quase nada que eu vestia, principalmente com trajes sofisticados. Eu era o que se podia denominar de uma mistura meio complicada de raças. Considerando que minha mãe era mulata e eu nasci branca com olhos verdes, deduzia que meu pai, cuja identidade eu desconhecia, devia ser um grande branquelo. O pior resultado dessa mistura eram meus cabelos, totalmente rebeldes, um amontoado de cachos desconexos e selvagens, de tom indefinível, alguma coisa entre o loiro e o ruivo. Minha mãe costumava dizer que eram assim porque nasci em uma madrugada de tempestade. Eu podia mandar alisá-los, como Kate me aconselhara, mas achava muita perda de tempo passar horas no salão fazendo aquilo, além do mais, eu gostava de como eles eram.

Depois de alguns minutos observando minha aparência, decidi que se a Prime me quisesse, teria que ficar com o conjunto inteiro, me aceitar exatamente como eu era. Então corri até o muquifo jogado na sala onde estavam minhas roupas e troquei o terninho sem cor por jeans e blusinha curta de malha. Joguei minha jaqueta de couro preta por cima, calcei minhas botas de cano longo e salto alto, complementei o traje com um cachecol vermelho e estava pronta. Corri de volta para o espelho e abri um sorriso ao ver a mim mesma no reflexo, a garota texana que cresceu em uma fazenda.

“É isso aí garota!”

Senti todo o ânimo esvaindo-se do meu corpo quando deixei o edifício de dois andares e só então descobri que estava chovendo. Uma chuva fina, mas suficiente para que o asfalto estivesse molhado.

Merda! Era só o que me faltava.

Em qualquer outra circunstância, eu teria desistido de pegar a estrada com um tempo daqueles, vinha sendo assim há três anos, desde que tudo aconteceu. Mas desta vez eu precisava sufocar o pânico dentro de mim e seguir em frente, pois uma oportunidade como aquela não surgia duas vezes na vida.

Então, decidia, peguei o carro de Dean e parti.

Até era suportável dirigir dentro do perímetro urbano, porém, foi quando peguei a autoestrada que o pavor tomou conta de cada uma das células do meu organismo. Tudo me lembrava aquela noite. O brilho do asfalto molhado, os outros carros correndo mais que o necessário, de modo que faziam os jatos de água jorrarem para os lados, o para-brisas salpicado de água com o limpador movendo-se em vai e vem diante dos meus olhos.

“Clama, Amber, não vai acontecer de novo... não vai acontecer de novo...” Repetia para mim mesma, mentalmente.

Não ultrapassei os sessenta quilômetros por hora e acabei demorando quase três horas para fazer um percurso que levaria uma hora e meia, o que me fez chegar vinte minutos atrasa na sede da Prime, no centro da cidade.

Apressada, estacionei ali mesmo no acostamento e entrei no prédio imponente e luxuoso, o ar-condicionado me acolhendo do calor que se tornou escaldante com a ida da chuva e a chegada do sol. Como eu já esperava, do lado de dentro, o lugar era imenso e luxuoso, desde os móveis de couro acolchoados, até os quadros caros pendurados nas paredes. Só o hall de entrada era capaz de comportar um apartamento de três quartos.

A sofisticação era visível também na aparência das pessoas. Os homens que passavam por mim apressados, indo na direção dos elevadores, vestiam ternos caros e impecáveis, as mulheres

pareciam saídas das revistas de moda, elegante e sobriamente vestidas, totalmente em contraste comigo, que parecia uma roqueira caipira, o que me tornou alvo de vários olhares indiscretos quando avancei para a recepção.

Definitivamente, eu devia ter alisado os cabelos e usado o terninho que comprei. Caralho!

Como todos os outros por quem passei, a moça que se encontrava na recepção, uma loira com cabelos lisos presos em um coque impecável, me examinou dos pés à cabeça, encarando-me com seus olhos azuis incrédulos.

— Pois não?

Abri um largo sorriso. Era isso que eu fazia quando estava nervosa, sorria e falava demais, além de ter todo o meu sangue concentrado na minha face.

— Vim para a entrevista para a vaga de estagiária.

— Qual o seu nome?

— Amber Mitchell.

Sem desfazer sua postura elegante, a moça examinou um caderno à sua frente.

— Você está atrasada.

Um frio atravessou meu estômago.

— Estava chovendo e... — Não encontrei uma mentira de última hora. — E então, posso subir ou não?

— Só um momento.

Ela fez uma ligação, trocou algumas palavras com a pessoa que parecia responsável pela minha entrevista e desligou.

— Trigésimo andar, sala cento e seis. Você vai falar com a Srta. Walker. Pode subir.

O alívio me tomou como uma corrente de eletricidade que passeava pelo meu corpo.

— Obrigada.

Outra fobia que eu tinha adquirido depois do que aconteceu, foi o medo de lugares fechados, como os elevadores, mas este já estava quase superado, afinal, eu precisava dos elevadores. Então, escolhi aquele que ficava mais ao canto, para onde ninguém parecia se dirigir, por ser provavelmente o que subiria mais vazio e entrei. As portas estavam se fechando quando um dos executivos enfiou sua mão entre elas apressadamente, e entrou. Apertando o último andar.

O homem muito alto, com ombros largos, cabelos negros, foi o único, até aquele momento, que não me olhou com indiscrição por causa da minha aparência, e de súbito eu me peguei observando-o mais que o necessário. Estava parado como uma estátua ao lado e um pouco adiante, de modo que eu não podia ver seu rosto inteiro, mas apenas o maxilar rijo, coberto pela sombra de uma barba negra. Parecia muito sério e compenetrado, talvez até meio mal-humorado.

Como se fosse capaz de sentir o peso do meu olhar, ele virou-se de repente e seus olhos, de um azul claro como as águas de uma piscina fixaram nos meus, diretamente, inquiridoramente, expressando algo que não consegui decifrar, mas que fez minha face corar de imediato, como se eu fosse uma criança que acabava de ser flagrada fazendo algo errado.

Sem dúvida, o rosto dele era o mais bonito e masculino que eu já vi. Tinha um formato perfeito, bem emoldurado, com o queixo másculo, o nariz afilado, a pele ligeiramente bronzada, a boca meio bicudinha e aqueles olhos, que olhos! Eu podia apostar que havia uma centena de garotas na fila de espera ansiosas para arriarem a calcinha para ele. Era gostosura demais em um ser humano apenas!

Ele fitou-me em silêncio por um instante e por fim, agindo como todos os homens agiam, desceu o olhar pelo meu corpo, muito devagar, estudando-me detalhadamente e senti minha face pegando

fogo, o que não era comum, pois eu estava acostumada com essa atitude por parte dos homens.

O fato de ele voltar à sua posição inicial, ignorando-me por completo, poderia ser considerado algo normal, afinal, não nos conhecíamos, éramos apenas dois estranhos dividindo um elevador, como obviamente acontecia com frequência na vida de alguém que trabalhava em um lugar como aquele, entretanto, sem que eu compreendesse a razão, sua indiferença serviu para intensificar o nervosismo que eu sentia por me encontrar dentro de um elevador e quando eu estava nervosa, não conseguia ficar de boca fechada.

— Você trabalha aqui? — Comecei, como se aquilo tivesse alguma relevância para a minha vida.

Ele me lançou um olhar rápido, claramente incomodado com a minha intromissão.

— Sim. — Foi a breve e irritada resposta.

— Talvez nos tornemos colegas de trabalho. Estou aqui para uma entrevista. Não de emprego, mas de estágio. Mas é um começo, sabe? — Eu simplesmente não conseguia parar de falar. — Acho que é uma grande oportunidade para quem acabou de se formar, quer dizer, quem nunca sonhou em trabalhar na Prime?

Continuei tagarelando como uma desequilibrada e embora não pudesse ver o rosto do cara, eu sabia que o estava incomodando. Ainda assim, simplesmente não conseguia parar de falar, estava nervosa demais, trinta andares era muito para controlar a minha fobia. Se o elevador se abrisse antes de chegar ao meu destino, eu sairia, pois nem eu mesma estava mais suportando o som da minha voz abafada entre as quatro paredes, podia imaginar aquela pobre vítima da minha paranoia.

Mas o elevador não chegou ao trigésimo andar, antes disso ele parou, de repente, com um solavanco violento que me arrancou um grito agudo, o pânico tomando conta de mim, fazendo meu sangue gelar nas veias.

— O que foi isso? — Indaguei, apavorada, minha respiração se tornando tão pesada que o som se fazia audível.

O homem virou-se de frente para mim, seu tamanho avantajado, seu peito muito largo dentro do paletó caro, me parecendo terrivelmente familiares, trazendo-me lembranças do meu pior pesadelo, o pavor me fazendo recuar até que minhas costas encontraram o limite do pequeno espaço.

— Fica calma. Deve ter sido uma falha no sistema. Daqui a pouco isso se resolve.

Sua voz era grossa, máscula e ao mesmo tempo doce, de um timbre tão gostoso que me atraiu a ponto de me arrancar do poço escuro para o qual as lembranças me puxavam.

Continuei com as costas grudadas na parede do elevador, meu coração muito acelerado no peito, minha respiração pesada quebrando o silêncio que se instalara no ambiente. O observei tirando o celular moderno do bolso do terno e digitando os números depressa.

— O que diabos está acontecendo aqui?! — Desta vez ele gritou, ríspida e autoritariamente, sua voz parecendo ainda mais grossa, estrondosa. — Estou preso no elevador. Tratem de arrumar essa porcaria, não tenho tempo para isto. — Ouviu por um instante, sua fisionomia se contraindo e então desligou. — Já vão dar um jeito nisso. Respira. Você está muito pálida. — A sua voz abrandou, novamente me impedindo de mergulhar na escuridão. Sem conseguir falar, apenas meneei a cabeça em resposta. — Como você se chama? — Tentei responder, mas a voz não saiu. — Tudo bem. Fica calma. Nada de mal vai acontecer. Elevadores param o tempo todo. E eu já falei com o técnico, daqui a pouco sairemos daqui.

Sua voz calma e melodiosa era a ponte que me ligava à realidade, me impedindo de perder a

consciência, tentei conectar-me exclusivamente a ela, todavia, as lembranças do passado eram terrivelmente fortes e se sobressaíam a tudo mais em minha mente. Pareciam me tragar aos poucos, me levando de volta ao horror.

Preso ali no pequeno espaço do elevador, eu me vi novamente naquele porão escuro, sujo e fétido, aprisionada no meio do nada por um sádico violento.

O homem diante de mim abandonou sua valise no chão e aproximou-se devagar. Ele ia me tocar e embora eu soubesse que estava apenas tentando me ajudar, o horror se intensificou dentro de mim. Tentei gritar, a voz não saiu, então me afastei para a outra parede, meu corpo trêmulo e pesado se movendo com dificuldade. Ele não podia me tocar. Eu não podia ser tocada por um homem, essa era a fobia que jamais acabaria, nem os anos de psicoterapia conseguiram destruí-la.

— Não precisa ter medo de mim. Eu só quero ajudar. Você não me parece bem.

Sua voz me acalmou um pouco, mas o pânico ainda estava lá. Puxei o ar várias vezes e soltei devagar, tentando voltar ao normal, quando então a luz do elevador se apagou, repentinamente, a escuridão tomando conta de tudo, para que no instante seguinte o grito agudo saltasse da minha garganta.

As mãos do homem me seguraram e eu estava de volta ao inferno, trancada no porão escuro, com fome, com frio, a espera de que meu raptor viesse me violentar, como fazia todos os dias. Ele já estava aqui, estava me segurando.

— Não! Não me toque! Não me toque! — As palavras saltavam da minha garganta, descontroladamente à medida que o pavor me devorava depressa, até que encontrei a única fuga possível ao me entregar à escuridão que veio me engolir e perdi a consciência de tudo.

CAPÍTULO II

Eu estava deitada em um confortável estofado branco, quando recobrei a consciência. Precisei piscar consecutivamente para que meus olhos se acostumassem à claridade exagerada da sala onde me encontrava. Não reconheci o lugar e sentei-me num sobressalto, percorrendo os olhos à minha volta. Era uma sala ampla, luxuosa, com a parede toda em vidro, proporcionando uma vista esplendorosa do centro de Dallas. Estava decorada sobriamente, como um escritório.

Apenas após explorar o ambiente, meus olhos registraram a presença do homem de pele bronzeada, cabelos escuros e olhos azuis, sentado em outra poltrona, diante de mim, com uma perna apoiada sobre a outra, observando-me, completamente imóvel. Era o mesmo homem que estava no elevador quando perdi os sentidos. Olhar para ele me fez recordar de tudo. O terror que me tomou quando as luzes do elevador enguiçado se apagaram, aquele desconhecido piorando as coisas sem saber, quando na verdade tentava me ajudar. Ele era um gato e eu paguei um mico gigantesco na sua presença. Puta merda!

Muito constrangida, pigarreie para ter certeza de que minha voz atravessaria minha garganta seca, antes de indagar:

— Onde estou?

— Na minha sala. Você desmaiou quando faltou luz no elevador.

— Por quanto tempo fiquei apagada?

— Ficamos quase uma hora no elevador, tem uns quinze minutos que saímos de lá. Acho que você só precisava respirar. Está se sentindo melhor?

Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Os primeiros meses, depois do cativeiro, foram os mais difíceis, eu desmaiava sempre que as lembranças voltavam tão nítidas. Segundo os psiquiatras era um mecanismo de defesa do qual meu corpo se valia para fugir das lembranças.

— Sim, estou. — Lembrei-me da entrevista. Se a tal Srta. Walker ainda quisesse me receber, eu precisava correr. Ao tentar levantar-me, percebi que estava sem minhas botas, minha jaqueta e o cachecol. — Preciso ir. Tenho uma entrevista marcada, se ainda quiserem me receber. Onde estão minhas botas?

— Não se preocupe com nada. A pessoa que vai entrevistar você é minha irmã. Já pedi que ela aguardasse até que a médica da empresa venha dar uma olhada em você. Ela já deve estar chegando.

— Obrigada, mas eu não preciso de uma médica e sim de um emprego. Não posso deixar a responsável pela minha admissão esperando.

Vi uma ruga surgir no centro da testa dele, seu maxilar contraindo de irritação, o que deixava evidente que ele não gostava de ser contrariado. Mas quem ele pensava que era? O rei do Egito?

— Eu sou responsável por tudo nesta companhia, nenhuma decisão é tomada sem o meu consentimento, inclusive admissões. Se eu disse para a Srta. Walker esperar, ela esperará, portanto você não precisa se preocupar com nada.

— E quem é você afinal? O presidente da companhia?

— Sim.

— O quê? — Meus olhos arregalaram, atônitos.

— Sou Joshua Walker, presidente da Prime Company. — Ele estendeu-me a mão em cumprimento e minha fobia me fez encolher meu corpo, cruzando os braços, enfiando minhas mãos

sob eles, a medida que o espanto surgia nos olhos azuis de Joshua Walker e ele recolhia sua mão estendida.

Embora nunca o tivesse visto antes, seu nome era absurdamente familiar, frequentemente citado na faculdade como um dos engenheiros mais brilhantes do mundo. Era o filho mais velho do dono da Prime, uma verdadeira lenda no mundo das construções por ter revolucionado a engenharia com projetos modernos e futurísticos, adotados em todo o mundo. Mas eu não podia imaginar que fosse tão jovem, devia ter no máximo trinta anos. Era também irresistivelmente bonito e charmoso, como se tivesse sido projetado a partir das fantasias mais íntimas das mulheres mais exigentes.

Pouco a pouco, me dei conta da gravidade da situação. Eu havia surtado diante do presidente da empresa pela qual pretendia ser admitida. No mínimo ele devia estar pensando que eu era louca e não permitiria que fosse contratada. Caramba! Como fui permitir que isso acontecesse? Era muita falta de sorte da minha parte, sem falar que fora um tremendo vexame. Puta merda!

— Sou Amber Mitchell. — Respondi, sem graça.

— Eu sei. Chequei sua ficha. — Permaneceu em silêncio por um instante com aqueles olhos lindos cravados em mim, enquanto eu sentia minha face ruborizando pela intensidade do seu olhar. Então, inclinou-se para a frente e sem desviar os olhos dos meus, indagou: — O que fizeram com você que te deixou assim?

Sua indiscrição me irritou. Pensar no passado, ou sequer mencioná-lo, me deixava fora de mim. Ele não devia ser tão intrometido.

— Desculpe, mas não gosto de falar sobre isso. Realmente não preciso de uma médica. Prefiro ir para a entrevista. Você pode me dizer onde estão minhas coisas? — Disparei, falando depressa devido ao nervosismo.

O canto da boca dele se curvou em um sorriso torto muito discreto. Estava se divertindo à minha custa? Por quê?

— Você entrou em pânico quando tentei te ajudar no elevador. — Ele proferia as palavras com cuidado e um interesse que eu não compreendia. — O seu problema é aversão ao toque ou aversão ao sexo oposto?

Ele estava indo longe demais com a sua indiscrição, o que despertou a raiva dentro de mim.

— Eu já disse que não gosto de falar sobre isso. É algo muito íntimo. Você não devia ser tão indiscreto.

— É um perigo para uma mulher que tem aversão ao toque pelo sexo oposto ficar desacordada junto com um homem, por uma hora, dentro de um espaço tão pequeno quanto o de um elevador.

Meus olhos arregalaram atônitos. Ele realmente estava insinuando que se aproveitou do meu momento de inconsciência para me tocar?

— Você está insinuando que se aproveitou de mim?

Novamente o canto da boca dele se curvou em um meio sorriso. Como podia ser tão cretino? Como podia brincar com algo que era tão aterrador para mim?

— Não me aproveitei de você. Estou apenas te alertando para uma suposta situação futura.

Tarde demais. Não acreditei nele, minha mente já tinha concebido a ideia de que ele se aproveitara de mim. Bastardo!

Com a raiva pipocando em minhas veias e ao mesmo tempo extremamente constrangida, levantei-me decidida a sair dali nem que fosse descalça, entretanto, fiz o movimento depressa demais e caí sentada de volta no sofá, tonta.

Para minha infelicidade, o sujeito correu ao meu socorro, sentando-se ao meu lado, alarmado e

antes que suas mãos me alcançassem, me arrastei depressa para o canto do sofá, minha respiração se alterando, o pânico aterrador voltando.

— Calma, você está entrando em pânico de novo. Respira. Eu não vou te tocar. — Ele falou, mostrando as palmas das mãos suspensas no ar. — Você quer que eu te leve a um hospital?

Puta merda! Só faltou ele acrescentar a um hospital psiquiátrico.

Realmente as coisas estavam piorando para o meu lado. Eu nem devia ter ido à Prime tentar ingressar no mundo dos negócios, pois estava estragada para a vida profissional. Ninguém admitiria uma paranoica como eu.

— Não precisa. Eu só quero ir pra casa.

— E a entrevista?

— Acho que não estou preparada para o cargo.

— Claro que está. Todos nós temos problemas. Você não é a única.

Certificando-me de que suas mãos estavam longe de mim, busquei seus olhos com os meus, perguntando-me que problemas um homem como ele, rico, lindo e brilhante poderia ter.

Foi nesse instante que a porta da sala se abriu e uma mulher com cerca de trinta e cinco anos, alta, morena, sofisticada e linda entrou, anunciando:

— Sr. Walker, a médica está aqui para ver a moça. Posso deixá-la entrar?

— Sim, por favor.

No momento seguinte, a mulher com cabelos grisalhos, carregando uma maleta de primeiros socorros, avançou pela sala.

— Amber, essa é a Dra. Smith, médica da companhia. Dra., essa é Amber, a garota de quem lhe falei.

O que ele tinha falado de mim? Eu não queria nem imaginar.

— Olá. — A médica se aproximou com cuidado, sorrindo serenamente. — Posso dar uma olhada em você?

Não tive dúvidas: O Sr. Walker falou a ela sobre minha fobia bizarra de não suportar ser tocada, o que ele aparentemente não sabia era que meu organismo rejeitava apenas o toque masculino, ou então estava me testando.

— Claro, doutora. Apesar de que acho desnecessário. Estou me sentindo ótima.

— Ela acabou de ter uma vertigem ao tentar se levantar. — Replicou Joshua, para em seguida ceder seu lugar à médica no sofá e esta me examinou minuciosamente com seus aparelhos, os olhos dele registrando cada vez que a mão dela precisava tocar-me.

— Você toma medicamentos psicoativos? — Foi a primeira pergunta que ela fez ao encerrar os exames.

Realmente aquele bastardo contou tudo a ela. Agora eram dois achando que eu era louca.

— Não.

— Fisicamente você me parece bem, embora uma bateria de exames seria necessária para ter um diagnóstico específico.

— Não preciso disso. Não estou sentindo nada, doutora. Só tive uma tontura e desmaiei no elevador porque tenho claustrofobia. Nada além disso.

— Entendo. — Ela organizou seus materiais de volta na maleta e levantou-se, pronta para sair. — Fisicamente ela está bem, Sr. Walker. Mais alguma coisa?

— Não. Pode ir.

Aproveitando a deixa, levantei-me também, desta vez devagar, para que não tivesse outra vertigem e ele acabasse me mandando para um hospital.

— Eu também já vou. O senhor vai me dizer onde estão minhas botas ou precisarei sair descalça?

Ele refletiu por um instante, até que por fim gesticulou para a parte de trás do sofá onde eu estivera sentada.

— Aí atrás.

Vi a médica sair enquanto enfiava as botas nos pés e vestia a jaqueta de couro. Não encontrei meu cachecol, mas não perderia mais tempo perguntando por ele, afinal, era uma peça quase desnecessária.

— Olha... desculpa o vexame. Eu realmente tenho pavor de elevadores.

— O elevador não é seu único pavor. — Ele devia ter ficado calado.

— Obrigada por tudo. Já vou indo.

— Pode ir para a entrevista com a Srta. Walker. Eu justifiquei seu atraso.

— Ok, obrigada mais uma vez.

Sem mais, deixei a sala, depressa.

Com minhas pernas ainda trêmulas, atravessei outra sala menor, onde se encontrava a mulher que levava a médica até mim, obviamente a secretária do presidente, e me dirigi para o elevador. Estávamos no último andar, quadragésimo quinto, eu precisava descer até o trigésimo e, definitivamente, não me senti encorajada a entrar no elevador de novo. Assim, cometi a sandice de descer pelas escadas, de modo que estava encharcada de suor e tinha todo o meu corpo trêmulo quando alcancei meu destino, quase uma hora depois.

Porra! A impressão que eu tinha era de que as coisas pioravam a cada instante.

Na ante sala indicada, fui anunciada pela secretária da Srta. Walker, que logo me mandou entrar.

Sua sala era tão grande e sofisticada quanto a do Sr. Walker, a diferença estava no toque feminino, perceptível nos arranjos de flores e porta-retratos sobre a mesa.

Quando me aproximei, ela cravou seus grandes olhos azuis em meu rosto, com uma expressão meio dura, depois examinou-me dos pés à cabeça, como todos ali faziam.

— Sente-se. — Ela gesticulou para a cadeira do lado de cá da sua mesa, seus lábios esboçando um sorriso muito suave, sem que seu olhar imitasse o gesto.

— Desculpe pelo atraso. Tive alguns contratempos. — Falei, tímida como não costumava ser.

Aquela mulher me fazia sentir intimidada, com a sua aparência sofisticada e sua postura de rainha. Tinha cerca de vinte e oito anos, cabelos loiros e lisos, com uma franja caindo sobre a testa. A pele era tão delicada que parecia de porcelana. Se vestia de maneira sóbria e ao mesmo tempo sensual. Uma mistura perfeita de estilos que lhe caía muito bem, fazendo-a parecer uma modelo de capa de revistas.

— Então você é a garota que ficou presa no elevador com o meu irmão.

Ela examinava meu currículo enquanto falava e senti minha face queimando ao imaginar se o irmão lhe dissera tudo.

— Sim. Um lamentável incidente.

— Que não voltará a acontecer, pois o técnico foi demitido.

— Lamentável. — Foi tudo o que eu disse, enquanto que intimamente me sentia horrorizada pela facilidade com que o funcionário foi demitido, e pela naturalidade com que ela falava no assunto, parecia algo habitual por ali.

— Então você se formou na Lancaster University at Tyler com uma bolsa doada pela Prime?

— Isso mesmo.

— Trabalhou como garçomete durante o curso, não tem qualquer experiência com o ramo da construção.

Caramba! Ela não precisava dizer mais nada.

— Não. Não tenho.

Ela terminou de ler meu currículo e estendeu-o para mim, quando então pude ver as cicatrizes em seus pulsos e um calafrio percorreu minha espinha ao recordar-me de que um dia estive perto de fazer aquilo comigo mesma.

Percebendo que eu observava seus pulsos, ela abandonou o documento sobre a mesa e recolheu os braços depressa, voltando a fitar-me com aqueles olhos arregalados, duros, como se por dentro estivesse queimando de raiva.

— Eu sinto muito, Srta. Mitchell, mas damos preferência a jovens que já tenham experiência no mercado.

— Esse ponto não foi especificado na oferta que recebi.

— Certo, não foi. Mas isso porque esperamos sempre que um aluno de engenharia procure trabalho em algo que se pareça com seu curso, mesmo que seja um trabalho braçal, e um trabalho de garçomete não é exatamente voltado para a construção.

Ela falava com desdém, destruindo os meus sonhos com tanta naturalidade que senti vontade de subir naquela mesa e dar-lhe uns tapas no rosto. Mas não era sua culpa. Se aquele quesito que ela mencionava fosse realmente necessário, estaria descrito na oferta, ela estava inventando aquilo como pretexto para me dispensar, estava cumprindo ordens. Eu não precisava refletir muito sobre o assunto para deduzir que o excelentíssimo presidente da companhia lhe dera ordens para não me contratar por causa do episódio ocorrido no elevador. E eu sequer podia tirar a razão dele. Quem contrataria uma louca? A única coisa que me enfurecia era sua hipocrisia em me dizer que eu seria contratada, que tinha falado com sua irmã para fazê-lo, quando na verdade fizera exatamente o oposto.

“Nenhuma decisão é tomada nessa companhia sem o meu consentimento”. Dissera ele. Bastardo!

Mas as pessoas ricas e poderosas eram assim, não hesitavam em pisar nos mais fracos para subirem cada vez mais.

— Eu entendo. — Peguei meu currículo da mesa e levantei-me, desgostosa, pronta para sair. — Desculpe ter tomado seu tempo. Adeus.

— Não desanime. Tente conseguir alguma experiência no ramo e volte a nos procurar.

“Nem morta eu piso aqui de novo!”

— Ok.

Com meus sonhos destruídos, abri a porta e saí. Novamente dispensei o elevador, optando por descer as escadas, e uma hora depois, não apenas minha alma estava dilacerada, mas também os meus pés. O esforço físico foi tanto que precisei tirar a jaqueta para conter a transpiração.

Passava do meio-dia, eu estava trêmula de raiva e de fome quando atravessei as portas de saída do suntuoso edifício, o calor do verão me tragando do lado de fora. Dei dois passos apressados na calçada, na direção do carro de Dean, quando trombei em um homem que vinha na direção oposta. Me preparava para dizer-lhe um punhado de palavrões quando percebi que ele era quase um ancião, com cerca de cinquenta e poucos anos e tinha perdido o equilíbrio, estava quase desabando no chão quando voltei para socorrê-lo, ajudando-o a se recompor, com cuidado, para que minhas mãos tocassem apenas suas vestes.

— O senhor está bem? — Indaguei.

— Oh, sim. Desculpe minha falta de jeito. É coisa da idade.

Olhei em seu rosto e encontrei algo estranhamente familiar. Era como se já o conhecesse, embora não me recordasse de onde.

Apesar da idade, ele usava trajes esportivos de malha e tinha uma mancha de suor no colarinho da camiseta cinza, como se estivesse praticando algum esporte.

— Sou eu quem me desculpo. Eu devia tomar mais cuidado. Ninguém tem culpa pelos meus problemas.

Seus olhos verdes, profundos, estudavam meu rosto com muito interesse, embora não fosse o interesse de um homem por uma mulher, eu reconheceria, pois estava acostumada com a malícia dos homens. Era mais que isto, algo genuíno, incompreensível.

— Me fale sobre os seus problemas, talvez eu possa ajudar.

Eu não costumava falar sobre mim mesma com ninguém, que não Kate, que dirá com um estranho, contudo, sua voz era tão afetuosa que acabei desabafando.

— Nada de mais. Só acabei de perder uma grande chance de ingressar em uma das maiores companhias construtoras do país.

Ele desviou seu olhar para o suntuoso edifício da Prime, diante de nós.

— A Prime não é mais a mesma. Contrata quem não merece e dispensa os bons.

— E como o senhor sabe que sou boa?

— Estou nesse ramo há muitos anos. Aprendi a reconhecer um talento pelo olhar.

— O senhor trabalha aqui? — Me surpreendia que ele estivesse vestido daquele jeito perto do seu local de trabalho.

— Na verdade, sou o proprietário. — Estendeu-me a mão, abrindo um largo sorriso. — Muito prazer, sou Robert Walker.

Eu quase tive um ataque cardíaco enquanto encolhia minha mão sob os braços para não tocar a dele. Puta que pariu! Eu estava mesmo diante do grande Robert Walker, um dos homens mais poderosos do país, também muito citado na faculdade por ser um engenheiro brilhante.

CAPÍTULO III

Talvez por isto seu rosto me pareceu familiar: fotos dele eram exibidas pelos professores durante algumas palestras sobre engenharia civil.

— É um prazer conhecê-lo. Sou Amber Mitchell.

Ele não demonstrou aquela reação exacerbada diante da minha recusa em apertar sua mão, como todos faziam sempre que eu agia assim, o que me deixou mais relaxada na sua presença.

— O prazer é todo meu. — O sorriso que ele esboçava era terno, caloroso e exercia um carisma tão radiante sobre mim, que eu não sentia o mínimo desejo de sair de perto dele, pelo contrário, sua proximidade me agradava, como a de poucas pessoas. — Sabe Amber, eu estou precisando de uma assistente. A idade já não me permite lembrar de todos os compromissos. Talvez você possa me ajudar. O que acha?

No primeiro instante, quase pulei de euforia com a sua oferta, mas logo me ocorreu que eu não podia aceitá-la, simplesmente porque não seria justo aceitar uma oferta de emprego sem fazer nada para merecê-la, sem passar por uma seleção, sem que ele sequer tenha visto meu currículo, mas apenas porque foi com a minha cara.

— Uau! É uma oferta excelente, considerando que acabei de ser dispensada para uma vaga de estagiária. Mas não posso aceitar.

— E por que não?

— Porque não houve concorrência, eu não fiz nada para merecê-la. Isso não seria justo.

Vi seu sorriso se ampliar a medida que seus olhos brilhavam de admiração sobre os meus.

— Tenho que concordar com você. — Falou. — O que me faz acreditar ainda mais que você seria uma boa funcionária. Então, o que acha de começar por baixo? Tirando xerox, levando o café durante as reuniões. Apenas até você se familiarizar com o ambiente e conseguir um cargo melhor. Não deixa de ser uma forma de estágio.

Relembrei as palavras da filha dele sobre a exigência de um possível futuro funcionário ter qualquer experiência no ramo da engenharia, mesmo que fosse por meio de um trabalho braçal. Aquilo seria um trabalho braçal e eu não estaria tirando proveito de ninguém, já que era um cargo pouco requisitado.

Isso sim, me parecia justo.

— Acho que parece justo.

— Ótimo. Vou falar com o cara dos recursos humanos e você pode começar amanhã. Está bom assim?

— Está ótimo. Muito obrigada. Agora preciso ir. Estou com fome e ainda preciso dirigir até Tyler. Amanhã eu volto. Até lá.

Virei-me e segui pela calçada, imaginado se eu não devia ter fornecido a ele minhas informações profissionais para o cargo, mas minha ficha devia ter ficado nos arquivos, eu duvidava que isso fosse necessário.

Sem que eu esperasse, o Sr. Walker passou a caminhar ao meu lado, surpreendendo-me com a sua vitalidade, pois eu andava muito depressa com os saltos das botas ressoando sobre o concreto, e mesmo assim ele conseguia me acompanhar lado a lado.

— Considerando que você precisa chegar cedo ao trabalho, talvez você deva deixar Tyler e se mudar para o nosso condomínio para os funcionários aqui do lado.

Suas palavras chamaram minha atenção e parei, interessada.

— Condomínio para funcionários? — Indaguei, curiosa.

— Sim, fica no próximo quarteirão. A maioria dos funcionários da Prime mora lá. Sem despesa alguma. Foi uma ideia do meu filho Joshua. Inclusive, foi ele quem arquitetou o projeto. Você gostaria de conhecer?

E não ter que dirigir de Tyler até Dallas todos os dias? Era o mesmo que ele perguntar se macaco quer banana. Mas ainda havia Kate, eu não podia deixá-la sem a minha parte no aluguel.

— Oh! Sim, gostaria muito.

— E a melhor parte é que tem um ótimo restaurante lá.

Fiquei impressionada com o Prime Condominium. Localizado a uma quadra de distância da sede da empresa, parecia uma minicidade, com casas lindas bem projetadas, ruas arborizadas, quadra de esportes, restaurante e até um bar. Além das casas com cerca branca e jardim na frente, havia um prédio pequeno com apartamentos para os funcionários sem família, como eu, onde entramos e, sob as ordens do Sr. Walker, recebi do porteiro as duas chaves do meu futuro lar: um apartamento de dois quartos que eu conheceria apenas ao me mudar, já que, segundo o homem da portaria, precisava passar por uma faxina.

O condomínio ocupava pelo menos três quarteirões, embora nenhuma rua da cidade passasse por dentro dele, que era guardado por muros altos e um portão gigantesco.

— Minha nossa! Isso aqui é demais! — Exclamei, realmente impressionada, enquanto caminhávamos pelas ruas largas e desertas do lugar. — Parece uma cidade do interior dentro de Dallas.

— Esse foi o objetivo de Joshua quando desenhou. Ele queria que os funcionários se sentissem acolhidos depois de um dia cansativo de trabalho.

A menção ao seu filho me fez relembrar o episódio no elevador e um tremor atravessou o meu corpo. Joshua teria realmente me molestado durante o momento de inconsciência, como insinuara? Eu jamais saberia, pois evitaria passar perto dele enquanto estivesse trabalhando na Prime.

Me ocorreu também o quanto ele era diferente do pai, um homem tão caloroso, gentil e afetuoso, em contraste com a dureza nos olhos do filho.

— Joshua. Eu o conheci. Ele não se parece nem um pouco com o senhor.

— Oh, não querida. Ele é adotado. Meus três filhos são. Minha esposa não pôde ter filhos, então optamos pela adoção. — Que cacetada! Aquela era uma informação que ninguém no mundo da engenharia ou do jornalismo tinha. Os Walker eram bastante conhecidos no país inteiro devido à prosperidade da Prime, contudo, ninguém sabia que os filhos eram adotados e eu não entendia porque aquele homem me revelava algo tão íntimo, se sequer me conhecia. — Primeiro veio o pequeno Joshua. O adotamos quando tinha cinco anos depois que seus pais foram presos por dirigirem uma rede de pedofilia. Depois veio o pequeno Noah, com um ano. Foi abandonado pela mãe na porta do orfanato. E por fim veio Candice, ela tinha sete anos quando a encontramos em um orfanato.

— Caramba! Isso é mesmo surpreendente.

— É sim. Nós evitamos revelar esses detalhes à sociedade, porque realmente é só um detalhe. Independentemente do sangue, eles são nossos filhos.

Eu ia perguntar porque ele contou-me então, mas minha voz faltou quando vi o prédio de dois andares no final da rua, o último do condomínio. Era simplesmente a construção mais bizarra sobre a qual já posei os meus olhos. Tinha toda a sua estrutura de vidro escuro espelhado, de modo que dava a impressão de que quem estava do lado de dentro podia ver tudo aqui fora, enquanto que quem estava fora, não podia ver lá dentro. Tinha o formato redondo, como uma minitorre, a

estrutura lisa, sem qualquer saliência. Não parecia com os outros edifícios com pele de vidro, este era uniformemente negro, um projeto brilhante, mas também sinistro, o cenário perfeito para um filme de terror.

— O que é aquilo? — Indaguei, estupefata.

— Oh! É onde mora Joshua. Foi projetado por ele próprio. Entre meus três filhos é o único que mora aqui. Nunca entendi a razão disto. As pessoas costumam dizer que é porque ele gosta de ter o controle de tudo durante as vinte e quatro horas do dia. — A bizarrice do prédio combinava com ele e mais uma vez meu corpo estremeceu ao lembrar o terror no elevador. — Então, agora que você já viu tudo, gostaria de almoçar comigo?

Olhei-o surpresa. Sem compreender porque um dos homens mais importantes do país convidaria uma caipira desempregada, sem eira nem beira, para almoçar com ele. Cogitei que pudesse haver intenções maliciosas de sua parte, mas não havia, eu conhecia bem os homens para saber que não. Talvez ele tivesse visto em mim a mesma afetuosidade que vi nele. Era estranho, mas era fato.

— Gostaria sim.

Ele abriu um sorriso amplo que me contagiou e acabei sorrindo de volta.

Estávamos voltando pela rua, quando um homem muito alto e forte, com cerca de vinte e cinco anos, usando camiseta sem mangas, deixando à mostra os braços musculosos, surgiu em nosso caminho, com uma bola de basquete nas mãos.

— Fugiu da luta né, Sr. Walker. — Ele se dirigiu ao homem com espantosa naturalidade, como se o Sr. Walker não fosse o dono do quarteirão inteiro e do maior edifício da quadra ao lado.

— Imagina. Só quis te dar um descanso antes de te vencer de novo. — O Sr. Walker respondeu com a mesma jovialidade. — Amber, esse é um dos nossos seguranças, Sam. Ele trabalha à noite, por isso está aqui a essa hora. Sam, essa é sua nova colega de trabalho, Amber.

— Talvez as portas do céu tenham se aberto por acidente e um anjo caiu de lá. — Sam disse e não contive o riso da sua cantada nada original. — É um prazer te conhecer, Amber e seja muito bem-vinda. Se você vier morar aqui, não hesite em me procurar se precisar de alguma coisa e não jogue vôlei com o Sr. Walker, porque ele costuma abandonar a quadra quando está perdendo.

Da mesma forma que fiquei fascinada com a simplicidade e a cordialidade do Sr. Walker, fiquei também com a jovialidade daquele cara. Pelo visto, eu teria facilidade em fazer amizades por ali.

— É um prazer te conhecer, Sam.

Agradei aos céus que ele não tenha estendido sua mão para mim.

Após a conversa rápida e jovial com Sam, eu e meu novo patrão almoçamos no restaurante do condomínio, um lugar simples, porém bastante aconchegante, acolhedor e com uma culinária deliciosa.

Durante a refeição, conversamos sobre nossas vidas com casualidade, como se nos conhecêssemos há anos. A cada instante perto daquele homem, eu ficava mais fascinada com a sua personalidade, ele era simplesmente encantador, não como homem, mas como um ser humano magnífico.

Decidimos que eu me mudaria ainda aquela tarde. O Sr. Walker me deu permissão de trazer Kate comigo, para que a ausência da minha parte no aluguel não fosse um empecilho para a minha mudança. Restava saber se ela concordaria em deixar Dean para trás.

— Esse velho está a fim de você! — Kate exclamou, com os olhos negros arregalados, quando terminei de contar-lhe todos os acontecimentos daquele dia. — Como você pode não ver isso?

— Não está Kate. Eu conheço bem os homens. Ele não me olhou com malícia, apenas se afeiçoou

a mim, como eu a ele.

— Acho que você está perdendo o faro. Ninguém dá um emprego e um lugar para morar a uma estranha, sem esperar nada em troca.

— Bem, se ele estiver esperando algo em troca, vai quebrar a cara.

Eu me empenhava na tarefa de enfiar minhas coisas na mala velha de viagem. Dean voltaria no início da noite para me levar até Dallas, Kate não viria morar comigo, pois o namorado concordou em assumir minha parte no aluguel. O que achei mais que justo, considerando que ele permanecia no lugar por mais tempo que eu, inclusive tomara conta do quarto.

Enfim, eu estava aliviada por não precisar deixá-la sem o aluguel, ao mesmo tempo que queria minha amiga ao meu lado naquela nova etapa da minha vida.

Usando apenas a blusa folgada do moletom, com os cabelos escuros e lisos caindo-lhe pelos ombros, Kate passou de um sofá para o outro, colocando-se mais perto de mim.

— Em uma escala de um a dez, quanto esse Joshua é bonito?

Eu não sabia por que fui falar sobre isso com ela.

Visualizei mentalmente seu rosto bronzeado, bem emoldurado, o queixo másculo, a barba rala, os olhos profundamente azuis em contraste com os cabelos negros.

— Eu diria dez.

— Ai, amiga, é tão bom ver você se interessar por alguém depois de tanto tempo.

— Ei, calma lá. Eu não disse que estou interessada nele, só o achei bonito. Aliás, lindo.

— Isso é um grande avanço. É a primeira vez que você olha para um homem com olhos de mulher depois do que aconteceu.

— Eu sei. É a primeira vez que enxergo um. — Relembrei o horror no elevador e mais uma vez estremei. — Mas ele insinuou que me passou a mão quando eu desmaiei. E se for verdade? Sem falar que disse à irmã para não me contratar.

— Se fosse verdade ele não tinha falado. E sobre não te contratar, você não tem certeza. Talvez a vaca da irmã não foi com a sua cara.

— Ele disse com todas as letras que nenhuma decisão ali dentro era tomada sem a permissão dele.

— Talvez ele nem saiba que a vaca não te contratou. — Ela veio até mim, me fez parar de jogar as pescas de roupas dentro da mala, segurou-me pelos ombros e fixou seus olhos nos meus, dizendo: — Me promete que vai tentar, Amber. Já está na hora de recomeçar.

Kate conhecia cada uma das minhas cicatrizes deixadas pelo horror que passei quando fui sequestrada e aprisionada no porão de uma casa no meio do mato por um ex-presidiário que me violentou várias vezes durante os três dias que me manteve presa. Foram os três piores dias da minha existência, durante os quais passei frio, fome, medo e enfrentei a violência doentia do meu raptor, o qual deixou marcas profundas em minha alma.

Quando fui encontrada pela polícia, eu estava tão traumatizada que estive muito perto de cortar os meus pulsos. Passei uma semana sem conseguir falar, com medo de ficar sozinha, com medo do escuro, de dirigir, de praticamente tudo. Durante esses três anos que se passaram, superei a maioria desses medos, mas alguns ainda estavam presentes em mim, muito vívidos, como o medo de ser tocada por alguém do sexo oposto. Eu não suportava sequer o aperto de mão de um velho amigo. Se precisasse ir ao médico ou ao dentista, tinha que ser um profissional do sexo feminino.

Eu e Kate nos conhecemos um ano antes de tudo acontecer, quando eu ainda era uma pessoa normal. E durante todo esse tempo ela esteve ao meu lado, vivenciando meus traumas, me dando apoio, me ajudando a melhorar aos poucos com a sua amizade. Por isso, ela era uma das poucas

pessoas em quem eu confiava de verdade, a única que conhecia verdadeiramente cada cicatriz deixada em mim pelo horror.

— Sim, eu prometo. — Falei e ela me abraçou ternamente.

No início da noite, como combinado, Dean nos levou no seu carro até o Prime Condominium, em Dallas, quando descobri que uma das chaves que o porteiro me entregara mais cedo era na verdade do grande portão de grades de ferro que guardava a entrada e agora se encontrava trancado. Ao entrarmos, fiquei surpresa com o quanto o lugar parecia mais movimentado que durante o dia, quando obviamente os moradores se encontravam em seus trabalhos. Não eram apenas os funcionários da sede principal que moravam ali, como explicara o Sr. Walker mais cedo, mas também das empreiteiras que existiam pelos arredores da grande metrópole. Era quase a população de uma pequena cidade.

As ruas estavam muito bem iluminadas, com os carros estacionados diante das casas e crianças brincando nos jardins.

Nos dirigimos direto para o prédio onde moravam os sem família, como eu. Meu apartamento ficava no segundo andar e era muito melhor do que eu esperava. Com um desenho arquitetônico moderno, como tudo mais ali, era composto por dois quartos grandes, closet, sala e cozinha americana. Os móveis eram práticos e de bom gosto, deixando o ambiente aconchegante, embora precisasse de um toque feminino, que eu não daria, pois nunca me liguei muito nessa coisa de decoração, tampouco era uma pessoa caseira.

— Caramba! Você tirou a sorte grande, garota! — Kate exclamou, se deixando cair em uma das confortáveis poltronas da sala, após explorarmos todo o apartamento.

— Só espero que não seja aquele tipo de lugar que não se pode trazer os amigos, pois quero os dois vindo aqui me ver constantemente.

— Nós viremos, mas acho que você vai fazer novos amigos aqui e depressa, afinal, você foi contratada pessoalmente pelo CEO, as pessoas têm que te respeitar.

Caramba! Eu ainda não tinha parado para pensar naquilo. Seria um problema se os demais funcionários comessem a me tratar diferente porque fui contratada pessoalmente pelo Sr. Walker, e eu detestava ser excluída ou hostilizada.

— Olha só, tem um bar do outro lado da rua e está aberto. — Dean falou, olhando para o lado de fora através da janela. — Quem está a fim de uma cerveja?

E alguém negava cerveja no nosso grupo?

— Eu! — Kate e eu respondemos em uníssono, para em seguida cairmos na gargalhada.

Como estava fazendo calor, dispensei uma calça ou uma jaqueta e saí vestida como estava, usando o shortinho jeans curto, justo e com o cós abaixo da cintura, minha camiseta vermelha curta e botas. A juba estava armada, como sempre.

O bar era pequeno por dentro, porém organizado, com uma decoração moderna. Havia mesas com estofados nas laterais, a pista de dança ao centro, máquina de música e balcão, para onde nos dirigimos. Sentamo-nos lado a lado e pedimos as cervejas geladas.

Talvez pelo fato de que todos ali se conheciam, logo nos tornamos o centro das atenções, embora os olhares fossem amistosos.

Bebemos algumas cervejas engatados em uma conversa animada sobre meu futuro brilhante, até que, como sempre acontecia quando saíamos, Kate colocou uma música romântica na máquina e esperou que Dean a convidasse para dançar, ambos indo juntos para a pista de dança, onde havia mais dois casais se embalando ao sabor da melodia.

Continuei ali saboreando a cerveja gelada sozinha, como era de costume, pois isso sempre

acontecía quando saíamos, afinal, quem tentava se aproximar de uma garota sozinha em um bar normalmente eram os homens e definitivamente, eu não queria essa aproximação. Todavia, era perda de tempo esperar que eles ficassem longe, mesmo que uma garota pendurasse uma placa luminosa no pescoço, avisando que preferia ficar sozinha, estando em um bar, ela não ficaria. E como já era esperado, o primeiro inconveniente sentou-se no banco ao meu lado, seu corpo grande parecendo ocupar mais espaço que o necessário, se acomodando ali enquanto eu o examinava com o canto do olho.

— Divertindo-se?

A voz muito grossa e máscula soou absurdamente familiar e virei-me depressa para a sua direção, meu coração dando um salto no peito, quando vi Joshua Walker, sem que compreendesse exatamente a razão.

CAPÍTULO IV

Quase não o reconheci, pois estava muito diferente do CEO elegante que conheci esta tarde na Prime. Usava apenas uma camiseta de malha branca sem mangas, jeans surrado e tênis. Tinha os cabelos desalinhados e a barba por fazer. Sua aparência lembrava a de um motoqueiro selvagem, tornando-o ainda mais irresistível, infernalmente atraente, com os braços musculosos à mostra, assim como o tórax perfeito, visível por sob o tecido fino da camiseta. Sua pele com aquele tom bronzeado parecia um afrodisíaco capaz de despertar o desejo em qualquer mulher.

Eu já estava meio embriagada pelas cervejas e uma tempestade de pensamentos invadiu-me a mente. Primeiro, lembrei-me de que aquele homem era o responsável pela perda do meu estágio, pois nada me tirava da cabeça que ele dera ordens para sua irmã não me contratar; depois, lembrei-me de que ele insinuara que me passara a mão enquanto eu estava desacordada no elevador, e um punhado de respostas ofensivas se formaram em minha garganta, todavia, lembrei-me também que aquele homem era presidente da empresa na qual eu ingressaria no dia seguinte, o filho do proprietário, futuro dono de tudo, inclusive do condomínio onde nos encontrávamos e me contive, ciente de que começar fazendo inimizades não seria bom para o meu futuro.

— Sim, estou. — Respondi, fingindo indiferença.

— Não é adequado que uma garota entre em um bar usando um short tão pequeno. Isso pode despertar a libido dos homens. — Ele percorreu o olhar pelo meu corpo, devagar, devorando cada detalhe, com uma expressão gritante de “quero te foder”.

Há pouco mais de três anos, eu teria correspondido àquele olhar com uma expressão “estou pronta para você, meu bem”.

— Tem certeza que você não está querendo dizer que não é apropriado sair vestida assim no seu condomínio?

Ele sorriu de um jeito meio safado, que o tornava ainda mais charmoso.

— O condomínio não é meu. E o verdadeiro dono, meu pai, não se importaria se as pessoas saíssem desfilando por aí nuas.

Me perguntei porque ele não estava estranhando minha presença ali se não concordara com a minha admissão. Ou não fora o responsável por eu não ter sido selecionada, ou o pai lhe dissera que me contratou. Isso já não parecia importar tanto, diante da forma selvagem como ele me olhava.

— Se o proprietário não vê problemas, então eles não existem, pois eu sou imune à libido masculina. Isso não me atinge. — Empinei meu nariz e ingeri um grande gole da minha cerveja.

— Eu notei que você tem fobia de ser tocada, aparentemente, apenas pelas pessoas do sexo oposto e eu espero que seja fobia apenas ao toque e não aversão sexual, pois estou muito a fim de levar você para a minha cama. — Atônita, vire-me para encará-lo novamente, deparando-me com um par de olhos azuis escurecidos, muito intensos, que pareciam me devorar. — Eu não vou tocar minhas mãos em você, eu prometo, mas vou arrancar esse shortinho com os dentes, para depois enterrar minha língua nessa sua bocetinha que deve ser uma delícia e, acredite, você vai gostar disto, vai pedir pelo meu pau e eu o darei todo a você, vou te comer de tantas formas que você vai ficar dolorida por uns dias. Estou pensando nisso desde que a segurei em meus braços e basta você dizer sim, para eu te levar para o meu apartamento e te comer todinha.

Eu o encarava quase chocada pela forma direta como ele falava. Eu sabia que todos os

homens pensavam aquilo quando estavam cantando uma garota em um bar, mas nunca um deles tinha falado com tanta franqueza.

Minha mente projetou as cenas que ele descrevia e inacreditavelmente, meu corpo reagiu de imediato, o calor do desejo se alastrando pelas minhas veias, me queimando por dentro, o formigamento se fazendo na altura do meu ventre, minha boca se abrindo para puxar o ar, que de súbito se tornou mais pesado. Era a primeira vez que eu ficava excitada depois do que aconteceu e foi como me sentir viva de novo, depois de tanto tempo.

Naquele instante, realmente quis que ele fizesse comigo tudo o que propunha, ah! Como eu queria ser tocada por ele, mas da forma como ele colocava as coisas, deixava claro que pretendia apenas me usar para satisfazer sua tara e isso era inadmissível, pois me fazia sentir como se fosse um objeto descartável.

— Usar um short pequeno não faz de mim uma vadia. — Foi tudo que consegui dizer.

— Eu não disse que você é uma vadia. Só quero te comer, e quero muito. Venha comigo, você vai gostar. — Ele percorreu os dedos pelos cabelos negros, em um gesto de nervosismo.

— Impressionante como os homens são babacas. Você não disse, mas está me tratando como uma. Não vê isso?

— Não estou. Apenas estou te dizendo o que quero e como me sinto.

A música romântica foi substituída por outra agitada. Bebi um grande gole da minha cerveja, antes de voltar a fitá-lo.

— Vai se ferrar, cara! — Com isto, levantei-me e fui depressa para a pista de dança quase vazia, juntando-me a Kate e Dean para me embalar ao sabor da música eletrônica, sentindo meu corpo vivo, como há muito não sentia.

— Quem é aquele gato? — Kate indagou, lançando um olhar rápido para Joshua que continuava sentado no bar, observando-me.

— Joshua Walker.

— Cacete! Ele é muito gostoso.

— Eu te disse que era.

— Não, você me disse que ele era lindo, mas não um tesão.

— Qual é Kate. — Reclamou Dean, irritado, invertendo as posições na pista, de modo que ele ficou de frente para o bar e Kate de costas.

Lancei um olhar rápido na direção de Joshua, que continuava no mesmo lugar, observando-me fixamente, ignorando a morena que sentava ao seu lado e aparentemente tentava chamar sua atenção. Depois, dei-lhe as costas e entreguei-me ao ritmo agitado da música, balançando meu corpo de acordo com as batidas.

Kate e Dean dançavam bem próximos, deixando-me meio excluída na roda, como eu já estava acostumada. Como era de costume também, não demorou nem cinco minutos para que um sujeito de óculos, elegantemente vestido, viesse dançar comigo, colocando-se diante de mim, irritando-me com a intromissão indesejada.

Sem dar importância ao fato de que eu o ignorava completamente, o homem se aproximava cada vez mais, fazendo os passos de dança todo desajeitado. Estava muito perto, quando Joshua entrou entre nós dois, lhe lançando um olhar fulminante, que fez o sujeito se afastar com os ombros encolhidos, como um cachorrinho que fugia com o rabo entre as pernas.

— Eu te avisei. Tão pouca roupa trará problemas. — Joshua falou, passando a dançar perto de mim, seu corpo grande, muito gostoso dentro das roupas despojadas irradiando tanto charme que me atraía como um ímã, de modo que era impossível me manter indiferente.

— E aquele cara é um problema? — Perguntei.

— Eu sei lá. Ele é o gerente de marketing. Se meter no meu caminho certamente será um problema para ele.

— Não seja pretensioso. Eu não tenho nada com você.

— Não tem ainda.

Ele falava com tanta segurança que chegava a ser intimidador.

Movendo seu corpo com um charme irresistível, de acordo com o ritmo da música, Joshua chegou tão perto de mim que o cheiro gostoso do seu perfume me alcançou, embriagando-me, despertando uma nova onda de calor que me fazia sentir mais viva, o que me impediu de me afastar dele.

Continuamos dançando uma música após a outra, de frente um para o outro, muito próximos, até que tudo desapareceu à minha volta, as pessoas, o bar, as mesas, tudo deixou de existir, a não ser aquele homem que prendia meu olhar ao seu, com uma expressão tão intensa que roubava-me o fôlego. Era como se eu estivesse sob uma espécie de hipnose, na qual eu tinha apenas duas certezas: Joshua Walker queria tirar a minha calcinha e queria muito e eu não sabia se resistiria.

Pela primeira vez em três anos, eu desejava ser possuída por um homem.

Entre uma música e outra, fazíamos pausas para beber cerveja, durante uma das quais percebi que éramos o centro de todas as atenções. As pessoas nos observavam atônitas, obviamente porque não estavam acostumadas a ver o chefe deles ali, se comportando de forma tão jovial.

— Precisamos ir, Amber. Dean trabalha amanhã. — Kate declarou, meio preguiçosa, abraçada ao namorado.

— Eu também já vou. Amanhã pego cedo no meu novo emprego.

— Eu te levo em casa. — Disse Joshua.

— É do outro lado da rua. — Retruquei.

Sem que eu esperasse, Kate segurou-me pelo pulso, pediu licença aos dois homens e saiu, puxando-me bar a dentro. Estávamos perto da porta do banheiro, quando ela parou e virou-se para me encarar diretamente nos olhos.

— Amber, lembra do que você me prometeu esta tarde? — Indagou.

Vasculhei minha mente em busca do que ela estava falando, mas tudo o que consegui foi relembrar o par de olhos azuis me fuzilando com luxúria.

— Não lembro.

— Você disse que ia tentar e aí está a sua oportunidade. Esse Joshua é um gato e pelo que vi, está muito a fim de você.

— Ele só quer me comer.

— E daí? Dá pra ele, divirta-se. Se ele está te usando, usa ele também. Vai ser um passo grande na sua recuperação.

Ela estava certa, se eu conseguisse ir para a cama com um homem qualquer que quisesse apenas sexo, como Joshua, eu estaria recuperada para me entregar a um amor de verdade, quando ele surgisse. Seria um passo importantíssimo para voltar ao normal. Por outro lado, eu não sabia se aceitaria ficar com um homem que me tratava como se eu fosse um objeto, uma válvula de escape. Ele sequer se deu ao trabalho de se mostrar cavalheiro ao me cortejar.

— Eu vou pensar. — Declarei.

— Ótimo. Vamos.

Voltamos para junto dos rapazes, que pareciam se estranhar, cada um olhando em uma direção, para, deliberadamente, ignorar a presença do outro.

Deixamos o bar lado a lado. Kate despediu-se com um abraço e foi-se com Dean, enquanto que Joshua me acompanhava até a entrada do prédio.

— Meu apartamento fica perto daqui. Vamos pra lá. Eu prometo respeitar todos os seus limites.

— Disse ele.

Ele lá sabia qual eram os meus limites?

— Não dá. Eu acabei de te conhecer. Isso seria rápido demais para mim.

— Então isso não está relacionado com a sua fobia?

— Também. Mas eu preciso de tempo.

— Eu não tenho tempo. — Falou, contornando os lábios com os dedos, em um gesto de ansiedade.

Ele me pareceu nervoso demais ao pronunciar a frase, o que achei estranho e tive a sensação de que havia mais que interesse sexual por trás das suas intenções. Como assim ele não tinha tempo para esperar por sexo? Isso era no mínimo esquisito.

— Sinto muito. Isso não vai acontecer hoje. Quando eu estiver pronta, eu te aviso.

— Eu posso não estar mais a fim.

— Então teremos perdido uma grande oportunidade de sabermos se seria bom ou não. — Deixei escapar um longo bocejo e novamente o vi agir com nervosismo ao percorrer os dedos pelos cabelos. — Você está bem?

Seus olhos se arregalaram surpresos sobre os meus.

— E por que não estaria?

— Você parece meio nervoso.

— Deve ser cansaço. Vou te deixar em paz. Até mais.

E com isto, deu-me as costas e se foi, tão repentinamente que me deixou ainda mais intrigada com seu comportamento ansioso.

Quando me encontrei sozinha no apartamento, este me pareceu grande e silencioso demais, até um tanto assustador, o que me fez desejar estar de volta a Tyler, em meio à bagunça do nosso cantinho, mas com Kate e Dean transando no quarto ao lado. Antes de ir para a cama, verifiquei várias vezes se a porta estava trancada, tranquei-me no quarto e me acomodei sob vários lençóis, sentindo-me insegura e assustada.

Se eu tivesse aceitado a proposta de Joshua estaria protegida nos braços fortes dele agora, transando. Merda! Por que eu tinha que ser tão estúpida?

Com a sensação de que ouvia passos por todo o apartamento, fechei os olhos e me forcei a pegar no sono.

Acordei com olheiras imensas no dia seguinte. Após o banho, fuzei minha mala, ainda montada, em busca de algo adequado para o primeiro dia de trabalho. Como era um trabalho braçal, achei que não teria importância usar minhas roupas habituais e acabei dispensando os terninhos que comprei, optando pelo meu jeans colado, uma camiseta de malha e botas de cano longo sem saltos. Passei um pouco de maquiagem e estava pronta.

No imponente edifício, fui encaminhada pela recepcionista direto para o setor de recursos humanos, no vigésimo andar, quando me obriguei a sufocar o meu pânico e subi pelo elevador, escolhendo aquele que estava mais cheio de gente. Se pifasse desta vez, pelo menos não correria o risco de que alguém me passasse a mão enquanto estivesse desacordada.

Na sala indicada, fui recebida por um sujeito muito alto e magro, com olhos castanhos meio esbugalhados, que desfez o sorriso dos lábios, mostrando-se sério e assumindo uma postura hostil, no instante em que me apresentei como sendo a pessoa contratada pessoalmente pelo Sr. Walker.

Pela forma como agiu, como me olhou de cima a baixo, com julgamento, o sujeito deixou claro que acreditava que eu fosse alguma vadia, que deu para o Sr. Walker em troca do emprego.

Como eu já imaginava, minhas informações profissionais estavam arquivadas lá e bastou que eu assinasse alguns documentos para logo ser encaminhada ao trabalho, que consistia em percorrer várias salas, onde aconteciam reuniões de diferentes setores, em diferentes andares, empurrando o carrinho com café e guloseimas para os funcionários, uma tarefa nada agradável, pelo contrário, era exaustiva. Naquele dia, minha fobia por elevadores seria extinta, pois passava a maior parte do tempo dentro de um deles.

Com o passar das horas, descobri que o chefe dos recursos humanos não era o único imbecil ignorante por ali, todos os outros pensavam como ele, que eu era a vadia que fodeu com o dono da empresa em troca do cargo, pois por onde eu passava, empurrando o carrinho com café, havia pessoas me olhando de soslaio, cochichando às minhas costas. Contudo, os ignorei totalmente, empinando meu nariz e me empenhando em realizar meu trabalho fatigante.

O momento alto da minha manhã aconteceu quando a supervisora me mandou levar café para a reunião que acontecia no último andar, na sala do presidente. Eu não entendi exatamente o porquê, mas as borboletas levantaram voo em meu estômago com a perspectiva de ver Joshua.

Contudo, encontrá-lo não foi tão excitante quanto eu esperava. Na verdade, a sala dele estava abarrotada de executivos engravatados que o ouviam atentamente, como se ele fosse um rei que falava aos seus súditos. Se encontrava muito compenetrado, sério, concentrado no seu discurso e demonstrou uma certa surpresa ao observar o meu rosto, quando entrei empurrando o carrinho. Olhou-me por um instante, para em seguida voltar a me ignorar.

Quanto a mim, dei uma boa olhada nele, extasiada com o quanto era lindo. Estava com a barba bem-feita, os cabelos bem-arrumados, usando um terno caro que parecia feito sob medida. Constatei, mais uma vez, que realmente era o homem mais bonito sobre o qual já pousei os meus olhos.

Ao meio-dia, fui liberada por uma hora e meia para o almoço, quando fiz uma refeição rápida no restaurante do condomínio, lembrando-me de que precisava ir às compras ou no final do mês, meu salário ficaria todo no restaurante.

De volta ao trabalho, os cochichos e olhares maliciosos continuaram partindo dos funcionários, sem que eu desse importância, porém, chegou o momento que os boatos foram longe demais.

Aconteceu quando fui levar café na sala da Srta. Walker, a mesma que não me contratou para o cargo de estagiária. Encontrei-a conversando com uma mulher de meia-idade, que ocupava a cadeira do lado de cá da sua mesa. Ao se deterem em meu rosto, seus grandes olhos azuis se arregalaram surpresos, ao passo que o sorriso se desfazia do seu rosto.

— Você?! — Falou, sem disfarçar a hostilidade, quase raiva, sem que eu soubesse o que fiz de mal a ela.

— Olá. Boa tarde. — Falei, muito sem graça, forçando meus lábios a esticarem em um sorriso. — O Sr. Walker me contratou para servir o café. — Merda! Eu não devia ter mencionado o pai dela, agora pensaria como todos os outros.

A mulher que sentava diante dela, imediatamente virou-se para mim, levantou-se e se aproximou, examinando-me dos pés à cabeça. Apesar da idade, era uma bela mulher, com cabelos longos escuros, o rosto bem-desenhado, olhos castanhos e porte altivo.

— Então você é a garota que meu marido contratou pessoalmente? — Indagou ela, calmamente.

Caralho! Definitivamente eu devia ter mantido a boca fechada.

Porém, ao contrário do que eu esperava, ela não parecia me hostilizar como os outros, pelo contrário, parecia calma e serena, talvez por ter certeza da fidelidade do marido.

— Como é?! — A Srta. Walker falou, com sua cara de nojo. — O meu pai contratou uma funcionária sem me consultar e a senhora sabia disso?

— Sim, querida. O boato está rolando em toda a empresa. Não faltaram fofoqueiros para me ligar e avisar.

— Eu posso explicar. — Falei, nervosa. Como eu ia explicar aquilo, se o homem me contratou sem justificativa alguma?

— Como você se chama? — A primeira dama interpelou.

— Amber.

— Não se preocupe com os linguarudos, Amber. Meu marido tem um grande coração e um instinto sexual pequeno. Eu sei que ele não teria um caso com uma menina da sua idade, como estão insinuando.

— Obrigada, senhora.

— Então, por que ele a contratou? — A Srta. Walker parecia irritada.

— Você não conhece o pai que tem? Ele faz coisas que nem ele mesmo pode explicar. — Virou-se novamente para mim. — Não dê confiança para essa gente que fala o que não sabe. Apenas use algo mais adequado para o trabalho. Não é recomendável sair por aí com o abdômen de fora. Vou pedir que providenciem um uniforme para você. — Pegou sua bolsa cara de sobre a mesa da filha, de onde tirou um pequeno bloco de anotações e uma caneta. — Qual o seu nome completo para que eu mande providenciar o uniforme?

— Amber Mitchell.

De súbito, mulher arregalou os olhos sobre a minha face e, repentinamente, seu rosto ficou muito pálido, ao passo que sua bolsa, assim como o bloco que ela segurava caíam no chão, para que em seguida ela própria desabasse, como se as pernas lhe faltassem.

Fui rápida ao segurá-la antes que caísse no chão e com a ajuda da filha, que veio correndo ao seu socorro, a sentei de volta na cadeira estofada.

— Por Deus, mãe! O que senhora tem? — A mulher começou a esfregar o peito, como se estivesse em meio a um ataque cardíaco, enquanto tentava falar, sem que a voz saísse. — Ligue para a emergência, agora! — A filha praticamente gritou, enquanto se mantinha agachada ao lado da mãe, prestando-lhe assistência.

Corri para o telefone às pressas e chamei uma ambulância, em seguida, vi o ramal, no próprio teclado do telefone, da sala da presidência e liguei, pedindo à secretária de Joshua que o avisasse.

Em questão de minutos, ele entrava na sala, visivelmente aflito, seguido por mais dois homens, sem parecer notar a minha presença, quando aproveitei para sair de fininho.

Mais tarde, fiquei sabendo por meio de uma das garotas que cuidava da limpeza, que a Sra. Walker estava bem, tivera apenas uma queda momentânea de pressão e foi medicada ali mesmo na sala da filha, sem que houvesse necessidade de ir ao hospital.

À tarde, as pessoas pareciam beber mais café que pela manhã, pois tive horas puxadas, correndo de sala em sala com o café quente, que embora estivesse em garrafas térmicas, precisava ser trocado com frequência.

No final da tarde, poucas horas antes do encerramento do expediente, eu estava tão exausta que procurei um lugar discreto para descansar e me deixei cair sentada no chão, com as costas apoiadas na parede, de uma sala um tanto escura, abarrotada de caixas de papelão e armários

embutidos de aço.

CAPÍTULO V

No início da noite anterior.

Já era noite e eu ainda não tinha encontrado o autocontrole. Ansioso, angustiado, caminhava de um lado para o outro na sala ampla do meu apartamento, meu refúgio do mundo lá fora. Meu corpo e minha mente pareciam gritar em uníssono, clamando pelo meu vício, meu pior tormento. Aquele vício maldito que me levou a ser acusado de pervertido, doente mental e tarado tantas vezes, que sequer conseguia contar, além de colocar a vida de Candice em perigo. Por minha causa, por causa da minha maldita compulsão, ela tinha cortado os pulsos, quando a culpa me tomou tão avassaladora que por fim assumi que tinha problemas e procurei todos os tratamentos disponíveis, como consultas psiquiátricas, ingestão de ansiolíticos e terapia em grupo. Com o tempo, consegui assumir o autocontrole a duras penas, privando-me de quase tudo o que vida tinha de prazeroso a oferecer, abrindo mão do convívio em família e em sociedade para viver isolado no Prime Condominium.

Eu estava limpo há quatro anos, em abstinência da minha compulsão, meu pior pesadelo e agora tudo estava de volta, a dor, a libido desenfreada, as fantasias, por causa de uma estranha que tive a má sorte de encontrar naquele maldito elevador quebrado.

O episódio pareceu aflorar nela um pânico descontrolado, mas aflorou também a minha doença destrutiva: a compulsão pelo sexo.

Por uma hora inteira, eu a segurei em meus braços, desacordada, no escuro, dentro daquele espaço pequeno, respirando o mesmo ar e foi ali que tudo voltou. Foram tantas fantasias a se projetarem em minha mente, que estive prestes a perder o controle e molestá-la. Mas não o fiz, fui forte, embora as forças comesçassem a me faltar agora.

Passei toda a tarde com minha mente repleta de pensamentos libidinosos, projetando cenas de sexo das formas mais sujas e vis, enquanto absorvia, como um drogado buscando por sua droga, o cheiro na echarpe que aquela garota deixara para trás, na minha sala. Durante as horas que se passaram, cogitei repetidamente sair em busca de satisfação para o meu vício, como fazia no passado, como sempre fiz, até quase perder Candice.

Eu e minha irmã adotiva começamos a ter relações sexuais ainda na pré-adolescência, quando eu já era um mestre naquela arte, devido ao fato de que meus pais biológicos me usavam para gravar vídeos pornográficos e venderem aos adeptos da pedofilia, o que, de acordo com os psiquiatras, me causou o distúrbio. Candice sempre soube que eu tinha problemas, que jamais seria fiel, que jamais amaria uma mulher e ainda assim ela se apaixonou, esperando, em vão, que eu fizesse o mesmo. Tentamos parar durante a faculdade, quando fomos estudar em cidades diferentes, mas logo que nos encontramos de novo, na Prime, tudo recomeçou. Ela tinha compulsão por mim e eu tinha compulsão por sexo, simples assim.

Contudo, minha irmã estava apaixonada e uma mulher apaixonada espera ser amada de volta, algo que jamais pude oferecer a ela, ou a qualquer outra. Eu era o cara que podia dar tudo a uma mulher, menos amor e fidelidade.

E Candice sabia disso, eu nunca escondi dela que tinha problemas, ainda assim ela decidiu acreditar que seu amor seria suficiente para nós dois e que conseguiria me mudar. O resultado da sua decisão foi chegar a um desespero tão grande que a levou a cortar os próprios pulsos,

passando muito perto da morte.

A partir daquele momento, a culpa que me tomou foi tão imensa que decidi procurar tratamento, mas para isto eu precisava me abster dela também. E cá estava eu, solitário, sem vida fora do trabalho, porém, livre da minha dependência por sexo, até esta tarde, quando tudo saiu do controle por causa daquela maldita garota no elevador.

Foi uma grande vitória conseguir me conter durante a tarde no trabalho, embora tenha tomado algumas decisões que trariam prejuízo à empresa mais tarde, por pura falta de concentração, entretanto, agora, sozinho, na minha torre escura, eu só conseguia pensar em sexo. Precisava arranjar uma prostituta que viesse me atender em domicílio, ou quem sabe ir a um clube de strip e ficar com duas garotas ao mesmo tempo, o que me levaria à depressão e a depressão me levaria a procurar por mais. Era sempre assim, eu conhecia bem a bola de neve, passei anos sendo arrastado por ela, época em que minhas noites eram bem agitadas, quando por vezes eu ficava com várias garotas na mesma noite e mesmo assim o desejo nunca me deixava, pelo contrário, quanto mais eu tinha, mais eu queria. Uma transa levava à outra.

Eu começava a transpirar, nervoso, atormentado pela abstinência e pelas mais doentias fantasias que povoavam minha mente, quando então a avistei de longe, através da parede de vidro planejada do meu apartamento. A responsável pela minha recaída.

Ela atravessava a rua indo na direção do bar do condomínio, junto com um casal da sua idade. Usava um shortinho pequeno e uma blusa ainda menor, deixando o corpo gostoso quase que totalmente à mostra, a visão me causando uma ereção tão violenta que senti meu membro doer dentro da calça.

Eu precisava comer aquela garota, meu tesão por ela tinha florescido de forma desenfreada. Uma garota que tinha fobia de ser tocada, obviamente por ter sido violentada por algum vagabundo.

Merda! Isso seria uma tremenda pedra no meu caminho, mas eu a convenceria, pois jamais desejei uma mulher sem que a tivesse.

Eu podia me iludir com a ideia de que depois de tê-la na minha cama, a minha tara passaria e tudo voltaria ao normal, contudo, não era assim que as coisas funcionavam, provavelmente eu a comeria de todas as formas possíveis, depois ficaria deprimido e procuraria outras mulheres para amenizar a minha depressão com mais sexo, esse era o vício, o jogo, a compulsão. E já tinha começado.

Sem trocar as roupas desleixadas por outras mais apresentáveis, deixei o prédio de dois andares que projetei para me abrigar do mundo lá fora e segui a pé para o bar, caminhando depressa, ansioso, nervoso. Obviamente logo me tornei alvo da atenção dos demais moradores do condomínio, meus malditos funcionários, que me olhavam espantados, porque nunca me viram caminhando por ali à noite. No máximo, eu passava por eles na ida e na volta do trabalho, usando terno e carregando minha valise.

No bar, fui alvo de ainda mais olhares indiscretos, pois nunca tinha entrado ali antes, contudo, eu só conseguia ver os olhares de cobiça que os outros homens direcionavam a Amber, sentada sozinha no bar. Eu queria que matar não fosse ilegal, para acabar com a raça de cada um daqueles que a desejava.

Muito nervoso com sua proximidade, sentei-me ao lado dela, constatando, mais uma vez, o quanto era sexy e linda. Sua pele tinha um tom bronzeado que faria qualquer homem com um pau no meio das pernas desejar ver o resto daquele corpo gostoso; seu rosto era lindamente feminino, com a boca carnuda bem-desenhada, a pele aveludada, o nariz ligeiramente arrebitado e os

olhos verde-claros; seus cabelos eram claros, cacheados, rebeldes e selvagens, de modo que eu só conseguia imaginar como ficariam bem espalhados sobre o travesseiro da minha cama.

Eu olhava para ela e a minha imaginação ia longe. Podia visualizá-la, mentalmente, nua ou com uma cinta-liga preta, deitada sob mim, totalmente entregue, gemendo de prazer. Meus pensamentos eram intensos e me deixavam tão ansioso, que esse sentimento unido à raiva em vê-la ali quase nua, na mira do olhar de cobiça de todos aqueles cretinos me levaram a abordá-la de forma errada. Eu sabia exatamente como seduzir uma mulher e levá-la para a minha cama, era mestre nesta arte, mas agi de forma impensada com Amber, falando diretamente o que queria dela e apesar de tê-la deixado excitada com minhas palavras, o que era um grande avanço, considerando que ela tinha fobia até de ser tocada por um homem, eu também a afastei. A fiz sentir-se tratada como uma vadia, embora nem de longe essa fosse a minha intenção, eu apenas estava descontrolado.

Merda! Tinha começado mal. Mas nada me faria desistir. Eu a queria e a teria, mesmo que precisasse mover meio mundo para isto. Meu desejo por aquela garota tinha se tornado quase uma obsessão.

Quando ela me deixou sozinho no bar, indo para a pista de dança, quase perdi a cabeça ao ver um dos marmanjos se aproximando dela e fui tomar o lugar que já tinha demarcado como meu, ao seu lado. Mesmo detestando dançar, eu dancei com ela, colocando-me muito perto, tão perto que podia sentir o seu cheiro gostoso, o que contribuía para o crescimento da minha excitação.

Enquanto dançávamos, eu precisei de um esforço quase inumano para conter o impulso de tocá-la, pois tudo nela parecia gritar por mim: sua pele gostosa, seu corpo perfeito, sua boca carnuda, a forma como ela se movia na pista de dança, entretanto, embora todo o meu corpo clamasse pelo dela, eu conhecia sua fobia ao toque e não podia ultrapassar seus limites, pois isso acarretaria o risco de afastá-la ainda mais.

Quando seus amigos decidiram que precisavam ir, me enchi de expectativa, acreditando que podia levá-la para casa, subir ao seu apartamento e fazer o que eu queria com ela, mas mais uma vez estraguei tudo, quando meu nervosismo me fez deixar transparecer meu estado patético de ansiedade e precisei sair apressado, deixando-a sozinha diante do prédio para os funcionários sem família, antes que ela desconfiasse da minha maldita anomalia.

Como eu não tinha mais o contato de nenhuma das minhas antigas namoradas, passei o resto da noite em um quarto de motel, com duas strippers que conheci em uma boate qualquer, fazendo sexo selvagem, de todas as formas possíveis, o que me deixou deprimido no dia seguinte e obviamente me levaria a procurar por mais quando a noite chegasse.

Eu estava mesmo fodido.

Continuei tendo fantasias sexuais com Amber durante o trabalho, o que me levou à maldita masturbação compulsiva, um dos sintomas da minha doença, aquele que mais me deprimia.

Espantei-me ao vê-la empurrando o carrinho de café durante a manhã, pois eu jurava tê-la ouvido mencionar que estava ali para uma vaga de estagiária.

Durante o resto do dia, tentei localizá-la para indagar a esse respeito, mas o dia foi cheio de compromissos, não restou tempo para mais nada que não o trabalho. Ademais, eu precisava ter em mente que manter-me longe seria melhor para mim, embora eu soubesse que não conseguiria, minha compulsão era muito mais forte que eu, tanto que ao longo da minha vida cometi muitas loucuras em nome dela.

A vi novamente, muito rapidamente, na sala de Candice, quando minha mãe passou mal, tendo uma momentânea queda na pressão arterial. E foi apenas no final da tarde, quando a ansiedade

me venceu, que cancelei a última reunião para sair à sua procura.

Depois de revirar praticamente todo o prédio e indagar à sua supervisora direta, a encontrei sentada no chão de uma sala que funcionava como depósito de arquivos antigos, no térreo. Parecia cansada, abatida e irresistivelmente linda.

Como era de esperar, meu corpo reagiu de imediato, minha ereção se fazendo firme, cada uma das células do meu organismo clamando por ela.

— O que você está fazendo aqui? — Indaguei, contendo o impulso de agarrá-la e arriar sua calça.

— Só descansando um pouco as pernas. Não precisa me demitir por isso.

— Isso nem me passou pela cabeça. — Ela não podia nem imaginar o que se passava pela minha cabeça agora. — Venha, eu te levo pra descansar em um lugar mais confortável. — Estendi-lhe a mão e ela escondeu as suas sob os braços cruzados diante do corpo. — Claro, você tem fobia ao toque.

— Ainda bem que você já sabe.

Completamente incapaz de deixá-la, sentei-me no chão diante dela e do seu olhar surpreso, quando notei a palidez em seu rosto.

— Você está meio pálida. Não se alimentou direito?

— O horário para o almoço é muito curto. Não dá tempo de fazer uma refeição descente.

— Esse é o nosso mundo. Ninguém almoça bem por aqui. Mas tenho suplementos emergenciais. — Enfiei minha mão no bolso do paletó, de onde tirei duas das barras de cereais que costumava carregar para me dar energia durante a rotina de trabalho. Estendi uma para ela. — Uma para mim, outra para você. É cereal, ajuda a dar vigor e energia. — Quando ela recebeu a barra da minha mão, sua pele roçou a minha, muito suavemente, o calor da luxúria me invadindo como uma descarga elétrica que quase me fez avançar sobre ela. Esperei pela sua reação exacerbada ao contato, mas não houve, finalmente ela estava superando a fobia e isso me agradava muito. — E então, vai me dizer porque mentiu pra mim?

— Como é? — Ela se mostrou confusa.

— Você me disse que estava aqui para uma vaga de estagiária, no entanto, está servindo o café.

Vi seu olhar se tornar duro sobre o meu, suas feições se contraindo.

— Me espanta me fazer uma pergunta dessas, já que foi você quem não permitiu a minha contratação.

Realmente não entendi do que ela estava falando.

— Você está enganada. Eu dei ordens para que minha irmã te contratasse, apesar do seu atraso.

— Não seja hipócrita. Ela me dispensou e você disse que nenhuma decisão era tomada aqui sem o seu consentimento.

Refleti à cerca de suas palavras e cheguei à conclusão de que fui um idiota ao acreditar que Candice realmente contrataria uma garota com quem fiquei preso no elevador por uma hora antes de recomendá-la para o cargo. Candice me conhecia o suficiente para saber que eu não recomendaria uma contratação se não houvesse segundas intenções da minha parte e como sempre, minha irmã agira com aquela possessividade que me irritava ao extremo, achando que podia controlar a minha vida.

A verdade era que Candice jamais mudaria. Mesmo que não tivéssemos nada há anos e jamais voltaríamos a ter, ela continuaria com aquele joguinho que sempre fez questão de jogar sozinha,

armando das suas para afastar as outras mulheres de mim, como se isso fosse possível.

— Eu não mandei que ela te dispensasse. Disse para te contratar.

Amber ficou surpresa.

— Então por que ela não me contratou? — Indagou, mordendo o cereal.

— Eu não sei. — Menti. — Mas estou precisando de uma assistente pessoal, você estaria interessada? — Eu não precisava de assistente alguma, apenas a queria por perto.

— Nem morta. As pessoas aqui já estão dizendo que transei com seu pai para conseguir o cargo de arrastar o carrinho de café, imagina se eu fosse promovida tão depressa. Jam dizer que fiz uma suruba com o pai e o filho.

Não consegui conter o riso e soltei uma sonora gargalhada, como eu não fazia há muito tempo.

Mordi mais um pedaço do cereal, antes de falar:

— Eu ouvi o boato, mas não sabia que era você. Eu sei que meu pai não teria um caso com uma garota da sua idade, ou mesmo mais velha. Mas ainda não entendi essa coisa de ele ter te contratado pessoalmente. Ele nunca fez isso antes. Vocês já se conheciam?

— Não. Nunca o vi antes, a não ser nas fotografias que eram exibidas nas palestras sobre engenharia na faculdade. E também não entendi nada.

— Como vocês se encontraram?

— Bem, eu tinha acabado de ser dispensada pela sua irmã e estava arrasada. Então esbarrei com ele na rua, quando deixava o prédio. Quase o derrubei no chão e quando fui tentar ajudá-lo, acabei falando sobre os meus problemas e uma coisa levou a outra. Quando dei por mim, estava empregada.

Eu podia gastar meus neurônios pensando naquilo, afinal, meu pai não contrataria uma completa estranha, todavia, a imagem de Amber nua tomava conta da minha mente, de modo que não havia espaço para qualquer outro pensamento.

— Estranho. — Foi o que eu disse.

— Também achei. Mas eu não transei com ele. Eu juro.

— Eu sei. Você não precisa jurar. — Olhei no relógio em meu pulso, constatando que faltava pouco para o encerramento do expediente, eu precisava finalizar alguns assuntos antes de sair, mas não deixaria Amber ali sozinha de novo. Então, levantei-me e a convidei. — Vamos? Daqui a pouco o prédio vai fechar e embora a ideia de ficar aqui trancado com você me pareça absurdamente atraente, eu preciso ir a minha sala antes de encerrar o dia.

— Eu acho que preciso ir também. Minha supervisora deve estar a minha procura há horas. — Ela levantou-se também, dando-me uma visão gloriosa do seu abdômen reto entre a barra da calça de cós baixo e a blusa de malha.

Qualquer outro homem no meu lugar a teria convidado para jantar, depois lhe mandaria flores, até conseguir o que queria, mas eu tinha uma compulsão que me fazia agir por instinto, sem pensar com a cabeça de cima.

Assim, aproveitei que ela estava com as costas perto da parede e a encurralei, espalmando uma mão de cada lado do seu corpo, me colocando muito perto, embora não a tocasse.

CAPÍTULO VI

— Por favor não me toque! — Ela suplicou, seu lábio inferior tremendo, seus olhos arregalados de medo.

— Shhh, fica calma, eu não estou te tocando. Está vendo? — Ela meneou a cabeça afirmativamente. — Fica calma, respira fundo, eu não vou tocar em você a menos que você se mova e esbarre em mim. — Puta merda! Aquele jogo era excitante demais. Eu estava tarado por aquela garota, obcecado por fazer sexo com ela e agora a tinha completamente sob o meu domínio. — Está mais calma? — Minha voz saiu arrastada, devido ao crescimento da minha excitação.

— Sim. Estou. — Para minha satisfação, a voz dela também estava ofegante, deixando claro que também estava excitada.

— Eu prometo que não vou encostar minhas mãos em você. Mas lembre-se que estou falando das mãos. — Ela engoliu em seco e abriu a boca para puxar o ar. — Fecha os olhos. — Ela hesitou. — Confia em mim, fecha os olhos. — Ela fechou e fez o que meus instintos ordenaram, aproximando minha boca da sua, quase a beijando, embora não o fizesse, pois sabia que isto a afastaria.

Afetado pela sua deliciosa proximidade, desci o meu rosto pelo seu pescoço, mantendo-o muito perto, embora apenas o calor da minha respiração tocasse sua pele, arrepiando-a. Continuei descendo e quando alcancei o seu sexo, protegido pelo jeans, fechei os olhos e inalei profundamente, embriagando-me com o cheiro gostoso da sua excitação, quando então não consegui mais me conter. Fui para o seu abdômen à mostra e a provei com a ponta da minha língua, deslizando-a do seu umbigo até o cócs da calça.

Ela arquejou, um gemido abafado partindo dos seus lábios, o que serviu de estopim para que eu perdesse o pouco do controle que me restava. Quando dei por mim, minhas mãos já estavam abrindo o zíper do seu jeans, com uma ansiedade crescente e Amber gritou como uma desesperada, arrancando-me do meu estado de torpor. Ergui-me para fitá-la no rosto, quando vi seu olhar perdido no infinito e soube que ela não via mais a mim e sim o cara que supostamente a violentou. Estava em choque, se perdendo no poço negro para o qual o pânico a puxava.

Imediatamente, tirei minhas mãos dela, afastando-me o suficiente para lhe dar espaço.

— Calma, Amber, sou eu, Joshua. Olha pra mim. — Como se guiada pelo som da minha voz, ela focou o meu rosto e foi se acalmando aos poucos. — Isso, respira fundo. Tudo vai passar. — Minha consciência pesou ao vê-la naquele estado por minha causa, por causa da minha libido desenfreada. Eu era um bosta mesmo. — Me desculpe, eu não fiz de caso pensado. Eu não queria te deixar assim.

— Tudo bem. Eu gostei do que você fez no início. — Ela tentou sorrir, me surpreendendo com sua atitude, pois eu esperava que estivesse puta da vida comigo. — Isso foi um grande avanço na minha recuperação. — Completou.

— É bom saber que fui útil. — Como aconteceu quando ela teve um ataque de pânico no elevador, tive a certeza de que foi violentada e me perguntei quem fez aquilo. Se existisse um instinto assassino dentro de mim, este acabava de ser aflorado pelo maldito estuprador. Era bom que ele estivesse preso ou morto, pois se o encontrasse, o estrangularia com minhas próprias mãos. — Você foi violentada, não foi? — Indaguei, com cautela.

— Sim, eu fui. — Ela respondeu, a dor se refletindo no verde do seu olhar, me despertando um afeto tão genuíno que inacreditavelmente se sobressaía à minha libido maldita.

— Eu posso te ajudar. — Falei.

— Como?

— Eu também tenho problemas.

Caralho! Eu não estava preparado para falar sobre aquilo com alguém que apesar de exercer uma atração descontrolada sobre mim, era praticamente uma estranha.

— Qual o seu problema. Você também foi violentado? — A naturalidade com que ela falava de um tema tão difícil para si, me incentivou a me abrir.

— Não.

— Aversão ao sexo você não me parece ter. Então qual o seu problema?

— Bem... é que... — Eu estava embaraçado. — O meu problema é mais ou menos o oposto do seu.

Ela refletiu em silêncio por um instante e devagar o canto da sua boca se curvou em um meio-sorriso. Safada! Estava se divertindo à minha custa, no entanto, eu precisava admitir que isto era melhor que ter seu nojo ou a sua piedade, que era o que eu recebia das pessoas quando conheciam a minha realidade.

— Não vai me dizer que você tem compulsão por sexo. — Ela continuava se divertindo com a situação.

— Pois é, eu tenho. — Falei constrangido e vi seu queixo cair.

— Tipo aqueles caras do filme “Terapia do Sexo”?

Por que todo mundo mencionava esse filme, quando ouvia aquela revelação?

— Bom, desde que você não esteja me comparando ao gordinho que colocou uma câmera debaixo da saia da chefe, é isso, sou mais ou menos como eles.

Amber ficou me olhando em silêncio por mais um instante, até que caiu na gargalhada.

Eu podia ter me irritado, ou me sentido magoado pelo fato de ela estar caçoando da minha enfermidade, mas a realidade era que seu sorriso me parecia tão espontâneo, tão lindo e cativante, que me deixou meio enfeitiçado e acabei sorrindo junto com ela.

— Eu assisti “Shame” também. — Declarou, sem sorrir desta vez.

— Esse filme retrata melhor a minha insuportável realidade.

— Puta que pariu, estou com pena de você, cara. — Ela voltou a gargalhar, me enfeitiçando com sua espontaneidade. — Os caras do filme se ferraram.

— Nada disso. Eles até se recuperaram. Eu posso me recuperar também. Aliás, eu estava sóbrio há alguns anos, até ficar preso com você naquele elevador.

Ela ficou séria subitamente, e me arrependi por ter aberto a boca.

— Então eu fui responsável pela sua recaída?

— Não foi sua culpa.

— Pelo que entendi vendo os filmes, uma compulsão leva à outra. Com isto, eu posso deduzir que, depois de me deixar na entrada do prédio ontem a noite você... — Ela se deteve.

— Sim. Eu tive uma noite bastante agitada, mas acredite, eu não me orgulho disso, muito pelo contrário.

— Minha nossa! Eu não sabia que essa coisa existia na vida real.

— Existe e é muito mais comum do que se pode imaginar. A maioria das pessoas portadoras dessa compulsão não se trata, porque não sabe ou não admite que tem problemas.

— E você se trata?

— Sim. Muito.

— E como você acha que pode me ajudar? Ir com você a uma terapia em grupo, em uma sala cheia de tarados, não é bem o caminho para a minha recuperação. — Ela arregalou os olhos, como se dando conta de algo. — Desculpe, não quis chamar você de tarado.

— Tudo bem, eu já estou acostumado. — Ela sorriu de novo, amplamente, me fascinando mais uma vez. — Não é uma sala cheia de tarados, como você pensa. O filme não retratou isso corretamente. Nesses grupos há pessoas com todos os tipos de distúrbios sexuais. Além do mais, eles não são o único tratamento. Já existem clínicas especializadas. Você já procurou alguma?

— Não.

— Está vendo? Eu posso te ajudar, pois conheço uma que é ótima. Me ajudou muito a me recuperar.

— O que tem em uma clínica como essa?

— Psiquiatras excelentes e contato com pessoas que têm problemas semelhantes.

— Parece bom.

— Podemos ir na sexta à tarde. O que você acha?

— Pode ser.

— Está combinado. Vou mandar minha secretária ligar para marcar.

— Ela sabe sobre o seu problema?

— Sim. É uma das poucas, entre os funcionários, que sabe. — Amber ficou pensativa, com uma ruga se formando no centro da sua testa. — Sim, eu já transei com ela, de tantas formas que você ia se espantar. Aliás, você se espantaria com a quantidade de mulheres com quem já estive. Agora vamos, o expediente já vai encerrar.

Deixamos a sala escura, caminhando lado a lado pelo corredor bem iluminado.

— Posso acompanhar você até o condomínio? — Indaguei.

— Claro, dois dementes caminhando lado a lado. — Ela disse, sorrindo, e sorri de volta, contagiado.

— Eu preciso ir a minha sala, mas é rápido, você me espera no saguão ou prefere vir comigo?

— Espero aqui embaixo.

Fiz questão de acompanhá-la até o saguão, como se uma força enigmática me prendesse a ela, impedindo-me de deixá-la. Chegando lá, encontrei meu pai e meu irmão, encaminhando-se para o elevador. Ao me verem, ambos vieram na minha direção.

— Aí está você. Estávamos indo para a sua sala. — Meu pai falou, mostrando-se mais jovial que o normal. — E você, como está, Amber? — Sorriu largamente para a garota, o que achei demasiado estranho, já que ele não costumava se comportar de forma tão despojada.

— Estou bem. Aliás, adorei o novo trabalho. Obrigada. — Amber também sorriu amplamente para ele e pude jurar que havia alguma ligação desconhecida entre aqueles dois.

— Não vão me apresentar? — Noah, meu irmão mais novo falou, fuzilando Amber com olhos carregados de malícia, o que me irritou, pois Noah era o tipo de cara que dava em cima de todas as mulheres bonitas que passavam por ele, e o pior nisso era que geralmente conseguia o que queria. Diferente de mim, ele tinha o controle sobre todas as situações e sabia manter um relacionamento, até que este se tornasse cansativo, antes de partir para o próximo.

— Esta é Amber Mitchell, nossa nova funcionária. — Meu pai falou com orgulho exorbitante. Logicamente ele gostava da garota e seria a favor de que ela se envolvesse com o filho normal, não comigo. — Amber, esse é meu filho mais novo, Noah.

— Olá, Noah. — Amber falou, retribuindo o sorriso que meu irmão lhe direcionava, enquanto

enfiava as mãos sob os braços cruzados, de forma mecânica.

— É um prazer conhecer uma garota tão bonita. — Ele estendeu-lhe a mão, como não foi retribuído, a recolheu. — Entendi, você tem TOC. Eu tenho um amigo que tem também. Ele sai por aí de luvas para não ter contato com as mãos das pessoas.

Meu irmão era um idiota, mas sabia ser cativante quando queria, e estava conseguindo conquistar a atenção de Amber, o que me deixava furioso e em completa desvantagem, já que era mais parecido com ela, tinha mais ou menos a mesma idade, acabara de cursar a faculdade e apesar de vir se mostrando brilhante no seu desempenho profissional na Prime, insistia em se vestir como um surfista, com jeans e camiseta, como Amber.

— O que os traz aqui, a essa hora? — Perguntei, alterando o tom da voz para capturar a atenção também de Noah e desviá-la da garota que eu queria.

— Nada de mais. Só vim saber se você já encontrou alguma solução para o nosso problema. — Meu pai falou, estava se referindo ao desvio de informações que acontecera recentemente na Prime, prejudicando nossos negócios, um assunto sigiloso demais para ser tratado ali em meio à tantas pessoas.

— Vamos à minha sala. — Virei-me para Amber. — Você pode me esperar um pouco aqui?

— Claro. — Ela concordou, dando de ombros, como se minha companhia não tivesse a menor relevância.

— Eu faço companhia a ela. — O oferecido do meu irmão se prontificou e uma veia pulsou mais forte que o normal no meu pescoço.

— Você precisa participar da conversa. — Retruquei.

— Deixa ele. Depois eu passo as informações. Não podemos permitir que a moça fique aqui sozinha. — Meu pai pousou um braço em meu ombro e me conduziu para um dos elevadores. Antes da porta se fechar, vi Noah se colocando muito perto de Amber, mantendo seu olhar fixo no dela e comecei a transpirar, nervoso, com a sensação de que ele cobiçava algo que me pertencia, embora eu soubesse que não era assim. Eu não tinha nada com aquela garota e, provavelmente, o que teríamos não seria duradouro.

Pela forma como agiu, concordando com a ideia de Noah ficar no saguão com Amber, meu pai deixou claro que preferia ver a garota com ele, por ser o filho que não a magoaria tanto quanto eu e minha anomalia. No entanto, meu pai não tinha o direito de me julgar ou dar preferência a um filho em detrimento do outro, pois a primeira regra para que se tivesse filhos adotados seria saber que existe uma grande possibilidade de eles não serem pessoas totalmente normais ou certinhas, já que carregam uma herança genética ruim, afinal, uma pessoa completamente normal e boa não abandonaria seus filhos em orfanatos. No meu caso, eu tinha o DNA de pedófilos filhos da puta; Candice era filha de uma prostituta viciada em craque que passava mais tempo na cadeia que nas ruas. Entre nós, Noah era o menos complicado, pois era filho de uma adolescente que o abandonou na frente do orfanato apenas porque não tinha idade suficiente para assumir a responsabilidade.

Apesar de tudo, meus pais nunca fizeram distinção entre nós, essa era a primeira vez, mas tudo podia não passar de fruto da minha imaginação afetada pela obsessão em ter aquela garota.

— E então. Quais providências foram tomadas sobre o desvio? — Meu pai indagou, quando já nos encontrávamos a sós em minha sala.

Ele ainda trabalhava na Prime, mas devido ao fato de que o estresse acarretado pelos negócios não fazia bem a uma pessoa na idade dele, eu acabei assumindo praticamente todas as responsabilidades.

— Eu contratei um detetive particular. Ele está trabalhando aqui disfarçado. Mas ninguém pode

saber disso, nem os funcionários mais antigos. Apenas eu, o senhor, Noah e Candice.

— Quem é esse detetive?

— Não posso falar. Uma das condições que ele exigiu foi que eu guardasse sua identidade de todos.

— Mas eu sou o seu pai. — Seus olhos se arregalaram, perplexos.

— Foi a condição que ele exigiu, pai. Eu tive que aceitar porque ele era o mais... digamos, adequado para o trabalho.

— Houve mais algum vazamento de informações?

— Sim. Ontem. O novo projeto que minha equipe elaborou foi apresentado pela Forx, mas não era o projeto verdadeiro. Fizemos este como isca e o outro em sigilo, de modo que não fomos prejudicados.

— Então já sabemos que o espião não é um dos membros da sua equipe.

— Exatamente.

— Você tem alguma ideia de quem possa ser?

— Não. Pode ser qualquer um. Desde o técnico de informática até o vice-presidente. As informações estão nos computadores, basta acessar a fonte de dados.

— Minha nossa. Isto é lastimável. — Ele me pareceu abalado com a situação.

— Não se preocupe com isso, pai. Eu posso continuar trabalhando em sigilo com a minha equipe, o que vazar até encontramos o maldito, ou maldita, não nos prejudicará tanto.

— Menos mal. O ideal seria que todos os setores trabalhassem em sigilo, com uma equipe de confiança como a sua.

— Isso seria impossível, pois são muitos setores. O espião pode estar infiltrado em qualquer um. Tentar implementar o sigilo em todos levaria o plano ao conhecimento dele.

— Você está certo. Melhor deixarmos o investigador trabalhar.

— Isso mesmo. Podemos ir agora? — Ignorando os documentos que precisavam ser assinados ainda hoje, peguei minha valise, ansioso para afastar Amber de Noah.

— Sim, claro. — Meu pai concordou e fomos para o elevador.

— Por que o senhor contratou aquela garota, a Amber?

Ele ficou ligeiramente pálido.

— Não tem um motivo específico. Eu estava entrando no prédio, ela estava saindo. Nos esbarramos por acaso. Vi que ela estava com problemas e fiquei com pena.

Meu pai não era um mentiroso, eu conhecia bem o seu caráter para ter certeza disto, mas alguma coisa naquela história parecia não se encaixar. Talvez o fato de que em meio aos problemas de vazamento de informações que estávamos enfrentando, ele dificilmente colocaria uma completa estranha entre nós. Por outro lado, Amber era encantadora e podia ter conquistado o afeto dele também.

— Ela não é uma completa estranha. — Ele completou, como se fosse capaz de ler os meus pensamentos. — Fez a faculdade de engenharia com uma das bolsas que doamos aos menos favorecidos.

Isto não era justificativa, pois ele não conhecia o currículo dela quando ambos se esbarraram na rua. Enfim, aquilo não parecia ter tanta importância, diante do fato de que meu irmão certamente estava dando em cima dela agora.

De volta ao saguão, os encontramos sentados nas poltronas estofadas, muito próximos e Amber estava sorrindo para ele, o que fez minha veia latejar forte novamente, uma irritação descomedida me tomando.

— Podemos ir? — Falei, ao nos aproximarmos.

— Sim, podemos. — Amber colocou-se de pé, ainda sorrindo.

Ao nos despedirmos dos outros dois, que partiriam de carro, houve uma troca de olhares calorosa entre Amber e meu pai, o que teria passado despercebido aos olhos de qualquer pessoa que não estivesse obcecado pela garota e estudava cada um dos seus gestos.

CAPÍTULO VII

Do lado de fora, o trânsito movimentado daquele fim de tarde quente e abafado, fazia um barulho insuportável, uma mistura intolerável de sons de sirenes, misturadas com buzinas e motores de carros. Era o momento em que eu agradecia aos céus por morar a uma quadra de distância do trabalho e não precisar me inserir naquele inferno caótico.

— A sua mãe está melhor? — Amber perguntou, enquanto caminhávamos lado a lado pela calçada, devagar, na direção do Prime Condominium.

Era a primeira vez que eu voltava para casa sem pressa alguma depois de um cansativo dia de trabalho. Pelo contrário, eu andava com muita lentidão para prolongar o tempo perto daquela garota.

— Sim. Foi só uma queda de pressão. Ela está ótima.

— Que bom. Fiquei preocupada.

— Ela é uma mulher muito forte.

— Tirando a Candice, que aparentemente não foi com a minha cara, sua família é maravilhosa.

— Meu irmão também?

— Sim, ele é muito simpático.

Meu sangue esquentou de pura irritação. A lembrança do quanto me senti excluído ao vê-los juntos, me causando uma sensação de inferioridade devastadora.

— O que tanto vocês conversavam no saguão?

— Nada de mais. Bobagens. Somos fãs das mesmas bandas de rock. Então ele me convidou para um show com algumas dessas bandas que acontecerá no sábado.

— E você aceitou o convite?

— Fiquei de pensar. Vou ver se Kate e Dean querem ir.

— Vocês me pareceram se dar muito bem.

— Huumm, com ciúmes? — Ela indagou, sorrindo.

— Deveria?

— Acho que não. Afinal, não temos nada.

— Ainda. — Completei.

— E nem teremos. Depois que me comer e satisfazer sua tara, você vai procurar outra, ou outras, para amenizar a depressão que o sexo comigo vai deixar em você. É assim que funciona. Pelo que sei, pessoas com compulsão sexual não costumam ter relacionamentos duradouros. É assim com você também?

— Sim.

— Você nunca teve um relacionamento? — Ela parecia sentir piedade e eu preferia quando ela estava sorrindo de mim.

— Só um.

— E o que aconteceu?

— Ela cortou os pulsos quando chegou à conclusão de que não conseguiria me mudar.

Amber levou as duas mãos à boca, seus olhos verdes refletindo perplexidade.

— Meu Deus! Que coisa horrível! — Exclamou.

— Tire como exemplo e nunca se apaixone por mim.

Vi a ruga se aprofundando em sua testa, enquanto seus olhos assumiam uma expressão pensativa.

— Vou me lembrar disto. — O silêncio que se seguiu, era quebrado apenas pelo som frenético

da metrópole à nossa volta. — Você tem masturbação compulsiva como os caras dos filmes? — Parecia mais relaxada, quando indagou.

— Sim, eu tenho.

— Você se masturbou muito hoje?

Ouvi-la falar em masturbação, despertou o animal dentro de mim, a explosão de desejo acontecendo no meu interior, meu pau endurecendo dentro da calça.

Onde ela pretendia chegar com aquilo?

— Sim, Amber, eu me masturbei pra caralho hoje.

— Pensando em mim? — Havia malícia na sua voz, o que contribuía para o crescimento da minha excitação e comecei a transpirar, ansioso.

— Sim. Inclusive ejaculei em cima da sua echarpe.

Seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram. E quando esperei pelo seu nojo e sua repulsa, ela simplesmente começou a sorrir, gargalhando alto, me contagiando e me arrancando um pouco do meu estado de anomalia.

— Joshua Walker, você é um perverso. — Disse, ainda sorrindo.

— Eu sei. — Avançamos pelo condomínio, tornando-nos alvo de vários olhares indiscretos por parte dos funcionários e paramos diante do prédio onde ela estava instalada. — Pronto. Está entregue. — Falei. — Posso subir com você?

— Você sabe que não.

— Eu não estou te convidando para transar, só quero continuar conversando com você. — *“Pelo menos até te convencer a se entregar.”*

— Certo, e Papai Noel existe.

— Eu não vou te tocar, não muito. No máximo vou fazer uma massagem em seus pés.

— Huumm isso parece bom.

— Então vamos. — A ansiedade me tomava, descontroladamente.

— Você sabe que não ficaríamos só na massagem.

— É você quem está dizendo.

Ela respirou fundo, antes de falar.

— Eu quero ficar com você, mas ainda não estou preparada. — Observou-me em silêncio, como se esperasse que eu dissesse algo, mas, com a sua dispensa, eu já estava elaborando mentalmente minha noite, imaginando onde iria buscar a satisfação para a necessidade mais urgente do meu corpo. — Fica quieto, quero tentar uma coisa. — Ela me surpreendeu ao dizer.

— O quê?

— Promete que não vai se mexer, nem me tocar.

— Eu prometo.

Ela umedeceu os lábios, com muita sensualidade e chegou muito perto de mim, tanto que seu cheiro gostoso de fêmea me alcançou, excitando-me ao extremo, embora não me tocasse. Colocou-se na ponta dos pés, nivelando nossos rostos, afundou seus dedos nos meus cabelos, atrás da cabeça e, sem que eu esperasse, roçou seus lábios nos meus, a princípio suavemente, para logo introduzir sua língua na minha boca, deixando-me quase louco, do mais insano tesão.

Fechei os meus olhos e a beijei de volta, sugando sua língua gostosa, experimentando o mais primitivo dos desejos se alastrando dentro de mim com muita ferocidade, tomando conta de cada uma das minhas terminações nervosas.

Cada célula do meu corpo clamou pelo dela, por tocá-la, por tomá-la e fazê-la minha ali mesmo na calçada, mas se a tocasse eu a afastaria. Então me contentei com o que tinha, o que

embora parecesse pouco diante do que eu precisava, vindo dela era muito, e a beijei com toda a ferocidade da luxúria que jazia em mim, enquanto todo o sangue do meu organismo parecia concentrado na minha ereção.

Quando interrompeu o beijo, afastando-se alguns centímetros, Amber tinha sua respiração tão ofegante quanto a minha, e eu só conseguia pensar no quanto ela devia estar molhadinha agora lá em baixo, pronta para ser possuída.

— Isso foi incrível. — Ela disse sorrindo. — Há muito tempo eu não me sentia tão viva.

— Podemos continuar.

Ela encolheu os ombros, esmorecida.

— Não é tão simples assim. Eu preciso dar um passo de cada vez.

Embora soubesse que precisava entendê-la, sua relutância em se entregar, unida à dolorosa ansiedade por sexo que jazia dentro de mim, me enfurecia tanto que me descontrolava. A dor me tomava depressa, avassaladoramente, as fantasias mais sujas e vis projetando-se em minha mente, fantasias nas quais eu comia Amber de tantas formas que chegava a ser doentio. Era o meu vício, minha compulsão se manifestando. Eu precisava buscar satisfação em outro lugar, antes que a machucasse.

— Você vai sair esta noite? — Ela indagou, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— Provavelmente sim.

— E se eu te pedir para não ir?

— Você sabe que isto é algo que eu não posso controlar.

— Mas você pode tentar.

Eu não podia ficar mais nenhum minuto diante dela, estava prestes a explodir. Desejo, ansiedade, nervosismo, frustração, tudo me tomando ao mesmo tempo, me massacrando.

— Tenho que ir. Até amanhã. — Com isto, a deixei a segui para o meu apartamento.

AMBER

O apartamento estava precisando de uma faxina, mas eu me sentia cansada demais para o serviço doméstico. Faria aquilo amanhã.

Após o banho relaxante, vesti uma camiseta de algodão que se estendia até o meio das coxas, preparei um macarrão instantâneo e fiz a refeição enquanto conversava pela webcam com Kate e Dean.

Puta merda! Como eu sentia falta deles, da descontração, da ausência total de preocupação com as coisas sérias e problemáticas de uma vida na qual a única regra era se divertir. Queria muito que eles estivessem aqui, pois me sentia desolada e sozinha naquele apartamento tão grande. Mas a vida era assim, nunca se podia ter tudo.

Após as horas de conversa, precisei falar com a minha mãe pelo telefone, já que ainda não tinha internet na fazenda. Contei-lhe sobre o novo trabalho e como sempre, tive a impressão de que ela não apoiava meu crescimento profissional, ou então tinha uma bronca muito grande contra a Prime, pois tentava a todo custo me convencer a não aceitar as ofertas da empresa, desde que esta me ofereceu a bolsa de estudos. Porém, a menos que ela me desse uma boa razão para a sua implicância, eu continuaria aproveitando as oportunidades que a Prime me oferecia.

Após as conversas, me senti completamente solitária e desolada, talvez porque ainda não

estivesse acostumada a morar sozinha, afinal, era a primeira vez. Liguei a televisão e tentei me concentrar em um programa de perguntas e resposta, mas minha mente insistia em me levar até Joshua e comecei a imaginar onde ele estaria agora e o que estaria fazendo. Não era difícil deduzir que na certa estava com alguma mulher, ou algumas mulheres, fazendo sexo selvagem, de tantas formas que eu nem conseguiria imaginar, como ele próprio dissera.

Estaria fazendo comigo se eu não tivesse problemas, e naquele instante amaldiçoei a mim mesma por ser uma covarde e não me arriscar a tentar, pois se havia um lugar onde eu queria estar agora, era nos braços daquele homem, satisfazendo suas fantasias sexuais. Ah! Eu queria muito.

Eu não me importava que ele fosse um pervertido doente mental compulsivo por sexo, a atração que ele exercia sobre mim se sobressaía a tudo mais, inclusive a sua situação. Eu podia inclusive arriscar dizer que sua compulsão contribuía para que ele se tornasse ainda mais irresistível. Talvez porque aquilo a florava a minha curiosidade em saber como seria transar com um tarado de verdade, que conhecia cada segredo para proporcionar uma boa transa a uma mulher. Mas não era apenas curiosidade, Joshua realmente mexia comigo, era capaz de despertar o desejo há muito adormecido dentro de mim. Depois de três longos anos, foi o primeiro homem que conseguiu me afetar. Eu estava realmente fascinada por ele.

Tudo nele me atraía: seus olhos azuis sempre tão duros, seu rosto perfeito, seu corpo grande e másculo, sua voz gostosa. Foi magnífica a forma como ele me resgatou do poço escuro para o qual o pânico me puxava esta tarde, com sua voz, depois de me deixar loucamente excitada com um contato tão simples. O primeiro contato com um homem depois que fui violentada.

Definitivamente, Joshua era o cara que me curaria da minha aversão ao sexo, adquirida devido ao que aconteceu no passado. Eu só não podia me apaixonar, isso sim seria um problema, como ele mesmo dissera. Depois de curada, eu estaria preparada para encontrar o amor, nos braços de outro, claro.

Achando aquele apartamento tão grande e silencioso a ponto de parecer assustador, desisti da televisão e fui me certificar de que a porta estava bem trancada, antes de ir me deitar, abrigando-me sob uma grossa camada de lençóis.

Mas não seria fácil adormecer. Eu não conseguia parar de pensar na forma como Joshua correspondeu ao meu beijo antes de me deixar sozinha. Ele quase devorou minha boca, com uma fome descomedida, despertando a luxúria dentro de mim, me levando a pensar em como seria o resto. Eu devia ter tentado, devia tê-lo deixado subir, talvez tivesse conseguido vencer os meus medos e estaria me divertindo nos braços dele agora e não aqui sozinha, me sentindo abandonada.

Rolei de um lado para o outro durante horas, sem conseguir adormecer. Até que o som do toque do celular encheu o quarto e atendi sem olhar o número no visor, pois apenas minha mãe me ligaria uma hora daquelas, com a sua paranoia em se certificar de que eu estava bem.

— Oi, mãe. — Falei ao atender, preguiçosamente.

— Não é sua mãe. — A voz grossa de Joshua partiu do outro lado da linha e foi o suficiente para me desestabilizar, uma corrente de calor gostosa me percorrendo.

Ocorreu-me que muito facilmente ele podia estar em um bordel, rodeado por prostitutas e não resisti em falar.

— Interrompendo a diversão para me ligar?

— Acredite, não estou me divertindo nem um pouco aqui. — Sua voz estava arrastada pela respiração ofegante e ao mesmo tempo parecia meio triste.

— Onde você está?

— *No meu apartamento.*

— Contratou alguém para atendê-lo a domicílio?

— *Não. Na verdade, estou sozinho desde que cheguei.* — Fez uma pausa antes de continuar, talvez esperando por mais um comentário maldoso da minha parte. — *Eu decidi atender seu pedido e não saí, também não recebi ninguém.*

Meu coração bateu em ritmo descompassado por saber que ele me queria a ponto de abdicar do seu vício para atender a um pedido meu. Eu podia imaginar o quanto estava sendo difícil para ele.

— É muito bom saber disso.

— *Mas as coisas estão um pouco difíceis por aqui.*

— Imagino.

— *Vem pra cá.*

— Não posso... ainda não.

— *Por favor.*

— Não implore, isso não combina com você.

— *Você já está deitada?*

— Há horas, mas não consigo dormir.

— *Por quê?*

— Não sei. Acho que não estou acostumada a morar sozinha. E... — Hesitei antes de continuar, me perguntando se minhas palavras não atijariam ainda mais a libido dele. Ainda assim, falei: — Estava pensando em você.

— *Sério? Como?*

— Em como seria bom se você estivesse aqui, perto de mim.

— *Eu posso estar, basta você dizer sim.*

— Não.

— *Então me deixe imaginar que estou aí. Me diz o que você está vestindo.*

Ele queria fazer sexo por telefone. Pensei sobre aquilo, perguntando-me se não me levaria ao pânico, o que seria perigosamente mortal, já que eu estava sozinha, entretanto, a ideia me pareceu excitante demais para ser rejeitada e decidi arriscar. Se me sentisse mal, eu pararia.

— Estou usando uma camiseta branca e uma calcinha preta e você?

— *Estou completamente nu, deitado na cama, segurando meu pau completamente duro.* —

Caramba! Ele era direto. Mas suas palavras me deixaram excitada, uma corrente de calor me percorrendo inteira. — *Se livra dessa camiseta e fica só de calcinha para mim.*

Obedeci sem hesitar, tirando a camiseta.

— Tirei.

— *Como você está deitada?*

— De barriga para cima, com os joelhos encolhidos.

— *Minha nossa!* — Ele sibilou, evidenciando o nível da sua excitação. — *Eu daria meu cargo na Prime para estar aí em cima de você agora, te beijando todinha. Começaria por essa boquinha gostosa e desceria para seus peitos. Depois enterraria minha língua nessa sua xoxota que deve ser quente e deliciosa.*

Suas palavras despertaram a luxúria em mim, meus mamilos ficaram duros, minha intimidade lubrificava e o ar se tornava difícil de ser puxado.

CAPÍTULO VIII

— Eu ia gostar disto. — Falei, quase com um gemido.

— *Enfia a mão dentro da sua calcinha.* — Mordi o lábio para conter um gemido e obedeci. — *Agora toque seu clitóris, imaginando que é minha mão em você.* — Fiz como ele disse, massageando suavemente meu clitóris inchado e um gemido escapou alto dos meus lábios. — *Ah! Amber... eu posso sentir a sua excitação... eu te quero tanto... você não pode imaginar o quanto eu te quero...* — Ele sibilou de novo e uma nova onda de tesão me engolfou.

— Eu também te quero, Joshua... ahhh... nossa hora vai chegar...

— *Eu sei... abre mais as pernas e enfia dois dedos na sua vagina.* — Fiz como ele disse e outro gemido me escapou. — *Isso é bom, não é?*

— Ah... sim...

— *Você tá molhadinha?*

— Sim.

— *Eu queria estar dentro de você agora.*

— Eu queria que você estivesse.

— *Então diga.*

— Dizer o quê?

— *Que quer meu pau na sua bocetinha.*

— Ahh... sim... eu quero seu pau na minha bocetinha.

— *Me pede...*

— Ah, Joshua, coloca seu pau todinho na minha boceta...

— *Ele está muito inchado... louco para entrar em você...*

— Como ele é?

— *Grande e grosso. Você gosta assim?*

— Ahhh... Joshua... eu vou...

— *Espera. Não goza ainda. Tira os dedos da sua vagina e os leve à sua boca.* — Cega de luxúria, fiz o que ele disse, sugando os meus dedos lambuzados, provando meu próprio gosto. — *Me diz como é o seu gosto.*

— É... bom...

— *Ah... Amber, eu quero esse gosto na minha boca...*

— Sim... você o terá...

— *Não consigo mais me segurar... volte a se tocar lá em baixo, vamos gozar juntos.*

Assim, lambuzei meus dedos na minha lubrificação e passei a massagear meu clitóris em um ritmo cada vez mais acelerado, visualizando-o nu, duro, na sua cama, imaginando que era sua mão em mim.

— Ah! — Gemi alto. — Joshua, estou chegando perto... ah! Ah! Ah!

— *Eu sei... estou indo também.*

Então, eu explodi no orgasmo, gozando como uma alucinada enquanto meu corpo se contorcia sobre a cama, meus gemidos se misturando aos dele no telefone, até que tudo se tornou calma e silêncio.

Porra! Aquilo foi muito bom. Foi como emergir de um mundo sombrio e encontrar o prazer que há muito eu não tinha, sem que em nenhum momento o medo do passado me assolasse.

— *Você está bem?* — A voz grossa, gostosa, partiu ainda ofegante do outro lado da linha.

— Nunca estive melhor.

— *Ótimo. Vamos começar de novo.*

Ele só podia estar brincando. Eu ainda estava trêmula por causa do orgasmo.

— Você não pode estar falando sério.

— *Sim, estou. Eu ainda estou duro aqui.*

— Cara você é realmente insaciável.

— *Você não imagina o quanto.*

— Mas acontece que eu preciso dormir. Tenho um carrinho com café para empurrar amanhã.

— *Você pode ser minha assistente. O trabalho é mais leve.*

— Definitivamente não. Agora vou dormir. Boa noite. — Antes que ele me convencesse a continuar com aquele jogo, desliguei o aparelho e ajeitei-me sobre o colchão, minha boca insistindo em manter-se esticada com um sorriso bobo.

Dois minutos depois, o celular tocou novamente. Desta vez tomei o cuidado de olhar no visor antes de atender. Era Joshua.

— O que foi?

— *Eu só queria dizer que foi maravilhoso gozar com você e que continuarei com você no meu pensamento até pegar no sono.*

— Foi maravilhoso pra mim também e com certeza vou pensar em você até pegar no sono.

— *Sendo assim, boa noite.*

— Boa noite. — E desligamos juntos.

Com o meu corpo relaxado, minha alma mergulhada numa paz gostosa e meus lábios curvados em um sorriso, liberei-me dos lençóis e me espalhei na cama, muito à vontade com a minha nudez, como há muito não me sentia, até que pouco a pouco fui adormecendo, sem que Joshua deixasse os meus pensamentos nem por um instante sequer.

Fiquei desapontada na manhã seguinte, quando deixei o prédio, pronta para mais um dia de trabalho e Joshua não estava me esperando na porta para que caminhássemos juntos para a sede da Prime, como viemos ontem. Mas o que eu queria? O cara era o CEO da companhia, devia ter mil compromissos e a esta hora já devia estar trabalhando a todo vapor.

Segui meu caminho sozinha, ainda me sentindo desapontada. Talvez, no meu subconsciente, eu esperasse que o que houve entre nós durante a noite fora mais que algo muito casual para ele, quando na verdade eu sabia que não passava de mais um obstáculo vencido naquele jogo que ele jogava para chegar a mim. Foi bom, maravilhoso aliás, mas foi apenas sexo casual, como sempre seria entre nós dois e eu jamais poderia me permitir cogitar que algum dia passaria disto, ou acabaria com os pulsos cortados, como a outra garota.

O pensamento causou-me um calafrio na espinha.

Como aconteceu no dia anterior, fui alvo dos olhares indiscretos dos demais funcionários ao entrar no edifício da Prime. Ou ainda estavam cochichando sobre meu suposto caso com o Sr. Walker, ou estavam falando das minhas roupas, que consistiam em jeans colado, de cintura baixa, blusa de malha e botas de couro sem saltos. Desta vez não deixei o abdômen de fora, mas como não recebi o uniforme que a primeira dama disse que mandaria fazer para mim, não vi necessidade de vestir algo diferente das minhas roupas de sempre. E que se fodessem se estivessem falando de mim, nenhum deles pagava as minhas contas.

Desta vez, a minha supervisora, uma mulher rechonchuda e com cerca de trinta e cinco anos, me apresentou uma pequena sala onde os funcionários braçais podiam fazer pausas entre uma tarefa e outra para descansar, ou fazer um lanche.

Me perguntei se Joshua tinha falado a ela para fazer isto, já que me flagrara descansando em um depósito.

Descobri, naquela manhã, que havia outra garota empenhada em carregar o café, mas só se mexia quando eu estava realmente ocupada, a maior parte do trabalho era jogado para cima de mim. Na certa porque eu era uma novata e precisava batalhar para conquistar meu lugar ao sol, como os calouros de uma faculdade. Ou então estavam implicando comigo ainda por causa dos boatos.

Imagina se soubessem que fiz sexo por telefone com o tarado filho do dono, aí sim, teriam o que falar.

A manhã foi árdua e cansativa, exatamente como no dia anterior, percorri várias vezes as salas empurrando o carrinho com café. Se fosse fazer os cálculos, isso daria uns sete quilômetros de caminhada.

Durante o transcorrer das horas, esperei ansiosamente pelo momento que levaria o café na sala de Joshua, quando poderia olhar para o seu rosto lindo, mas não aconteceu, os executivos que se reuniram com ele definitivamente não estavam a fim de tomar café, ou ele estava me evitando, o que me deixou profundamente frustrada.

Na hora do almoço, mais uma vez, precisei comer no restaurante do condomínio, já que não tinha ido às compras. Tentaria me organizar no final da tarde.

No início da tarde, os funcionários pareciam beber mais café que pela manhã, o que tornou o meu trabalho ainda mais cansativo.

Como não tinha visto Joshua durante todo o dia, em uma das ocasiões em que fui levar café em uma sala no penúltimo andar, tomei a arriscada decisão de dar um pulo na sala dele, nem que fosse para dizer um rápido oi. Então, deixei o carrinho ali no andar anterior ao seu e hesitei várias vezes antes de entrar no elevador, pois não sabia se ele ia gostar de me receber ali no seu local de trabalho, talvez eu estivesse sendo inconveniente indo procurá-lo, mas o fato era que eu não via nada de mais nisso, apesar de haver uma ligação altamente sexual e nada sentimental entre nós, ainda podíamos ser amigos, eu acreditava.

Estava nervosa e trêmula quando deixei o elevador na sua antessala, onde deveria estar a sua secretária. Quase voltei dali mesmo, pois fiz todo o percurso imaginando que se ele quisesse me ver teria pedido o café, era provável que estivesse realmente me evitando, talvez para que minha proximidade não despertasse a sua compulsão e desviasse sua atenção do trabalho. Mas eu já estava aqui, agora iria em frente. Ele que aprendesse a se controlar.

Como a secretária não estava lá para me anunciar, fui direto para a porta, dei uma leve batida e, como não obtive resposta, girei o trinco e entrei, quando então me deparei com uma cena tão absurda que precisei esfregar os olhos só para ter certeza de que estava enxergando direito.

Joshua estava sentando atrás da sua mesa, com sua cadeira inclinada para trás. Diante dele, quase montando-o, estava sua irmã Candice. Ela tinha uma das pernas, que escapava da saia longa, encolhida sobre ele, pressionava seu tórax no dele, enquanto tentava desfazer o nó da sua gravata muito devagar. O rosto de ambos se encontrava muito próximos e a mão de Joshua estava na perna desnuda dela.

Senti minha face subitamente empalidecendo com o impacto daquela visão. Meu primeiro impulso foi de voar naquela megera e arrancá-la de cima dele, mas eu não tinha esse direito, pelo

contrário, estava sendo inconveniente.

Ciente disto, tentei sair antes que minha presença fosse notada, mas minhas pernas pareciam petrificadas, recusando-se a me levarem para fora, ao passo que minha mente girava, vários pensamentos invadindo-a ao mesmo tempo.

Como flashes de um filme que assisti, as cenas voltaram à minha mente. Pude ver claramente as cicatrizes nos pulsos de Candice quando me devolveu meu currículo, a irritação nas feições dela quando me dispensou da vaga de estagiária, a fala de Joshua sobre ter tido um único relacionamento com uma garota que acabou cortando os pulsos, e tudo se encaixou. Então era isto, a garota com quem ele se relacionou foi Candice, a própria irmã e o motivo pelo qual ela não me contratou foi o fato de eu ter passado uma hora presa com ele no elevador, o homem que ela amava a ponto de tentar o suicídio pelo fracasso do relacionamento. Simples assim.

Depois de ficar ali, petrificada por um instante, minha presença finalmente foi notada por Joshua, que levantou-se de supetão, quase derrubando Candice no chão.

— D-desculpa. E-eu não queria interromper. E-eu só... — Me silencieei, pois não sabia o que dizer. A situação era constrangedora demais. Eu não sabia se estava ali fazendo papel de idiota ou da vilã malvada que propagava a discórdia entre o casal.

— Tudo bem, Amber. — Joshua falou, visivelmente nervoso, ansioso, como ficava quando estava excitado e senti um nó na garganta quando vi o volume da ereção na sua calça. Mesmo ciente de que não tinha esse direito, ou uma razão para isto, senti vontade de chorar. — Nós só estávamos conversando. — Completou, sem graça.

— O que você está fazendo aqui?! — A voz de Candice partiu ríspida, enquanto ela ajustava as roupas amarrotadas de volta no lugar, fuzilando-me com um ódio mortal.

Não tive dúvidas de que ela o amava verdadeiramente e embora meu coração sangrasse ao admitir, eu não podia me tornar um obstáculo no caminho dos dois, que já tinham uma história.

— Nada. Vim só dizer um oi. Já estou de saída. — Virei-me pronta para sair, quando Joshua me alcançou, surpreendendo-me ao tomar-me o caminho.

— Espera, não vá ainda. Candice já estava de saída. — Disse ele e o olhar dela se tornou ainda mais furioso.

— Joshua! — Ela exclamou com os olhos muito arregalados, como se ele tivesse acabado de declarar que atearia fogo no edifício.

— Você tem uma reunião agora, não é? — Ele respondeu com uma frieza cortante e entendi toda a situação.

Ele a estava dispensando, aparentemente por minha causa, portanto, se ela cortasse os pulsos de novo, a culpa seria minha e eu não queria carregar esse fardo, não mesmo. Assim, o contornei e alcancei a porta depressa, antes que ele tivesse tempo de me alcançar novamente.

— Eu tenho mesmo que ir. — Falei, já do lado de fora da sala.

A imagem de Joshua se agarrando com a irmã tinha sido impactante demais e permaneceu vívida em minha mente nas horas que se seguiram. Não apenas pelo fato de eles serem irmãos, pois apesar de não terem o mesmo sangue correndo nas veias, cresceram na mesma casa, comportando-se como tais, mas principalmente porque doeu muito mais do que eu esperava vê-lo nas garras de outra mulher, excitado por causa dela. Não era ciúme, não podia ser, já que não havia nada entre nós. Além do mais, ficar excitado com qualquer mulher que se aproximasse fazia parte do cotidiano dele. Pior ainda, ele mantinha relações sexuais com essas mulheres e eu não tinha o mínimo direito de me sentir magoada com isso. Entretanto, ver era diferente de apenas saber.

No meio da tarde, eu aproveitei que a salinha para descanso dos funcionários do meu setor estava completamente vazia e sentei-me para descansar um pouco as pernas.

Estava folheando uma revista velha que encontrei jogada em um canto, quando a porta se abriu e Candice entrou, parecendo uma soberana, com suas roupas sofisticadas, seus cabelos impecáveis e sua postura altiva. Encarou-me fixamente, com o mesmo ódio de antes.

Imediatamente levantei-me, tensa, sobressaltada. Embora soubesse que ela não podia me demitir sem a permissão do pai, em meu coração eu sentia que não podia esperar coisa boa da parte dela, afinal, parecia já ter percebido que havia um clima entre mim e o homem que ela amava.

— Então quer dizer que a Prime te paga pra servir o café e você fica aí sentada olhando revista de moda!? — Disparou, seca e ríspida.

— Na verdade, eu tinha acabado de me sentar. Trabalhei bastante hoje.

— E quanto a invadir a sala do meu irmão? O que você queria dele? — Desta vez ela gritou e a raiva queimou em minhas entranhas, embora eu não estivesse disposta a desafiá-la.

“O mesmo que você, vadia! A única diferença é que a mim ele teria comido e não mandado sair da sala”. As palavras ecoaram em minha mente.

— Nada. Só fui dar um oi.

— Eu conheço tipinhos como você. Desde o primeiro instante que coloquei meus olhos em você, soube que é uma vadia. Deve ter dado a boceta para o meu pai em troca desse emprego de merda e agora quer dar pro Joshua, visando uma promoção. — Ela estava indo longe demais, eu estava disposta a manter a calma e me mostrar humilde, mas não tinha sangue de barata. Se ela continuasse me provocando, eu acabaria perdendo a cabeça e lhe dando umas bofetadas. — Mas isso não vai acontecer. Eu não posso te demitir ainda, mas vou fazer meu pai ver a puta que você é, e ele mesmo te dará as contas.

— Você tá enganada ao meu respeito. — Falei, sufocando a raiva que fazia meu sangue ferver.

— Você, não! Me chame de senhorita! — Deliberadamente, ela jogou um bule com café que estava sobre uma mesa no chão, o líquido preto se espalhando sobre o assoalho branco, respingando nas paredes. — Não vai limpar a bagunça? — Indagou, com autoritarismo.

Estive muito perto de perder a linha, avançar para ela e dar-lhe as bofetadas que merecia, mas era exatamente isso que ela queria que eu fizesse, a fim de ter uma razão para me demitir, ou para me fazer desistir do emprego, mantendo-me longe de Joshua. Mas eu não cairia no jogo dela. Não lhe daria esse gostinho. Se tivesse que desistir da Prime, pelo menos sairia de cabeça erguida.

Assim, humildemente, peguei uma flanela, ajoelhei-me no chão e comecei a limpar a bagunça que ela fez, enquanto ela me observava de cima, com uma raiva gritante.

— Entenda que esse é o seu lugar nesta companhia. — “Vadia!” — Portanto fique longe de Joshua. Você não está à altura dele.

Ela tinha acabado de fechar a boca, quando a porta se abriu e Joshua entrou, detendo-se diante da porta aberta para observar a cena, perplexo.

A reação de Candice foi hilária, ela ficou tão embaraçada que deixou seus ombros caírem, forçou seus lábios a se esticarem em um sorriso e com voz doce, falou:

— N-nós estávamos conversando... então Amber deixou o café cair e... — Ela se deteve diante do olhar com que Joshua a encarou. Parecendo uma fera raivosa, ele observou-me por um instante, para depois estreitar seus olhos enfurecidos e duros sobre os delas, seu maxilar contraindo, uma

veia pulsando em seu pescoço com tanta ferocidade, que ficava visível.

Fiquei orgulhosa do homem que ele se mostrava ser por perceber o que de fato acontecia ali, e não se deixar enganar pela mentira que ela tentava inventar. Então, parei o que fazia para observá-los, embora continuasse no chão.

Calmamente, ele entrou na sala, fechando a porta atrás de si.

— Levante-se, Amber. — Ordenou com autoridade e obedeceu.

CAPÍTULO IX

A fúria mortal voltou a reluzir nos olhos azuis de Candice, embora, diante de Joshua, não destilasse seu veneno por meio das palavras.

— E você? O que faz aqui? — Ela perguntou, os olhos muito arregalados, quase saltando das órbitas.

— Na verdade, vim buscar Amber para assumir o cargo de assistente que lhe ofereci.

A mulher fechou as mãos com tanta força, que vi suas unhas crescidas entrarem em sua carne. Era uma demente.

— Olha, Joshua. O que você viu aqui não é o que parece. — Apelou.

— Mas eu não vi nada de mais aqui. Apenas minha futura assistente limpando a sujeira que ela mesma fez, não foi isso que você disse? — Ele estava sendo cínico.

— Sim, mas...

— Mas nada! — Ele a interrompeu com firmeza. — Vamos, Amber?

Ele tinha me oferecido aquele cargo antes e eu tinha recusado justamente para não arranjar problemas, no entanto, o problema veio a mim onde eu estava, de modo que me levou a perceber que não importava que cargo eu ocupasse, precisaria enfrentá-los, afinal, a Prime não era o lugar tranquilo que os universitários sonhadores esperavam encontrar. E o melhor nisso tudo, seria ver a cara de Candice quando eu aceitasse a oferta.

— Vamos. — Concordei, ciente de que dava um passo perigoso.

Fitei diretamente o rosto abalado e muito pálido de Candice, antes der dar-lhe as costas, junto com Joshua e deixarmos a sala, seguindo em silêncio pelo corredor.

— Por que você deixou ela te humilhar daquela maneira? — Ele indagou, com sua voz gostosa, quando já nos encontrávamos no elevador, subindo para o último andar.

— Eu não queria arranjar problemas. Ela é a pessoa que contrata aqui e me dispensou uma vez.

— Ninguém nessa empresa tem mais poder que eu. Ninguém pode te demitir sem a minha permissão. Além do mais, ela não pode passar por cima do meu pai e foi ele quem te contratou. Só não entendi porque ele não te deu um cargo de acordo com a sua formação acadêmica.

— Na verdade, ele ofereceu. Mas eu quis começar de baixo, sabe?

Ele me encarou surpreso, para que em seguida sua boca linda se curvasse em um sorriso fascinante.

— Você é mesmo surpreendente, Amber Mitchell.

Respirei fundo, lembrando-me das cicatrizes nos pulsos de Candice. O que acabara de acontecer devia ter sido muito difícil para ela, eu podia imaginar o quanto estava sofrendo por amar e ser rejeitada daquela forma. Definitivamente, eu não queria estar no lugar dela, embora estivesse ciente de que corria esse risco.

— Foi ela, não foi? — Indaguei, cautelosa.

— O quê?

— Foi Candice a garota que cortou os pulsos por não ter o seu amor.

Joshua percorreu os dedos pelos cabelos curtos, em um gesto de nervosismo.

— Foi ela sim.

— E se ela tentar de novo? Por causa do que acabamos de fazer? — A culpa me pesou nos ombros.

— Não seria nossa culpa. Eu não tenho culpa de não amá-la e você não tem por eu te desejar. Por isso, nem por um minuto, deixe passar pela sua cabeça que foi a responsável se ela fizer de novo.

— Ah, então você tem consciência de que pode acontecer.

— Pode. Mas não me sentirei culpado de novo. Ela sabia exatamente como eu sou quando se envolveu comigo. Eu jamais a enganei.

— Por quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Muito tempo. Praticamente nossa vida inteira. Começamos quando eu tinha quinze anos e ela doze. Paramos durante a faculdade e depois voltamos. Mas eu nunca tive só ela e você sabe o porquê.

— Mas você se sentiu culpado quando ela tentou se matar, ou não teria decidido se tratar.

— Sim, eu me senti. Mas não vou voltar a me culpar se acontecer de novo. Ela teve quase cinco anos para recomeçar a vida dela e não o fez.

— Aconteceu algo entre vocês depois da sua recaída?

— Claro que não. E nem vai acontecer.

— Hoje, na sua sala, quando vi vocês dois, você estava excitado.

— Você sabe que minha libido é algo que eu não posso controlar. Mas com ela não vai acontecer. Definitivamente não.

No último andar, deixamos o elevador e passamos direto pela secretária dele, que agora ocupava seu posto sentada à sua mesa. Olhei para a mulher elegante com cerca de trinta anos, cabelos escuros, olhos azuis, um grande par de peitos dentro do terninho caro e não pude deixar de me lembrar de que Joshua dissera que já transara com ela de tantas maneiras, que eu nem podia imaginar.

De certa forma, era constrangedor me deparar com uma de suas transas a cada metro quadrado daquele prédio.

— Nenhum telefonema por meia-hora, Rebecca. — Ele ordenou, sem sequer olhar para a mulher.

— E então. O que eu vou fazer aqui? — Indaguei, quando entramos na sala ampla e luxuosa dele, onde me senti deslocada, devido à sofisticação do ambiente.

— Sente-se. — Ele gesticulou para a cadeira do lado de cá da sua mesa, enquanto ocupava a outra. Prontamente, o obedeci. — Você auxiliará Rebecca com o secretariado. Até onde você entende de Engenharia Civil?

— Na teoria, quase tudo, na prática, quase nada.

— Prática se adquire com o tempo. É importante que você saiba o que está acontecendo atualmente na Prime e se adéque com a forma como estamos trabalhando.

— O que está acontecendo?

Ele hesitou antes de continuar.

— Vazamento de informações. Estávamos trabalhando na elaboração de uma rede de transportes públicos que seria implantado pelo governo no Kansas, o projeto foi parar nas mãos da nossa maior concorrente, a Forx. Isso aconteceu há pouco mais de um mês. A partir de então, eu e minha equipe estamos trabalhando de forma sigilosa. Fazemos dois projetos, um para o espião e

o verdadeiro. Esse segundo não vai para a rede de dados, fica só entre nós. Enquanto que o espião leva a versão falsa para que em seguida apresentemos a nossa. Entendeu?

— Nossa! Estou impressionada. As coisas estão tensas por aqui.

— Esse é o mundo dos negócios.

— Vocês não têm ideia de quem é esse espião?

— Não. Eu tenho um detetive aqui que está atrás dele, mas isso é altamente sigiloso, só quem sabe é minha equipe, os membros da minha família e agora você.

— Mas eu sou quase uma estranha. Por que você está confiando tanto em mim?

— Porque você me parece confiável.

Imaginei o quanto a vida dele devia ser tensa, pois além de ter que lidar com a sua compulsão, controlando-a durante todo o dia de trabalho, ainda precisava elaborar estratégias para contornar coisas como aquela. Parecia difícil, mas também parecia excitante, como um jogo, o qual eu estava gostando de fazer parte.

— E sou. — Falei.

Ele percorreu os dedos pelos cabelos, como fazia quando estava nervoso, seu olhar se perdendo um pouco de mim e percebi que não estava bem.

— Há mais alguma coisa? Você não me parece bem.

— Meu pai saiu de casa hoje.

— Nossa, que pena. — Realmente lamentei, depois lembrei-me dos boatos sobre mim e ele. — Será que isso tem alguma coisa a ver com os boatos que estão inventando aqui na empresa sobre mim e ele?

— Não. Ele teria me falado. — Não devia ser isso mesmo, afinal, a Sra. Walker me dissera pessoalmente que não acreditava nessas fofocas. — Eu nunca imaginei que uma coisa dessas pudesse acontecer. Cresci ouvindo os dois brigarem, mas não achei que se separariam depois de tanto tempo juntos.

— Eu lamento mesmo. Posso fazer algo para ajudar?

Como se emergisse do seu mar particular de pensamentos, ele focou seu olhar no meu rosto, depois o desceu pelo meu corpo, quando então vi a luxúria se refletindo na sua expressão.

— Como foi sua noite ontem? — Indagou, colocando malícia no tom da sua voz e, instantaneamente, o calor gostoso se manifestou entre minhas pernas.

— Foi maravilhosa. Dormi relaxada como há muito tempo não acontecia.

— Foi bom pra mim também, mas acho melhor não pensar nela agora, ou perderei o controle e preciso trabalhar. — Fez uma pausa, examinando a pilha de documentos sobre a sua mesa, como se tentasse tirar a sua concentração do assunto anterior. — Vamos fazer assim. Você vai precisar se organizar para o novo cargo, estudar o que estamos trabalhando atualmente, pelo menos por alto, já que é muita coisa. Então tire o resto da tarde de folga e faça isso. Vou aproveitar para providenciar sua mesa na sala de Rebecca.

Que beleza, eu passaria o dia olhando para o par de peitos gigantes que ele conhecia muito bem.

— Está bem.

— Pegue a papelada com a minha secretária e vá para casa. À noite, eu passo lá para te ver.

— Como é? — Fitei-o com espanto, imaginando se ele se esquecera que eu tinha os meus problemas.

— Não se apavore, vamos apenas conversar. Até mais.

Falou com tanta autoridade que não deixou espaço para contestação, mas apenas para

obediência e foi o que fiz, obedeci, retirando-me da sala. Na antessala, Rebecca já me aguardava com os documentos que deviam ser estudados e me perguntei em que momento ele dissera a ela para providenciá-los.

Chegando ao apartamento, decidi aproveitar o tempo livre para fazer a faxina que ele precisava e o fiz. Aspirei a pó, organizei os móveis no lugar, lavei a pilha de louças que se acumulava na pia e finalmente desfiz minha mala. Depois, fui às compras de mantimentos em um mercadinho que havia ali dentro do condomínio e organizei tudo nos armários e na geladeira, agora faltava apenas lavar as roupas.

Por meio do porteiro, fiquei sabendo que havia uma lavanderia no térreo do edifício e foi para onde me dirigi com a cesta de roupas sujas. Me surpreendi com a precariedade do lugar, em contraste com o prédio bem arquitetado. Resumia-se em um cômodo pequeno, abafado, que mais parecia um calabouço semiescuro, com as paredes manchadas, uma única lâmpada no teto baixo e a fila de máquinas velhas. Meia dúzia delas. Com exceção da porta e de uma pequena janela com persianas encardidas, não havia outra saída dali, de modo que se o prédio pegasse fogo e houvesse muitas pessoas lavando roupas, mais da metade morreria.

Foi inevitável, logo as lembranças daquele maldito porão, onde fiquei presa por três dias, estavam de volta à minha mente, mas eu precisava me controlar, não podia fugir todas as vezes que as recordações me abalassem.

Então, com os nervos à flor da pele, joguei as roupas em uma das máquinas antigas, completei a quantidade de água adequada para o sabão líquido e a liguei, o ruído fantasmagórico preenchendo o ambiente.

Com o meu corpo ligeiramente trêmulo pelo medo das lembranças que aquele lugar escuro e abafado me trazia, recostei-me na parede fria recoberta por azulejos, esforçando-me para conter a minha respiração, que se tornava irregular devido ao pânico, quando de súbito houve um estrondo violento, indefinível, partido de cima, do andar superior, para que em seguida a lâmpada piscasse várias vezes, antes se apagar, deixando-me mergulhada na mais completa escuridão.

Dominada pelo mais intenso pavor, corri para a porta, tentei abri-la, mas não consegui, estava trancada, o que contribuiu para o meu total descontrole.

Encolhendo-me junto à porta, comecei a gritar histericamente, com meu sangue agitado nas veias, a adrenalina me consumindo. De repente, houve outro estrondo, desta vez ali dentro, tão perto que pude sentir o chão estremecer, como se algo desabasse do teto, embora eu nada pudesse ver, devido à escuridão.

Desesperada, corri para a parede onde vi a pequena janela, tateando-a até encontrar as persianas e as abri, enxergando a rua lá fora, quase que totalmente tomada pela penumbra da noite. Era a rua que passava atrás do edifício, portanto, estava praticamente deserta. Esmurrei o vidro da janela, tentando, sem sucesso, quebrá-lo com meus punhos cerrados e gritei ainda mais alto, quando houve outro estrondo, ainda mais violento, muito perto, como se o teto estivesse desmoronando, o que me desencorajou a me afastar da parede para ir a procura de algo com que pudesse quebrar o vidro da janela e continuei gritando, esperando que alguém passasse na rua e ouvisse o meu apelo.

Antes disso, para o meu completo alívio, a porta se abriu, a claridade do corredor penetrando o cômodo e corri naquela direção, deparando-me com o tórax rochoso do homem que se encontrava parado ali, as lembranças do tórax do meu malfeitor voltando tão nítidas, que gritei um pouco mais alto, afastando-me.

— Ei, calma. Sou eu, Sam. — Silenciei-me, tentando, em meio ao meu pânico, assimilar o que ele

dissera.

Vasculhei minha mente buscando me lembrar quem era Sam, tentei focar meus olhos na sua imagem, o corpo muito grande e forte conta a luz que entrava do corredor e não soube quem era ele.

— O Sr. Walker nos apresentou perto da quadra, lembra?

Puxei em minha mente e por fim me lembrei, ele era o segurança noturno da Prime, que de fato o Sr. Walker me apresentou. Estava diferente com o seu uniforme.

— O que está acontecendo? — Indaguei, a voz saindo trêmula e rouca pelos gritos.

— Eu não sei, a lâmpada deve ter queimado. Eu estava passando pelo corredor quando ouvi os seus gritos.

— Quem trancou a porta por fora?

Ele franziu a testa.

— Ela não estava trancada. Deve ter emperrado. Isso acontece de vez em quando.

Comecei a me sentir meio ridícula.

— O teto estava desabando. — O cara me olhou como se eu fosse uma louca. — Pode verificar. — Gesticulei na direção de onde partiram os estrondos.

Ele acendeu uma lanterna que carregava pendurada no cinto da calça e entrou, direcionando a luz para o chão, quando vimos claramente os pedaços de gesso estilhaçados no assoalho, dois deles. Constatei que eram grandes o suficiente para esmagar o meu crânio se tivessem caído em cima de mim, e um calafrio desceu pela minha espinha.

— Minha nossa! Você teve muita sorte. Isso podia ter te matado.

— Como caíram aí?

Ele desviou a luz da lanterna para o teto, nos permitindo ver as falhas deixadas pelo gesso.

— Não sei. Deve ter sido alguma infiltração no piso superior. Vou olhar isso agora mesmo. — Fez menção de se retirar. — Você vem?

— Com certeza.

Deixando minhas roupas para trás, o segui para fora pelo longo corredor e consegui voltar a respirar normalmente apenas quando entrei de volta em meu apartamento, sentindo-me mais segura, embora não completamente.

Meu primeiro impulso foi ligar para Joshua e pedir que viesse ficar comigo, pois me sentiria mais segura e protegida perto dele, entretanto, precisei me conter, pois eu não podia telefonar para alguém toda vez que algo me acontecesse. Aquilo provavelmente foi um acidente bobo, eu precisava aprender a controlar o medo dentro de mim e deixar de ser dependente das pessoas, ou acabaria me tornando um peso na vida daqueles que me cercavam.

Então, decidi não incomodar ninguém com os meus problemas e não liguei nem mesmo para Kate, agindo como se nada tivesse acontecido.

Decidi também que receberia Joshua em meu apartamento, para conversarmos, como ele próprio dissera. Não havia nada de mais nisso, ele conhecia meus limites e os respeitaria, se não o fizesse, eu aproveitaria para testar até onde conseguiria ir com um homem, afinal, precisava seguir em frente.

Assim, preparei um macarrão com queijo caprichado, tomei um banho quente, vesti um vestidinho de algodão confortável e ao mesmo tempo sensual, passei um pouco de maquiagem e fui esperá-lo na sala, enquanto estudava os documentos que ele me dera.

Meu desapontamento foi colossal quando deram dez horas da noite e Joshua não tinha aparecido. Por várias vezes, cogitei telefonar para seu celular, mas me contive, afinal, ele podia

estar com alguma mulher satisfazendo seu vício, eu não ia dar uma de intrometida.

CAPÍTULO X

Desalentada, comi um pouco do macarrão, enquanto falava rapidamente com Kate, sem contar nada do que acontecia a ela, telefonei para a minha mãe, verifiquei se a porta estava bem trancada e fui para a cama. Estava quase adormecendo, quando o som estridente da campainha ressoou e meu coração disparou como um louco no peito.

Ansiosa para ver o homem que ocupava meus pensamentos desde que me deitei, joguei o vestido de volta sobre o corpo e corri para a porta, tomando o cuidado de verificar pelo olho mágico antes de abri-la.

— Oi. — Ele disse, com um sorriso tão lindo que me contagiou e sorri de volta.

— Oi.

Ele desceu os olhos brilhante pelo meu corpo, de cima a baixo, detendo-os nos meus pés.

— Então, quer dizer que a garota que usa botas de cowboy o dia inteiro, calça pantufas cor-de-rosa à noite.

Só então me dei conta de que, na pressa para abrir a porta, enfiei os pés nas minhas pantufas de coelhinho confortáveis e fofas, que usava apenas quando ninguém estava olhando.

— É que eu tenho dupla personalidade, não te contei? — Ele sorriu ainda mais amplamente. — Entra.

— Eu fiz a planta deste prédio, mas ainda não tinha entrado em um dos apartamentos. — Falou, examinando a sala, enquanto eu trancava a porta pelo lado de dentro. — Está gostando daqui?

— Sim, bastante. — Ele usava calça de moletom, tênis e uma camiseta de malha branca com grandes manchas de suor. Ainda bem que o cheiro do suor dele era agradável, mais que isso, era excitante. Estranhei que estivesse vestido daquela forma, pois na época em que eu tinha uma vida sexual ativa, os rapazes costumavam aparecer arrumadinhos, com roupas da moda engomadas e traziam buquês de flores. Eu estava mesmo desatualizada. — Você está horrível! — Exclamei.

— Eu sei. Eu estava correndo.

— A essa hora?

— Saí mais tarde da Prime. E precisava correr para gastar minhas energias, ou não conseguiria me conter em vir aqui e não arrancar sua calcinha.

— Ah, entendi. A sua compulsão.

— Ou como os médicos dizem: Desejo Sexual Hiperativo.

— Como você está indo com isto? — Um frio atravessou meu estômago, temendo pela resposta.

— Estou conseguindo me controlar, felizmente.

— Que bom saber. Parabéns! — Fui inundada por uma onda de contentamento. — Eu fiz macarrão. Você quer?

— Com certeza.

— Então vem comer.

Fomos para a cozinha, onde ele se acomodou em um dos assentos de madeira diante do balcão de mármore, enquanto eu tirava a comida da geladeira e levava ao micro-ondas.

— Como foi sua tarde? — Ele quis saber.

Cogitei seriamente não contar-lhe sobre o incidente na lavanderia para que não me visse como a garota problemática que eu era, sempre com medo de tudo, mas ele precisava saber, até para reparar o dano que causou o acidente e garantir a segurança de todos os moradores.

— Aconteceu uma coisa esta tarde.

— O quê? — Ele ficou em alerta.

— Eu estava na lavanderia no início da noite, quando a luz se apagou de repente, a porta não abria, o teto começou a cair e eu tive um ataque de pânico. Por sorte um dos moradores ouviu os meus gritos e foi me socorrer.

Ele fitou-me boquiaberto, visivelmente sobressaltado.

— Como assim o teto começou a cair?

— Os pedaços do gesso do forro. O cara que abriu a porta disse que pode ter sido uma infiltração no piso superior.

— Meu Deus, Amber! Por que você não me ligou? Isso é muito grave!

— Eu não quis te incomodar com os meus problemas.

— Você nunca me incomodaria. Como pode pensar isso? — Ele estava realmente alarmado. — Quem foi o cara que te encontrou?

— Sam. Ele é segurança noturno. Fomos apresentados pelo seu pai no dia que fui contratada.

— Sei quem é. — Tirou seu celular do bolso da calça e digitou os números rapidamente. — Vou ver se ele sabe o que causou isso e se a lavanderia já foi interditada. — Olá, Sam. Aqui é Joshua Walker. Sobre o incidente que aconteceu na lavanderia mais cedo, com Amber Mitchell, você sabe do que se trata? — Parou para ouvir por um longo momento, antes de continuar. — Por favor peça à equipe que interdite o lugar imediatamente. Vocês podem usar as lavanderias das casas vizinhas até que o problema se resolva. Obrigado e até mais. — E desligou.

— E então?

— Um ventilador de teto disparafusou no apartamento de cima, onde mora o porteiro, o impacto da queda causou a falha na lâmpada e a quebra do gesso que caiu. Sam avisou à equipe de manutenção do condomínio. Eles vão consertar o estrago. Eu sinto muito sobre isso. Te trazemos para trabalhar conosco e no terceiro dia você já está correndo risco de vida. Que desastre.

Embora ele tenha pronunciado a última frase com humor, um calafrio pinicou minha nuca, descendo pela espinha. Aquilo não tinha a menor graça.

— Eu acho que o prédio precisa de uma lavanderia nova. — Tirei o macarrão do micro-ondas e o servi, junto com as duas taças e a garrafa de vinho, para em seguida sentar-me do outro lado do balcão, diante dele, tão perto que o cheiro gostoso do seu suor me inebriava. — Aquela não é adequada. Eu não voltaria lá nem que vivesse aqui por cinquenta anos.

— Você acha? — Ele levou uma grande garfada de macarrão à boca, comendo com muita vontade.

— Sim, o lugar é pequeno e abafado. Parece um túmulo.

— Eu nunca fui lá, mas confio em você. Amanhã vou falar com um dos arquitetos para ver o que pode ser feito. Esse projeto no qual estamos trabalhando está tragando todo o meu tempo.

Ficamos ali conversando e saboreando o vinho tinto gelado, enquanto ele comia o macarrão com uma ganância quase desesperada, como se estivesse faminto. E mesmo depois que terminou de comer, permanecemos diante um do outro, jogando conversa fora, sem percebermos que o tempo passava, a companhia dele me parecendo absolutamente agradável.

Eu estava completamente relaxada pelo efeito do vinho, quando me dei conta de que era tarde, para quem precisava acordar cedo na manhã seguinte.

— Está tarde. Precisamos dormir ou não conseguiremos trabalhar amanhã. — Falei.

— Concordo.

Quando fui pegar o prato sujo que ele usara sobre o balcão para levar à pia, ele tentou fazer o mesmo e suas mãos grandes cobriram as minhas, em cima do objeto, o contato me parecendo surpreendentemente gostoso.

De imediato, ele ergueu as duas mãos no ar, dizendo:

— Opa, desculpa, isso foi um acidente.

Fascinada pelo fato de, pela primeira vez em três anos, conseguir ser tocada sem entrar em pânico, sorri satisfeita.

— Não se desculpe. Isso foi bom. — Vi seus olhos refletirem surpresa.

Então, percebi que estava na hora de tentar seguir em frente, aproveitar aquele acontecimento para me livrar de vez desta maldita fobia e consertar minha vida. Assim, segurei sua mão entre as minhas, o contato me agradando, mais que isso, me excitando. Sob o olhar surpreso de Joshua, a levei até o meu rosto e minha pele queimou sob o seu calor gostoso, depois a trouxe para a minha boca e a saboreei, fascinada, beijando-a, mordendo suavemente.

Todavia, ao mesmo tempo em que testava os meus limites, eu despertava o animal que existia dentro daquele homem, e foi seguindo os seus instintos que ele fez uso de muita agilidade para pular por sobre o balcão e me atacar. Primeiro segurou minha face entre suas mãos, fitando-me com olhos escurecidos, meio selvagens, para em seguida se apossar da minha boca, beijando-me como um esfomeado.

Procurei vestígios de pânico, ou algum mal-estar em mim, mas tudo o que senti foi o meu corpo acordando pelo mais primitivo dos desejos, que se alastrou depressa pelo meu sangue e o beijei de volta, com muita sofreguidão.

Com a minha reação, Joshua continuou seu ataque, agarrando-me pela cintura para colar seu corpo grande no meu, seu tórax musculoso esmagando meus peitos por sobre as roupas, deliciosamente. Como era mais alto que eu, inclinou os joelhos para pressionar sua firme ereção no meu sexo, esfregando-se em mim e me senti incendiar inteira, a luxúria me tomando, como há muito não acontecia.

Sem afastar sua boca da minha, ele me ergueu do chão, me fazendo abraçar seus quadris com as minhas pernas, nossos sexos se colando de novo e me carregou para a pia, sentando-me, mantendo-se entre minhas pernas.

Logo, suas mãos poderosas pousaram sobre minhas coxas e subiram, se infiltrando sob a saia do meu vestido, acariciando minha pele, me fazendo arfar de desejo, um gemido me escapando contra seus lábios.

Joshua afastou-se por um breve instante, apenas o suficiente para livrar-se da sua camiseta suada e voltou para mim, me agarrando e me beijando com uma fome descontrolada, que me despertava as mais lascivas sensações, mas que também me assustava, pois ele parecia fora de si, de modo que eu não conseguiria fazê-lo parar se sentisse essa necessidade.

Suas mãos entraram novamente sob o meu vestido, alcançando meus peitos livres do sutiã, seus dedos grandes massageando meus mamilos, deliciosamente, e, movida por instintos, movi meus quadris para esfregar meu sexo muito molhado no dele, por sob as roupas.

Ele trouxe sua mão para baixo, infiltrando-a na minha calcinha, tocando a minha mais secreta intimidade e foi assim que, subitamente, travei, o pânico me tomando com uma força assustadora, as lembranças daquele maldito tocando meu sexo enquanto eu estava amarrada me assolando, meu corpo se tornando frio, meu sangue gelando nas veias. Trêmula, cerrei os meus lábios e espalmei minhas duas mãos no peito de Joshua, empurrando-o, mas era como empurrar uma montanha rochosa e ele sequer se moveu, continuou buscando meu sexo com os seus dedos,

enquanto eu entrava em choque.

— Para! Por favor! — Gritei mais alto do que pudesse controlar e ele finalmente se afastou, os olhos brilhando sobre os meus, expressando uma mistura selvagem de fúria e luxúria, o maxilar contraído, os punhos cerrados, o que contribuiu para o crescimento do pavor dentro de mim.

Agindo como um descontrolado, Joshua esmurrou a porta do armário com seu punho cerrado com tanta brutalidade, que o aço afundou, enquanto um grunhido animalesco parecia partir do fundo da sua garganta. Sem uma palavra, deixou a cozinha, caminhando depressa, com passos largos e pesados, que se silenciaram logo que ouvi a porta do banheiro se fechando, bruscamente.

Fiquei ali paralisada, trêmula, o misto de pânico e desejo correndo pelo meu sangue, minha respiração tão alterada que se tornava audível, meu coração disparado no peito. Puxei o ar para meus pulmões várias vezes e soltei, tentando me acalmar, conseguindo me conter aos poucos. Quando consegui voltar a raciocinar, me dei conta do tamanho da merda que tinha feito. Joshua estava tentando se recuperar da sua compulsão e eu o provocara, desencadeando a sua reação exacerbada. Agora ele teria uma recaída ainda maior e a culpa era toda minha. De novo. Puta merda!

Um único gemido alto e selvagem partiu do banheiro, me dando uma ideia do que ele estava fazendo lá. Continuei parada em pé recostada na pia, sem saber que atitude tomar diante do que acontecia. Até que ele entrou na cozinha novamente, caminhando devagar, com os ombros encolhidos, visivelmente mais calmo.

Parecia loucura, mas olhei para ele e vi o homem mais sexy do universo, com os cabelos molhados, as gotículas de água respingadas no tórax musculoso, os olhos ainda um pouco mais escuros que o normal.

— Me desculpa por isso. — Ele falou, com sua voz branda, grossa, deliciosa de ouvir e pegou sua camiseta do chão, vestindo-a. — Você não é a única que está tendo seus limites testados aqui.

Ele parecia extremamente constrangido, inferiorizado e quase pude sentir sua dor.

— A culpa foi minha. — Falei, compadecida.

— Você não tem culpa de eu ser um doente.

Invadida por um misto de piedade, afeto e algo mais que não consegui definir, cedi a um impulso e corri para ele, abraçando-o pela cintura, descansando minha cabeça em seu peito, me refestelando em seu corpo grande.

— Não diga isso. Você não é um doente.

Senti seu corpo enrijecendo contra o meu, tenso. Ele retesou os braços ao longo da sua silhueta, depois passou os dedos entre os cabelos, nervoso, até que por fim me abraçou de volta, relaxando um pouco.

— Você não devia me tocar. Já teve uma amostra de como posso reagir. Devia se afastar de mim.

— Eu não quero me afastar. Confio em você. Sei que não me forçaria a nada. — Ele estremeceu de encontro a mim e o abracei ainda mais apertado, alguma coisa dentro de mim me dizendo que ele precisava daquele afeto que tanto me despertava. — Dorme aqui esta noite. — Murmurei.

— Você está brincando, né?

— Estou falando sério. Só dormir. Sem fazermos nada. — Ele estremeceu de novo, mostrando o quanto estava vulnerável. Se sáísse agora, obviamente passaria a noite atrás de satisfação para o seu vício, o que o levaria a uma posterior crise de depressão e, de alguma forma, em meu íntimo, eu sabia que seria melhor para ele se ficasse. — Por favor, fica.

— Você sabe que eu não conseguiria passar a noite com você sem te atacar de novo.

Afastei-me o suficiente para fitá-lo no rosto.

— Tenta. Eu sei que você consegue.

Ele fitou-me em silêncio por um instante, até que por fim concordou.

— Eu vou precisar de um banho e de roupas limpas.

— Bem, quanto às roupas você pode usar uma das minhas camisetas de dormir e um moletom, vão caber em você. Quanto ao banheiro, você já sabe onde fica. — Sorri amplamente e ele retribuiu, meio surpreso, muito mais calmo e relaxado, quando pude presumir que talvez fosse a primeira vez que alguém o tratava com carinho, sem julgamentos, devido ao seu problema e talvez fosse apenas disso que pessoas como ele, ou eu, precisassem para se recuperar.

Joshua ficou muito constrangido usando a minha calça de moletom, que colava em suas pernas, e uma camiseta de malha imensa que eu usava para dormir, tanto que se abrigou sob os lençóis da cama, mostrando-se ligeiramente tenso, quando deitou-se ao meu lado, o mais distante possível de mim, mas pouco a pouco foi relaxando.

— Não reclame se eu te atacar de novo, foi você quem colocou a fera na sua cama.

— Eu confio em você. Totalmente.

Ele respirou fundo, seus músculos relaxando.

— Você pode me contar o que aconteceu? — Indagou, depois de um longo momento de silêncio.

Estava deitado de barriga para cima, enquanto eu me mantinha deitada de lado, sem conseguir desviar meus olhos dele, fascinada com sua beleza, impressionada com a grandiosidade do carinho que sentia por aquele homem, apesar de conhecê-lo há tão pouco tempo. — Como você foi violentada?

Geralmente, eu não me sentia à vontade em falar sobre aquele assunto, mas com ele foi diferente, eu não vi nenhuma dificuldade. Talvez pelo fato de que ele confiou em mim de muitas maneiras.

Então, respirei fundo para me certificar de que minha voz não sairia trêmula e comecei:

— Foi há três anos. Eu estava na faculdade e minha mãe quis que eu fosse passar o Dia de Ação de Graças na fazenda com ela e meus avós.

— Seus pais moram em uma fazenda?

— Só minha mãe e avós. Eu não tenho pai.

— E foi lá que você cresceu?

— Sim.

— Isso muito me surpreende.

— É o que todos dizem.

— Por favor, continue.

— Mas tinha uma festa na véspera do feriado e eu não queria perder. Então decidi ir à festa e depois dirigir à noite para estar na fazenda pela manhã. Mas tinha um cara estranho nessa festa, observando-nos, certamente esperando alguma das garotas sair sozinha e fui eu a sair. Ele me seguiu de longe até uma estrada deserta, em algum lugar entre Tyler e Waco, e então jogou o carro dele em cima do meu, me fazendo entrar no mato. Quase perdi a consciência quando minha cabeça se chocou no volante, mas fiquei acordada durante todo o tempo. Ele me tirou do carro, me amarrou e me jogou no porta-malas do dele. Só parou quando chegamos à cabana, onde me manteve presa por três dias, em um porão, com sede, com fome, com frio. E todos dias ele me... — Um soluço escapou-me dos lábios e não consegui continuar, só então me dando conta de que estava chorando.

Joshua aproximou-se e me abraçou com ternura, acomodando meu rosto no seu peito largo, acariciando meus cabelos com carinho.

— Shhh não fica assim. Já acabou. Eu sinto muito, sinto mesmo. Me desculpe.

— Eu...

— Não precisa continuar.

— Eu quero. — Falei, agarrando-me a ele, sentindo-me segura, protegida, reconfortada. — Ele era um traficante de drogas foragido da polícia, que se escondia naquele lugar. Um lugar isolado, no meio do mato. Eu só consegui escapar porque me liberei da mordaça quando ele não estava e gritei até que um grupo de caçadores me ouviu e vieram me socorrer. Bruce foi apanhado logo em seguida, e está preso novamente. — Outro soluço escapou, enquanto minhas lágrimas banhavam o tecido da camiseta no corpo de Joshua.

— E vai continuar lá pelo resto da vida. Nunca mais vai fazer mal a você nem a ninguém. — Afundou o rosto em meus cabelos, beijando-os afetuosamente. — Você está segura agora.

Ali, agarrada a ele, um homem que tinha a alma tão quebrada quanto à minha, sentindo-me reconfortada, eu chorei até pegar no sono.

CAPÍTULO XI

Quando acordei na manhã seguinte, Joshua não estava mais na cama. Como passava das oito horas da manhã, deduzi que já devia estar na Prime, trabalhando a todo vapor, assim como eu deveria estar fazendo. Me lembraria de acionar o despertador do celular amanhã.

Preguiçosamente, levantei-me, tomei um banho demorado, vesti jeans, blusa de malha e minhas botas. Comi um pouco de cereal com leite, peguei a papelada que deveria ter estudado um pouco mais durante a noite e saí, ainda meio sonolenta.

No saguão, encontrei o Sr. Walker conversando com o porteiro e fui abordada por ele.

— Bom dia, Amber. Como você está? — Ele indagou, caminhando ao meu lado para o lado de fora.

Usava um terno caro impecável e carregava uma valise de couro.

— Estou bem. Gostando muito de trabalhar na Prime. Aliás, o seu filho Joshua me contratou para ser assistente dele. — Sem que eu conhecesse a razão, minha face corou ao pronunciar as palavras.

— Fico feliz por você. — Vi a ruga se aprofundar na sua testa e imaginei que talvez ele estivesse preocupado em expor uma nova funcionária ao problema do filho.

— E o senhor, o que faz aqui a essa hora?

Deixamos as dependências do condomínio, avançando pela calçada na rua movimentada e barulhenta. O sol tórrido daquela manhã de quinta-feira nos tragando.

— Estou morando aqui. — Lembrei-me de que Joshua dissera que ele saiu de casa, mas me espantava que viesse morar no condomínio para funcionários, quando podia estar em um apartamento de luxo no bairro mais caro da cidade. — Eu saí de casa. Me desentendi com minha mulher. — Completou.

— Eu sinto muito por isso. Espero que não tenha sido por causa dos boatos que estão inventando sobre nós dois na companhia.

— Ah, não, imagina. Cecily sabe que eu jamais me envolveria com uma menina da sua idade. Aqueles linguarudos me conhecem a ponto de saber disso também. Esse falatório deve ser falta do que fazer.

— Desculpe se estiver sendo indiscreta, mas o que causou o desentendimento entre o senhor e sua esposa?

Ele refletiu por um instante, antes de responder:

— Quando se chega a uma certa idade, se olha para trás e percebe quanta burrada fez na vida por causa de um casamento e se pergunta se valeu a pena. — Eu tentava entender o que ele dizia. — E no meu caso, não valeu. Eu abri mão de algo precioso por Cecily, pela estabilidade familiar e financeira, e depois de um certo tempo cheguei à conclusão de que joguei minha felicidade no lixo.

Caramba! Eu podia apostar que ele teve uma amante, a quem abandonou para manter o casamento e agora estava arrependido. Homens! Mesmo os mais poderosos agiam como tolos.

— Eu acho que nunca é tarde para voltar atrás e tentar reaver a felicidade perdida. — O que eu estava dizendo? Botando ainda mais lenha na fogueira que o fizera deixar a esposa! “Destruidora de lares!” — Faz de conta que apenas adiou a decisão certa e não deixou de tomá-

la.

— Você acha mesmo isso? — Ele me fitou com muita seriedade nos olhos verdes, como se uma garota de vinte e três anos tivesse sabedoria suficiente para dar conselhos a um homem com mais de cinquenta.

— Eu acho, Sr. Walker. Corra atrás da sua felicidade, afinal, nunca é tarde para isto. Não é o que dizem?

Caralho! Destruí o casamento dele de vez. Puta merda!

— Você tem razão. Vou remediar o passado.

— Assim é que se fala.

Entramos no edifício suntuoso da Prime, o ar-condicionado nos acolhendo e logo nos tornamos alvo dos olhares indiscretos dos funcionários.

— Não ligue para eles, são uns alienados. — O Sr. Walker falou.

— Se o senhor está dizendo.

Sorrimos juntos e subimos no mesmo elevador, abarrotado de outros executivos, estes, por sua vez, disputando a atenção do chefe.

O Sr. Walker ficou no penúltimo andar, enquanto que prossegui para o último, preocupada com o atraso.

Na antessala, onde ficava Rebecca, havia uma segunda mesa, supostamente para mim.

— Bom dia. — Falei, meio sem graça.

— Aí está você. Achei que não viria mais. — Ela falou, com uma jovialidade que eu não esperava, levantando-se para vir ao meu encontro. — O chefão não nos apresentou formalmente, mas faço isso, sou Rebecca Whitney. — Estendeu-me a mão e a apertei.

— Muito prazer, sou Amber Mitchell.

— Seja bem-vinda, Amber. — Gesticulou para a mesa do outro lado da sala. — Esta é a sua mesa. Não vou te enganar dizendo que o trabalho por aqui é fácil, ou leve, porque não é. Tudo é muito corrido, mas no final, damos conta. Estou muito feliz que o Sr. Walker tenha contratado você, pois será mais ajuda. E não se intimide em perguntar algo que tenha dúvidas.

A simpatia daquela mulher era surpreendente, pois ao olhar para ela antes, eu podia jurar que não passava de mais uma perua metida, como Candice, devido ao fato de que se vestia como uma, com os terninhos caros, saltos altos, os cabelos negros sempre impecáveis.

— Obrigada, Rebecca. — Ocupei meu lugar à mesa, onde havia um moderno computador, impressora e mais papéis.

— Não precisa agradecer. Estou à disposição. Qualquer coisa é só chamar. — Olhou-me de cima a baixo. — Não estou criticando a sua forma de se vestir, nem o jeito selvagem dos seus cabelos, aliás, gosto muito das suas botas, mas você pode se sentir meio deslocada nas reuniões quando perceber que todo mundo por aqui usa roupas mais sociais.

— Eu sei. Você está certa. Eu vou mudar meu visual. Só que para isto preciso receber meu salário primeiro. — Sorri, sem graça.

— Entendi. Bem, em todo caso, se você sentir necessidade de mudar antes disso, me avisa, pois tenho muitas roupas, posso te emprestar algumas.

Ela falava com tanta franqueza e naturalidade, que não consegui me sentir ofendida, pelo contrário, eu estava agradecida que estivesse se mostrando tão prestativa, sem sequer me conhecer.

— Obrigada mesmo.

— De nada. — Com isto, voltou para o seu posto, dedicando sua atenção a digitar algo no

computador, enquanto eu me segurava para não perguntar por Joshua, ansiosa por vê-lo, saber como ele estava naquela manhã, mas não abri a boca a respeito, pois isso não ficaria bem para uma funcionária que ele acabara de contratar.

Aproveitei que ainda não sabia o que tinha que fazer ali e continuei estudando os documentos. Tratava-se de um projeto de construção de uma usina hidrelétrica em Nevada, uma das maiores do país, cuja estrutura precisava de muita precisão devido ao fato de que as regiões ribeirinhas eram povoadas e tudo precisava ser feito de modo a preservar essa população. Era um projeto tão arriscado, que dava medo de se envolver, pois o menor deslize podia ser fatal para toda uma comunidade, por outro lado, esse risco chegava a ser excitante para quem estudou Engenharia Civil.

Não fiz nada além de ler a papelada durante horas. Até que pouco antes do meio-dia, executivos engravatados começaram a entrar na sala do presidente e Rebecca me comunicou que aconteceria uma reunião, durante a qual eu devia apenas observar para ficar por dentro do que era tratado. Me alertou ainda de que nada do que fosse dito naquela sala, deveria sair de lá e compreendi que aquela era a equipe de confiança de Joshua, entre os quais estavam seu pai e seus dois irmãos, Candice e Noah.

A sala de Joshua se ligava diretamente à sala de reuniões, para onde todos se dirigiram. Ele estava sentado na cabeceira da grande mesa, com lugar para umas vinte pessoas, ao centro da sala ampla e bemiluminada. Parecia um rei ocupando seu lugar de presidente, usando o terno caro, feito sob medida, com os cabelos bem penteados, as feições sérias, muito compenetradas nos documentos que examinava.

Ao erguer o olhar dos papéis e focar diretamente meu rosto, sentada ao lado de Rebecca, na última cadeira da mesa, curvou os lábios em um meio-sorriso, dando uma rápida piscadela, que não passou despercebida ao olhar astuto de Candice.

A reunião se prolongou durante mais de uma hora, quando foram discutidos o andamento do projeto da usina assim como sua confidencialidade para com os demais funcionários da companhia. Prestei atenção em cada palavra que foi proferida e enfim me senti realmente apaixonada pela engenharia, achando a prática muito mais envolvente que a teoria, que se passava anos estudando na faculdade.

Durante todo o tempo, Candice me lançava olhares fulminantes, como se desejasse me incendiar viva, mas apenas a ignorei. Ao final da reunião, antes mesmo que todos tivessem se levantado da mesa, Noah veio falar comigo.

Nós dois éramos os únicos na sala a usar roupas casuais. Como eu, ele também se vestia de forma despojada, com jeans e camisa pólo.

— Olá. O que achou de tudo? — Perguntou, esboçando um largo sorriso ao se aproximar, sob o olhar atento de Joshua.

Sua forma de se vestir era a principal característica que o diferenciava dos irmãos. Fisicamente era bastante parecido, como se os Walker estipulassem um determinado biótipo para as crianças que adotavam. Como Candice, Noah tinha os cabelos loiros, bem curtos, com um corte da moda, meio arrepiados, os olhos eram escuros e a pele bronzeada. Se portava de forma displicente e parecia muito simpático.

— Achei muito interessante, posso até dizer excitante.

— Eu entendo como se sente. É diferente da faculdade. A emoção de saber que milhares de vidas dependem do seu trabalho.

— Exatamente.

— E quanto ao show de rock no sábado, você já decidiu se vai comigo?

— Ainda preciso falar com meus amigos. Você não se importa se eles vierem junto, não é?

— Claro que não. Vai ser ótimo se eles vierem.

— Vou falar com eles e te ligo pra dizer o que decidiram.

— Ok, fico no aguardo. Se cuida. — Com isto, seguiu a fila de executivos que deixava a sala,

apenas Candice permanecendo sentada à mesa, organizando uma papelada, ou fingindo organizá-la para prolongar sua estada ali e dar um jeitinho de ficar sozinha com Joshua depois que todos saíssem. Eu conhecia bem esse tipo de joguinho feminino, fui mestre nele no passado.

Segui a caravana rumo ao lado de fora, porém, ao passar perto do presidente, este me deteve, segurando-me a mão, sob o olhar furioso da irmã.

— Almoça comigo? — Falou, sem se importar que Candice o ouvia, seus lábios curvados em um sorriso irresistível, seus olhos azuis brilhando sobre os meus.

Eu poderia ter recusado para evitar que a loira se sentisse ainda mais magoada, mas quem podia resistir ao convite daquele homem? À chance de ficar perto dele por alguns minutos? Nenhuma mulher com sangue nas veias seria tão forte.

— Almoço. — Concordei e Candice levantou-se, saindo da sala em disparada. — Acho que ela ficou chateada.

— Foda-se. — Afrouxou o nó da gravata, inclinando as costas sobre o espaldar da cadeira, mostrando-se mais relaxado. — Sente-se. Vamos almoçar aqui mesmo, já pedi. Você sem importa?

Sentei-me, imaginando o quanto ele era pretensioso por pedir almoço para dois antes mesmo de me convidar, certo e seguro de que eu aceitaria. Ou se não aceitasse, talvez convidasse outra.

O pensamento me incomodou.

— Você pediu comida para dois mesmo antes de me convidar? E se eu não aceitasse almoçar com você? — Ao olhar para ele de perto, instintivamente, umedei os lábios, seus olhos luxuriosos registrando o gesto.

— Eu sabia que você aceitaria.

— Você é muito pretensioso.

— Eu sei. — Fez uma pausa, uma ruga se aprofundando na sua testa. — O que você estava conversando com meu irmão?

— Nada de mais. Ele me lembrou do show que vai ter no sábado. Perguntou se eu iria.

— E você vai?

Me recusei a me iludir a acreditar que ele pudesse estar com ciúmes, embora em meu íntimo eu desejasse que fosse verdade, o que não teria o menor fundamento, já que o irmão, apesar de sua boa aparência, não chegava aos pés do homem que ele era. Nenhum outro chegava. Joshua era simplesmente a fantasia mais secreta de uma mulher transformada em ser humano. Tudo nele me atraía e me excitava, desde o seu sorriso carismático, ao seu olhar penetrante. Não podia haver outro como ele.

— Ainda não decidi. Preciso ver se Kate e Dean querem ir também.

Seus olhos se tornaram duros, mas antes que pudesse se prolongar no assunto, dois garçons uniformizados entraram na sala para servir o almoço. Um verdadeiro banquete com vitela, frango, legumes e purês.

Fizemos a refeição envolvidos em uma conversa agradável sobre vários assuntos, inclusive a rotina na Prime.

— Você acha que devo mudar meu visual agora que sou sua assistente? Me vestir de maneira mais sóbria e social? — Indaguei.

— Não. Eu gosto de você exatamente como você é.

— Mas as pessoas parecem reparar em mim. São tão arrumadinhas. As mulheres têm os cabelos impecáveis. — *“Principalmente sua irmã.”*

— Não mude nada. Deixe que reparem. Além do mais, eu adoro o seu cabelo assim. É lindo. Sorri amplamente de pura satisfação.

Ao terminarmos a refeição, ele ficou em silêncio, seus olhos estreitos fitando-me fixamente por um longo momento.

— O que foi? — Indaguei.

— Estava aqui pensando no quanto seria bom se eu pudesse deitar você nesta mesa agora mesmo, tirar sua calça e enterrar minha língua na sua bocetinha.

Suas palavras me deixaram excitada e precisei abrir a boca para puxar o ar, que de súbito se tornou mais pesado.

— Você fazia muito isso aqui, nesta sala, antes de se tratar?

— Sim. Quase todos os dias.

— Com Rebecca?

— Também. E com a moça que trabalha no arquivo.

— Cada dia com uma?

— Não. Com as duas ao mesmo tempo. — Arregalei meus olhos, perplexa e divertida. — Elas adoravam se chupar na minha frente, bem aqui, em cima desta mesa, antes de darem a boceta pra mim.

Projetei a cena em minha mente e sem conseguir me conter, soltei uma gargalhada.

— Você é um perverso, Joshua Walker.

— Eu sei. Mas sou um benfeitor também. As duas agora estão casadas e fui eu quem as apresentou.

Sorri, ainda mais atônita.

— Rebecca é lésbica?

— Ela era bissexual na época que eu a comia. Acho que agora escolheu um lado apenas.

— O nosso momento vai chegar. Basta termos um pouco de paciência. — Meu sorriso se desfez. — Eu nunca tinha ido tão longe com um homem desde que tudo aconteceu. Por três anos eu não suportava ser tocada e você mudou isso em uma semana. Daqui uns dias estaremos transando em cima desta mesa. Eu prometo.

— Fico feliz em ser sua cobaia. — Disse sorrindo, para depois ficar sério. — E você foi a minha primeira.

— Primeira o quê?

— A primeira mulher com quem consegui dormir sem ter relações sexuais. Obrigado por me ajudar a manter o controle.

Quando ele agradeceu, senti o afeto inundando meu peito, um desejo absurdo de tocá-lo, de abraçá-lo apertado e provar novamente o sabor da sua boca linda. Porém, me contive, ciente do que poderia acontecer se o fizesse.

— Somos a cobaia um do outro. Estamos quites. — Completei, sorrindo e ele sorriu de volta.

Eu não sabia de onde saía tanto documento para digitar, mas o fato foi que eles me ocuparam durante toda a tarde. Neste período, Candice esteve na sala de Joshua por duas vezes, permanecendo por horas lá dentro, quando tive quase certeza de que tentava levá-lo ao descontrole, e me senti verdadeiramente temerosa de que conseguisse.

No final do expediente, me sentia exausta. Preparava-me para ir embora, quando Joshua

deixou sua sala, pela primeira vez durante aquele dia, carregando a valise de couro, visivelmente cansado. Era tão bom olhar para ele que meu corpo reagiu de imediato, meu coração batendo mais acelerado, minha alma inundando de contentamento.

— Vai pro condomínio agora? — Ele indagou.

— Sim.

— Eu te acompanho.

— Tudo bem.

Rebecca nos observou por um instante, deslocando seu olhar do rosto dele para o meu, do meu para o dele, para em seguida apressar-se em sair antes que eu terminasse de organizar minha mesa.

— Meu pai me convidou para jantar com ele. Você gostaria de vir junto? — Joshua indagou assim que entramos no elevador.

— Eu não quero me intrometer no jantar entre pai e filho.

— Você não estará se intrometendo. Sua companhia é sempre um prazer para mim e deve ser para ele também, pois foi quem me pediu para te convidar.

— Nesse caso, eu aceito.

— Ótimo.

CAPÍTULO XII

Caminhamos sem pressa para o condomínio. Joshua deixou-me na entrada do meu prédio, despedindo-se com um beijo selvagem e demorado, que abalou todas as minhas estruturas.

No horário combinado, veio me apanhar junto com o Sr. Walker, dirigindo uma Lexus prata metálica, linda e luxuosa. Jantamos em um dos restaurantes mais caros da cidade, envolvidos em uma conversa solta, agradável, quando percebi que apesar de não existir laços de sangue, havia uma forte sintonia entre Joshua e seu pai. Ambos compartilhavam da mesma opinião sobre quase tudo e deixavam transparecer que se amavam de verdade, como pai e filho, e como amigos.

Perto deles, me senti acolhida, querida, envolvida por sentimentos bons que os dois conseguiam me despertar, como se eu também fizesse parte da família.

Foi uma noite encantadora, tão agradável que não vi o tempo passar. Era mais de dez horas da noite quando retornamos ao condomínio. Joshua deixou-nos diante do prédio e seguiu para o seu apartamento, plantando-me a incerteza se o veria ainda aquela noite ou se sairia para buscar satisfação para o seu vício. A insegurança em relação àquilo me incomodava muito mais do que eu gostaria, mas foi dissipada no instante que me deitei, pronta para dormir e o telefone tocou, meu coração disparando no peito ao ver seu número no visor.

— *Estou aqui de pau duro pensando em você* — Disse, no instante que atendi.

Não era a coisa mais romântica de se ouvir, mas partindo de Joshua Walker era como dançar tango nas nuvens, considerando que, mais uma vez, ele conseguia manter o autocontrole, abrindo mão de ir se refestelar na noitada atrás de sexo devasso e em grande quantidade, para ficar comigo, mesmo que apenas por telefone.

Nos falamos durante praticamente a noite inteira, como se fôssemos íntimos há muito tempo. Sua voz gostosa falando sacanagens através da linha, me levou a ter vários orgasmos e dei a ele também, o que nos aproximava cada vez mais da consumação do ato carnalmente, pois era o que ambos queriam, e queriam muito.

Na sexta-feira, consegui chegar à Prime no horário certo e todos tivemos uma manhã cansativa de trabalho, que foi encerrada por volta do meio-dia, quando Joshua levou-me para almoçar em um restaurante no centro da cidade, para depois irmos à clínica de reabilitação, como combinamos no início da semana.

Era uma clínica especializada no tratamento de pessoas com distúrbios sexuais, como nós dois, onde havia uma grande equipe de profissionais, como psiquiatras, psicólogos, terapeutas e sexólogos.

Fomos direto para o consultório do psiquiatra com quem Joshua se tratara durante a fase em que lutou para a recuperação do seu vício em sexo, o Dr. Anthony Jones, um dos médicos mais renomados do país.

O homem calvo, barbudo e muito simpático, ouviu atentamente, fazendo uma pergunta de vez em quando, o nosso relato sobre o que aconteceu comigo e sobre o que estava acontecendo entre nós dois atualmente, detalhadamente, até as nossas noites de sexo tórrido pelo telefone foram mencionadas.

Ao final da narrativa, o médico disse o que eu já esperava ouvir: eu e Joshua éramos a cura um do outro. Podíamos nos considerar seres humanos de muita sorte por nos encontrarmos, pois muitas pessoas, com os mesmos distúrbios que o nosso, jamais conseguiam se recuperar totalmente. Acrescentou ainda que não estávamos livres de supostas recaídas, mas elas não significavam o fim

de toda a recuperação, podíamos nos erguer e começar de novo, o processo era lento e cheio de altos e baixos. Entretanto, o mais importante nós tínhamos, que era a afinidade um com o outro e a liberdade em expor os nossos problemas um ao outro sem o constrangimento que uma pessoa portadora do distúrbio sentia diante do julgamento de todos. Nos aconselhou a continuarmos exatamente como estávamos, pois seria o caminho da nossa recuperação.

Quando lhe indaguei sobre a compulsão de Joshua, afim de conhecê-la melhor, já que não era algo comum de se ver por aí e para saber como lidar com ela, o médico me explicou que era uma enfermidade muito mais comum do que eu acreditava, havia muitas pessoas portadoras da mesma compulsão, porém, a maioria não admitia ou não sabia que tinha. Explicou-me também que havia vários tipos de compulsão, tais como: o sexo compulsivo com múltiplos parceiros; fixação compulsiva na obtenção de sexo com um parceiro inatingível; masturbação compulsiva mesmo sem vontade ou com dor; compulsão por múltiplos relacionamentos afetivos e sexo compulsivo com um único parceiro. O caso de Joshua era sexo compulsivo com múltiplos parceiros, uma situação denominada de Desejo Sexual Hiperativo (DSH) ou hiperssexualidade, caso no qual o paciente desencadeia a obsessão sexual determinada por um aumento considerável na atividade sexual com compulsividade ao ato e à consumação. Em mulheres, essa compulsão era comumente conhecida como ninfomania.

As causas para esta compulsão eram diversas, no caso de Joshua foi o fato de que ele fora molestado durante a infância, pelos pais adeptos da pedofilia e como todos os pacientes portadores desta compulsão, podia alcançar a cura definitiva, com risco de recaídas acarretadas por ansiedade aguda e outros estresses que o levassem aos traumas da infância.

Entretanto, ele podia ser considerado um paciente praticamente curado, pois dera o primeiro e mais importante passo, que foi assumir que tinha problemas e estava conseguindo estabelecer a convivência com uma mulher sem ir para a cama com ela, embora corresse um risco enorme de ter uma recaída depois que o ato se consumasse, ou seja: depois que transássemos, ele podia não conseguir mais parar, voltando a procurar por múltiplas parceiras, como antes, o que me deixou nervosa, preocupada.

Quanto a mim, de acordo com o psiquiatra, precisava apenas continuar me inserindo cada vez mais no convívio social, principalmente com Joshua.

Após a longa conversa, o médico nos recomendou participar das terapias em grupos, não para absorver experiências de melhoria, mas para repassá-la às pessoas que tinham perdido a esperança de alcançar a cura, já que éramos um exemplo.

Ao deixarmos a clínica, já quase no final da tarde, eu carregava comigo a certeza de que fazia bem a Joshua, contribuindo para a sua recuperação, mas em compensação, tinha o peito angustiado pela possibilidade de que ele não conseguisse manter o autocontrole e voltasse ao vício depois da nossa primeira vez.

Como ainda era cedo e o dia estava belo e ensolarado, decidimos aproveitar o resto da tarde para caminharmos no White Rock Lake Park, apreciando as sombras das árvores, o cheiro de ar puro, a vista magnífica do lago. Sentamo-nos sobre a grama verde, recostados no tronco de uma árvore centenária e nos beijamos até perder o fôlego, antes de descansarmos nos braços um do outro, apenas observando a beleza do lugar, aproveitando a tranquilidade que ele oferecia.

— É a primeira vez que faço isso. — Disse Joshua.

— Isso o quê?

— Namorar uma garota sem arrancar a calcinha dela.

Não consegui me conter e soltei uma gargalhada, para depois me virar um pouco para o lado,

com minhas costas e minha cabeça apoiadas em seu peito largo, fitando-o diretamente nos olhos.

— Está gostando? — Perguntei.

— Pra ser sincero, não me lembro de ter sido tão feliz antes.

Meu peito inundou de contentamento, mas não resisti em fazer uma brincadeira.

— Com isto, você está me dizendo que namorar é melhor que transar?

Ele sorriu de lado, de um jeito meio safado, que deixou minha calcinha um pouco mais molhada e falou:

— Eu não disse isso, necessariamente.

Caí na risada de novo, engolfada pelo contentamento e levei minha boca à sua, maravilhada com todas as sensações lascivas que seu beijo e o contato com o seu corpo, me proporcionavam.

Mais tarde, Joshua recebeu um telefonema do pai, avisando que tinha feito uma viagem de última hora, sem revelar o destino, o que o deixou preocupado e lembrei-me da conversa que tivemos, quando deduzi que supostamente o Sr. Walker tivera uma amante no passado. Perguntei-me se não teria ido procurá-la nesta viagem, seguindo os meus conselhos. Contudo, nada falei a Joshua, para não estragar a sua paz.

Aquela noite, ele dormiu novamente no meu apartamento, na minha cama. Como da outra vez, nos beijamos, nos acariciamos e estivemos muito perto de nos entregarmos, mas, mais uma vez constatei que ainda não estava totalmente pronta e desta vez ele não se descontrolou com a minha recusa, embora se mostrasse frustrado e tenha ido ao banheiro se aliviar.

No sábado, trabalharíamos apenas até o meio-dia na Prime e iríamos ao museu durante a tarde, todavia, ao aproximar do final daquele expediente, meu desapontamento foi colossal quando Joshua deixou sua sala apressado, declarando que precisava fazer uma viagem rápida, mas que estaria de volta ao anoitecer.

Não deu muitas explicações sobre para onde ia, ou o que faria e não consegui evitar a hipótese de que foi em busca de satisfação para a sua compulsão, o que me deixou de baixo-astral, quase deprimida.

— Deve ter sido alguma coisa urgente com a população ribeirinha em Nevada. — Rebecca falou, observando meu estado de consternação, com piedade visível.

— Claro. Deve ser. — Forcei meus lábios a se curvarem em um sorriso.

— Quer companhia pra casa? — Ela perguntou. Também morava no condomínio, em uma das casas, com a esposa Annie, a garota do arquivo, que não viera hoje.

— Sim.

Rebecca falava sem parar enquanto caminhávamos de volta para o condomínio, sob o sol escaldante do meio-dia, mas eu não conseguia me concentrar no que ela dizia, minha mente tomada por Joshua e pelo o que ele podia estar fazendo agora. Meus pensamentos eram intensos e fervorosos, eu podia visualizá-lo em um quarto de motel com duas garotas peitudas, fodendo-as de todas as formas possíveis, satisfazendo seu vício, obtendo aquilo que eu não era capaz de lhe dar. Eu não tinha o direito de me sentir arrasada daquela forma, pois ele nunca me prometeu nada, não havia compromisso algum entre nós, mas o fato era que eu não conseguia evitar a angústia que se fazia em meu peito. Talvez eu devesse dar um fim naquilo, antes mesmo de começar, para evitar que me sentisse pior mais adiante.

Faltavam poucos metros para alcançarmos os portões de entrada do condomínio, quando de repente pneus de carro cantaram atrás de nós, perigosamente, e virei-me sobressaltada. Ainda com o canto de olho, de relance, vi o carro preto subindo pela calçada, vindo muito depressa em nossa direção e, agindo unicamente por reflexo, atirei-me na direção da rua, caindo de bruços no

asfalto do acostamento, o carro passando a centímetros de distância de mim, voltando para a rua mais adiante, quase batendo nos outros carros ao se inserir bruscamente no tráfego, desaparecendo com rapidez.

Com meu coração disparado por causa da adrenalina, busquei Rebecca com meus olhos e a vi grudada no muro do lado de lá da calçada larga, muito trêmula e pálida.

Logo, uma pequena multidão de pessoas se formou em torno de nós, mãos me ajudando a levantar do chão.

— Você está bem? — Alguém perguntou, uma voz masculina.

Busquei algum possível ferimento em meu corpo, mas felizmente não havia nada além de um arranhão no joelho, por sob o jeans rasgado.

— O que foi aquilo? — Perguntei, assustada.

— Algum bêbado subiu na calçada com o carro. — Uma mulher parruda falou.

— Essa cidade está ficando cada vez pior. — Alguém comentou.

— Você está bem? — Perguntei, aproximando-me de Rebecca, que mantinha as costas grudadas no muro, paralisada, com os olhos saltando das órbitas.

— Acho que sim. E você?

— Foi por pouco, mas estou inteira.

— Vocês querem ir ao hospital? — Um outro homem perguntou, de em meio à pequena multidão.

— Não precisa. Estamos bem. — Falei, pegando a bolsa de Rebecca do chão. — Alguém anotou a placa daquele imbecil?

— Não deu tempo, foi muito rápido.

— Ele deve tá muito doido pra fazer uma coisa dessas. Logo vai cometer outra tolice e a polícia o apanha. — Outro estranho falou.

As pessoas comentavam umas com as outras o absurdo do acontecido, supondo que se tratava de um bêbado ou drogado dirigindo fora de controle, até que aos poucos a multidão foi se dissipando e eu e Rebecca voltamos a caminhar para o condomínio.

Só me senti segura de novo quando entrei no apartamento, tranquei a porta pelo lado dentro e respirei várias vezes, longamente, acalmando-me. Era surreal o que acabara de acontecer. Eu e Rebecca podíamos estar mortas agora. Eu nunca fui de me queixar da vida, nem nunca me passou pela cabeça voltar para casa depois que fui para a faculdade, mas naquele momento, eu só queria estar na segurança da fazenda, perto do carinho da minha mãe, comendo a comida deliciosa da minha avó.

Definitivamente, Dallas não estava me trazendo muita sorte. Primeiro o incidente na lavanderia quase me matou e agora aquilo.

Passei toda a tarde com aquelas sensações ruins no meu coração. Sentindo que Joshua estava se esbaldando nos braços de outra ou outras mulheres, o que não era da minha conta, mas ainda assim me enchia de tristeza. E sentindo uma energia negativa que parecia me rondar, atraindo coisas ruins, como aquele carro dirigido por um louco. Eu precisava fazer alguma coisa por mim mesma, não podia ficar ali remoendo meus problemas. Sair com Kate e Dean para tomar algumas cervejas não resolveria as coisas, mas me faria esquecer-las. Assim, liguei o computador e chamei Kate na webcam.

— Está fazendo o quê? — Perguntei, quando ela apareceu com cara de sono na tela.

— Me recuperando da ressaca de ontem à noite.

Fui invadida pela saudade de ficar de ressaca quase todos os dias.

— Ainda tem gás pra hoje à noite? Estou a fim de sair. Não aguento mais isso aqui.

Kate afastou os cabelos negros, longos e lisos da frente do rosto, olhando-me com mais atenção.

— Está tudo bem?

— Sim. Quer dizer, mais ou menos.

— O que houve? — Não quis falar a ela sobre os meus problemas para não contaminá-la com o meu baixo-astral.

— Acho que é solidão. Saudade das nossas farras. Depois de umas cervejas, eu melhora.

— Deixa isso com a gente. Você prefere que vamos a Dallas ou você vem?

Nesse momento, o toque do celular ecoou pela sala.

— Já volto.

Atendi mesmo sem reconhecer o número no visor. Era Noah e apenas quando ele se identificou lembrei-me do seu convite para o show de rock.

— *E aí, já falou com seus amigos?* — Ele quis saber.

— Estou com Kate na web. Vou falar com ela. Fica na linha.

— Ok.

Voltei para a frente do computador.

— Kate o que acha de irmos a um show com várias bandas de rock, inclusive a Royal Bood, no Makerspace esta noite?

Kate quase pulou no sofá.

— Ai meu Deus! É sério isso?

— Sim, o irmão do meu chefe me convidou. Estou com ele ao telefone, aguardando a resposta.

— Do chefe gostoso?

— Ahan.

— Eu adoraria e Dean também, mas não vamos encontrar ingressos assim, em cima da hora.

— *Diga a ela que tenho quatro ingressos.* — Noah falou, deixando-me saber que podia ouvi-la, inclusive ouviu a parte do chefe gostoso. Mas eu tinha certeza que não era a primeira vez que Noah ouvia uma mulher se referir a Joshua com um adjetivo como aquele.

— Kate, ele tem quatro ingressos. Será que Dean topa ir?

— Se ele topa?! Menina, ele vai surtar com uma notícia dessas! Um show de rock no Makerspace é quase o sonho americano.

— Você ouviu isso, Noah? — Perguntei. — Eles topam. Que horas você vem me pegar?

— *Às oito está bom pra você?*

— Está sim.

— *Então até mais.*

— Até. — E encerramos a ligação.

— Ele é gato como o irmão? — Kate quis saber.

— É. De um jeito diferente, mas é.

— Eu ainda não entendi o motivo da sua cara triste. — Kate me conhecia bem. — Criatura, você está prestes a ir a um show e tanto, com um dos herdeiros da Prime Company, que ainda por cima é bonito!

— Eu não tô triste. É só a cara. — Menti.

— Eu te conheço. Sei que não. Mas deixa eu chegar aí que eu te animo. Agora vou ao salão. Quero arrasar esta noite. Aproveita e faz o mesmo. Até daqui a pouco.

Continuei meio desanimada pelo resto da tarde, fantasiando que a qualquer momento a campanha tocaria e eu abriria a porta para Joshua, mas não aconteceu. A noite caiu e nem sinal

dele. Assim, escolhi um vestidinho preto de um ombro apenas, curto e justo e vesti, complementando o traje com as botas de couro, com canos até os joelhos e saltos altos. Passei um pouco de maquiagem, domei a juba com um pouco de gel e estava pronta.

Aproximava-se das oito horas quando Kate e Dean chegaram, animados como sempre, e às oito em ponto o porteiro me ligou para avisar que Noah havia chegado, quando optei por descer ao invés de mandá-lo subir.

O encontramos saguão, usando uma camiseta preta, com a imagem de uma das bandas que se apresentaria aquela noite na frente, jeans e tênis. Tinha os cabelos loiros arrepiados como sempre e um largo sorriso estampado no rosto. Seus olhos escuros brilhantes varreram-me de cima a baixo.

— Uau! Você será a garota mais bonita do show. — Disse.

— Obrigada, Noah. Você também está bonito. — Gesticulei para Kate e Dean, que o observavam com curiosidade. — Esses são meus amigos Kate e Dean. Gente esse é Noah Walker.

Houve apertos de mãos, troca de palavras gentis, antes que deixássemos o condomínio, Noah e eu na sua BMW na frente, Kate e Dean no Fox logo atrás de nós, rumo ao local do show.

CAPÍTULO XIII

Desde o início daquele projeto, eu sabia que teríamos problemas com a população que povoava as margens do rio onde seria construída a hidrelétrica em Nevada, não foi novidade quando um dos nossos funcionários telefonou para avisar sobre o movimento que eles faziam, exigindo uma indenização maior que a combinada para ceder espaço em seu terreno para passagem do nosso maquinário.

Era sábado, quase final do expediente e eu tinha combinado de ir ao museu com Amber, mas não podia deixar de ir a Nevada resolver este problema, pois aquela gente conseguia ser agressiva quando decidia ser. Da última vez que fizeram uma manifestação exigindo os direitos que acreditavam ter, dois dos nossos operários foram gravemente feridos. Eu precisava conversar e negociar com eles pessoalmente, essa era uma das exigências que faziam.

Assim, deixei a Prime às pressas, sem tempo de explicar a situação a ninguém, já que seriam mais de três horas de voo até as proximidades de Reno.

Chegando lá, constatei que a situação estava mais lastimável do que eu esperava, os integrantes das comunidades ribeirinhas tinham interditado a estrada que dava acesso aos nossos caminhões até o local da construção, interrompendo o transporte do maquinário.

Merda! Eu devia ter agido como um covarde e comprado as terras deles por um preço abaixo do custo, assim estaria livre desses problemas.

Depois de horas de conversa, consegui finalmente entrar em um consenso com o presidente da comunidade, dando um pequeno aumento na indenização, entretanto, deixei claro que se houvesse novas interdições eu faria uso do direito que o governo me daria de me apropriar das suas terras por um preço muito mais acessível.

Era noite quando cheguei de volta a Dallas. Ansioso por ver Amber, a mulher que se tornou o bálsamo para as minhas dores, o calmante para a minha ansiedade e o alvo da minha obsessão. Fui direto para o apartamento dela no Prime Condominium, constatando que ela não estava.

Onde estaria àquela hora da noite?

Pensamentos raivosos me tomaram, junto com aquele detestável sentimento de posse que me enfurecia ao imaginar outro homem a tocando, como se ela fosse minha, quando na verdade tê-la não passava de uma fantasia, que ao ser realizada, deixaria de existir e então ela estaria magoada e eu de volta ao terror de passar minhas noites em busca de sexo com várias parceiras diferentes, para ficar deprimido no dia seguinte e continuar procurando por mais, como era no passado. Pelo menos, de acordo com a explicação do psiquiatra, poderia ser assim depois que eu a tivesse.

Irritado, liguei para o celular dela, um barulho ensurdecador de música agitada me impedindo de ouvi-la quando atendeu.

— Onde você está? — Perguntei.

Ela proferiu um punhado de palavras que se tornavam quase inaudíveis misturadas ao som frenético da música, mas pude compreender que tinha ido ao show de rock para o qual meu irmão a convidara no Markerspace, o que me deixou ainda mais furioso.

— Fala mais alto, não estou te entendendo. — Ela gritou e percebi que não estava me ouvindo. Droga!

Imaginei Noah pondo suas mãos nela e a fúria cega me tomou, de modo que desliguei o aparelho de supetão, quase o esmagando. Puxei o ar para os meus pulmões e soltei devagar, tentando me acalmar, afastando a ansiedade que poderia me levar por caminhos perigosos. Cogitei ir até o maldito show procurá-la, mas eu não podia interferir na sua vida desta forma. Amber era jovem, linda, inteligente, merecia ser feliz e eu não podia dar essa felicidade a ela, já que não passava de um doente fodido, mas o meu irmão podia. Noah podia ser considerado o cara normal da nossa família, sem distúrbios emocionais, pacífico e bom, isso sem mencionar que combinava perfeitamente com Amber, era possível enxergar isso claramente quando os dois estavam juntos, afinal, tinham a mesma idade, se vestiam da mesma forma despojada e tinham os mesmos gostos. Ele era o homem certo para fazê-la feliz e eu não tinha o direito de interferir nisso, pois só lhe levaria problemas.

Minha presença em sua vida acarretaria seu sofrimento, essa era uma certeza que eu tinha. Ela me queria assim como eu a ela, eu sabia disso da mesma forma que estava ciente também de que seríamos um do outro, sem que eu me envolvesse, pois eu nunca me envolvia, esse era meu carma, mas ela talvez se envolveria. E mesmo que a teoria do psiquiatra estivesse errada e eu conseguisse manter um relacionamento com ela, em algum momento eu teria uma recaída, a deixaria para ir a procura de satisfação nos braços de outras que nada representavam para mim. Não importava em quanto tempo, o fato era que aconteceria e qualquer mulher que se envolvesse comigo terminaria como Candice, ou pior.

Nervoso, passei os dedos através dos cabelos e deixei o pequeno prédio de dois andares, decido a ir para o meu apartamento, tomar um banho frio, ler um pouco, quem sabe assistir alguns filmes e dormir.

Todavia, eu sabia que não seria assim, se continuasse me sentindo o lixo que eu era, começaria por buscar pornografia na internet e terminaria me esbaldando em um motel com alguma, ou algumas, desconhecidas.

Merda! Merda! Merda! Por que as coisas tinham que ser assim? Por que eu tinha que ser esse maldito filho da puta anormal que não possuía o controle sobre si mesmo? Amber não era uma garota qualquer, eu a queria de uma forma diferente, especial, com carinho, como eu jamais me senti em relação a outra mulher. Não era apenas tesão, embora meu tesão por ela fosse absurdamente grande. Entretanto, gostar dela de uma forma diferente, não me dava o direito de ir lá e estragar as coisas entre ela e meu irmão, estragar uma chance que ela tinha de ser feliz.

Definitivamente, eu não tinha esse direito, precisava deixá-la viver e ter um relacionamento normal, algo que eu jamais poderia lhe dar.

Com a ansiedade crescendo perigosamente dentro de mim, tomei banho e vesti apenas um moletom, me apegando a um ilusório vestígio de esperança de que as roupas confortáveis, unidas ao cansaço físico, me motivassem a ficar em casa.

Servi-me de uma dose de uísque e comecei a caminhar de um lado para o outro da grande sala, ansioso, nervoso, descontrolado, não por sexo com qualquer uma, como sempre foi, mas por Amber. Eu tentava direcionar meus pensamentos para outra direção qualquer, mas apenas o rosto lindo dela me vinha à mente, seu sorriso espontâneo, sua voz gostosa, o sabor dos seus lábios.

Por fim, perdi o controle e fui para o meu quarto correndo. Rapidamente, troquei o moletom por jeans e jaqueta. Ainda correndo, fui para o meu carro e deixei o condomínio, indo para o local do show. Que se fodesse o mundo, que se fodesse tudo, Amber seria minha e não me importava o resto.

Encontrei o imenso clube recém-inaugurado abarrotado de gente, em sua grande maioria jovens

que se balançava freneticamente ao sabor da música agitada, de modo que ficava difícil se locomover ali dentro, que dirá encontrar Amber. Mas eu não desistiria, já tinha vindo até aqui, não mais recuaria.

Assim, procurei incansavelmente, por cada metro quadrado do lugar, até que a avistei de longe, linda como uma miragem, usando um vestido preto muito curto e justo e as botas que a deixavam ainda mais atraente, irresistivelmente. Dançava em um ritmo frenético com seus cabelos cacheados, rebeldes, balançando de acordo com os seus movimentos. Não havia um só homem por perto que não olhasse para ela, com cobiça, atijando a raiva dentro de mim, dando-me a sensação de que cobiçavam algo que me pertencia.

Noah e o casal de amigos dela dançavam ao seu lado e uma veia pulsou mais forte em meu pescoço quando meu irmão segurou-lhe a mão para ajudá-la a rodopiar. Pelo visto, ela não tinha perdido a fobia só pelo meu toque.

Avancei para eles como uma fera descontrolada, cego pelo sentimento de posse que eu não fazia ideia de onde vinha. Sem pensar, me inseri entre ela e Noah, afastando-os, tomando-a em meus braços, buscando sua boca com a minha, com uma sofreguidão meio louca. Eu não queria apenas beijá-la, embora todo o meu corpo suplicasse por isto, eu queria também mostrar ao meu irmão a quem ela pertencia.

Pega de surpresa, Amber manteve os lábios cerrados, atônita, tentando entender, até que aos poucos se rendeu e me beijou de volta, sugando minha língua, colando seu corpo no meu, despertando o animal que existia dentro mim, uma forte corrente de calor me tomando inteiro, minha ereção se fazendo firme e dolorida.

Nos beijamos até quase perder o fôlego. Quando a soltei, ela fitou-me no rosto com seus olhos verdes brilhantes, carregados de luxúria e de afeto, abrindo a boca para puxar o ar, sorrindo amplamente, o contentamento evidente nas suas feições.

Por Deus! Como ela era linda. Tinha um tom de pele dourado como eu nunca vi antes, seu rosto era perfeitamente desenhado, com traços delicados e femininos, contrastando com os cabelos selvagens, cacheados, que me fascinavam.

Olhei para o meu irmão, que interrompeu sua dança para nos observar, os olhos brilhando de raiva, o cenho franzido.

— Foi mal, cara. — Falei, dando-lhe um tapinha nas costas, mas ele continuou emburrado, embora voltasse a dançar.

— Onde você estava? — Amber indagou, ainda sorrindo, precisando gritar para que sua voz se tornasse mais audível que a música.

— Fui a Nevada conter uma revolução da população ribeirinha. Não deu tempo de explicar antes de sair.

Ela sorriu ainda mais amplamente, seus olhos brilhando sobre os meus e voltou a me abraçar, enterrando seus dedos nos meus cabelos na altura da nuca, torturando-me com um tesão que não seria saciado, mas era uma tortura prazerosa que eu queria demais, como tudo o que vinha dela.

Apenas quando nos desgrudamos de novo, percebi que éramos alvo da observação dos seus amigos, quando então, Amber nos apresentou formalmente.

— Você gosta de rock? — Amber precisava gritar para que eu a ouvisse.

— Até que não, mas posso suportar.

Ela soltou uma gargalhada e voltou a dançar, balançando o corpo com muita sensualidade dentro do vestido pequeno, atijando a luxúria que me tomava.

Eu detestava dançar, mas para ficar perto dela sem estragar sua diversão, eu arrisquei alguns

passos e passamos a nos mover juntos, muito próximos, como fizemos no bar do condomínio, com a diferença de que desta vez eu podia tocá-la, seu corpo roçando no meu de vez em quando, deixando-me cada vez mais excitado, enquanto Noah continuava nos observando muito emburrado.

Amber sabia como deixar um homem louco e estava fazendo isso comigo, esfregando seu corpo no meu enquanto dançava, cada homem que passava por nós me invejando. As luzes coloridas partidas em flashes do alto da pista de dança a deixavam ainda mais irresistível, muito sexy, com seus cabelos selvagens balançando de acordo com os movimentos. Eu estava totalmente enfeitiçado, sem conseguir desviar meus olhos e minhas mãos dela.

Finalmente eu conseguia, pela primeira vez na minha existência, ficar excitado e não perder completamente o autocontrole, mesmo quando segurei Amber pela cintura e ela se virou de costas para rebolar a bunda no meu pau, eu consegui manter-me firme no lugar, sem a necessidade de procurar um banheiro para me aliviar, como aconteceria normalmente.

De vez em quando, um de nós ia ao bar em busca de cervejas e quando chegou a sua vez, Noah voltou acompanhado por uma morena linda, da idade dele, o que me deixou ainda mais à vontade e tranquilo.

— Vocês formam um casal lindo. — Kate alterou a voz para falar, observando-nos na pista.

— Obrigado.

Apesar de o rock não ser meu estilo preferido de música, me diverti como em poucas ocasiões, dançando com Amber, beijando-a e abraçando-a, sem ver o tempo passar. Era bem tarde, quando finalmente tocaram uma música lenta e juntei-me a ela para nos embalarmos ao sabor da canção, abraçando-a pela cintura, puxando-a para mim, seu corpo quente e gostoso colando-se todo ao meu, de cima a baixo, suas mãos alcançando a minha nuca, acariciando-a, seu cheiro gostoso me inebriando e o mundo à nossa volta simplesmente parecia ter deixado de existir.

Movido por meus instintos mais primitivos, levei minha boca à pele macia do seu pescoço, deslizando os lábios ali, sentindo seu braço arrepiando de encontro ao meu. Necessitando de um contato mais íntimo, como um viciado necessitava da sua droga, busquei sua boca com a minha e a beijei com aquela fome descontrolada que jazia dentro de mim, apertando-a com mais força, pressionando minha ereção no seu ventre liso, por sob as roupas, engolindo o gemido que partiu da sua boca.

— Vamos sair daqui. — Falei no seu ouvido, antes de morder o lóbulo da sua orelha.

— Acho que Noah vai ficar puto comigo.

— Na verdade, eu acho que ele já está.

Ela sorriu.

— Nós somos dois desalmados.

— Eu vi você primeiro. O intrometido da história aqui é ele. Aliás, por que você saiu com ele?

— Eu fiquei chateada por você ter saído sem me dizer para aonde ia.

— Eu estava com pressa.

— Eu sei.

Ela plantou uma trilha de beijos da minha orelha até meu queixo, mordiscando-o levemente, deixando-me a ponto de explodir dentro da calça.

— Ah... Amber, eu te quero esta noite, não me faça esperar mais, estou a ponto de ficar louco.

— Foi a minha vez de beijá-la, desta vez na orelha, passando a ponta da minha língua. — Vem comigo, vamos pro meu apartamento.

— E se eu não conseguir ir até o final de novo?

— Então a gente para. Você sabe que podemos parar. — Mordisquei novamente sua orelha, apertando-a mais forte contra mim, até que ela arfou, excitada.

— Preciso avisar Kate e Dean.

Ela afastou-se para trocar algumas palavras com os amigos e com Noah, que já não parecia tão furioso dançando com a garota morena, depois segurou-me a mão, para que juntos deixássemos o lugar, abrindo passagem por entre as pessoas.

Do lado de fora, no enorme estacionamento, já não se podia ouvir as músicas tão altas, o que foi um bálsamo para meus ouvidos. O lugar imenso, abarrotado de carros, estava escuro e deserto, quando então, várias fantasias eróticas se projetaram em minha mente, sem que eu conseguisse evitar, pois estava excitado demais, quase fora de controle. Mentalmente, pude ver-me possuindo Amber de todas as formas possíveis naquele lugar escuro, sobre o capô do carro, em pé e apoiados no muro e foram tais pensamentos que me impulsionaram a atacá-la no instante em que nos aproximamos do meu carro, um dos últimos da fila, pressionando meu corpo no seu, aprisionando-a contra a lataria do veículo cor de prata, minha boca buscando a sua, com fome, com urgência.

Esperei que ela se negasse, que me empurrasse, mas Amber beijou-me de volta, com a mesma sofreguidão, chupando minha língua, deixando-me chupar a sua, esfregando seu corpo delicioso no meu, me fazendo perder o controle de vez.

Movido pelo tesão insano que me engolfava, enfiei minha mão sob a saia curta do seu vestido, acariciando o interior da sua coxa, subindo até o seu sexo quente, tocando-o por sob o tecido delicado da calcinha, sempre esperando que ela me impedisse, mas em vez disso ela arquejou excitada, o que incentivou-me a continuar.

Louco de desejo, afastei a calcinha frágil para o lado e a toquei mais intimamente onde desejei tocá-la desde a primeira vez que a vi, meus dedos deslizando sobre sua carne macia, quente, totalmente depilada, se lambuzando na sua umidade antes de massagear seu clitóris intumescido, seu corpo reagindo ao toque, estremecendo violentamente.

Minha nossa! Como era bom senti-la, saber que ela seria minha.

Sem afastar minha boca da dela, eu usei minhas pernas para abrir as suas e introduzi um dedo na sua vagina quente, molhada e apertada, quando então ela arfou novamente, deixando claro que estava pronta para mim, sem que palavras fossem necessárias para que eu soubesse.

Com minhas mãos ligeiramente trêmulas pela excitação, abri o zíper da minha calça, tirando meu pau muito duro de dentro da cueca, para depois espalmar minhas mãos na sua bunda, erguendo-a do chão, nivelando nossos sexos, eu me encaixei entre suas pernas, torturado pela necessidade urgente de estar dentro dela.

Amber abraçou meus quadris com suas pernas, a saia do seu vestido subindo até a cintura, seus dedos se enterrando nos meus cabelos, como se me desse autorização para seguir em frente.

— Você quer que eu continue? — Sussurrei contra a sua boca, apenas para ter certeza.

— Sim... — Sua voz estava entrecortada pela respiração muito pesada.

E foi assim que entrei nela, me enterrando devagar, inteiro, até a raiz, sua vagina apertada engolindo o meu pau, tão deliciosamente, que um gemido alto saiu dos meus lábios, misturando-se com o dela.

— Puta merda! Como esperei por esse momento. — Minha voz saiu num grunhido.

Movido pela lascívia, puxei meu pau e o enterrei novamente no seu canal estreito e quente, desta vez com força, minha pélvis chocando-se com a sua, um gritinho saindo da sua boca. Estoquei novamente e novamente, até chegar ao ponto que não conseguiria parar enquanto não alcançasse

a minha satisfação, o que não demoraria muito, já que eu estava excitado demais, esperando por ela há tempo demais.

CAPÍTULO XIV

Recostados na porta do seu carro, no estacionamento deserto do Markerspace, Joshua entrava e saía de mim cada vez mais depressa, estocando duro, de forma brusca e selvagem, levando-me a uma alucinante perdição da qual eu jamais queria sair, me fazendo gemer alto do mais puro prazer, incendiando-me de luxúria, me fazendo sentir viva como nunca me senti antes.

Por Deus! Como eu tinha esperado por aquele momento, por ser possuída por ele e agora que meu corpo finalmente aceitava ir até o final, eu nunca mais queria parar, queria e precisava tê-lo dentro de mim, como uma viciada necessitava da sua droga.

Alucinada de tesão, enfiei minhas mãos sob a sua jaqueta, enterrando minhas unhas crescidas nos músculos bem-definidos das suas costas, sentindo seu corpo másculo e grande vibrando inteiro contra o meu, o que contribuiu para o crescimento da minha loucura.

Joshua interrompeu o beijo para levar sua boca à pele do meu pescoço, plantando um rastro de beijos e lambidas de lá até o meu colo, mordiscando um dos meus peitos por sobre a malha do vestido. Depois, fitou-me diretamente no rosto, seus olhos mais escuros que o normal, suas feições contorcidas de prazer, sua boca linda aberta para puxar o ar.

— Porra, gata, isso vai ser muito rápido... eu estou com muito tesão. — Falou, a voz arrastada pela respiração pesada. — Goza comigo, Amber...

Ele não precisou falar duas vezes, enlouquecida, abri um pouco mais minhas pernas, recebendo-o ainda mais fundo, mais duro, mais gostoso e foi assim que cada músculo do meu corpo se retesou, para que depois o êxtase me arrastasse, me fazendo vibrar e convulsionar em seus braços, gozando muito gostoso, sentindo-me verdadeiramente viva.

Eu começava a ficar mole, quando chegou a vez de ele gozar e o fez, soltando um único gemido, seus espasmos se fazendo dentro de mim tão fortes, que pude senti-los contra as paredes da minha vagina e explodi novamente, gozando pela segunda vez, como uma descontrolada, enquanto seu sêmen me enchia, quente e viscoso.

Quando a tempestade de sensações passou, nossos olhos ainda estavam presos nos do outro e juntos sorrimos, do mais pleno contentamento, eu ainda montada em seus quadris, presa entre seu corpo e o carro, ele ainda dentro de mim.

— Isso foi perfeito. — Sussurrei, minha respiração muito ofegante.

— Não foi, está sendo.

Sem se retirar do meu interior e sem que eu esperasse, ele nos levou para a frente do carro, deitando-me de costas sobre o capô, seus olhos fervorosos presos aos meus, devorando-me com fome.

Ergueu o seu corpo e deu uma única estocada dentro de mim, deixando-me saber o quanto ainda estava duro, o que foi suficiente para que eu perdesse o juízo de novo e não conseguisse mais assimilar qualquer pensamento, mas apenas sentir, e o sentia me tomando toda com sua selvageria e sua deliciosa masculinidade.

Usou as duas mãos para descer meu vestido até a cintura, desnudando meus seios, observando-os com cobiça, a expectativa de sermos apanhados a qualquer momento deixando tudo ainda mais excitante.

— Linda... — Ele sussurrou, devorando meus seios com olhos de luxúria, para depois trazer sua boca até um deles, passando a ponta da sua língua sobre meu mamilo, antes de começar a sugá-lo, tão gostoso que os gemidos partiam sem controle dos meus lábios, o tesão me incendiando

inteira.

Levou a boca para o outro peito, ao mesmo tempo que enterrava seus dedos nos meus cabelos, no ápice da minha cabeça, fazendo pressão para baixo, enquanto empurrava seu pau dentro de mim, de modo que eu estava toda tomada por ele, frágil e subjugada sob seu corpo grande, prisioneira do meu e do seu desejo.

Joshua chupava meus peitos com uma fome descomedida, a medida que metia em mim cada vez mais forte, mais fundo, enlouquecendo-me de prazer.

Putá merda! Como algo podia ser tão bom?

Enlouquecida, rebolei meus quadris debaixo dele, abraçando-o com minhas pernas, sentindo-o ainda mais fundo, me empurrando com força lá dentro, me enlouquecendo cada vez mais.

Implacável, Joshua ergueu-se o bastante para tirar sua jaqueta, abaixou um pouco mais o seu jeans, pendurou minhas pernas em seus ombros, segurou-me na altura dos peitos, imobilizando-me, e meteu com toda a força, fazendo muita pressão, socando rápido, em um vai e vem incessante, que podia facilmente me levar à loucura.

Ensandecida, meu corpo começava a se contrair novamente, anunciando a chegada de mais um orgasmo, quando ouvimos vozes e risos de pessoas aproximando-se.

— Merda! Eu não vou parar agora. — Ele grunhiu.

Com agilidade e ainda dentro de mim, Joshua tirou a chave do carro do bolso do seu jeans, para em seguida erguer-me do capô, colando meu corpo no seu, carregando-me para a lateral do veículo, onde abriu a porta e nos colocou para dentro, sentando-se no banco do motorista, comigo montada em seu colo. Empurrou o assento para trás, dando-nos mais espaço, segurou meus quadris dos dois lados e me fez me mover sobre ele, para cima e para baixo.

— Rebola no meu pau, gostosa, me deixa te encher de leite de novo.

Uau! Aquilo não era um homem e sim uma máquina sexual.

Excitada e obediente, apoiei minhas mãos em seus ombros e movi-me freneticamente sobre ele, seu pau entrando e saindo da minha vagina, depressa, me abrindo inteira, quase me partindo ao meio com seu tamanho.

Agindo como o esfomeado que era, Joshua colocou um dos meus peitos na boca, chupando e lambendo ao mesmo tempo, deixando-me ainda mais doida, suas mãos me ajudando a me mover em seu colo, em um ritmo cada vez mais acelerado, a luxúria me dominando, me fazendo incendiar, até que tudo se concentrou na altura do meu ventre e eu explodi mais uma vez, gozando em cima dele, convulsionando descontroladamente.

Desta vez, Joshua gozou junto comigo, seus espasmos se misturando aos meus, seu rosto muito lindo contorcido de prazer, seu leite quente me enchendo um pouco mais, até que ficamos moles no assento e sorrimos juntos, tomados pelo mais perfeito júbilo.

Mesmo depois que a tempestade de emoções se esvaiu de nós, não consegui sair de cima dele, como se uma força magnética me prendesse ao seu corpo. Na verdade, eu me flagrei querendo mais, muito mais, como jamais aconteceu comigo quando eu tinha uma vida sexual.

Definitivamente, Joshua tinha o poder de me transformar em uma pervertida.

— Eu não consigo parar de te querer. — Ele sussurrou, com a voz rouca, traduzindo em palavras exatamente o que eu sentia.

Então, encheu sua mão com os meus cabelos e puxou meu rosto para o seu, tomando-me a boca com uma paixão visceral, uma fome descomedida, à qual correspondi fascinada, extasiada.

Sua outra mão passeou pelo meu corpo seminu, devagar, mas quando começávamos os movimentos, o farol de um carro estacionado diante do dele bateu sobre nós e tivemos que parar,

ou seríamos presos por atentado ao pudor.

Sem conseguir parar de sorrir, cometi o sacrifício de desgrudar dele, pulando para o outro banco, ajeitando o vestido que se enroscava na minha cintura. Ainda sob a claridade do farol, antes que ele fechasse o zíper da sua calça, observei rapidamente seu pau, muito grande e grosso e fiquei com água na boca, me perguntando como tudo aquilo coube dentro de mim.

— Precisamos sair daqui. — Ele falou, com bom humor, seus olhos brilhando como duas joias preciosas.

— A sua jaqueta está lá fora.

— Não tem problema, é só uma jaqueta. — Ligou o carro e deu a partida, manobrando devagar entre os outros automóveis, na direção do portão de saída. — Você toma anticoncepcional? — Perguntou com naturalidade.

— Sim. — Deixamos o estacionamento do clube, nos inserindo no tráfego tranquilo daquela madrugada de domingo, sem que eu conseguisse enxergar mais nada que não seu corpo nu, dos quadris para cima, o tórax másculo formado por músculos perfeitos e bem-definidos, os braços fortes, o abdômen sarado. Não havia pelos em seu peito, apenas uma estreita e tentadora trilha que partia do seu umbigo e desaparecia no cócs da calça, capaz de levar uma mulher a imaginar mil coisas.

— Desde quando você toma?

Compreendi que ele estava surpreso por eu usar contraceptivo mesmo sem ter uma vida sexual há anos.

— Desde que vim pra Dallas. — Ele fitou-me, ainda mais surpreso. — Nunca se sabe, né? — Completei, dando de ombros.

Fomos direto para o apartamento dele no condomínio, quando descobri que do lado de dentro, a pequena torre negra era ainda mais sinistra que do lado de fora. O primeiro andar inteiro servia como garagem, onde havia pelo menos uns oito carros, todos de modelos caros. O segundo e último andar era a moradia. A única sala era imensa, decorada com pouquíssimos móveis, o que a tornava ainda maior. Havia apenas um jogo de sofá sóbrio de couro, uma estante com os aparelhos eletrônicos, um bar em mogno e vidro a um canto. O que realmente chamava a atenção ali eram as paredes, todas de vidro transparente, de modo que mesmo à noite, como agora, podíamos enxergar o lado de fora sem sermos vistos por quem não estava lá dentro. Era algo que eu nunca tinha visto antes.

— Esse lugar me faz lembrar aquela cidade perdida do filme “Kongo”, com todos aqueles olhos nas ruínas para avisar de que os intrusos estavam sendo vigiados. — Falei e Joshua soltou uma sonora gargalhada.

— Muito lisonjeiro da sua parte. Obrigado.

— Disponha.

No instante que fechei a boca, ele avançou para mim, agarrando-me pela cintura, tomando-me a boca em um beijo esfomeado que me deixou sem fôlego, suas mãos grandes passeando pelo meu corpo, se infiltrando sob o meu vestido.

— Agora quero te comer bem devagar, bem ali, naquele sofá. — Virou-me de costas para si, lambendo minha orelha por trás, enquanto cobria meu peito com uma mão por sobre o vestido e enfiava a outra sob minha saia, despertando o calor gostoso que se alastrava depressa pelo meu sangue agitado. — Não reclame se ficar dolorida por uns dias, vou te dar uma pequena lição por me fazer esperar tanto tempo. — Com isto, deu um tapinha na minha bunda, arrancando-me um gritinho de susto, ao mesmo tempo que puxava meus cabelos por trás, escorregando sua boca

molhada pela minha garganta, pressionando meu sexo por sobre a calcinha.

Senti sua ereção se formando contra minha bunda e a pressionei contra ela, louca, excitada, quando de súbito, Joshua me soltou, afastando-se.

— Caramba! Eu sou mesmo um animal. Nem perguntei se você quer beber ou comer alguma coisa. — Ele passou os dedos entre os cabelos, como costumava fazer quando estava nervoso. — Você deve ter saído sem jantar. Deve ter alguma coisa aqui na geladeira. — Fez menção de ir para a cozinha, quando minha voz o deteve.

— Não estou com fome. Não de comida. — Seus olhos brilharam sobre os meus.

— E beber alguma coisa, você quer?

— Não. Na verdade, estava mais animada com a ideia do sofá.

Lentamente, seus lábios se curvaram em um sorriso amplo, uma malícia excitante se refletindo em seu olhar, para que logo ele voltasse para mim, saqueando-me a boca com fome, com volúpia, suas mãos passeando livres pelo meu corpo, as minhas pelo dele, meus dedos percorrendo o contorno dos seus músculos bem-feitos, fascinantemente.

Com seu corpo colado ao meu de cima a baixo, Joshua continuava explorando meu corpo com as mãos, apertou minha bunda com força, para depois se enfiar sob a saia curta, se arrastando para dentro da minha calcinha, massageando meu sexo muito lambuzado pelo seu e pelo meu gozo.

Com um gemido de puro prazer, abri mais minhas pernas, permitindo que ele enfiasse um dedo na minha vagina muito escorregadia, movendo-o em vai e vem dentro de mim, deixando-me louca de tanto tesão.

— Que delícia... toda meladinha...

Ele envolveu meus lábios vaginais entre seus dedos e os esfregou um no outro, para em seguida massagear meu clitóris, enquanto sua boca devorava meus gemidos de súplica.

Sem separar sua boca da minha, usou o seu corpo grande para me conduzir até o sofá e acomodar-me sobre o estofado de couro, inclinada sobre o braço, quase deitada. Depois, desnudou os meus seios, escorregando o vestido para baixo e colocou sua boca deliciosa em um deles, mordendo meu mamilo duro antes de chupar.

— Ah... delícia... — Sussurrei, cheia de tesão, enterrando meus dedos em seus cabelos curtos.

Com facilidade, ergueu a saia do meu vestido até a minha cintura, arrancando a calcinha frágil com apenas uma mão, para depois abrir minhas pernas, contemplando, com olhos sedentos, o meu sexo completamente arreganhado à sua frente.

— Isso aqui sim é uma delícia... vou me acabar nessa bocetinha...

Com isto, apoiou uma das minhas pernas, encolhida e ainda com a bota, no espaldar do sofá, afastando a outra para o lado oposto, até que o salto da bota tocasse o chão e assim, sob meu olhar, trouxe sua boca para mim, lambendo-me bem ali no meio das pernas, com muita experiência, sua língua ávida se movendo depressa sobre meu clitóris, antes que seus lábios o sugassem de leve, levando-me à beira da loucura, a uma insanidade gostosa, da qual eu nunca mais queria sair.

Eu gemia alto, enquanto observava Joshua chupando a minha boceta com maestria, enlouquecendo-me de prazer, me tornando uma viciada, uma devassa. Em algum momento, ergueu seu olhar para fixar o meu rosto, quando pude ver o brilho de satisfação brincando na sua expressão, deixando claro que ele sabia exatamente o estava fazendo comigo, era mestre naquela arte.

Cada vez mais tomada pela luxúria, eu enterrei novamente meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, meu corpo se contraindo inteiro, anunciando a chegada do gozo,

quando então ele parou, trouxe sua boca para a minha e quase me devorou, sugando minha língua como um esfomeado.

— Agora me mostra o que você sabe fazer com essa boquinha. — Ele levantou-se, livrando-se muito rapidamente do seu jeans e da cueca, o pau muito duro saltando para fora. Era maior do que eu tinha constatado, muito grosso, com veias protuberantes, tão atraente que me dava água na boca.

— Você tem um belo pau. — Falei.

— E é todinho seu.

Ele se colocou em pé diante de mim, de modo que precisei apenas me virar de lado para abocanhar aquela maravilha, passando minha língua em volta da glândula, devagar, torturando-o com a expectativa antes de colocá-lo na boca e mesmo empurrando o mais fundo que consegui, levando-o até a minha garganta, ainda não o tinha inteiro em minha boca.

Putá merda! Ele era muito grande e gostoso.

Chupeí com uma fome quase descontrolada, levando-o até o fundo da minha garganta, trazendo de volta, refazendo o percurso, para depois passar minha língua ao redor, no saco e recomeçar tudo, extasiada com o tamanho e com o sabor.

Entre um gemido e outro, Joshua inclinou-se para mim, levando sua mão para o meio das minhas pernas ainda abertas, tocando meu sexo, ora massageando meu clitóris completamente duro, ora fodendo a minha vagina com seus dedos, e para me deixar ainda mais doida, deu alguns tapinhas no meu clitóris, quando quase gritei por mais.

Que homem gostoso do caralho! Queria ser dele todo dia.

— Vem cá... agora vou te comer bem gostoso...

Segurou-me pelos ombros, puxando-me para cima, beijando-me na boca, com aquela forma selvagem e faminta que apenas ele sabia fazer. Depois, virou-me de costas, de modo que fiquei ajoelhada no sofá, com as mãos apoiadas no espaldar.

Joshua agarrou-me por trás, na altura do torso, mantendo seu braço e sua mão sobre meus seios, enquanto usava a mão livre para esfregar seu pênis sobre o meu sexo lambuzado, provocando-me, me fazendo abrir mais as pernas e empinar o traseiro, excitada, ansiosa por senti-lo inteiro dentro de mim.

Devagar, ele me penetrou, me enchendo inteira, sua virilidade escorregando na minha carne molhada, tão deliciosamente que deixei escapar um gemido alto.

— Ahhh que tesão... — Soltei e ele sibilou em resposta.

Sua mão livre segurou firmemente os meus cabelos, imobilizando-me, para que logo sua boca gostosa viesse para a minha orelha, mordiscando e lambendo, levando-me àquela deliciosa insanidade que eu já considerava parte de mim.

Eu o buscava mais forte com os meus quadris, arremetendo-os para trás, mas Joshua parecia determinado a me torturar e continuava movendo-se muito lentamente dentro de mim, em vai e vem, por vezes tirando o pau para meter novamente, indo fundo, girando.

Não que fosse ruim aquele ritmo lento, pelo contrário, tudo o que ele fazia era bom, mas eu precisava de estocadas fortes para saciar aquela fome devastadora que ele me despertava.

CAPÍTULO XV

— Me diz como você quer, Amber... — Sua voz saiu rouca, sussurrada em meu ouvido.

— Quero forte...

Ele deu uma estocada muito brusca e dura, arrancando-me um grito de prazer, me levando a uma espécie de frenesi, à expectativa por mais.

— Assim?

— Ahhh... sim...

— Me pede...

— Me fode... com força...

Ainda movendo-se com lentidão, ele retirou o braço dos meus seios, enterrando dois dedos na minha boca, fazendo-me chupá-los, enquanto mordiscava e lambia o lóbulo da minha orelha, para só então afastar-se alguns centímetros, segurando meus quadris dos dois lados e meter com toda a força, repetidamente, apressadamente, o som da sua pélvis chocando-se contra a minha bunda ecoando alto pela sala, misturando-se ao som dos meus gemidos.

Ensandecida de luxúria, empinei mais minha bunda e abri as pernas para recebê-lo ainda mais fundo, mais gostoso, o fogo me incendiando de dentro para fora, me tornando um amontoado de sensações e sentidos, desprovida de qualquer racionalidade.

Putaquepariu! Como aquilo era bom! Eu já estava viciada, ia querer toda hora.

— Assim... ahhh... gostoso... me come... com força... é tão bom... ahhhh — As palavras saltavam da minha garganta, sem controle algum, junto com meus gemidos.

Joshua continuou me fodendo cada vez mais forte, mais fundo, com muita pressão, ameaçando partir-me em duas, até que meu corpo todo se contraiu, implorando pelo alívio e ele subitamente parou, virou-me de frente, deitando-me no sofá e montou-me, voltando a me penetrar forte e fundo.

— Quero ver você gozando. — Disse, para em seguida enfiar a língua na minha boca, me fazendo chupá-la, me descontrolando um pouco mais.

Logo, o êxtase se aproximou novamente, meu corpo dando sinais claros disto e Joshua afastou-se o suficiente para fitar-me o rosto, prendendo meus olhos aos seus e foi assim que eu gozei, uma intensidade absurda tomando conta de tudo, de modo que as lágrimas começaram a partir dos meus olhos, enquanto eu gemia, convulsionava e me contorcia inteira sob o corpo delicioso dele.

A tempestade de sensação estava quase passando quando ele deu mais três estocadas firmes e parou, todo enterrado em mim, seus espasmos se fazendo no meu interior, me dando um segundo orgasmo, desta vez nossos corpos ondulando juntos, nossos gemidos se misturando, até que caímos moles no sofá, Joshua se mostrando muito intenso ao tomar-me os lábios, beijando-me com paixão.

— Puta merda! Já tô viciado nessa bocetinha. — Falou, deitando-se de lado no sofá, acomodando-me em seu peito, ainda sem se retirar de dentro de mim. — Eu te quero todo dia.

E eu também o queria. Porém, de súbito, lembrei-me das palavras do psiquiatra, sobre a possibilidade de ele ter uma recaída na sua compulsão depois da nossa primeira vez, e fiquei imaginando como me sentiria rejeitada se ele me deixasse de lado para sair por aí em busca de sexo com qualquer outra mulher que quisesse abrir as pernas para ele. Pior que isso, eu me sentiria arrasada, a última das mulheres, mas estava ciente de que podia acontecer e precisava estar preparada.

— Eu também te quero muito. — Falei, preguiçosamente.

Ele levou seu dedo indicador à minha testa, deslizando-o dali até o meu queixo.

— O que te fez mudar de ideia esta noite?

— Eu não mudei de ideia. Sempre te desejei, só não conseguia ir em frente. Acho que você me curou.

De repente, uma ruga se pronunciou no centro da sua testa e ele ficou pensativo, levando-me a crer que refletia sobre a sua compulsão, imaginando se um dia estaria curado também. Mas eu não queria falar sobre aquele assunto, não agora, em um momento tão gostoso, ouvi-lo fazer promessas que tinha uma grande chance de serem quebradas. Se ele tivesse que se recuperar, o tempo nos diria isto.

— Quero conhecer o resto do apartamento. — Falei, antes que ele tivesse a chance de abrir a boca.

— Podemos começar pelo quarto. — Ele moveu brevemente os quadris, deslizando dentro de mim e espantei-me que ainda estivesse duro.

Definitivamente, Joshua Walker era uma máquina de fazer sexo.

— É, podemos. — Concordei, excitada.

Ele beijou-me demoradamente, para só então deixar o meu interior e levantar-se, seu corpo grande se esticando diante de mim, seu pau muito duro, todo lambuzado, me dando água na boca.

Antes que eu levantasse, ele ergue-me em seus braços, carregando-me para um pequeno corredor que dava acesso ao quarto, um cômodo amplo, também com paredes de vidro, poucos móveis e, surpreendentemente, uma luneta, próxima à janela.

— Não se contenta em vigiar os funcionários de longe? — Falei, gesticulando para a luneta.

— Na verdade, ela está apontada direto para a janela do seu apartamento, mas infelizmente você não a deixa aberta.

Soltei uma sonora gargalhada.

— Você é um safado.

— Eu sei.

Cuidadosamente, sentou-me na beirada da grande cama de casal no centro do cômodo, tirando o vestido que estava enroscado na minha cintura, para depois agachar-se diante de mim para abrir o zíper das minhas botas, quando só então viu o pequeno curativo no meu joelho.

— O que foi isso? — Quis saber.

Lembrei-me do carro subindo a calçada, vindo na minha direção e um calafrio passeou pela minha espinha.

— Ontem à tarde, quando eu vinha da Prime com Rebecca, um louco invadiu a calçada com um carro em alta velocidade e quase nos atropelou.

Joshua fitou-me com os olhos arregalados, mostrando-se alarmado.

— Isso é muito grave. Vocês chamaram a polícia?

— Não ia adiantar, foi tudo tão rápido que ninguém teve tempo de anotar a placa.

Devagar, ele tirou minha bota, suas feições se contraindo, se tornando sombrias.

— Isso é muito estranho. — Falou, depois do longo silêncio, passando a mão na minha panturrilha.

— O quê?

Fitou-me diretamente nos olhos, a expressão alarmada.

— Dois acidentes seguidos. Primeiro na lavanderia, depois isso. — Compreendi o que ele queria dizer e outro calafrio desceu pela minha espinha. — Você tem algum inimigo?

— Claro que não. — Respondi sem pensar, para que logo a imagem dos olhos dourados, terríveis, sempre enfurecidos, do meu raptor voltasse-me à mente com uma nitidez impressionante, causando-me um impacto tão violento que todo o meu corpo estremeceu de pavor.

O que não passou despercebido a Joshua, que imediatamente colocou-se em pé, puxando-me para tomar-me em seus braços, ternamente, carinhosamente, seus dedos afagando meus cabelos.

— Ei, não precisa ficar assim, não falei isso pra te assustar. Pode não ser nada.

— Mas pode ser alguma coisa.

Se realmente alguém estava tentando me matar, pela forma como os dois incidentes aconteceram, era possível deduzir que evidentemente queria que parecesse um acidente, o que não combinava tanto com a violência descomedida de Bruce, e foi pensando nisso que mais um rosto me veio à mente: o de Candice, a mulher que passou a me odiar por acreditar que eu estava entre ela e Joshua.

Em todo caso, isso tudo ainda parecia um absurdo. Foram apenas dois incidentes infelizes.

— Não vamos mais pensar nisso. — Joshua falou, me apertando forte contra seu corpo grande.

— Eu não vou permitir que nada de mal te aconteça. Vou te proteger de qualquer um que sonhar em te fazer mal.

Espontaneamente, minha boca se curvou em um sorriso e o abracei ainda mais apertado.

— Obrigada.

— De nada. Agora venha aqui.

Ele sentou-me de volta na beirada da cama, voltando a se agachar diante de mim para tirar a outra bota. Depois de fazê-lo, acariciou minhas pernas com suas mãos grandes e beijou meus joelhos, sua boca quente e úmida subindo pelo interior das minhas coxas, alcançando o ápice, quando então todos os pensamentos se perderam no que aconteceu em seguida.

Eu e Joshua passamos a noite inteira transando, avançando pelo dia, com uma fome descomedida, que parecia crescer mais a cada toque, cada carícia. Nossos corpos nunca se cansavam o bastante para nos fazer parar, como se necessitassem um do outro para manterem-se vivos, uma energia espantosamente forte nos ligando, nos envolvendo.

Depois de três anos sem sexo, meu corpo parecia exigir a compensação pelo tempo perdido, sempre querendo mais. Seria necessário que passássemos pelo menos uma semana em algum lugar longe de tudo e de todos para que aquele fogo amenizasse.

Se aproximava do meio-dia, quando fizemos uma pausa para um lanche, ou as forças nos faltaria. Com nossos corpos trêmulos por tantos orgasmos, comemos sanduíches, antes de nos acomodarmos nos braços um do outro, na cama, o cansaço nos vencendo, nos levando a pegar no sono.

Despertei com os sons estridentes ecoando pelo quarto, só descobri que se tratava de um interfone quando Joshua acordou e, sem se levantar, atendeu.

— Oi. — Falou, com a voz rouca pelas horas de sono. Ouviu por um instante e então respondeu: — Pode subir, mãe. Vou abrir a porta.

Ele disse mãe?!

Sobressaltada, sentei-me depressa na cama.

— A sua mãe está aqui?

— Sim, por que o espanto?

“Nada de mais, só estão falando que eu transei com o marido dela, e embora ela tenha afirmado que não acreditava nos boatos, o cara saiu de casa”.

— Nada. Só não sei o que ela vai pensar quando me vir aqui. — Respondi, sem graça.

— Vai pensar o que qualquer pessoa pensaria: que sou um cara de muita sorte.

Ele plantou um selinho em meus lábios, antes de levantar-se, o pau enorme completamente esticado. Foi para o banheiro e aproveitei para levantar-me também, catando meu vestido embolado do chão, procurando em uma gaveta, algo que pudesse vestir por baixo, já que minha calcinha tinha sido destruída. Encontrei algumas cuecas boxer e optei pela menor delas, que ainda assim ficou folgada.

Quando Joshua deixou o banheiro, foi a minha vez de usá-lo, aproveitando para lavar o rosto e abaixar um pouco minha juba. Ao voltar para o quarto, o encontrei usando bermuda e camiseta, e juntos fomos para a sala, ele abrindo a porta, dando passagem à mulher alta, esguia, com cabelos escuros, muito elegante e altiva, dona de uma beleza rara, apesar da idade.

— Que demora pra abrir essa porta. — Ela reclamou, fitando-lhe o rosto. — Não vai me dizer que estava dormindo a essa hora.

— Sim, eu estava.

— Está doente?

— Não mãe. Só cansado mesmo.

— Ainda bem. — Ela deu um beijo estalado no rosto dele e avançou pela sala, detendo-se ao me ver, seus olhos assumindo uma expressão de fúria ao fitarem o meu rosto, sua fisionomia se contraindo. — O que ela faz aqui? — Indagou, com rispidez, demonstrando tanto ódio, desprezo e agressividade, que recuei um passo, desejando que o chão se abrisse sob os meus pés e me engolissem.

Joshua veio depressa para o meu lado, passando o braço sobre os meus ombros.

— Ela está comigo. — Falou, defendendo-me.

Furiosa, a mulher bufou, quase incendiando-me com o olhar, o que me fez duvidar de que ela desacreditava nos boatos, como afirmara ao me conhecer.

— Eu não a quero aqui! — Praticamente rosnou.

Joshua franziu o cenho, encarando-a com espanto.

— Mãe, o que é isso? — Ele me puxou mais para si, protetoramente, e senti que estava propagando a desunião entre ambos, desejando, mais uma vez, desaparecer dali. — Amber não fez nada contra a senhora.

A mulher abriu a boca para dizer algo, pareceu arrepender-se e a fechou. Respirou fundo várias vezes e então falou:

— Preciso conversar com você em particular.

— Eu vou voltar pro quarto. — Falei, muito constrangida, sem graça.

— Só se você quiser ir. — Joshua falou, fitando-me no rosto.

E eu era louca de dizer que não queria e enfurecer ainda mais aquela fera?!

— Eu quero. — Sussurrei e então deixei a sala, cabisbaixa, indo para o quarto, a curiosidade me fazendo manter a porta entreaberta para ouvir a conversa dos dois.

Primeiro Joshua deu uma bronca enorme nela, pela forma como me tratou, indagou se o motivo de tanta hostilidade eram os boatos sobre mim e o Sr. Walker, mas ela não soube, ou não quis responder, mudando de assunto, sua voz assumindo um tom de súplica ao falar sobre o marido, que segundo ela, tinha saído de casa e não dava notícias há dois dias. Se dizia preocupada, sem compreender as atitudes do homem com que vivia há tantos anos e sem saber onde ele estava. Joshua explicou a ela que recebera um rápido telefonema do pai, dizendo que faria uma viagem, embora não lhe revelasse o destino ou quanto tempo ficaria fora.

Depois de muitas lamúrias e lamentações por parte da mulher sobre seu casamento, ela por fim

tocou na ferida aberta de Joshua.

— E essa garota aqui? Por acaso você está com aquela doença de novo?

Filha da puta, chamando o próprio filho de doente, como não percebia que o estava magoando?

— Não é isso, mãe. — A voz dele continuava calma. — Amber é diferente para mim.

Meu coração deu um salto no peito.

— Como assim, diferente?! Candice te ama. Se você se recuperou é com ela que tem que ficar e não com uma...

— Já chega mãe. — Joshua a interrompeu, ligeiramente alterado.

— Você sabe que eu só quero o bem de todos vocês. — Ela disse com súplica.

“Quer o bem incentivando dois irmãos, mesmo só de criação, a ficarem juntos como homem e mulher, sei”.

— O que aconteceu entre mim e Candice acabou, não vai mais acontecer.

— Mas agora que está recuperado, você devia tentar. Ela te ama tanto.

— Mãe, acho melhor a senhora ir embora. Se o papai me ligar, eu te aviso. — Mesmo perdendo a paciência, ele ainda falava com ternura.

A mulher se lamuriou um pouco mais, acusando-o de desprezá-la, de trocar sua companhia pela de uma garota como eu, de não lhe apoiar nesse momento tão difícil em que o marido se afastava, e cheguei à conclusão de que o Sr. Walker tinha viajado justamente para fugir dela, pois a criatura era insuportável. O marido podia ser considerado um herói por ficar casado com ela durante tantos anos.

Por fim, ouvi os passos de ambos indo para a porta de saída e apressei-me em fechar a do quarto, indo para a cama, fingir que estava quase dormindo, até que logo o furacão chamado Joshua entrou no quarto e as coisas ficaram muito quentes e movimentas por ali.

CAPÍTULO XVI

Apesar da chuva fina e incessante que caía desde cedo, os moradores do subúrbio de Cibolo se empenhavam na organização do festival da colheita, que aconteceria neste final de semana, começando no sábado, se estendendo até domingo. Era a maior manifestação cultural das redondezas, a celebração da prosperidade dos fazendeiros locais.

Eu podia esperar que Emma viesse a esse festival para encontrá-la, já que era proprietária de uma das fazendas que havia aos arredores, mas não consegui controlar a minha ansiedade em revê-la, que se tornou ainda mais crescente depois que tomei a decisão de procurá-la. Assim, aluguei um carro e parti rumo à fazenda dela, as terras que doei à sua família quando nossa filha nasceu, há vinte e três anos.

Talvez eu devesse ter telefonado antes para avisar que estava indo, mas temi que ela não concordasse em me receber, afinal, vinte e três anos era muito tempo. Durante todos esses anos, eu a deixei como prometera à Cecily e aos seus pais, mas jamais consegui esquecê-la ou ficar longe, pois ela era a única mulher que amei de verdade. Por meio de detetives particulares, mantinha-me informado sobre a sua vida e principalmente da minha filha. Esperei que ela se casasse, que reconstruísse sua vida, mas Emma jamais o fez, jamais teve outro homem depois que a abandonei naquele fim de mundo com nossa filha nos braços.

Quanto a Amber, minha linda Amber, eu cuidei para que tivesse um bom futuro, mesmo à distância, sem permitir que ela me conhecesse. Primeiro, doei-lhe a bolsa de estudos para que fosse à faculdade, depois inventei uma vaga de estagiária na Prime e dei um jeito de que ela fosse a candidata, mas eu não esperava que Candice a dispensasse por ciúmes de Joshua.

Eu amava todos os meus filhos adotivos, apesar dos seus problemas, mas quando vi Amber de perto pela primeira vez, naquela manhã quando deixava a Prime, arrasada por não ter conseguido a vaga, eu me apaixonei perdidamente por ela, pela sua espontaneidade, sua simplicidade, sua humildade. Mesmo eu tendo lhe oferecido um cargo alto dentro da empresa, ela preferiu começar por baixo, servindo o café, dando-me provas de que tinha um excelente caráter, quando me fez perceber o quanto fui tolo e fraco ao me negar a passar minha vida ao lado dela e de sua mãe.

Na realidade, poucos anos depois que ela nasceu, eu percebi que tinha tomado a decisão errada, que devia ter ficado com ela e com Emma, pois jamais fui feliz ao lado de Cecily, uma mulher mesquinha a ponto de optar por adotar outra menina em vez de ficar com aquela que tinha o meu sangue nas veias. E quando ficou sabendo que Amber estava na Prime, onde era o seu lugar, mostrou-se ainda mais mesquinha, baixa e egoísta ao exigir que eu a expulsasse. Sua atitude foi o estopim para que eu a deixasse, uma decisão que eu devia ter tomado há anos, afinal, ela nunca me mereceu.

E como minha amada filha disse: nunca era tarde para se voltar atrás em uma decisão errada, o que me trouxe aqui, ao encontro da mãe dela.

Eu estava determinado a recomeçar minha vida ao lado de Emma, se ela me quisesse, a fazer do meu casamento com Cecily e de cada decisão errada que tomei, um passado que merecia ser apagado e recomeçar do zero, restava saber se Emma ainda me amava como eu a ela, a ponto de perdoar o meu desprezível erro e me aceitar em sua vida. Eu realmente esperava que ela me perdoasse, pois seria a minha última oportunidade de ser feliz, como fui apenas durante os dois anos que a tive em meus braços.

Algumas milhas após deixar o perímetro urbano de Cibolo, abandonei a estrada de asfalto e segui por uma estradinha que, apesar da chuva ter cessado e o sol mostrar seus primeiros raios naquele dia, se encontrava coberta de lama, os pneus da picape alugada trabalhando firme para não atolarem. Fazia mais de vinte e três anos que eu estive ali pela última vez, na ocasião em que comprei as terras para a Prime, mas me recordava bem do percurso e ainda tinha como guia as fotografias que meus detetives tiravam para que eu soubesse como minha filha vivia.

Com o passar dos anos, os Mitchell substituíam a criação do gado pelo cultivo de girassóis, por ser uma atividade mais leve para a família, que preferia não contratar empregados.

Não demorou muito para que eu avistasse o tapete amarelo de girassóis, que se estendia por milhas e mais milhas de terras, com uma estradinha cortando-o, dando acesso à casa que sediava a fazenda. Uma moradia simples, de madeira, bem-cuidada e preservada.

Meu coração passou a bater em um ritmo mais acelerado quando avistei a casa, meu sangue fluindo agitado nas veias pela certeza de que em poucos minutos estaria diante de Emma, a única mulher que amei durante toda a minha vida.

No instante em que deixei a plantação de girassóis, avançando pela clareira que havia diante da casa, a avistei, estendendo alguns lençóis nos varais, cessando a atividade para observar a picape se aproximando.

Apesar dos anos, ela continuava a mesma menina que deixei para trás, com o corpo esguio, a silhueta longa e bem-definida, a pele cor de jambo. Os cabelos agora estavam curtos, ressaltando seu rosto perfeito. Continuava linda, sensual, como se os anos não tivessem passado.

Parei perto dela e saltei, tudo rebulindo dentro de mim ao vê-la de perto, meu coração dando saltos no peito, a expectativa pela sua reação tomando conta de todo o meu ser.

— Robert?! — Ela disse atônita, quando cheguei perto, seus olhos chocados, seu lábio inferior ligeiramente trêmulo.

Minha nossa! Como ele era linda!

— Olá, Emma. — Falei, emocionado.

— O que você faz aqui? — Ela ainda parecia incrédula, embora eu pudesse ver em seu olhar o quanto estava emocionada também.

— Vim te ver.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa com Amber?

— Não, ela está ótima. É uma ótima menina, você a educou muito bem. Estou orgulhoso de vocês.

— Eu disse que educaria. Cumpri minha promessa, mas você não cumpriu a sua parte de ficar longe. — Seu tom era acusador.

— Me perdoe por isto. Eu não consegui me afastar. — Seus olhos se estreitaram sobre os meus, a raiva se refletindo na sua expressão. — Aliás são muitas coisas pelas quais eu preciso pedir o seu perdão. Por tudo o que fiz, por te deixar partir quando na verdade devia ter ficado com você e a nossa filha. Eu fui um tolo, demorei para me dar conta disto.

Ela refletiu em silêncio por um instante.

— Demorou demais. Agora é tarde. — Disse, num sussurro, com dor evidente.

— Não, não é tarde. Podemos recomeçar. Eu ainda te amo, sempre amei, meus sentimentos não mudaram.

— Não amou o suficiente, Robert.

— Não diga isso. Eu sei que fui um tolo. Mas estou arrependido. E sei que você também não me esqueceu. Podemos recomeçar de onde paramos.

— Não diga absurdos. O tempo passou. Tudo mudou. — Ela pegou o cesto cheio de lençóis do

chão. — Por favor, vá embora e não volte mais aqui, também não diga a nossa filha o que você é dela. Eu não pude evitar que você interferisse no destino dela e agora ela está perto daquela cobra que você chama de esposa. — Seus olhos negros se encheram de lágrimas. — Eu peço a Deus, todos os dias, para que aquela mulher não toque em um fio de cabelo da minha filha, porque se ela tocar, eu a mato sem pestanejar. Agora vá embora daqui. — Deu-me as costas, caminhando para a casa.

Então era isto? Ela me odiava também porque interferi na vida de Amber? Embora eu apenas quisesse ver minha filha bem, fazendo uma faculdade, seguindo uma grande carreira, eu tinha que admitir que também a quis perto de mim e que isto a colocou na mira do ódio de Cecily. Entretanto, nada me faria desistir de ter Emma de volta. Nada!

Assim, fui atrás dela, quase correndo, segurei-lhe o braço, forçando-a a se virar e encarar-me no rosto.

— Olha dentro dos meus olhos e me diz que não sente mais nada por mim. — Exigi.

O lábio dela tremeu, seus olhos ainda marejados de lágrimas. Antes que tivesse tempo de falar, a porta da casa se abriu, sua mãe, minha antiga empregada, castigada pelos anos, apareceu na varanda.

— Quem está aí, Emma? — Gritou a velha mulher.

— É só um vendedor, mãe. Ele já está de saída.

— Eu não vou sair daqui enquanto você não me disser que posso voltar.

— O que ele disse? — A mulher, com mais de setenta anos, aproximou-se de nós, estudando-me o rosto. — Por Deus! É o Sr. Walker! — Exclamou, surpresa.

— Como vai, Mary?

— Estamos bem. Vivendo em paz. Vamos entrar. Aceita um chá? Eu lembro que o senhor gosta de chá.

— Aceito sim.

— Jeffrey nem vai acreditar quando vir o senhor. Faz muito tempo.

Segui a mulher para o lado de dentro sob o olhar resignado de Emma, que embora contrariada pela atitude da mãe em me convidar para entrar, era tão pacífica que não protestou.

Do lado de dentro, a casa era simples, com móveis antigos, porém, muito bem organizada, limpa e conservada. Jeffrey, meu antigo motorista, estava sentado em uma cadeira de balanço, em frente a uma janela lateral, lendo um livro, muito concentrado.

— Olha só quem está aqui. — Mary anunciou e o marido abandonou a leitura para me observar, demorando alguns segundos para me reconhecer, levantando-se em seguida.

— Sr. Walker. Quanto tempo. Como vão as coisas? — Disse, com a polidez de sempre, seus olhos meio confusos.

— Estou bem. Feliz em rever vocês. Como está indo com os girassóis?

— Muito bem. Não traz tanto lucro quanto a criação do gado, mas o trabalho é mais prazeroso e leve.

— Eu vou preparar o chá. — Mary seguiu animada para os fundos da casa, enquanto eu me acomodava em uma poltrona, com Jeffrey sentando-se em um sofá ao lado, perto de uma Emma emburrada e silenciosa.

Foi uma tarde agradável, de muita conversa amistosa, sobre o passado e o presente, aquela gente tão simples, mas com um admirável caráter, me fazendo sentir bem, relaxado e em paz, como há muito anos eu não me sentia.

Aquela sim era uma família de verdade, unidos, vivendo em paz em meio à simplicidade, muito

diferente da minha, sempre em guerra por causa de alguma coisa. E essa união, essa tranquilidade que eles transmitiam formou o caráter admirável de Amber, que de acordo com os avós, trabalhara na fazenda até ir para a faculdade.

Com a ajuda de Mary e Jeffrey, que demonstraram apoiar uma possível reconciliação entre nós, principalmente depois de saberem que eu já tinha deixado Cecily, consegui convencer Emma a ir ao festival da colheita em Cibolo comigo aquela noite e a levei junto quando deixei a fazenda. Ela estava linda em um vestido florido colado até a cintura, com uma saia longa e rodada, apesar dos cabelos bem curtos e da simplicidade da roupa, conseguia ser a mais feminina e sedutora das mulheres.

Mostrando-se recatada e descente, como a maioria das mulheres que viviam no interior, Emma ficou no restaurante do hotel em que eu estava hospedado enquanto eu ia ao quarto tomar um banho e trocar de roupas, para só então irmos para a festa que acontecia em uma praça pública da cidade.

O lugar estava abarrotado de gente, havia uma música animada tocando ao centro, balões pendurados no alto, muitas barraquinhas com comidas típicas da agricultura local e um palco simples de madeira, onde era exibido um festival de talentos.

— Quer beber alguma coisa? — Perguntei, enquanto caminhávamos lado a lado em meio à multidão.

Apesar da grande quantidade de pessoas e da música, eu me sentia relaxado como em poucas ocasiões, podia inclusive arriscar dizer que estava feliz.

— Sim, ponche. — Emma gesticulou para uma das barracas, para onde nos dirigimos, ela cumprimentando a dona, como se fossem velhas conhecidas e nos servimos do ponche. — Huum, fazia tempo que eu não bebia um desses. — Ela falou, a hostilidade que demonstrara quando cheguei na fazenda se dissipando aos poucos.

— Eu não bebia um desses desde a festa de formatura do Ensino Médio. Nem sabia que ainda existia. — Ela soltou uma gargalhada, muito parecida com o jeito de Amber sorrir. — Nossa filha se parece muito com você.

Ela ficou séria.

— Como ela está se saindo em Dallas?

— Maravilhosamente bem. Foi à Prime em busca de uma vaga de estagiária e quando foi dispensada, por ciúmes da minha filha adotiva, não aceitou o cargo que lhe ofereci, optando por começar servindo o café. É uma grande garota.

— Por que sua filha teria ciúmes dela?

— Por causa de Joshua.

— O seu filho mais velho?! Amber está envolvida com ele?

O que eu poderia dizer? Joshua não era o tipo de cara que se envolvia com uma mulher, ele tinha problemas com isto, tinha compulsão desenfreada por sexo, clinicamente diagnosticada, e não podia oferecer nada a uma garota que fosse além de algumas noites na sua cama. Na certa faria Amber sofrer, como fizera com Candice e com tantas outras. Eu não apoiava que ele se aproximasse dela, mas não era uma coisa que eu podia evitar, afinal, ambos tinham o direito ao livre arbítrio. Entretanto, minha filha era uma garota esperta, obviamente já conhecia a realidade de Joshua quando se envolveu e não esperaria mais do que ele pudesse lhe dar, se esperasse, o tempo se encarregaria de curar suas feridas.

E era melhor que Emma não soubesse de nada disso.

— Eu os vi juntos algumas vezes, mas não sei se é coisa séria. Você gostaria de se sentar?

— Sim.

Fomos para perto do palco, ocupando uma mesa que estava vazia e continuamos envolvidos naquela conversa gostosa, sua proximidade me fazendo muito mais bem do que eu esperava.

Ainda aquela noite, dançamos abraçados a música romântica country, quando precisei de um esforço imenso para conter o desejo de beijar seus lábios carnudos, pois ainda era muito cedo, eu precisava conquistar sua confiança primeiro, provar a ela que estava disposto a reconstruir minha vida ao seu lado.

Era bem tarde quando a deixei de volta na fazenda, e no dia seguinte, perto do meio-dia, fui buscar a todos para irmos ao festival, seus pais aproveitando a presença de todos no evento para conversar com os vizinhos e conhecidos, enquanto nós nos afastávamos um pouco do grupo em busca de privacidade sob as sombras das árvores frondosas da pracinha, onde o evento acontecia. Foi então que falamos sobre o que aconteceu a Amber há três anos, quando ela foi raptada, mantida em cativeiro e violentada por um traficante de drogas, um acontecimento que abalara toda a família, que quase destruiu nossa menina. Enquanto falava, Emma deixou claro o quanto me culpava por aquilo, insinuando, com dor e amargura, que se eu não as tivesse abandonado não teria acontecido, e eu me senti obrigado a concordar com ela. A minha covardia em deixar Cecily para ficar com elas, na época, causou todo aquele sofrimento na vida da minha menina, tão preciosa para mim agora que eu a conhecia pessoalmente.

Na época, eu já monitorava a vida de Amber de longe, sempre monitorei, todavia, me distraí e só fiquei sabendo do acontecido depois que ela já tinha sido libertada. Não sofri tanto quanto elas, mas também sofri, por culpa, por não ter sido capaz de evitar aquilo, mais uma razão que Amber tinha para não me perdoar quando soubesse que eu era seu pai.

— Você vai contar a ela? — Emma perguntou.

Segurei-lhe a mão entre as minhas.

— Quero que contemos juntos. — Demonstrando nervosismo, ela deixou o copo que segurava cair de sua outra mão. — Ela tem o direito de saber.

— Sua mulher vai destruí-la.

— Cecily não é mais minha mulher. Já dei entrada no pedido de divórcio, em breve ela será informada.

— Isto vai fazê-la ter ainda mais ódio da minha filha. — Emma estava aflita.

— Da nossa filha. — Corrigi. — Nós a protegeremos. Entenda, Emma, eu quero que você venha viver comigo, como minha mulher. Juntos podemos proteger Amber de qualquer pessoa que tentar lhe fazer mal. Você aceita ser a minha mulher?

Seus olhos brilharam com um misto de contentamento, confusão e dor.

— Eu preciso de tempo pra pensar. As coisas não podem ser decididas assim. Faz muitos anos.

— Eu sei que faz. Mas esses anos não conseguiram apagar o amor que sinto por você. Eu ainda te amo, como amei desde que nos conhecemos.

Seus olhos marejaram de lágrimas.

— Eu também nunca te esqueci. Jamais me envolvi com outro, porque você sempre esteve aqui, dentro do meu coração. — Uma lágrima solitária escorreu do canto do seu olho. — Mas ainda assim, preciso de tempo.

— Eu não tenho pressa. Posso ficar aqui em Cibolo até você decidir.

Ela olhou dentro dos meus olhos antes de continuar.

— Eu te perdoo por ter optado por ficar com sua família ao invés de comigo e com Amber, mas se ela não te perdoar, eu apoiarei a decisão dela. Só pra você saber.

— Eu sei. E concordo.

Imaginei a reação da minha filha quando soubesse a verdade. Ela era boa, mas não tão pacífica quanto a mãe. Na certa, me odiaria e com toda a razão, pois eu fui um covarde ao deixá-las, admitia isso, assim como também me arrependia pela decisão errada que tomei. No entanto, foi ela mesma quem disse que sempre se podia voltar atrás e tentar recomeçar. Eu estava tentando.

CAPÍTULO XVII

Definitivamente eu estava tendo a semana mais movimentada da minha vida.

O trabalho na Prime era árduo, devido ao fato de que precisávamos elaborar dois projetos para a construção da usina hidrelétrica, sendo um deles para o conhecimento de todos os funcionários e armazenamento no banco de dados e o outro o verdadeiro, aquele que ficava apenas entre a equipe principal, composta por vinte pessoas. Tudo isto para evitar o vazamento de informações que vinha ocorrendo na empresa.

E o trabalho se tornava ainda mais cansativo à medida que eu me familiarizava com ele. Foi questão de dias para que passasse a compreender, opinar e participar cada vez mais ativamente da construção deste projeto, o que servia para atizar a raiva em Candice, que fazia questão de desdenhar de cada uma das minhas sugestões, as quais, em contrapartida, eram acatadas por Joshua, o presidente, dono da palavra final, o que intensificava o ódio da irmã por mim, assim como o medo que eu sentia de que ela atentasse novamente contra a própria vida, por minha culpa.

Joshua se tornou minha companhia constante naqueles dias. Íamos e vínhamos juntos da Prime, fazíamos as três refeições do dia juntos, dormíamos na mesma cama. Embora evitássemos tocar naquele assunto, para não estragar nossa paz, sabíamos que um dos motivos de estarmos sempre juntos era a forma que ele encontrara de me proteger, garantindo a minha segurança, devido aos dois incidentes pelos quais passei, ainda não devidamente explicados.

Nos tornamos parte essencial na rotina um do outro, de modo que eu passava pouquíssimo tempo no meu apartamento, geralmente algumas poucas horas entre ele me deixar na entrada do prédio quando retornávamos do trabalho e vir me apanhar logo depois para passar a noite com ele, no seu apartamento, quando pouco dormíamos, as horas se tornando insuficientes para saciarmos o desejo selvagem que crescia mais entre nós a cada dia. E os poucos momentos de sono, passávamos agarradinhos um no outro, de modo que eu estava ficando mal-acostumada, me apegando demais a ele.

Joshua estava me transformando em uma devassa, tão viciada em sexo quanto ele. Todos os dias interrompíamos o expediente para nos entregarmos ao tesão desenfreado que despertávamos um no outro, na sala dele, ou na sala de reuniões. Ocasões em que, se estivéssemos com tempo, ele me lambia inteira antes de me foder gostoso e quando o tempo era curto, — e quase sempre era — ele apenas baixava minha calça, me debruçava sobre a mesa, ou me recostava na vidraça das paredes e me comia por trás, bem gostoso, como ele sabia fazer com maestria. Eu simplesmente amava dar para ele enquanto apreciava a vista do centro de Dallas, ou com aquela adrenalina de saber que alguém podia nos flagrar a qualquer momento.

Apesar de ter iniciado minha vida sexual aos quinze anos e de tê-la mantido ativa até passar pelo terror que passei, tendo vários namorados durante esse período, jamais conheci um homem como Joshua. Ele era capaz de despertar-me as mais incríveis e desconhecidas sensações, me levava a um prazer indescritível, de modo que a cada dia em seus braços, eu o desejava mais, a ponto de ter meu corpo erigido durante as vinte quatro horas do dia, tudo em mim transformado em sensibilidade, minhas zonas erógenas despertando com coisas do cotidiano, como o roçar do sutiã em meus mamilos, ou da calcinha apertando meu clitóris de uma forma que eu estava pronta para o sexo a qualquer hora do dia ou da noite.

E não era apenas sexo o que existia entre nós, embora eu me recusasse terminantemente a

admitir, sentia um afeto imensurável por aquele homem, uma admiração que crescia a medida que eu o conhecia mais. Ele era um ser humano fascinante, inteligente, sensível, perceptivo, dono de um caráter raro, do tipo que não se via com muita frequência por aí, principalmente em um homem que vivia no mundo dos negócios, onde um jogo de disputa pelo poder era constantemente jogado, no qual ele se destacava como uma peça rara por não ser mesquinho e egoísta a ponto de pisar nos mais fracos para subir ao topo, alcançando seus objetivos por meio dos próprios esforços.

Era algo magnífico o que eu estava vivendo nos braços daquele homem. A cada dia me apegava mais a ele e às vezes me flagrava pensando que tudo não passava de uma aventura, uma experiência que podia acabar a qualquer momento, quando ele me deixasse de lado para ir em busca de satisfação para o seu desejo compulsivo de ter múltiplas parceiras, como o psiquiatra deixou claro que podia acontecer, embora até então Joshua não tinha dado o menor sinal de necessidade disto. Ainda assim, eu me recusava a acreditar que o que tínhamos seria algo duradouro, para evitar uma decepção maior se ele realmente tivesse uma recaída. Como Kate me aconselhara: eu estava aproveitando ao máximo aquele momento.

Tudo estaria ainda mais perfeito se Joshua não estivesse lidando com a depressão que sua mãe enfrentava, acarretada pelo fato de que o Sr. Walker entrou com o processo de divórcio, de forma degradante, sem ao menos vir comunicar pessoalmente sua decisão à esposa, mandando o advogado no seu lugar. Desde que viajara, sem revelar seu destino, ele ainda não voltara a Dallas, apenas telefonava de vez em quando para o filho, para que todos soubessem que estava bem.

Quanto à minha mãe, se mostrava cada dia mais neurótica, telefonando-me várias vezes ao dia para se certificar de que eu estava bem. Para não atizar ainda mais a mania que ela tinha de se preocupar demais, nada lhe falei sobre os dois estranhos incidentes pelos quais passei e nem sobre o que acontecia entre mim e Joshua.

Mas para Kate eu contei tudo, nas raras ocasiões em que tínhamos tempo de conversar via internet. Na opinião dela, eu e Joshua encontramos a cura para nossas enfermidades um no outro, afinal, ele praticamente fez um milagre banindo minha aversão pelo sexo oposto em tão poucos dias, considerando que eu a mantive por três anos. Como eu, ela também acreditava que se houvesse tentativa de assassinato contra mim por trás do que aconteceu na lavanderia e, mais tarde, na rua, Candice ou a mãe de Joshua podiam ser as responsáveis, as duas por acreditar que eu transei com o homem delas. Compartilhava da mesma certeza de que não podia ser o meu raptor, pois sua violência era descomedida e já teria sido exteriorizada se ele me encontrasse.

Em todo caso, telefonei para a penitenciária, apenas para me certificar de que ele ainda estava preso, afinal, me recusava a viver com medo.

Os boatos sobre mim continuavam rolando soltos entre os funcionários da Prime, uma gente que parecia dividir entre si o mesmo cérebro. Pelo menos, desta vez eles falavam a verdade: que eu dava para o chefe na hora do expediente. E eu dava ainda mais do que eles sabiam.

Durante a semana, eu e Joshua decidimos que precisávamos de um tempo só para nós dois, longe do estresse do trabalho, então combinamos de passar o final de semana na casa de praia que ele tinha em algum ponto isolado de Galveston, um passeio pelo qual eu ansiava, não apenas para ter mais tempo com ele, mas também para descansar, como de fato precisávamos.

Viajaríamos no sábado de manhã, de modo que na sexta-feira Joshua precisou fazer várias reuniões, com vários setores da empresa, para que tudo ficasse em ordem. A última reunião iniciou já no final da tarde, quando decidi que não faria parte desta, já que precisava me organizar para o dia seguinte, principalmente lavar as roupas sujas que se acumularam durante os dias em

que a nova lavanderia, desta vez ao ar livre, estava sendo construída. Então, deixei a sede da companhia antes de Joshua, indo sozinha para o condomínio.

Nunca antes na minha vida me senti tão só quanto ao fazer aquele rápido percurso sem a companhia de Joshua depois de tantos dias tendo-o ao meu lado, o que comprovava o quanto eu estava me tornando dependente dele, e isso não era bom.

Ainda era dia quando adentrei os portões do condomínio, que ficava aterrorantemente deserto naquele horário, parecendo uma cidade fantasma, com todos os funcionários trabalhando.

Soltei o ar que vinha prendendo em meus pulmões desde que saí do suntuoso edifício apenas quando me aproximei do pequeno prédio de dois andares onde ficava o apartamento em que morava. Sam vinha da direção oposta, segurando sua bola de basquete, usando trajes esportivos sujos e suados. Cumprimentou-me com polidez antes de entrarmos ao mesmo tempo, tomando o mesmo elevador.

Eu sempre achei aquele sujeito meio estranho, talvez pelo fato de que ele ficava ali o dia inteiro sozinho, já que trabalhava à noite, enquanto todos os demais moradores trabalhavam durante o dia. Nem os outros seguranças noturnos eu via zanzando por ali, só ele. O achava estranho também por ter sido o único a ouvir os meus gritos quando fiquei presa na lavanderia. Apesar de ele ter me resgatado, desde aquele episódio não consegui mais ficar à vontade na sua presença.

— Dia cansativo? — Ele puxou assunto enquanto subíamos.

— Muito. Mas é bom quando se gosta do que se faz.

— Eu também gosto da engenharia civil, só não estou lá em cima com vocês porque não tive a oportunidade de cursar uma faculdade. — Não gostei do tom com que ele falou, parecia despeitado.

— Nunca é tarde para tentar. Você ainda é jovem. Pode fazer um curso superior.

— As coisas não funcionam assim para um cara que veio do Bronx.

“Funcionam se você persistir, idiota! Eu vim de uma fazenda do fim do mundo e mesmo assim estou aqui!”. As palavras ecoaram em minha mente.

Agradei aos céus que era apenas um andar para subir e saí depressa quando a porta do elevador se abriu, Sam vindo atrás de mim, o que me incomodou, embora não era de estranhar, já que ele morava ali também.

Apertei os passos, deixando-o para trás.

— Espera. Quero falar uma coisa com você. — Continuei caminhando, ignorando-o. — Por favor. — Ele insistiu e me virei.

— Não posso demorar, preciso lavar roupas.

Ele se aproximou devagar, chegando perto demais.

— Você gostaria de sair comigo? Pra um jantar, ou umas cervejas?

— Acho que não é uma boa ideia.

— Por que não?

E precisava ter uma razão?

— Eu estou saindo com outro cara.

O canto da boca dele se curvou em um sorriso cínico.

— Joshua Walker?

— Sim, ele mesmo.

— Eu sabia. Uma garota jamais ia deixar de sair com um milionário, para ficar com um subalterno. — Não gostei da sua insinuação maldosa, tampouco gostei da forma petulante e vulgar com que a colocou. Ainda assim, tentei manter a calma.

— Isso não tem nada a ver. Ele me chamou pra sair antes de você.

— Não seja hipócrita. Uma garota não abriria mão de uma promoção boa como a que você recebeu.

Desta vez ele foi longe, conseguiu atíçar a raiva dentro de mim. Furiosa, falei:

— Você não sabe de nada! Não estou saindo com Joshua para ser promovida e sim pelo homem que ele é.

— Não é o que estão dizendo na Prime.

— Foda-se o que estão dizendo!

— E que tipo de homem ele é? Um perverso viciado em sexo? É disso que você gosta?

Meu sangue esquentou ainda mais em minhas veias, borbulhando de raiva. Quem aquele idiota pensava que era para julgar Joshua?

— Ele não é mais assim. Você devia saber disso mais que eu, já que vive aqui há mais tempo. E mesmo que fosse, você não tem nada com isso.

— Talvez essa sua aparência de garota durona, que me atraiu de início, seja só aparência mesmo. No fundo, você deve ser tão promíscua quanto ele.

Bufei, furiosa, definitivamente aquele sujeito estava a fim de me tirar do sério, por qual razão eu nem imaginava, mas não permitiria que ele conseguisse.

— Vai se foder, cara!

Com isto, dei-lhe as costas, indo depressa para a porta do meu apartamento.

— Eu preferia foder você, mas já deve estar muito gasta. — Ouvei, quando já entrava no apartamento.

Soltando fogo pelas ventas, tranquei a porta pelo lado de dentro, liguei o computador e chamei Kate na webcam, mas ela não estava, então, respirei fundo várias vezes para me acalmar, troquei as roupas apertadas por algo mais confortável e dei início à faxina que o apartamento precisava.

O lugar estava um verdadeiro chiqueiro, sem que eu soubesse de onde saía tanta sujeira, se eu quase não ficava mais ali. Talvez eu fizesse um lanchinho rápido enquanto conversava via web com meus amigos, mas eu não me lembrava de ter deixado tanta louça suja e cascas de banana espalhadas por toda parte. Bem, talvez eu tivesse deixado, distraidamente.

Assim, coloquei meus fones de ouvido, de onde ecoava um rock pesado e parti para a limpeza, minha mente me levando até Joshua, enquanto meu corpo trabalhava. Era impossível não pensar nos nossos momentos de intimidade, já que eram intensos demais, nada do que já vivi se comparava àquilo. Não era apenas tesão, embora este fosse irrefreável. Era muito mais. Aquele homem parecia preencher um vazio que eu trazia no peito, sem saber que existia, parecia me completar. Eu amava a forma como ele me beijava, como me abraçava, como me levava ao delírio fazendo sexo devasso e como dormíamos agarradinhos. Eu amava tudo nele, admirava e respeitava o homem que ele era. Só não podia me permitir me apaixonar, ou seria massacrada pela dor se ele me deixasse em troca do seu vício. Mas eu não queria pensar negativamente, como Kate dissera, aproveitaria o momento.

Eu estava no corredor, quase terminando a faxina, quando, de repente, vi um vulto negro passando da sala para a cozinha, sorrateiramente, e meu sangue gelou nas veias, o pavor me fazendo tremer.

Eu tinha certeza que tranquei bem a porta por dentro, como podia haver alguém no apartamento?

Trêmula, mas ainda esperançosa de que pudesse se tratar de uma alucinação, tirei os fones dos ouvidos e me esgueirei devagar até a cozinha, mantendo-me escondida atrás da parede para

olhar, quando então vi o homem, alto e forte, usando roupas pretas e uma máscara da mesma cor, que cobria-lhe toda a cabeça, deixando apenas os olhos de fora. Ele estava mexendo no fogão, abrindo a trava e todas as bocas, permitindo que o gás saísse livremente, se espalhando depressa pelo apartamento.

Por Deus! Não era difícil deduzir o que ele pretendia com aquilo.

O examinei com cautela, tentando descobrir se trava-se do meu raptor em busca de vingança por ter sido preso novamente por minha causa, mas Bruce era muito mais musculoso, eu saberia se fosse ele.

Apavorada, meu primeiro impulso foi gritar por socorro, mas isso além de não adiantar nada, já que ninguém me ouviria, atrairia a atenção do sujeito.

Depois, me esforçando para raciocinar com clareza e manter a calma, tive a ideia de pegar meu celular e ligar para a emergência, mas o aparelho estava sobre a mesinha de centro da sala, ao lado do computador, se eu fosse até lá, seria vista pelo invasor.

No entanto, eu não podia ficar ali parada esperando ele me encontrar, pois se abria o gás, era porque sabia que eu estava no apartamento, ou que chegaria logo, não fazia aquilo para matar a si mesmo. Assim, tentando conter o tremor em meu corpo, caminhei na ponta dos pés até o celular, alcançando-o, mas antes que pudesse digitar os números, o invasor flagrou-me, agarrando-me por trás com braços fortes, um em torno da minha cintura, a outra mão tapando-me a boca, imobilizando-me contra seu corpo grande e sólido.

Agindo por impulso, cravei meus dentes na mão dele, afastando-a da minha boca.

— Socorro!! — Gritei, fazendo uso de todas as forças das minhas cordas vocais, debatendo-me violentamente, na fracassada tentativa de me libertar.

Mas foi em vão, no instante que se seguiu, o sujeito pressionou um lenço banhado em clorofórmio contra meu rosto, a substância ardilosa penetrando minhas narinas, dolorosamente, queimando-me os pulmões, tirando-me o raciocínio, a sanidade.

Lutei bravamente contra a inconsciência que tentava me engolir, pois sabia que seria fatal ficar desmaiada no apartamento com o gás do fogão aberto, mas não adiantou, logo tudo se tornou uma negra escuridão e eu perdi os sentidos.

CAPÍTULO XVIII

Aquela maldita reunião estava começando a se tornar fatigante, não apenas pelo cansaço físico e mental que me assolava depois de uma semana árdua de trabalho, mas pela ausência de Amber na sala. Eu estava praticamente dependente daquela mulher, como se tivesse substituído um vício pelo outro, ou seja, trocado a promiscuidade em que vivi no passado pela monogamia, algo nunca antes experimentado.

Todavia, ao contrário de como me sentia no passado, desta vez eu estava satisfeito, podia inclusive arriscar dizer que estava feliz, vivendo um relacionamento não apenas carnal — embora esta parte fosse incrivelmente prazerosa e intensa —, mas que envolvia também o emocional, outra novidade na minha vida.

Não era apenas o meu tesão irrefreável que me ligava àquela mulher, mas um carinho desconhecido, um afeto imensurável, como jamais me senti em relação a qualquer outra. E não era apenas o fato de gostar dela a ponto de me recusar a magoá-la que me impedia de ter uma recaída, como o médico me alertara de que poderia acontecer, eu simplesmente não queria. Milagrosamente, meu corpo não exigia por mais sexo, depois de fazê-lo com Amber, como exigia antes. Aquela necessidade de ter várias parceiras, de fazer as coisas de forma mecânica, sem estar emocionalmente ligado, já não fazia parte de mim. Definitivamente, minha compulsão por sexo sem razão, com múltiplas parceiras, parecia ter sido erradicada do meu organismo.

Eu não sentia a falta de Amber naquela última reunião do dia apenas pelo fato de que amava trabalhar olhando para ela, aliás eu amava olhar para ela a qualquer momento do dia ou da noite, ouvir sua voz, sentir o seu cheiro, admirar a inteligência e o talento para a engenharia civil que vinha demonstrando ao opinar sobre a construção do projeto em que trabalhávamos. Me preocupava saber que ela estava lá fora sozinha e podia estar correndo risco de vida, pois nada me convencia que os dois incidentes pelos quais ela passara foram apenas acidentes, minha intuição, assim como o fato de terem acontecido de forma estranha, inexplicável e consecutiva, me diziam que havia algo por trás daquilo, alguém queria vê-la morta, de modo que parecesse um acidente. Mas quem? O sujeito que a raptou há três anos certamente a culpava por ter sido preso de novo, mas ele estava bem preso, eu me certifiquei disto. Então quem mais na face da Terra podia atentar contra a vida de Amber? Era uma pergunta sem resposta.

Por outro lado, minhas suspeitas podiam não passar de uma ilusão, excesso de preocupação. Talvez o teto da lavanderia tenha desabado apenas pelo impacto do ventilador no piso superior e o carro que invadiu a calçada estivesse sendo dirigido por algum louco drogado que não via o que fazia.

O chefe executivo do setor de marketing fazia algumas colocações, quando meu celular, cujo número apenas pessoas do meu ciclo pessoal possuíam, tocou e interrompi a fala do cara para atender.

— Alô.

— *Joshua Walker, é você?* — A voz feminina, muito alterada, partiu do outro lado da linha.

— Eu mesmo.

— *Sou Kate, amiga de Amber, uma vez ela ficou sem créditos e me ligou do seu celular, por isso tenho o número.* — Ela falava muito depressa, parecendo muito nervosa. — *Cara, você precisa correr. Amber está em perigo. Eu vi pela webcam. Um cara entrou no apartamento dela...* — Enquanto ela falava, levantei-me e corri em disparada para a porta sob o olhar especulativo dos demais

presentes na sala, meu sangue gelando nas veias, meu coração apertando no peito. — *Eu não vi tudo, mas sei que ele a atacou e a deixou lá desmaiada. Já chamei a polícia, mas você está mais perto dela, pode chegar primeiro.*

— Fica calma, eu já estou indo. — Falei, já pegando o elevador, todas as fibras do meu corpo contraindo de tensão, meu peito angustiado. — Vou desligar para tentar contatar alguém que já esteja no condomínio.

— Ok.

Desliguei e tentei me recordar de alguém que pudesse estar lá naquela hora. Era início de noite, provavelmente a maioria dos funcionários já estava, mas eu não tinha o número de nenhum deles gravado naquele celular. Foi então que lembrei-me de que ligara para Sam, o vigia noturno, usando aquele aparelho, o número certamente ficara gravado. Comecei a rezar intimamente enquanto procurava e encontrei, no entanto, para o crescimento da minha aflição, Sam já se encontrava em seu posto na Prime, portanto Amber dependia de mim.

Merda!

O percurso do elevador me pareceu interminável e quando alcancei o piso térreo, deixei o prédio correndo, os funcionários me observando. Corri o mais depressa possível até o condomínio, subindo ao apartamento de Amber. Ainda no corredor, senti o cheiro forte de gás e meu coração apertou ainda mais, enquanto eu praguejava mentalmente.

O cheiro de gás vinha do apartamento dela, pude constatar isso quando me aproximei da porta e, sem pensar duas vezes, afastei-me um pouco para ganhar impulso, arremessando meu corpo contra a porta, fazendo uso de todas as minhas forças para arrombá-la.

Ao entrar, o cheiro de gás penetrou-me as narinas vorazmente, queimando minhas vias aéreas, afetando meus pulmões, o que me levou a um excesso horrível de tosse, quase me impedindo de respirar, mas não me impediu de avançar para dentro.

Amber estava desacordada, caída no chão da sala, seus lábios arroxeados, como se o oxigênio lhe faltasse e mais uma vez rezei para que ela estivesse respirando.

Sem esperar por mais nada, peguei-a em meus braços e a levei para fora. Ao alcançar uma distância segura do gás, verifiquei sua respiração, estava muito lenta, mas estava lá. Eu precisava levá-la a um hospital, com urgência, mas antes precisava conter o vazamento de gás para evitar que uma explosão acontecesse, o que seria fatal para os demais moradores do prédio. Então, a deitei no chão do corredor, cuidadosamente, e peguei o celular, chamando uma ambulância ao mesmo tempo que retornava ao apartamento, o gás voltando a queimar-me por dentro enquanto o penetrava, indo até a cozinha, desligando as bocas do fogão, todas abertas, fechando a trave, para em seguida abrir as janelas, eliminando a possibilidade de uma explosão fatal.

Ainda correndo, voltei para Amber, tão frágil, tão sem vida, deitada no chão, uma imagem de cortar o coração, se comparada à garota ativa que era ela. A peguei novamente em meus braços, carregando-a para fora do prédio, pelas escadas, para economizar o tempo que perderia esperando pelo elevador.

Na portaria, o porteiro se mostrou alarmado ao ver Amber descorada em meus braços.

— A ambulância ainda não chegou? — Indaguei ao homem.

— Não senhor, nenhuma ambulância aqui. — Merda! Cogitei ir até o meu prédio em busca de um carro para levá-la pessoalmente ao hospital, mas seria ainda mais perda de tempo caminhar até lá e eu sentia que se nada fosse feito, Amber não teria muito tempo. — Onde está o seu carro?

— Aqui na frente.

— Me dá as chaves.

— Sim, senhor.

O homem me deu as chaves e me mostrou qual era seu carro, um modelo antigo, no qual acomodei Amber, deitada nos assentos traseiros e tomei o volante, arrancando em alta velocidade para o hospital mais próximo.

No hospital, nem mesmo os dois seguranças que foram chamados para me manter longe de Amber foram capazes de me conter, eu não sairia de perto dela, nem que o exército fosse chamado. Assim, acompanhei a equipe médica que a levou em uma maca, até uma sala com paredes de azulejos brancos, repleta de aparelhos médicos, um dos profissionais examinando-a.

— E então doutor, ela vai ficar bem? — Indaguei, aflito.

— Senhor, não é adequada a sua permanência aqui. — Uma jovem enfermeira falou.

— Vocês já perceberam que eu não vou sair. Então me diga se ela vai ficar bem.

— O senhor é parente dela? — O médico que a examinava indagou.

— Sou namorado. Ela não tem parentes na cidade.

— Ela está bem. — O homem baixinho, usando um grande par de óculos, continuou. — Não está desmaiada pela inalação do gás, ao que tudo indica, ela andou inalando clorofórmio. Ela foi atacada?

— Sim. A amiga viu pela webcam.

Após examiná-la, o homem embebeu um pedaço de algodão em um líquido transparente e recostou-o nas narinas de Amber, para que no instante seguinte ela abrisse os olhos, dando um salto violento na cama, quase caindo no chão, seu olhar apavorado vasculhando o lugar.

Compreendi que estava em choque, ainda com o momento em que foi atacada em mente, não sabia onde estava, que tudo tinha passado e com o objetivo de acalmá-la, aproximei-me, segurando sua mão entre as minhas.

A reação dela foi violenta e inesperada. Ao focar o meu rosto, seus olhos se arregalaram mais e o grito surdo partiu do fundo da sua garganta.

— Não! Não me toque! Sai daqui! Fica longe de mim! — Gritava histericamente, puxando sua mão da minha, se encolhendo na cama, dando a impressão a todos à nossa volta, de fui eu quem a atacara.

Mas eu não me importava com o que os outros pensassem, naquele instante só consegui acreditar que a sua aversão ao toque tinha voltado e meu coração apertou ainda mais no peito, minha alma sangrando, a angústia me tomando.

O que seria de mim, se não pudesse voltar a tocá-la?

— Calma, Amber, sou eu, Joshua. — Falei, estendendo minhas mãos no ar para que ela se sentisse segura.

— Acho melhor o senhor sair daqui. — O médico falou muito sério, a enfermeira já no celular ligando para a polícia.

Eu apenas os ignorei.

— Lembra de mim? Sou eu.

Amber continuou encolhida na cabeceira da cama, demonstrando muita fragilidade e pavor, seu corpo trêmulo, seus olhos saltando das órbitas. Encarou-me em silêncio por um longo momento e como se só então voltasse a si, me reconheceu.

— Joshua... — Murmurou, com a voz trêmula, seus olhos marejando de lágrimas.

— Sim. O seu Joshua. — Devagar, aproximei-me de novo, levando minha mão a dela, cautelosamente, e quando ela permitiu o toque, eu não consegui me conter e a abracei, apertando-

a contra meu corpo, seus braços delicados enlaçando meu pescoço. — Por Deus! Eu fiquei tão preocupado!

— Eu tive tanto medo. Pensei que morreria ali sozinha, respirando o gás.

Afastei-me o suficiente para fitá-la no rosto, quando vi as lágrimas escorrendo pela sua face.

— Quem fez isso com você?

Seu corpo estremeceu inteiro.

— Eu não sei. Foi um homem, mas ele estava usando uma máscara. Não consegui ver o rosto.

A raiva passou solta pelas minhas veias. Que espécie de covarde atacaria uma mulher sozinha e indefesa? Pela forma como ele agiu, tudo indicava que seu objetivo era assassiná-la, fazendo com que parecesse um acidente, exatamente como aconteceu das outras vezes. Pelo menos agora nós tínhamos certeza de que alguém queria matá-la.

— Você não tem nem ideia de quem possa ter sido?

— Não. Tudo aconteceu muito rápido. Ele me agarrou por trás e pressionou o clorofórmio em meu rosto.

Neste momento, dois policiais uniformizados entraram na sala, cumprimentando o único médico que restou ali e a jovem enfermeira. Depois gesticularam para a minha direção.

— É esse o sujeito de quem vocês falaram?

— Não, policial. Acho que foi um equívoco. — O médico explicou. — A moça acordou gritando, mas deve ter sido pelo choque. Ela já está melhor.

— Me desculpem por isso. — Amber falou.

— Tudo bem mocinha, mas aproveite que a polícia está aqui e preste queixa contra quem a atacou.

— Farei isso.

— Quando ela pode ir pra casa, doutor? — Perguntei.

— Ela está perfeitamente bem, mas é recomendável que fique aqui por pelo menos duas horas, em observação. — Balbuciou algo para a enfermeira, para depois deixar o recinto.

— Recebemos uma denúncia agora a pouco de uma garota sendo atacada no Prime Condominium, foi você? — Um dos policiais indagou.

— Sim, foi Kate, a amiga dela quem ligou.

— Essa mesmo. — Ele tirou uma caderneta e uma caneta do bolso da sua calça. — Vamos lhe fazer algumas perguntas, você está em condições de responder?

— Claro.

Amber relatou, detalhadamente, tudo o que aconteceu aquela noite, desde o momento em que entrou no apartamento, até acordar no hospital. Acrescentou à sua fala, os dois incidentes pelos quais passara na rua e na lavanderia, todos chegando ao consenso de que podiam ter sido três tentativas de assassinato contra ela. Todavia, as informações eram poucas para que a polícia ou mesmo a própria Amber tivesse uma noção de quem podia estar atentando contra sua vida. A única certeza que tínhamos era o fato de que se tratava de um homem, já que foi um que a atacou.

Após ouvir seu relato, os policiais informaram que passariam o caso para um detetive da homicídios que faria as investigações necessárias, disse que aguardássemos a visita dele no dia seguinte e depois se foram.

Depois de passadas as duas horas de observação estipuladas pelo médico, eu e Amber voltamos para o condomínio. Parei diante do prédio em que ela morava apenas para devolver o carro ao porteiro, antes de seguirmos a pé para o meu apartamento, os moradores nos

observando, como se já soubessem de tudo.

— Eu preciso subir para pegar uma muda de roupa. — Amber falou, ainda visivelmente chocada.

— Eu mando alguém pegar suas coisas depois. Naquele apartamento você não volta nunca mais.

— Humm está me levando para morar com você? — Ela indagou com tom brincalhão, fascinando-me por ainda conseguir manter o bom humor mesmo em uma situação como aquela.

— É. Eu acho que estou.

Ela sorriu satisfeita e meu peito inundou de contentamento, por ter lhe dado aquele sorriso, um gesto tão simples, mas que tinha um grande significado, como tudo o que vinha dela.

No apartamento, pedi comida enquanto Amber tomava banho, vestindo um dos meus conjuntos de moletom, que podia facilmente caber cinco delas e tentamos engatar em uma conversa agradável enquanto comíamos, mas foi impossível amenizar a tensão, o receio de que o assassino pudesse voltar a qualquer momento para fazer a sua quarta e talvez fatal tentativa.

E foi para evitar que algo assim acontecesse, que telefonei para o chefe de segurança da Prime, solicitando a presença de um dos homens de sua equipe na frente do meu prédio.

Imediatamente, ele sugeriu-me Sam, já que tinha chegado ao seu posto há menos de uma hora, portanto, não foi autorizado a bater o ponto e acabou perdendo o expediente. Eu demorei um instante para compreender a informação contida nas entrelinhas das suas palavras, quando então, me dei conta de que eu telefonei para Sam enquanto descia pelo elevador pouco depois de Amber ter sido atacada e ele dissera que estava em seu posto na Prime. A constatação de que ele mentira, levou um pinicão a descer pela minha espinha, ao mesmo tempo em que a fúria mortal tomava conta de mim.

Se Sam inventou que estava na Prime, foi porque tinha uma boa razão para mentir e essa razão podia ser facilmente o fato de ter sido ele a entrar no apartamento e atacar Amber. Mas por que ele tentaria matá-la? Era o que eu pretendia descobrir.

— Jack, há quanto tempo Sam trabalha para nós?

— *Há pouco mais de dois anos, senhor.* — O homem respondeu prontamente, do outro lado da linha.

— Quem o contratou?

— *Sua irmã, a Srta. Walker.*

Merda! Certa vez, quando perguntei a Amber se ela tinha algum inimigo que porventura poderia atentar contra a sua vida, ela mencionara o cara que a raptou e depois Candice. Será que minha irmã era mesmo capaz de chegar a tanto por ciúme?

Virei-me para observar Amber, que se encontrava sentada no sofá da grande sala, com seus olhos arregalados presos a mim, certamente prestando atenção na conversa.

— Jack, mande outro homem. Alguém que seja da sua total confiança.

O homem fez um momento de silêncio do outro lado da linha antes de responder.

— *Enviarei, senhor.*

— Obrigado.

Com isto, encerramos a ligação.

— Vocês estavam falando do cara que me encontrou na lavanderia, não era? — Amber indagou e sentei-me ao seu lado no sofá, passando o braço em torno da sua cintura para puxá-la para mim, aninhando-a em meu peito.

— Não quero te deixar com medo, mas eu telefonei pra ele mais cedo e ele me disse que

estava trabalhando, no entanto, o supervisor dele disse que ele acabou de chegar lá.

— Pode ter sido ele que me atacou.

— Por que você acha isso?

— Eu o encontrei no elevador quando cheguei ao prédio. Ele me disse umas coisas.

— Que coisas?

— Me agrediu com palavras de ódio, me acusando de estar com você e não com ele porque você é rico. Depois me ofendeu, se mostrando alterado.

A corrente de fúria passou solta pelo meu sangue. Se eu colocasse minhas mãos naquele bastardo, faria um estrago grande nele.

— Você o conhece de outro lugar?

— Não. Seu pai nos apresentou no dia que me contratou. Sempre o vejo por aí com aquela bola de basquete e, como você sabe, foi ele quem me encontrou na lavanderia no dia que o teto desabou. Desde esse dia, tomei certo receio dele.

De súbito, ocorreu-me que a porta do apartamento de Amber estava trancada quando eu cheguei, sem o menor sinal de arrombamento. A pessoa que tentou matá-la tinha as chaves do condomínio. Podia ser Sam, ou qualquer outro que morasse no lugar.

— Ele está na Prime, agora. Eu podia aproveitar para ir dar uma olhada no apartamento dele e tentar descobrir alguma coisa.

Amber agarrou-se a mim com muita força, segurando firme no tecido da minha camiseta.

— Pelo amor de Deus, não me deixa aqui sozinha.

A abracei mais forte, ternamente, beijando suavemente seus cabelos, um instinto de proteção totalmente novo aflorando dentro de mim.

— Eu não vou deixar. Fica calma.

— Amanhã contamos tudo à polícia, eles vão lá.

— Vão sim.

Mais tarde, eu a levei em meus braços para o quarto e a acomodei na minha cama, da qual ela parecia já fazer parte. Quis, com todas as forças do meu ser, tomar o seu corpo lindo e quente e fazê-la minha, mas naquela noite Amber precisava de carinho, de afeto e não de sexo, pois estava vulnerável e fragilizada. E eu daria isto a ela.

Então, sufocando o animal que residia em mim, me acomodei ao seu lado, abraçando-a com ternura, acomodando sua cabeça em meu peito, acariciando seus cabelos selvagens, até que sua respiração se tornou mais lenta, anunciando que ela tinha mergulhado em um sono tranquilo e profundo.

Continuei pensando sobre todos os acontecimentos por mais algum tempo, sem ver muito sentido em nada, como se houvesse ainda muita coisa por trás daquela história. Minha única certeza era de que protegeria Amber com a minha própria vida, se necessário fosse.

Antes de adormecer, me ocorreu o quão eu era vitorioso por conseguir ficar abraçado a uma mulher linda e gostosa, na minha cama, sem tentar transar com ela. Embora nós já tivéssemos dormido na mesma cama sem ter relações sexuais antes, sempre mantínhamos distância. Desta vez era diferente, eu tinha o autocontrole.

CAPÍTULO XIX

Quando acordei pela manhã, Joshua não estava mais na cama ao meu lado, embora o calor gostoso do seu corpo, que me acolheu durante as horas de sono, ainda estivesse presente em mim.

Eu nunca me acostumaria com a vista daquele apartamento, à minha volta eu podia ver todo o condomínio através da vidraça fumê, como se olhasse para o dia de sol usando óculos escuros. Como era sábado e poucos funcionários trabalhavam, o lugar estava mais movimentado que o normal com as pessoas trafegando pelas ruas, sem olhar na minha direção, pois não faziam ideia de que eu as observava. E embora soubesse que não era possível quem estava lá fora enxergar aqui dentro, eu me sentia pouco à vontade com a sensação de que estava em um aquário gigante, rodeada de pessoas por todos os lados. Ainda bem que havia paredes de verdade no banheiro.

Preguiçosamente, sentei-me na cama, encarando minha mala pronta no centro do quarto com tristeza. Primeiro porque eu odiava desfazer malas, segundo porque o fato de ela já estar ali significava que não era tão cedo e se Joshua não me acordou, foi porque nossa viagem para a praia não ia acontecer.

Uma pena! Eu precisava daquele descanso e dos dias com Joshua sem a interferência do trabalho.

Me preparava para voltar a dormir, quando ouvi vozes masculinas partindo da sala, de Joshua e outro homem. Então, curiosa, lavei o rosto, amassei um pouco a juba e deixei o quarto.

Na sala, encontrei os dois homens conversando, Joshua e um cara de estatura mediana, com olhos negros astutos, usando um terno desbotado fora de moda.

— Bom dia. — Falei, ainda sonolenta.

— Olá. — Joshua levantou-se, vindo me encontrar, plantando-me um beijo carinhoso na face, antes de me apresentar ao visitante. — Amber esse é o detetive Simpson. Ele vai descobrir quem atentou contra você.

— É um prazer conhecê-lo. — Falei, cruzando os braços na frente do corpo para, deliberadamente, esconder minhas mãos, um hábito difícil de ser eliminado.

— O prazer é meu. — O homem examinou-me com cautela, não com malícia como os homens em geral costumavam fazer, esse parecia estudar a minha personalidade. — Posso lhe fazer algumas perguntas?

— Claro. — Eu e Joshua nos acomodamos lado a lado no sofá, quando então repeti tudo o que havia falado aos policiais ainda no hospital, desta vez com mais detalhes.

Ao final do meu relato, como Joshua, o detetive tinha Sam como o número um na sua lista de suspeitos.

— Eu tenho as chaves de todas as moradias do condomínio, inclusive do apartamento dele. — Joshua falou. — Podemos ir lá dar uma olhada, tentar encontrar alguma prova.

— Senhor Walker, com todo respeito, isso seria crime de invasão de domicílio.

— Mas ninguém precisa saber.

— Eu saberia, isso é suficiente.

— E se eu lhe desse um cheque de duzentos mil dólares, fingiria que não é crime?

— Está tentando subornar a polícia, Sr. Walker? — O homem indagou, sem se alterar.

— Imagina. Jamais. Apenas fiz uma pergunta.

— Bem, considerando que eu não ganho duzentos mil dólares em um ano, eu poderia telefonar para um juiz amigo meu e arranjar um mandato de busca.

— Para quando?

— Para agora.

Joshua sorriu vitorioso, enquanto o homem tirava seu celular do bolso do paletó para fazer a ligação.

— Com fome? — Indagou, acariciando-me a face, seus olhos brilhando sobre os meus.

— Sim.

— Vem comigo.

Segurou-me a mão, conduzindo-me para a cozinha, onde havia uma bandeja com café fresco, pão, leite, frutas e queijo sobre a ilha de mármore escuro.

— Eu ia levar na cama pra você, mas o cara chegou e tive que conversar com ele.

Fitei-o no rosto, meu peito inundando de afeto, uma ternura genuína transbordando dentro de mim.

— Obrigada. — Acomodei-me à ilha. — Eu quero ir junto com vocês ao apartamento de Sam.

— Nem pensar, isto pode ser perigoso. Você fica aqui. — Ele puxou uma cadeira e acomodou-se ao meu lado, observando-me fazer a refeição.

— Eu posso identificar se houver alguma prova lá. Como as roupas e a máscara que ele usava.

— Você nos descreve tudo e procuramos.

Joshua continuou tentando me convencer a ficar, mas não conseguiu. Quando os dois policiais armados e uniformizados chegaram com o mandato de busca devidamente expresso pelo juiz, assim como a ficha criminal de Sam, repleta de crimes pequenos como porte ilegal de armas e brigas de rua, todos nós fomos para o apartamento dele. Os homens da polícia sempre à frente.

Seguindo o protocolo, o detetive tocou a campainha várias vezes antes que Sam viesse abrir a porta, com cara de sono, ainda usando pijama, seu olhar muito hostil sobre nós.

— Olá, Sr. Sebastian Finn. Sou o detetive Simpson e gostaria de conversar com você.

— Não tô a fim de conversa, cara. Vá embora e volte com um mandato. — Sam disse, rispidamente, atijando a raiva no detetive, que tirou o documento do bolso e lhe mostrou, para depois empurrá-lo para dentro com brutalidade, invadindo o apartamento, comigo, Joshua e os outros dois policiais o seguindo.

— Eu já tenho um mandato, babaca! — O detetive vociferou.

Visivelmente aflito e com o olhar agressivo, Sam gesticulou para nós.

— Eles não são da polícia. Não podem entrar aqui.

— Se eu disser que eles podem, então eles entram. — O detetive falou, bruscamente, enquanto Joshua vasculhava o lugar, que se encontrava uma verdadeira bagunça. — Onde o senhor estava ontem entre as seis horas da tarde e o horário que entrou na Prime por volta das dez da noite?

— Na casa da minha irmã. — Ele gesticulou para Joshua, que fuçava tudo, até embaixo das almofadas dos sofás. — Ele não pode mexer nas minhas coisas desse jeito!

— Sim, ele pode, pois é o dono do lugar.

— Merda! — Sam vociferou, furioso.

Não era tão esperto, pois sabia que algo seria encontrado e mesmo assim cometeu a tolice de ficar em casa esperando a polícia chegar.

O detetive continuou interrogando-o, deixando-o cada vez mais nervoso, a ponto de tropeçar nas próprias palavras, enquanto Joshua continuava fuçando tudo, comigo atrás dele. E foi no quarto que encontramos algo suspeito, não exatamente o que procurávamos.

Sobre uma escrivaninha, ao lado de um computador, estava um mapa detalhado com a planta do prédio que sediava a Prime, com informações sigilosas como o sistema central e a localização

dos principais computadores, o que levou Joshua a ligar o computador e fuçar tudo até encontrar evidências de que Sam era o responsável pelo vazamento das informações. Inclusive mensagens do seu contato na Forxs, a construtora para a qual as informações eram repassadas, ele encontrou ali.

— Filho da puta! Ele estava roubando as informações.

— Tem certeza que é ele?

— Sim. Aqui tem provas suficientes. — Joshua imprimiu alguns documentos para usar como prova.

Estávamos deixando o quarto quando vi a ponta de um tecido negro saltando de debaixo do colchão da cama de casal com lençóis emaranhados.

— Espera. Olha aquilo.

Joshua se deteve e, cuidadosamente, levantou o colchão, uma máscara preta, idêntica àquela que o homem que me atacou usava, se revelando ali debaixo e todo o meu corpo estremeceu de pavor.

— A máscara que ele usava quando te atacou era essa?

— Sim. Igual a essa.

— Maldito! — Sua voz lembrava o rosnado de um animal selvagem. Sua fisionomia contraiu, seu corpo se tornando visivelmente tenso e foi assim que ele deixou o quarto, como uma fera violenta, pisando firme, depressa, indo para a sala. Avançou direto para Sam, ignorando os policiais, esmurrando-lhe a face com o punho cerrado. — Maldito covarde, filho da puta! Vamos ver se você encara um homem!

Sam tentou reagir, mas antes que pudesse, um dos policiais o segurou por trás, imobilizando-o, enquanto que o outro fazia o mesmo com Joshua.

— Posso saber o que significa isso, Sr. Walker? — O detetive perguntou e Joshua jogou a máscara preta no chão, no centro da sala, para que todos vissem.

— Foi esse bastardo que tentou matar Amber! — Vociferou. — E isso não é tudo, ele também está roubando informações na minha companhia e as entregando a um concorrente, o computador que ele usa está cheio de provas.

O detetive pegou a máscara do chão, examinando-a, antes de olhar para mim.

— Era isto que a pessoa que a atacou usava?

— Sim. Era.

— Sr. Finn, o senhor está sendo preso por tentativa de assassinato, roubo de informações e invasão de domicílio. O senhor tem o direito de permanecer em silêncio... — O detetive continuou recitando os direitos dele, enquanto o algemava com os pulsos atrás das costas, os olhos furiosos de Sam queimando sobre Joshua, diabolicamente.

— Por que, seu desgraçado?! Por que tudo isso? — Joshua indagou, também furioso.

— Eu sou irmão de Samantha Finn. Para você é só mais um nome entre tantos, mas para a família dela, é a garota maravilhosa que você destruiu.

— Não sei do que você está falando. — Joshua falou, a voz mais branda, a certeza de sua culpa evidente no seu olhar.

— Claro que não, seu miserável! Foram tantas que você não se lembraria nem da metade. Samantha estava no último ano da faculdade quando você a seduziu e a levou para a cama algumas vezes, para depois desprezá-la. Ela era ingênua e se apaixonou, o resultado disso foi que ela encheu a cara e bateu com o carro em cheio em um poste. Morreu poucas horas depois no hospital, chamando pelo seu maldito nome!

Vi o corpo grande de Joshua estremecer brevemente e soube o quanto sentiu-se culpado.

— Isso não explica por que você tentaria matar Amber.

A boca de Sam se curvou em um sorriso cínico, debochado, sem que seu olhar furioso seguisse o gesto.

— Isso eu fiz por dinheiro e pela diversão. — Fixou seus olhos diabólicos em mim. — Pode mandar encomendar o caixão, garota. A pessoa que me contratou pra te matar, não vai descansar até vê-la morta.

Todo o meu corpo estremeceu com suas palavras, o pavor me tomando de forma devastadora.

No instante que ele fechou a boca, Joshua avançou para ele novamente, com tudo, sem que o policial conseguisse segurá-lo, esmurrou-lhe a face repetidamente, tão violentamente que um dente de Sam caiu no chão, junto com um lago de sangue.

— Faça-o dizer quem o contratou. — Joshua vociferou para o detetive.

Mesmo ferido, com o rosto ensanguentado, Sam continuava sorrindo, como um doente mental.

— Vocês nunca vão saber. Podem me matar, mas não vou falar. Esse vai ser seu castigo, otário. Ela vai morrer, como a minha irmã morreu.

— Já chega. — O detetive interveio com autoridade. — O que aconteceu com ela na lavanderia e na rua, quando o carro invadiu a calçada, foi você também?

— Na lavanderia não. Ou não a teria tirado de lá. Mas foi quando conheci a pessoa que me contratou. Com o carro fui eu.

— Quem o contratou, Sr. Finn? — O policial insistiu.

Sam continuava sorrindo de forma cínica e diabólica.

— Podem me torturar e até matar, mas eu nunca vou falar até ela estar morta. — Soltou uma gargalhada bizarra.

— Eu te pago, cara. — Joshua falou, muito nervoso. — Te dou três vezes mais do que essa pessoa te ofereceu. Te dou quanto você quiser pra dizer quem é.

Sam sorriu ainda mais alto.

— Ela é importante pra você, não é? Minha irmã também era pra mim, babaca! Eu nunca vou falar! Ela vai morrer!

— Tirem esse bosta daqui! — O detetive ordenou.

Os dois policiais uniformizados escoltaram Sam para o lado de fora.

— Você vai arranjar uma forma de ele falar, não vai? — Joshua parecia no limite do seu desespero.

— Claro, Sr. Walker. A polícia tem seus métodos. Antes de tudo, vamos procurar saber quem esteve neste prédio no dia do incidente na lavanderia.

— Nós podemos perguntar ao porteiro. Ele está sempre na entrada e o ventilador caiu no apartamento dele.

— Deixe isso conosco. Agora vão embora daqui. Logo uma equipe da polícia vai chegar e não será bom para mim se souberem que trouxe civis durante o cumprimento de um mandato.

— Ok, nós vamos, mas por favor, me avise assim que tiver alguma informação.

— Aviso sim. E obrigado pelo cheque.

Deixamos o apartamento de mãos dadas, em silêncio, meu corpo todo trêmulo. No elevador, Joshua tomou-me em seus braços, abraçando-me apertado pela cintura, afundando seu rosto nos meus cabelos e o abracei de volta, sentindo-me acolhida, segura em seus braços queridos.

— Eu não vou deixar que nada de mal te aconteça. Se for necessário, te protegerei com a minha vida. — Falou, a voz grossa trêmula, embargada de emoção. — Você confia em mim?

— Sim, confio. — E eu confiava mesmo, no entanto, sabia que ele não podia passar as vinte e quatro horas do dia ao meu lado. Em algum momento, eu estaria sozinha.

— Hoje mesmo vou contatar a melhor agência de segurança da cidade. Você jamais ficará sozinha. — Completou, como se fosse capaz de ler os meus pensamentos.

Não seria muito confortável sair por aí sempre seguida por seguranças, mas isso era melhor que ser morta.

No saguão do prédio, Joshua foi com toa a sua ira para cima do porteiro, intimidando, com palavras de ameaça, o sujeito magro, velho e curvilíneo, tentando fazê-lo falar quem esteve no prédio no dia em que fiquei presa na lavanderia, mas o homem afirmou veementemente, que apenas os moradores estiveram lá, ninguém diferente passou por ele, a porta do seu apartamento não foi arrombada e parecia estar falando a verdade, não conseguiria mentir diante do olhar furioso de Joshua, o que me levou a duas grandes certezas: a pessoa que queria me ver morta trabalhava na Prime, talvez morasse no condomínio e era muito esperta.

Do lado de fora, caminhamos de mãos dadas para o apartamento de Joshua, o condomínio me parecendo estranhamente movimentado com as crianças brincando na frente das casas, os moradores perambulando por ali. E cada vez que algum deles me encarava, eu me arrepiava inteira, perguntando-me se não seria aquele o meu matador.

— Quem você acha que pode estar por trás disso? — Joshua indagou, ainda visivelmente tenso e nervoso, o que acarretava o risco de ele ter uma recaída drástica.

— Não faço ideia. Já cogitei alguém da família do cara que me sequestrou, em busca de vingança pela recaptura dele, ou alguém a mando dele próprio, mas isso não faria sentido, já que ele não esperaria três anos para agir, além do mais, quem está fazendo isso tem as chaves do condomínio, portanto, deve ser alguém que trabalha na Prime. — Hesitei antes de continuar, temendo que Joshua se sentisse magoado com o que eu realmente pensava, pois apesar das desavenças, ele e Candice cresceram juntos, ainda devia ter algum laço entre os dois. — E a única pessoa com razão para ter tanto ódio de mim, na Prime, é Candice, por ciúmes de você.

A mão dele tremeu brevemente na minha.

— Acho que não. Candice é suicida, não homicida.

— A sua mãe também não me pareceu muito feliz ao me ver no seu apartamento.

Ele fitou-me com olhos estupefatos.

— Por que tem que ser alguém da minha família? — Indagou, visivelmente irritado.

Eu sabia! Ele me protegeria sim, eu acreditava nisto, mas se o culpado fosse alguma das lambisgórias da sua família, jamais ficaria do meu lado.

A constatação me causou uma dor devastadora, um clima estranho se fazendo entre nós.

— Você não lembra mesmo da irmã do Sam? — Perguntei, tentando fugir do assunto.

— Não.

— Foram tantas assim?

— Sim. Muito mais do que eu possa contar.

Outra onda de tristeza me engolfou, deixando meu peito ainda mais angustiado. Joshua trazia uma bagagem imensa nos ombros e embora não fosse nada fácil, eu precisava aprender a relevar isto, afinal, sabia de tudo quando me envolvi com ele e estava ciente de que poderia, um dia, me tornar mais um dos nomes que ele não se lembrava, o que era desolador.

Para a minha satisfação, ao dobramos a última esquina antes de chegarmos, avistei Kate e Dean diante do prédio e corri para encontrá-los, entregando-me a um abraço apertado da minha melhor amiga.

Como eu telefonei antes de ir dormir na noite anterior, eles já sabiam que eu estava instalada ali no apartamento de Joshua.

— Como é bom te ver! — Falei.

— Desculpa não ter vindo ontem, amiga, mas já era muito tarde quando você saiu do hospital.

— Não tem problema, o importante é que vocês estão aqui.

Nos afastamos e fui abraçar Dean, que me abraçou de volta, meio hesitante.

— Eu ainda preciso me acostumar com essa coisa de ser abraçado por você, a Srta. Não me toque. — Ele disse e todos sorrimos em uníssono, com exceção de Joshua.

Quando Kate começou a namorar com ele, inserindo-o em nossas vidas, eu já tinha fobia de ser tocada, então ele sempre me conheceu daquela forma.

Joshua os cumprimentou com simpatia, dando-lhes apertos de mãos e subimos. Mais uma vez, narrei com detalhes todos os acontecimentos e como eu, Kate abordou o nome de Candice como suspeita, devido ao ciúme dela por Joshua. De acordo com a nossa teoria, se ela foi capaz de cortar os próprios pulsos por causa dele, imagina o que faria se outra mulher o conquistasse, ocupando um lugar em sua vida do qual ela se considerava dona e, mais uma vez, Joshua se mostrou desgostoso com a nossa suspeita, o que me fez eliminar o assunto, nos conduzindo a falarmos de outra coisa.

Ainda antes do meio-dia, Joshua telefonou para a agência de segurança e contratou meia dúzia deles, para que se revezassem na minha vigília, de modo que eu nunca ficaria sozinha. Eles começariam na segunda-feira, até lá Joshua se comprometeu a não me deixar nem por um segundo.

Ao meio-dia, fomos os quatro almoçar no restaurante do condomínio e embora tentássemos manter a descontração, a tensão estava presente, pesadamente, no ar.

CAPÍTULO XX

No meio da tarde, quando Kate e Noah se foram, Joshua puxou-me do sofá da sala para os seus braços, apertando-me pela cintura contra seu corpo gostoso e me beijou de forma selvagem, despertando o desejo escaldante dentro de mim, cada fibra do meu corpo implorando pela sua pele nua de encontro à minha.

— Não vamos deixar que tudo isso estrague nosso final de semana. — Sussurrou, ao meu ouvido, a voz arrastada pela respiração pesada. — Vou tirar folga na segunda-feira para irmos para a praia, passarmos esses dias. Quero te comer dentro da água do mar.

Suas palavras, seu contato, sua voz, tudo nele me excitava loucamente, tirando-me a razão. E foi assim que pressionei mais meu corpo no seu, esfregando meu ventre na sua firme ereção, minha fragilidade contra a sua força física.

— Isso seria incrível, mas não vai prejudicar os negócios você se ausentar na segunda?

— Que se fodam os negócios. Você é mais importante para mim neste momento.

Com isto, voltou a beijar-me na boca, lascivamente, sua língua entrando e saindo para depois exigir que eu a chupasse e o fiz, com muita sofreguidão, enquanto suas mãos passeavam pelo meu corpo, se infiltrando sob a saia curta do vestido, tocando minha intimidade por sobre a calcinha, para depois se infiltrar no tecido de renda delicado e alcançar meu clitóris, massageando-o em círculos.

— Ah! — Gemi na sua boca, enlouquecida de tesão, abrindo mais as pernas para ele.

Como se agissem sozinhas, minhas mãos foram para a barra da sua camiseta, puxando-a para cima, tirando-a rapidamente pela sua cabeça, para que a rigidez dos músculos do seu peito pressionasse meus seios, o calor gostoso da sua pele febril atravessando o tecido do meu vestido, alcançando os meus mamilos, excitantemente.

Joshua usou o seu corpo grande para me empurrar na direção da parede mais próxima, encurralando-me, para em seguida descer sua boca gostosa pela minha pele, lambendo meu pescoço, mordiscando meus seios por sobre o vestido. Agachou-se diante mim, ergueu a saia colada do meu vestido até a minha cintura, afastou a calcinha para o lado e atacou o meu sexo com sua boca deliciosa, sua língua quente e úmida dançando freneticamente sobre o meu clitóris, levando-me à loucura.

— Ahhh! — Gemi alto, ensandecida.

Porra! Como eu gostava da boca dele em mim! Como ele fazia aquilo bem-feito! Era um mestre na arte de enlouquecer uma mulher. Qual delas não se perderia?

Tomada pela luxúria, enterrei meus dedos nos seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, ao mesmo tempo que abria mais as pernas, pendurando uma perna no seu ombro, quando então, sua língua escorregou para dentro da minha vagina e ele me fodeu assim, entrando e saindo, deliciosamente, enlouquecedoramente, todo o meu corpo em alerta, meu sangue agitado, o gozo se aproximando depressa.

Mas eu não queria gozar assim, sentia uma necessidade urgente de tê-lo dentro de mim, me tomando, me fazendo sua, como só ele sabia fazer.

E, como se compreendesse as necessidades do meu corpo, Joshua as atendeu, levantando-se. Abriu o zíper da sua calça, descendo-a até os joelhos, desnudando o pau completamente duro, muito longo e grosso, tão lindo que eu não me cansava de admirar, todas as vezes com água na

boca.

Com ímpeto, ele virou-me de frente para a parede, deu um tapinha na minha bunda e colocou seu corpo ao meu por trás, penetrando-me com um golpe único, muito duro, indo fundo, sua carne rija pressionando as paredes da minha vagina, tão deliciosamente que todo o meu corpo parecia em chamas, suplicando por mais e ele me deu, metendo com força, em vai e vem, cada vez mais depressa, as estocadas bruscas, como eu gostava.

Empinei mais minha bunda para recebê-lo ainda mais fundo, mais meu, me sentindo tomada, tão dele, magnificamente realizada como fêmea.

Meus gemidos saíam alto, descontrolados e ecoavam pela sala, se misturando ao som da sua pélvis se chocando contra a minha bunda, enquanto uma de suas mãos ia para o meu clitóris, massageá-lo gostoso, me dando ainda mais prazer, a outra mão segurando firme em meus cabelos, atrás da cabeça.

— Não há nada... que eu possa... gostar mais... que comer essa... bocetinha apertada... e gostosa... — Ele sussurrou ao meu ouvido, sua voz entrecortada pela respiração pesada, sua língua passeando na minha orelha.

— Ah... Joshua... como eu gosto de... dar ela... pra você... ah! Gostoso! Me come! Assim! Assim!

Ele metia cada vez com mais força, socando depressa, entrando e saindo, até que meu corpo se contraiu violentamente, anunciando o êxtase e, como eu já esperava, ele parou, para mudar de posição, porque ele gostava de olhar o meu rosto enquanto eu gozava.

Assim, virou-me de frente, manuseando meu corpo com facilidade. Ergue-me do chão, com suas mãos fortes, nivelando nossos sexos e voltou a entrar em mim, com uma estocada brusca, parando no meu interior, seus olhos brilhantes, muito intensos nos meus.

— Você não tem ideia do quanto é importante para mim. — Sussurrou, para depois saquear-me a boca, beijando-me com selvageria, roubando-me o fôlego, obstruindo minha sanidade e voltou a me foder, com força, com rapidez, seu pau se tornando mais duro dentro do meu canal, até que explodi, gozando como uma alucinada, sua boca engolindo meus gritos, meu corpo se contorcendo entre ele e a parede, minha carne quente e macia palpitando.

Depois foi a sua vez, seus espasmos se fazendo tão gostosos, vibrantes, que, como sempre, me arrancaram um segundo orgasmo, seu esperma me enchendo, quente, me levando à plenitude de um júbilo que conheci apenas em seus braços.

Quando Joshua saiu de mim, colocando-me no chão, meu coração estava acelerado no peito, minha respiração tão ofegante que se tornava audível, minhas pernas tremiam. Lânguida, recostei-me em seu corpo forte e fui acolhida pelo calor dos seus braços me contornando, sua face se enterrando em meus cabelos, seu cheiro gostoso me inebriando.

Aquilo tinha sido simplesmente perfeito, como sempre era com ele, mas estávamos apenas começando, não parávamos até sermos tomados pela mais completa exaustão.

— Vamos mudar o roteiro da nossa viagem. — Joshua falou, seu hálito quente acariciando meus cabelos. — Vamos pegar o avião e ir pra um lugar onde ninguém saiba que estaremos.

— E que lugar seria este?

Ele ergueu-me a face, fazendo-me encará-lo, com um sorriso de diversão, declarou:

— Pra minha casa no Havaí.

Fiquei impressionada.

— Existe algum lugar no mundo onde você não tenha uma casa?

— Sim, vários, o Afeganistão, por exemplo.

Sorri, fascinada, com tudo e ao mesmo tempo com nada.

— Eu adoraria conhecer o Havaí.

Em menos de uma hora, estávamos no aeroporto da Prime, entrando em seu avião particular, com uma tripulação recém-avisada, prontos para seguirmos em uma viagem não planejada, cujo voo duraria quase oito horas. Por sorte, tínhamos combinado antes de ir para Galveston e eu tive a chance de comprar alguns biquínis, chapéu, saída de praia e óculos escuros, ou estaria totalmente despreparada.

O avião de grande porte era luxuoso e confortável, com lugar para meia dúzia de passageiros no compartimento principal, cozinha e quatro cabines grandes, uma das quais ocupamos, não exatamente para descansarmos.

Saímos apenas na hora do jantar, quando uma das comissárias de bordo nos serviu a deliciosa e caprichada refeição no compartimento principal. Ficamos por ali algum tempo, bebericando o vinho gelado, conversando sobre nada relevante, engolfados por uma paz deliciosa, como se não tivesse um louco por aí querendo me matar.

E, durante todo o resto da viagem, não conseguimos nos desgrudar, entregando-nos àquilo que mais gostávamos um no outro, insaciavelmente, de modo que quando aterrissamos no Havaí, eu estava tão exausta que Joshua precisou me carregar em seus braços para dentro da bela casa, que vi de relance, ao lado do aeroporto particular, uma cena que pareceu romântica aos olhos dos empregados que nos cercavam. Deitou-me em uma cama confortável e no instante seguinte mergulhei em um sono profundo.

Não fazia ideia de que horas eram quando acordei. O quarto enorme se encontrava escuro e muito silencioso. Um silêncio que chegava a ser fantasmagórico aos ouvidos de alguém que morava no barulhento centro de Dallas, onde mesmo à noite, a poluição sonora era constante.

Percebi que o cômodo estava todo cercado por grossas cortinas e levantei-me para afastá-las, deparando-me com o sol escaldante banhando uma vista tão encantadora que me deixou quase sem fôlego. Eu estava no segundo andar de uma casa que ficava a poucos metros de distância do mar; o luxo me cercava por todos os lados, desde os móveis, até as paredes, todas de vidro. O que Joshua tinha com paredes de vidro? A praia era imensa, se estendendo até onde as vistas alcançavam, com a areia muito branca, o mar agitado, o lugar completamente deserto.

Abri as cortinas do outro lado do cômodo e descobri que estávamos isolados da civilização, pois tudo o que havia ali era uma floresta.

Eu ainda estava estupefata, observando a maravilha à minha volta, quando a porta se abriu e Joshua entrou, usando uma bermuda colorida e camiseta branca. Tinha os pés descalços e carregava uma bandeja bem abastecida com o que parecia o café da manhã.

Não pude evitar, ao olhar para ele, meu coração bateu em um ritmo descompassado, meus lábios se esticando em um sorriso de pura gratidão pelo simples fato de ele existir.

— Acordou, bela adormecida? — Indagou, com um sorriso genuíno.

— Por quanto tempo eu dormi?

— Umas sete horas. — Ele empurrou uma das vidraças, adentrando a varanda ao ar livre, onde havia uma mesinha com dois lugares, pousando a bandeja sobre ela, acomodando-se de um lado. — Com fome?

— Muita.

Aproximei-me ainda sonolenta, quando ele me puxou para si, plantando um selinho em meus lábios antes de me soltar e sentei-me na outra cadeira, impressionada com a vista, que dali ficava ainda mais deslumbrante. A casa era enorme, cercada por grossas colunas coloridas e vidro. Do lado de fora, havia uma piscina gigantesca com churrasqueira, espreguiçadeiras e coqueiros; mais

adiante, havia quadra de tênis e um minicampo de golfe.

— Isso aqui é lindo. — Falei, servindo-me de um croissant com cappuccino.

— Verdade. Uma bela paisagem. — Disse, sem desviar os olhos de mim.

— Você vem muito aqui?

— Essa é a segunda vez. A primeira foi quando comprei a casa, há sete anos.

Não pude deixar de sorrir e soltei uma gargalhada sonora.

— Pobre menino rico. Tem dinheiro para comprar uma casa em um paraíso desses e não tem tempo de desfrutá-la.

Embora sorrisse de volta, ele percorreu os dedos entre os cabelos molhados, dando indício de nervosismo e imediatamente me arrependi por ter pronunciado as palavras.

— Durante quase toda a minha vida eu só encontrei prazer em uma coisa. — Falou, com dor evidente.

Cogitei introduzir outro assunto para não falarmos de coisas tristes em um paraíso como aquele, mas mudei de ideia, acreditando que talvez fizesse bem para ele se acostumar a falar sobre o passado com naturalidade, afinal, isso podia ajudá-lo a perder o medo dessa fase obscura da sua vida.

— O sexo. — Completei. E peguei um caminho muito perigoso. — Me conta como era sua vida com seus pais biológicos. — Gelei, por medo de causar uma reação negativa nele.

— Você tem certeza que quer ouvir isso?

— Sim, eu quero. — Mordí outro croissant amanteigado, estavam uma delícia.

Ele fitou o vazio à sua frente por um instante, com uma ruga profunda se formando no centro da sua testa, como se buscasse as lembranças.

— Eu não me lembro de muita coisa, pois era muito jovem. Só sei que era tratado como um animalzinho pelos meus pais, não frequentava a escola, não saía de casa e era agraciado com doces e outras recompensas quando fazia o que eles queriam.

— E o que eles queriam?

— Me ver fazendo sexo com outras pessoas. Eles filmavam isso, depois vendiam. Era sua fonte de renda.

Imaginei as cenas e fui tomada por uma sensação ruim, um misto de ódio, piedade e, ao mesmo tempo, tristeza.

— Essas outras pessoas eram adultos ou crianças?

— De tudo. Às vezes eu fazia com adultos, às vezes com outras crianças.

— Deve ter sido horrível. Me desculpe te fazer falar sobre isso.

— Não se desculpe. É bom compartilhar com alguém que trata o assunto com naturalidade.

Suas palavras me incentivaram a continuar.

— E depois que eles foram presos e você foi adotado pelos Walker, como percebeu que tinha adquirido compulsão pelo sexo?

— Com sete anos, eu transei com todas as meninas bonitas da escola.

Não consegui me conter e soltei outra sonora gargalhada.

— O quê? — Ele sorriu também, seus olhos brilhando lindamente contra os raios do sol. — Me desculpe, eu não devia ter sorrido.

— Devia sim. Não há nada nesse mundo que possa me fascinar mais que o seu sorriso.

— E depois disso?

— Continuei transando sem parar. Dava em cima de qualquer garota bonita que passava por mim, administrava várias namoradas ao mesmo tempo, procurava prostitutas na internet, vivia

cercado de pornografia e por aí afora.

— Isso não parece tão horrível assim.

— Mas é. As pessoas te julgam por ser um perverso. O fato de você sempre querer mais, nunca estar satisfeito, te torna um dependente, o que te leva à depressão, à solidão. É como qualquer outro vício.

— Eu me lembro do desespero do personagem de Shame tentando parar. — Hesitei antes de continuar. — Assim como os personagens do outro filme que trata o tema, ele também não conseguia relacionar o sexo com amor. Acontece com você?

Minha respiração ficou em suspense, esperando por sua resposta.

— Eu não sei te responder essa pergunta, pois nunca amei ninguém.

Um frio atravessou meu estômago, sem que eu entendesse a razão.

— E Candice? — Ele ficou sério e a irritação me tomou, pois se ele ainda se doía ao ouvir o nome dela, era porque preservava algum laço. Inferno!

— Eu nunca a amei. Foi apenas sexo, como eu já te falei. Começamos muito cedo. Ela sempre soube que não era a única e mesmo assim estava disposta. Eu nunca dispensaria sexo fácil. — Caralho! Ele falou com muita frieza. — Eu nunca tive uma mulher apenas, durante toda a minha vida foram várias ao mesmo tempo. Você está sendo a primeira. Como também foi a primeira com quem consegui dormir sem ter relações e de quem tenho vontade de estar perto durante as vinte e quatro horas do dia. Você está me transformando, Amber. — Seus olhos brilhavam sobre os meus e o meu coração ganhou um ritmo mais acelerado, um sorriso inevitável se estampando em meus lábios. — Você gostaria de sair para conhecer a praia?

— Sim, quero.

— Troque-se, já volto pra te apanhar. Vou dar ordens para o almoço, alguma preferência?

— Qualquer coisa com camarão.

— Certo.

Com isto, ele pegou a bandeja e deixou o quarto.

Animada para conhecer um lugar tão lindo de perto, tomei um banho rápido, coloquei o biquíni preto, os óculos de sol e joguei a saída de praia quase transparente por cima. Completei o traje com minha bolsa de palha, onde tomei o cuidado de guardar o protetor solar.

Estava pronta quando Joshua voltou e descemos as escadas de mãos dadas, atravessando a sala enorme, decorada com móveis exóticos, confeccionados com matéria prima.

Eu nunca tinha estado na praia antes, no máximo enxerguei o mar de longe no porto de Galveston durante uma pesquisa da faculdade, e quando meus pés descalços afundaram na areia fofa e morna, com a brisa fresca batendo em meu rosto, o barulho do balaço das ondas sendo o único som por perto, fiquei simplesmente fascinada, relaxada e feliz como estive em poucas ocasiões da minha vida. E com Joshua ao meu lado, tudo se tornava ainda mais perfeito, pois aquele homem parecia me completar de tantas formas, que eu sequer conseguia enumerar sobre o lugar e suas histórias, parecendo tão relaxado quanto eu.

Algumas milhas adiante, encontramos uma praia movimentada, repleta de turistas, na qual havia um pequeno porto onde lanchas eram alugadas.

— Quer dar uma volta? — Joshua indagou, gesticulando para as lanchas.

Imaginei o quanto aquilo podia ser bom, uma verdadeira aventura e sorri de puro contentamento.

— Eu adoraria.

Ele alugou a maior e mais cara das lanchas e, para minha surpresa, partimos sem o auxílio de

um marinheiro, o próprio Joshua conduzindo a embarcação.

— Ainda confia em mim? — Ele perguntou, com um sorriso cínico, percebendo a minha hesitação, enquanto pilotava.

Em resposta, o abracei por trás, plantando uma trilha de beijos em sua nuca.

— Sim, eu confio. — Ele desviou seu olhar da direção para virar o rosto e alcançar minha boca com a sua, beijando-me com aquela fome selvagem que nunca passava, mas apenas crescia. O beije de volta, mas logo afastei-me, usando minhas duas mãos para virar sua face para a frente novamente. — Só não se esqueça de manter-me viva.

Ele sorriu amplamente, contagiando-me e sorri de volta.

CAPÍTULO XXI

Enquanto nos afastávamos depressa da costa, tirei a saída de praia, espalhei um pouco mais de protetor solar no meu corpo e rosto, sobre a camada que já havia passado antes de sair da casa e espichei-me sobre uma das espreguiçadeiras que havia na popa da lancha, os raios de sol banhando minha pele, gostosamente, me fazendo relaxar ainda mais.

Embora o sol fosse forte, a temperatura era amena, devido à brisa fresca que soprava e isso, unido à bela paisagem à nossa volta, podia ser denominado de pequeno paraíso.

No entanto, era de Joshua que eu não conseguia desviar meu olhar. Ele pilotava a lancha, de costas para mim, fascinando-me com o quanto era lindo, com sua alta estatura, os ombros largos, as pernas bem-torneadas, firmes e peludas. Tinha os cabelos negros cortados bem curtos, contrastando com a pele branca da nuca. Eu não me cansava de admirá-lo, era realmente o homem mais bonito sobre o qual já pousei os meus olhos.

Estávamos enxergando a praia de muito distante, quando ele entrou entre duas pequenas ilhas cobertas pelo verde do mato, que pareciam desabitadas, ancorando no lugar onde a água era de um azul turquesa, quase transparente.

Por trás das lentes dos meus óculos escuros, o observei tirando a camiseta e a bermuda, ficando só de sunga, dando-me uma visão gloriosa do seu corpo lindo, cheio de músculos bem-esculpido, sem excesso, o peito se revelando largo e forte, os braços musculosos, a barriga sarada e uma bunda de dar água na boca.

Excitada, esperei que ele me atacasse, mas em vez disso, Joshua mergulhou de repente na água, deixando-me em pânico ali sozinha. E se a âncora falhasse e a embarcação saísse à deriva?

Depressa, levantei-me, indo para a pequena rampa na popa, observando-o.

— Vem, a água está uma delícia. — Ele convidou, se deliciando com a água translúcida, seus olhos se tornando ainda mais azuis contra os raios do sol.

— Nem morta cara. Você assistiu ao filme Pânico Em Alto Mar?

Joshua gargalhou sonoramente.

— Você assiste filmes demais. Sem chance de acontecer aquilo conosco. A lancha é baixa, podemos subir de volta a qualquer momento. Além do mais, estamos perto da terra. — Gesticulou para as duas ilhas à nossa volta. — Vem.

Cogitei a possibilidade e cheguei à conclusão de que, definitivamente, eu era uma mulher medrosa.

— Vou não. Prefiro estar sobe algo bem sólido.

— Eu tenho algo sólido aqui para você.

Foi a minha vez de sorrir.

— Você é um safado.

— Eu sei.

Deixando-o de lado, voltei para a espreguiçadeira, me refestelando com o banho de sol.

Menos de dois minutos depois, Joshua estava de volta a bordo, tapando o meu sol com o seu corpo grande todo molhado.

— Sai daí. Você está tapando o meu sol.

Como era de esperar, ele se colocou sobre mim, devagar, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, me cobrindo inteira, sem me tocar.

— Vou te dar uma pequena lição por me deixar mergulhar sozinho.

Suas palavras causaram uma corrente de excitação que passeou por todo o meu corpo, se instalando entre minhas pernas.

— Eu estou aqui, agora. — Umedeci meus lábios, excitada.

Vagarosamente, ele tirou os meus óculos, de modo que precisei estreitar os olhos para suportar os raios do sol. Em seguida, trouxe sua boca para a minha, beijando-me daquela forma que me deixava louca, com lascívia, com fome, me devorando, despertando-me o mais primitivo dos desejos.

Com a sensação de que meu corpo estava em chamas, me remexi na espreguiçadeira em busca do contato da minha pele com a sua, mas ele não permitiu, mantendo-se distante.

Putá merda! Se seu objetivo era me punir, estava conseguindo.

Quando a necessidade por tê-lo se tornava quase uma tortura, Joshua se levantou, puxando-me pelos ombros para levar-me junto, usando as duas mãos, empurrou-me para baixo novamente.

— De joelhos. — Falou, a voz abafada, o tom autoritário e obedeci sem pestanejar, ansiosa pelo que aconteceria em seguida.

Ainda em pé, muito perto de mim, com o seu sexo na altura do meu rosto, ele tirou sua sunga, ficando completamente nu, o pau muito duro, grande e todo babado se revelando diante da minha face e o quis com tanta força que um gemido me escapou.

— Gosta dele? — Joshua perguntou.

— Sim, eu gosto. — E gostava muito!

— Me mostre o quanto.

Assim, segurou meus cabelos atrás da minha cabeça e guiou o meu rosto até ele, a oitava maravilha do mundo tocando meus lábios e o abocanhei gulosa, chupando com muita sofreguidão, como se minha vida dependesse daquilo.

Putá que pariu! Como o seu gosto era bom! Era o sabor da luxúria, do pecado, mas de um pecado bom, do qual eu me tornava cada dia mais prisioneira.

Eu o levava muito fundo em minha garganta e trazia de volta, excitada, extasiada, o formigamento se tornando quase insuportável na altura do meu ventre, e quando tentei enfiar a mão no meu biquíni, para me tocar, Joshua me impediu.

— Nada disso, você está de castigo. — Disse.

Torturada por um desejo que não podia ser saciado, continuei chupando seu pau gostoso, como uma esfomeada, em meu ritmo, lambendo seu saco limpo e depilado, passando a língua em volta da carne rijá. Até que Joshua segurou o meu rosto para me fazer encará-lo, de baixo para cima, enquanto movia seus quadris em vai e vem, entrando e saindo de mim, fodendo minha boca.

— Ah... que boquinha gostosa. — Falou, sua voz lembrando um rosnado. E então parou. — Deita. — Ordenou, gesticulando para a espreguiçadeira. Ansiosa, obedeci sem hesitar, deitando-me de frente. — Assim não, de costas. Quero comer esse cuzinho.

A expectativa que me tomou foi tão avassaladora, que a corrente de tesão me fez ondular involuntariamente, e virei-me de bruços, tão sequiosa por senti-lo em mim, que estava quase suplicando.

Mas Joshua não me fez esperar, logo seu corpo estava sobre o meu, sua boca gostosa em mim. Abocanhou minha nuca, dando uma única mordida, antes de descer, lambendo e mordiscando minha pele, deliciosamente. Tirou a peça de baixo do meu biquíni, pelos pés, e usou as duas mãos para afastar minhas nádegas, observando-me ali por um breve instante antes de prosseguir, levando sua boca habilidosa para o meu ânus, sua língua gostosa se movendo sobre ele, em círculos, fazendo uma suave pressão.

— Ah... delícia... — Choraminguei, empinando mais minha bunda para ele.

Sua língua passeou por todo o meu sexo, indo do ânus para a vagina, depois para o clitóris, lambendo-o com maestria, refazendo o percurso, me deixando mais doida a cada instante, necessitada daquilo como uma viciada necessitava de sua droga.

Joshua empurrou sua língua na entrada do meu orifício, tentando abrir passagem enquanto o lubrificava com a sua saliva, deixou-me bem molhadinha ali e então afastou-se, encaixando seus quadris atrás dos meus, seu pau tocando meu ânus, fazendo pressão, abrindo passagem devagar para não me machucar. Aos poucos, foi se enterrando, centímetro por centímetro, até estar todo dentro, me enchendo demais, quase me partindo em duas e ainda assim eu queria mais, muito mais e ele me deu, estocando bruscamente dentro de mim, arrancando-me um grito, um misto de dor e prazer.

— Mais... — Falei, ensandecida e ele me deu, estocando novamente, com força, com brutalidade, num vai e vem incessante, da maneira que me enlouquecia.

Trouxe sua boca gostosa para o meu pescoço, ora mordendo minha nuca, ora lambendo minha orelha, tirando o que restava do meu juízo.

Sem se retirar de mim, Joshua se moveu com muita agilidade para mudar de posição, colocando-nos deitados de lado na espreguiçadeira, ficando atrás de mim, enterrado até a raiz no meu canal mais estreito, enlouquecendo-me de prazer com os seus movimentos bruscos, me fodendo gostoso como apenas ele sabia fazer, a bela paisagem à nossa volta como testemunha.

Com uma mão, ergueu minha perna no ar, enquanto levava a outra ao meu clitóris, massageando-o em círculos, intensificando toda a loucura dentro de mim, meus gemidos quase se transformando em gritos. E me movi junto com ele, arremetendo meus quadris para trás, buscando-o cada vez mais, me deliciando com o seu tamanho me enchendo inteira, sua carne rija pressionando a minha.

Não havia palavras que pudessem descrever a enormidade do prazer que aquele homem me dava, era simplesmente de enlouquecer.

Novamente, ele mudou nossa posição sem deixar o meu interior, desta vez deitou-se de frente, colocando-me sentada sobre seu colo, uma perna de cada lado, minhas costas na direção do seu rosto.

— Rebola no meu pau, cadelinha. — Falou, quase gemendo, para em seguida me dar um tapa na bunda.

E fiz como ele disse, movendo-me freneticamente sobre ele, seu pau entrando e saindo de mim, girando, me enlouquecendo, me aproximando do êxtase.

Mais uma vez seus dedos habilidosos foram para o meu clitóris, massageando-o antes de se enterrarem na minha vagina lambuzada, movendo-se dentro dela, em vai e vem, me preenchendo ainda mais, me fazendo sentir completa, como se nada mais me faltasse. E foi assim que me perdi, explodindo em um orgasmo arrebatador, que por pouco não me tirou a consciência, tamanha foi sua intensidade.

Meu corpo se contorceu, meus gemidos saíram muito altos, as lágrimas me banharam a face, até que a tempestade passou e fiquei mole sobre Joshua, quando então, ele saiu de mim, colocando-se em pé à minha frente, diante da minha face. Segurou seu pênis entre os dedos, usando a outra mão para segurar-me firme no lugar, pelos cabelos, e ejaculou, banhando meu rosto e meu corpo com seu esperma quente e viçoso, os jatos batendo em minha pele, escorrendo pelo meu colo e ventre.

Ergui meus olhos e vi sua face linda contorcida de prazer, seu corpo grande e delicioso

ondulando inteiro e fui tomada por uma nova onda de tesão que me levava ao descontrole.

Tentei levar minha boca ao seu pau, ainda duro e chupar até me cansar, mas Joshua não permitiu. Quando seu êxtase passou, puxou-me para cima, pelos cabelos, tomando-me a boca, beijando-me daquela forma selvagem e faminta, como apenas ele sabia fazer.

— Parece que alguém vai ter que cair na água. — Ele falou com um sorriso safado, afastando-se alguns centímetros.

Só então me dei conta de qual era a sua intenção ao banhar-me inteira com seu esperma.

Mas que safado!

— Isso é jogo sujo, Joshua Walker. — Falei, sem conseguir parar de sorrir.

— Eu nunca te disse que jogava limpo. — Ele me segurou em seus braços e carregou-me para a pequena rampa na popa da lancha. — Você sabe nadar?

Antes que eu tivesse tempo de responder, ele se jogou na água comigo nos braços.

Eu era uma ótima nadadora, aprendi durante as festas realizadas perto de piscinas durante a faculdade, mas ainda assim, entrei em pânico, temendo que um tubarão ou outro peixe perigoso nos atacasse a qualquer momento.

— Seu maluco! — Esbravejei, ainda agarrada a ele. — E se aparecer um tubarão?

— Desde que ele não morda a minha *pepeka* está tudo bem. Agora se ele morder, vou ter que caçá-lo para reaver o que é meu.

Era mesmo um idiota, mas um idiota que conseguia, entre muitas outras coisas, me fazer sorrir, como agora.

— Você é doido. Isso pode ser perigoso!

— Não é. Relaxa. Esse lugar é turístico. Já devem ter eliminado os tubarões em nome da segurança.

Aos poucos, eu fui relaxando em seus braços, só então apreciando a temperatura agradável da água, a leveza que me dava. Em questão de minutos, eu estava me divertindo, nadando em volta de Joshua, mergulhando de cabeça, observando a beleza debaixo da água, onde podíamos ver a vida marítima em abundância, uma sensação boa me tomando inteira. Mas ele não me deixou solta por muito tempo, logo me agarrou pela cintura, puxando-me para ele e atacou minha boca, fazendo-me sua ali, submersos na água do mar.

Era fim de tarde quando retornamos à costa. Famintos, nos dirigimos para o restaurante mais próximo, um lugar agradável ao ar livre, enfeitado com folhas de palmeiras, com uma música animada ao fundo, que se encontrava pouco movimentado devido ao horário.

Comemos uma sopa de polvo deliciosa, saboreando o delicioso Blue Rawaii, engatados em uma conversa tão gostosa e descontraída que não vimos as horas passarem. Quando nos demos conta, o restaurante já estava abarrotado de turista e uma banda ao vivo começou a tocar uma música agitada, alguns casais se arriscando na pista de dança.

Ligeiramente embriagados pelos drinques coloridos, os imitamos, dançando livremente na pista, ora juntos, ora separados, quando me diverti como em poucas ocasiões.

Como era tarde da noite, precisamos alugar um jipe para voltarmos para a casa, onde voltamos a nos entregar um ao outro, com toda aquela loucura que nunca passava e que a cada instante juntos fazia de nós um só ser.

Passamos o domingo e a segunda-feira no Havaí. Explorando a praia, aproveitando a piscina da casa, nos divertindo nas áreas recreativas da casa, em especial, na grande sauna a vapor, embora passássemos a maior parte do nosso tempo deitados em uma rede na varanda no piso inferior, bem próximos ao mar, embalados pelo balanço tranquilo das ondas, apenas curtindo a

companhia um do outro como se nos bastássemos e nada mais nos faltasse quando estávamos juntos.

Assim como o desejo insaciável, o assunto nunca faltava entre nós, com Joshua eu aprendi a me sentir livre para falar sobre absolutamente tudo, sobre meus medos, meus sonhos e intimidades, assim como ele falava de si mesmo comigo, tratando nossos fantasmas com muita naturalidade, como se realmente fôssemos a cura um para o outro, um bálsamo para feridas antigas, que iam cicatrizando aos poucos, a medida que passávamos mais tempo juntos.

Foi no final da tarde que precisamos nos despedirmos daquele paraíso, com a promessa de que voltaríamos em breve, desta vez para passarmos mais tempo.

Precisávamos estar de volta ao trabalho na Prime na terça de manhã e como passamos praticamente a noite toda no avião, chegando a Dallas durante a madrugada, eu estava um caco quando acordei, com grandes olheiras, cansada e afadigada. Precisei de duas xícaras de café puro para encontrar disposição para ir trabalhar e mesmo assim, ainda fui contra a vontade do meu corpo, que preferia ficar deitado mais um pouco.

Ao descermos do apartamento, ainda na garagem, encontramos três homens parrudos, usando terno, gravata e óculos escuros, todos com a fisionomia muito séria, que pareciam nos aguardar. Foram cumprimentar Joshua como se já o conhecessem.

— Amber, esses são os seguranças que contratei para você. — Joshua me explicou. Puta merda! Eu estava tão feliz que tinha até me esquecido que havia um louco por aí querendo me ver morta. — Um deles ficará no saguão da Prime, os outros dois na porta do elevador do nosso andar.

— Três não é muito? — Indaguei, achando aquilo realmente um exagero.

— Não, segurança nunca é demais. — Ele tirou uma chave do bolso do seu paletó e entregou-me. — Essa é a chave do seu carro, use-o se precisar sair, mas nunca deixe de levar os seguranças junto com você.

— Que carro? Eu não tenho carro.

— Sim, você tem. — Ele apertou o ativador de alarme na chave e as luzes de um Camry vermelho, que se encontrava entre seus muitos carros de luxo, se acenderam. — É este.

Fitei-o, estupefata, surpresa.

— É um carro muito caro, não posso aceitar.

— Pode e vai. Até porque você precisa dele para não se tornar uma prisioneira da Prime.

Ele estava certo, sem um carro para me locomover, eu estaria correndo ainda mais risco de vida. Além do mais, era um presente, eu não podia recusar. Assim, recebi a chave da sua mão.

— Sendo assim, obrigada.

— Agora vamos. Já estamos atrasados.

De mãos dadas, com os três brutamontes nos seguindo, caminhamos para a sede da Prime sob o sol escaldante daquela manhã de terça-feira, o barulho do tráfego me incomodando.

E para piorar um pouco mais meu estresse, no instante em que ocupei meu lugar em minha mesa, recebi um telefonema da minha mãe avisando que estava a caminho de Dallas para me fazer uma visita, a fim de ter uma conversa séria comigo. Estava agitada ao telefone, mais alarmada que o normal, mas não quis dizer do que se tratava, o que, unido ao fato de que ela quase nunca vinha à cidade, me deixou preocupada.

CAPÍTULO XXII

— Belo bronzeado, Sr. Walker.

Era o que todos me diziam naquela manhã desde que cheguei ao trabalho, encontrando uma pilha de documentos para ser analisada. Eu nunca pensei que faltar um dia na Prime acumularia tanta coisa e acarretaria tantos problemas.

Eu examinava tudo o que precisava fazer e não sabia por onde começar, já estava completamente estressado só em olhar a quantidade de mensagens na caixa de entrada do meu e-mail.

Na verdade, o que eu queria realmente era ter ficado por mais tempo na praia com Amber, vivendo aquele momento tão raro e tão feliz. Eu podia classificar aqueles dois dias como os melhores da minha existência, quando pude me desligar do mundo e me entregar apenas às minhas emoções, que eram muitas e inacreditavelmente boas. Suscitadas por Amber, a mulher que parecia me completar em todas as esferas da minha vida.

Quando estava com ela, eu tinha a sensação de que não precisava de mais nada, de que nada mais me faltava, ela preenchia cada sequela deixada na minha alma pelo meu passado obscuro, me tornava um novo ser, alguém de quem eu gostava finalmente. Era a minha cura, assim como eu era a sua.

Eu simplesmente amava tudo naquela garota, seu cheiro, sua voz, seu jeito espontâneo de ser, seu sorriso carismático, o prazer indescritível que dávamos um ao outro. Nunca houve outra que se comparasse a ela em minha vida, nunca houve outra que me fizesse desejá-la durante as vinte quatro horas do dia e desejar apenas ela, sem aquela necessidade constante de variar.

Eu não sabia exatamente o que estava acontecendo comigo, que força enigmática era aquela que me ligava à Amber, minha única certeza era de que queria que nunca acabasse, que tudo continuasse exatamente como estava.

Antes de mais nada, eu precisava garantir sua segurança, impedir que a pessoa que a perseguia a apanhasse, cuja identidade aquele maldito, mesmo sendo torturado pela polícia, se recusava a revelar. Por isto, já tinha acionado dois investigadores particulares para procurar o responsável pelas tentativas de assassinato, mas eles ainda não tinham ideia de quem podia ser. Não encontraram uma pista sequer.

E embora eu me recusasse a admitir, no fundo temia que realmente pudesse ser Candice, agindo de forma impulsiva, motivada pelo seu ciúme doentio. Depois que nos tornamos adultos e voltamos a nos encontrar, após a faculdade, ela vivia armando das suas para impedir que outras mulheres se aproximassem de mim. Invadia minha agenda para desmarcar encontros, aparecia em encontros se dizendo minha namorada, chegou a pagar algumas garotas para que não se aproximassem de mim, o que foi em vão, pois eu sempre tive todas as mulheres que quis.

Entretanto, acreditar que ela chegaria ao ponto de tramar a morte de alguém, era um pouco demais, embora a hipótese não merecesse ser descartada.

Durante as primeiras horas daquela manhã, ela me telefonou várias vezes pedindo para ser recebida, alegando ter um assunto urgente a tratar comigo, todavia, eu estava ocupado demais e disse que esperasse, mas Candice era impulsiva e invadiu minha sala sem ao menos esperar que Rebecca a anunciasse.

Eu estava no meio da leitura de uma proposta do departamento de marketing, que precisava ser analisada com urgência, e sua intromissão me irritou.

— Porra, Candice! Eu já disse que estou ocupado! — Como se agissem por vontade própria, meus olhos passearam pelas curvas redondas dos seus quadris e pelas suas pernas longas dentro da saia colada. Não que eu ainda a admirasse, mas meu organismo parecia programado a registrar cada vestígio de feminilidade que se apresentava diante de mim.

Minhas palavras não a detiveram, mas meu gesto pareceu incentivá-la e ela sentou-se na cadeira diante de mim, cruzando uma perna sobre a outra, de forma sensual, sem me despertar qualquer emoção.

— Tenho um assunto muito sério a tratar com você. — Disse, pousando um envelope grande na mesa.

— E o que seria? — Indaguei, pouco interessado.

— Enquanto você se refestelava na praia com aquela garota, eu a investiguei.

Agora ela tinha toda a minha atenção e a minha raiva.

— Como é? Você foi xeretar a vida de Amber? — Ao que parecia, ela tinha voltado à loucura de perseguir cada mulher que se aproximava de mim, o que me aproximou mais da suspeita de que tentara assassinar Amber.

— Eu não xeretei, eu investiguei, com a ajuda de um bom detetive. E adivinha só, ela não é quem diz ser.

Eu devia expulsá-la da minha sala antes que dissesse mais algum absurdo, pois a conhecia bem e sabia que nada de bom partiria dela, mas a curiosidade falou mais alto.

— Não? E quem é ela, então?

Candice arregalou seus olhos azuis sobre os meus.

— Filha biológica do nosso pai.

Definitivamente, desta vez ela tinha ido longe demais na sua loucura.

— Fala sério, Candice! Eu tenho muito trabalho pra fazer aqui. Não tenho tempo para as suas loucuras.

Seus olhos simularam uma expressão de ofensa.

— Não é loucura. É a mais pura verdade. Pode olhar.

Ela abriu o envelope, de onde tirou um documento e me entregou.

— O que é isso?

— Leia.

Impaciente, apenas com a intenção de livrar-me dela o quanto antes, fiz como disse, analisando o documento. Tratava-se de um teste de DNA, feito com a uma amostra de sangue do meu pai, que a Prime colhia de todos os funcionários para exames de rotina anualmente e o sangue de Amber, coletado durante seu processo de admissão. De acordo com o resultado, havia cem por cento de chance de ambos serem pai e filha.

— Você falsificou isso? — Perguntei, indignado com o quanto ela podia ser cínica.

— Claro que não! — Novamente, ela simulou aquela expressão de ofendida. — Ela é filha dele. Aproximou-se de nós, de você, para conquistar a confiança e depois que descobríssimos tudo, dar uma de coitadinha. É uma víbora que está entre nós, de olho naquilo que é nosso.

Ao meu ver, Candice não estava dizendo coisa com coisa.

— Candice, eu estou ocupado. Não tenho tempo para as suas loucuras.

— Você acha que estou inventando isso?!

— Acho.

Ela bufou, irritada e nervosa e tirou outro documento do envelope, entregando-me.

— A mãe dela era empregada em nossa casa. — Comecei a examinar o outro documento

enquanto ela falava. — Certamente engravidou pra dar o golpe do baú, mas nosso pai não é bobo, ele se livrou das duas. Esse documento prova que a fazenda onde ela cresceu era da Prime e foi doado à sua família há exatamente vinte e três anos, quando ela nasceu. — Meu sangue gelava nas veias a medida que eu lia o documento. Realmente a fazenda onde a família de Amber morava, o lugar onde ela cresceu, foi uma doação da Prime, feita pessoalmente pelo nosso pai, há vinte e três anos. Parecia a mais bizarra das loucuras, mas o que Candice dizia começava a fazer sentido. — Ele a manteve longe todo esse tempo por ser uma bastarda, nunca a reconheceu, nem a registrou no seu nome porque sabe que a mãe é uma golpista que estava de olho nos seus negócios, mas a cobrinha se infiltrou entre nós, dando uma de coitadinha ao aceitar servir o café para conquistar a afeição dele e então ser reconhecida e inserida no testamento. Mas pelo visto, ela não se satisfaz com isto, depois de separar nossos pais foi atrás de algo maior: a presidência, por isso se aproximou de você! E aposto como conseguiria arrancar qualquer coisa de você se eu não tivesse descoberto seu plano.

Minha mente girava com todas aquelas informações. Ao mesmo tempo que tentava entender, buscava as lembranças dos momentos que passei com Amber, meu consciente tentando detectar qualquer sinal de falsidade no comportamento dela enquanto nos conhecíamos. Seriam as teorias de Candice verdadeiras? Teria Amber sido fingida comigo desde o início, com a intenção de me ter em suas mãos e me tomar a presidência da Prime quando decidisse que chegara a hora? Ela saiu também com Noah, estaria realmente rondando a nossa família para conhecer nossas fraquezas antes de revelar quem era? Meu pai teria deixado minha mãe por causa da intromissão dela?

Tudo aquilo parecia absurdamente louco, mas não havia a mínima possibilidade de ser mentira, as provas estavam ali diante de mim.

— Se ela é filha dele, podia ter exigido um teste de DNA e depois os direitos que ela tem. — Falei, apegando-me a um último lampejo de esperança de que a mulher que significava tanto para mim não era uma cobra dissimulada, de que tudo o que aconteceu entre nós não foi uma grande mentira.

— É exatamente esta a questão, se ela quisesse apenas o que tem direito, teria agido desta forma, exigindo por meio da lei, mas ela quer tudo. Deve se achar nesse direito por ser a única filha biológica. Se infiltrou na Prime para estudar nossas fraquezas e depois nos destruir. — Candice continuou, tão enfática quanto um candidato a um cargo político discursando.

Um gosto amargo se fazia na minha boca, enquanto meu estômago ameaçava expulsar o café da manhã. Por mais que eu me recusasse a acreditar que Amber era a cobra que Candice descrevia, não tinha como duvidar.

— Se ela é filha de uma antiga empregada, nossa mãe deve saber de alguma coisa. Você falou com ela?

— Tentei, mas ela se recusa a se abrir. Está cada dia mais deprimida com o divórcio e aposto como essa garota está por trás dessa separação. No mínimo, deve ter revelado uma verdade que nossa mãe desconhecia, com a intenção de fazer todo esse inferno e se vingar por ter sido rejeitada.

Quando mais Candice falava, mais eu me enchia de ódio e de dor, pela certeza de que fui usado, manipulado e feito de idiota por Amber durante todo esse tempo. Mas tiraria essa estória a limpo, agora mesmo.

— Vamos falar com ela. Quero saber o que tem a dizer sobre isso tudo. — Falei, pegando o interfone.

— Ela vai negar. — Candice afirmou com muita segurança, cruzando seus braços diante do

corpo.

Em dois minutos, Amber entrava na sala. Tinha os ombros encolhidos, o olhar assustado, parecendo um animalzinho frágil e indefeso, o que antes me despertaria aquele instinto de proteção que sentia em relação a ela, mas que agora me parecia algo teatral, falso, uma atitude dissimulada para ganhar minha confiança.

Meus pensamentos eram intensos, assim como a raiva dentro de mim.

— Por que você não me disse que é filha de Robert? — Indaguei com rispidez, antes que ela tivesse a chance de se sentar.

Amber estacou no meio da sala, fitando-me com confusão, o que me levou a acreditar que ela realmente era uma fingida.

— O quê? — Indagou, fingindo incredulidade.

— Não tem mais como você esconder a verdade, as provas estão aqui. Nós já sabemos quem você é. Agora falta você explicar com qual objetivo mentiu. — Minha raiva era tão grande que minha voz saía áspera.

— Eu não sei do que você está falando.

Por que ela insistia em continuar mentindo? O que pretendia com isto?

— Eu não disse que ela negaria? — Candice interferiu com um brilho de satisfação nos olhos azuis. Levanto-se, segurando o teste de DNA, indo até Amber, caminhando em torno dela com ameaça. — Você pensou que nos enganaria por quanto tempo, sua cobra? Nós temos a prova, pode ver. — Entregou-lhe o teste. — Se você pensou que podia chegar aqui e tomar o que é nosso só porque tem o sangue do nosso pai em suas veias, se enganou redondamente! Ele te expulsou no passado e vai fazer o mesmo agora. Ele não te quer por perto, deixou isso claro quando se livrou de você e da sua maldita família. E não vai ser dando uma de coitadinha que você vai tomar o que ele tem. Ele não é burro! — Candice falava com uma frieza cortante, que eu teria recriminado se não estivesse cego de raiva.

Após examinar o documento, Amber se aproximou da minha mesa, ignorando Candice e o que ela dizia, fitando-me com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não sei o que isso significa, mas não sou filha do Sr. Walker. Eu juro. Por favor, acredita em mim. — Falou com tom de súplica.

Se as provas não estivessem ali, diante de mim, eu me sentiria tentado a acreditar, pois ela realmente parecia estar sendo sincera, e foi então que me dei conta do quanto me deixei manipular por aquela mulher, acreditando que ela realmente se importava comigo, que gostava da minha companhia tanto quanto eu apreciava a dela, que não ligava para a minha maldita compulsão, quando no fundo, devia estar sorrindo de mim o tempo todo, zombando, me julgando o tolo que me fizera.

— Eu não sei o que você pretendia com isto, Amber, mas se era ficar com a Prime só pra você, como Candice está dizendo, seu plano deu errado. Você teria lucrado mais se tivesse agido de forma honesta, exigindo a parte que lhe cabe por ser tão filha dele quanto nós. Ou você acha que por sermos adotados não temos os mesmos direitos que você? — Realmente eu pouco me importava com a Prime, ou com aquela maldita herança, eu apenas queria magoá-la assim como estava me sentindo magoado por toda a mentira que ela inventara, por ter sido fingida o tempo todo, por não ter se importado comigo como eu queria.

— Por que você está falando assim? — As lágrimas desceram pela sua face e por um instante quase vacilei. — Eu nunca menti pra você. Eu não sou filha do Sr. Walker. Por que você não acredita em mim? O que aconteceu entre nós, tudo o que vivemos, não significou nada pra você?

Significou muito e por isso sua mentira me magoava tanto.

— Chega de mimimi! — Candice interveio. — As provas estão aqui, sua falsa! Sua farsa chegou ao fim! Se quiser lucrar à custa do sangue que corre em suas veias, aja de maneira legal. Procure um advogado e entre com um pedido de pensão alimentícia, pois isso é tudo o que você terá! — Amber examinou mais uma vez o teste de DNA, depois o documento que comprovava que a fazenda da sua família foi doada por nosso pai. Mostrou-se muito aflita, tão desolada que por pouco não esqueci tudo e corri para abraçá-la. — Ou você achou que armando toda essa farsa podia ficar com tudo o que eu e Joshua levamos uma vida inteira de trabalho duro para manter? — Candice não fazia questão de economizar na rispidez das suas palavras.

— Já chega! — Interferi, furioso, magoado, decepcionado, ferido como nunca me senti antes. — Eu quero que você saia desta empresa agora mesmo! E só volte se algum advogado te der esse direito, por causa do seu sangue. Fui claro? — Eu cuspi minha dor junto com minhas palavras.

Em meio ao seu pranto, Amber me encarou como se eu fosse o verme mais escroto da face da Terra e, sem uma palavra, deu-me as costas e saiu correndo da sala, batendo a porta com força atrás de si, deixando-me com a sensação de que uma parte de mim acabava de ser brutalmente arrancada. A melhor parte do meu ser.

— Essa garota nunca me enganou, desde que a vi pela primeira vez, senti que havia algo errado. E você agiu certo. Estou orgulhosa. Não podemos deixar que essa gente aproveitadora chegue aqui e se aproprie do que é nosso. — Candice voltou a sentar-se na cadeira diante da minha mesa. Olhei em seu rosto, notando sua expressão de pura satisfação e, naquele instante a odiei por me trazer a verdade, pois eu preferia viver na mentira para o resto da vida, do que perder Amber daquela forma. Minha alma estava esstraçalhada.

— Sai daqui, Candice, eu preciso trabalhar. — Falei entre dentes, furioso, magoado.

— Está bem. Mas você sabe que se precisar conversar, desabafar, sempre pode contar comigo. Eu sempre estarei do seu lado.

— Eu sei. Saia, por favor.

Visivelmente desapontada, certamente por estar sendo expulsa, embora tentasse não deixar transparecer como realmente se sentia, para tentar, em vão, me convencer de que era uma pessoa centrada e inabalável, ela deixou a sala.

Sozinho, minha dor se tornou ainda mais insuportável, meu peito angustiado, minha alma dilacerada. Sensações tão intensas e ruins que minha mente atormentada me arremeteu a pensamentos pervertidos, de luxúria e lascívia, a opção que meu organismo insistia em conceber como sendo a única saída.

Ansioso, em um ponto extremo de nervosismo, comecei a caminhar de um lado para o outro da grande sala, transpirando sem sentir calor, um sintoma típico da minha compulsão. Eu me esforçava para manter o autocontrole a todo custo, o que se tornava mais difícil a medida que eu repassava, mentalmente, toda a situação, os momentos que vivi com Amber, o fato de ela ter fingido durante todo esse tempo, de que jamais se importou comigo de verdade, que queria apenas o dinheiro do nosso pai, quando o toque do meu celular particular me atraiu e o tirei do bolso para atender.

— *Sr. Walker, aqui é David Stewart. A Srta. Mitchell deixou o edifício, está indo para o condomínio correndo, como devemos proceder?* — Indagou um dos seguranças que contratei, do outro lado da linha.

Merda! O que eu tinha feito?! Por mais errada, dissimulada e ambiciosa que fosse, Amber não merecia morrer e eu a colocara em perigo. Havia um louco solto por aí tentando assassiná-la e eu a tratei de forma abrupta, induzindo-a a deixar o prédio fora de si, sem capacidade de

raciocinar com a clareza necessária para defender-se da morte. Merda! Merda! Merda! Por mais errada que ela fosse, eu não suportaria a sua morte!

— Siga-a. Não a deixe sozinha em hipótese alguma. — Ordenei, já correndo para o elevador.

CAPÍTULO XXIII

Com o rosto banhado de lágrimas, desci do último andar até a rua sem ver o percurso. As palavras duras de Joshua, seu olhar frio e acusador, repetindo-se em minha mente, como marteladas incessantes, machucando-me dolorosamente.

Como ele podia acreditar que eu era tudo aquilo de que me acusou, depois do que aconteceu entre nós? Que eu era a filha do Sr. Walker tentando dar um golpe? Como podia me acusar de algo tão sórdido? Como podia colocar o dinheiro acima do que tínhamos vivido nos braços um do outro? Definitivamente, o dinheiro, a Prime, eram muito mais importantes na vida dele do que eu, ou teria me dado pelo menos a chance de me defender. Eu não entendia como podiam existir pessoas assim, tão gananciosas.

A impressão que eu tinha era de que meu mundo desmoronava. De que acreditei em uma grande ilusão, de que não fui nada para Joshua além de mais uma que ele levou para a sua cama, de quem logo não se recordaria o nome.

Obviamente havia o dedo podre de Candice por trás daquela história toda, influenciando a opinião dele, todavia, ele não era uma criança tola, sabia o que estava dizendo, preferiu acreditar nos absurdos que ela inventava, dando mais importância ao dinheiro que tinham, que a tudo o que vivemos, provando que era tão ambicioso quanto ela.

Que se fodesse a porra do dinheiro deles! Eu nunca mais queria ver aquela gente na minha frente, nunca mais queria ver Joshua! Para mim, ele acabava de morrer. Se realmente acreditava que eu era uma mentirosa, uma simulada, como me acusara, era porque não me merecia.

Eu corria como uma louca pela calçada na direção do condomínio, não sabia ao certo para aonde ir, sabia apenas que queria me afastar dele o mais depressa possível. Assim, fui direto para a garagem do seu prédio, onde estava o carro com o qual me presenteou. Não que eu pretendesse ficar com aquela porcaria, dele eu não queria nada, mas o usaria para sair dali, pois era a forma mais rápida de me afastar.

Apenas ao abrir as portas do veículo, dei-me conta de que os três seguranças me seguiam e, de certa forma, senti-me aliviada por isto.

— A senhorita quer que eu dirija? — Um deles perguntou.

Mas eu não estava com paciência para falar e, se ele pegasse o volante, precisaria explicar-lhe para onde me levar e ainda não fazia ideia de para aonde ir, queria apenas me afastar.

— Não. Obrigada. — Respondi.

Então, tomei o volante, enquanto os três se enfiavam dentro do veículo, dois nos assentos traseiros, o terceiro ao meu lado no dianteiro e arranquei, em alta velocidade, com pressa de sair daquele lugar, onde tudo me lembrava Joshua. E dele, agora, eu queria apenas distância.

Ao atravessar os portões de saída do condomínio, o avistei na calçada, correndo naquela direção, seus olhos se detendo no carro que eu dirigia. Parou, acenou com as duas mãos, me pedindo que parasse, fazendo menção de vir ao meu encontro, mas sua atitude só me fez correr mais, a raiva, a indignação e a mágoa dentro de mim forçando meu pé no acelerador e sem ver quase nada à minha frente, inseri-me no trânsito movimentado, causando a freada brusca de alguns outros carros que tentavam evitar colidir com o meu.

Ainda correndo, cega pelas emoções que me tomavam, segui na direção da rodovia, sem um rumo certo, fazendo algumas ultrapassagens perigosas, quase atropelando uma senhora idosa ao avançar um sinal.

— Vá mais devagar, por favor. — O segurança ao meu lado pediu, mas o ignorei, minha mente e minha alma transtornadas, tomadas por uma dor lancinante, que me impedia de ver o que eu estava fazendo.

Continuei correndo pelas ruas da cidade, na direção da autoestrada, em alta velocidade, as palavras e o olhar acusador de Joshua repetindo-se em minha mente, como as cenas de um DVD enganchado, impedindo-me de ver a estrada à minha frente e quando dei por mim, tinha girado o volante com força demais em uma curva fechada, um ato infeliz para quem dirigia um carro novo, macio demais, o que me fez perder o controle da direção. Meu sangue gelou nas veias quando um lado do carro ergueu-se totalmente do chão, de modo que, por alguns segundos, ficamos sobre apenas duas rodas, sem que eu conseguisse frear. Tudo aconteceu muito rápido. Em fração de segundos, o carro tinha capotado, o estrondo violento se fazendo sobre nossas cabeças, deslizando sobre o asfalto com os pneus para cima, sem que tivéssemos tempo de agir antes que o impacto acontecesse, o veículo chocando-se violentamente contra algo sólido, outro carro talvez, nos arremessando para a frente, minha cabeça colidindo brutalmente no painel, me causando uma dor intensa, mas que não se comparava ao pânico que me tomava enquanto aos poucos ia perdendo a consciência, até que tudo se perdesse na mais negra escuridão.

Quando abri os olhos, sentia a minha garganta muito seca, minha cabeça parecia pesar uma tonelada, meu corpo estava dolorido, a luz forte no teto ofuscava-me os olhos, de modo que precisei piscar várias vezes antes de conseguir distinguir as imagens à minha volta, constatando que se tratava de um quarto de hospital.

Havia uma pessoa em pé ao lado do meu leito e novamente, precisei piscar consecutivamente para clarear minha visão e só então reconhecer o rosto sofrido da minha mãe.

— Mãe? — Chamei, num fio de voz, confusa, a saudade me pesando no peito.

O que ela fazia aqui? Puxei as lembranças em minha mente até que as imagens do acidente voltaram, o carro capotando no asfalto. Teria sido tão grave assim?

— Estou bem aqui, meu amor. — Minha mãe segurou minha mão entre as suas. — Vou avisar ao médico que você acordou.

Sem que eu compreendesse a razão, a ideia de ser deixada me trouxe uma onda de pânico.

— Não me deixa sozinha. — Pedi, apertando a mão dela.

— Não vou deixar. — Ela se virou para a porta, quando só então vi o homem usando terno e gravata parado ali. Um dos seguranças. Ai meu Deus! Será que eu tinha matado os outros dois? — Por favor, avise ao médico que Amber acordou.

O homem muito alto e parrudo gesticulou positivamente com um aceno de cabeça, usando seu celular para pedir que alguém chamasse o médico, certamente para não precisar deixar o seu posto.

— Como você está se sentindo? — Minha mãe perguntou.

— Como quem capotou um carro. Por quanto tempo fiquei desacordada?

— Por vinte e quatro horas. Os médicos disseram que não foi grave, você apenas bateu a cabeça com muita força. Por sorte, estava usando o cinto de segurança. — Fez aquele olhar de mãe preocupada que já era parte dela.

— E os outros dois seguranças?

— Se feriram, mas não foi nada grave.

— Ainda bem.

— Meu amor, o que deu em você pra sair correndo daquele jeito?

Puxei em minha memória e as palavras de Joshua, seu olhar duro acusando-me de algo que

sequer consegui entender, voltaram-me à mente, junto com a dor de mil facas perfurando-me o corpo. Nem mesmo a dor que sofri ao chocar minha cabeça contra o painel do carro se comparava àquela que jazia em minha alma agora. Nem chegava perto.

— Eu fui acusada de algo que não fiz. — Minha voz saiu trêmula, junto com uma lágrima que escorreu pelo canto do meu olho. — Joshua e Candice, os filhos do Sr. Walker, me acusaram de ser uma golpista que estava atrás da herança deles. Falsificaram um teste de DNA, dizendo que sou filha dele. Mas nós sabemos que não sou. Você pode esclarecer isso a eles. Não que eu precise dar satisfação, mas quero que Joshua saiba o quanto errou se deixando enganar pela irmã. — Um soluço me escapou. — Ele era importante pra mim, mãe, mais do que eu tinha percebido.

Minha mãe me encarava com um misto de piedade e alarme.

— Tem algo que eu preciso te contar.

— O quê?

Antes que ela tivesse a chance de falar, o médico, um homem de meia-idade calvo, usando óculos, entrou na sala, seguido de uma jovem enfermeira.

— Olá. Sou o Dr. Daniel Cooper, estou cuidando de você. — O homem se apresentou com simpatia. — E essa é Jennifer. — A enfermeira sorriu e não consegui retribuir, meus lábios se recusando a obedecer às ordens da minha mente. — Como está se sentindo? — Indagou ao aproximar-se do meu leito.

— Um pouco dolorida.

— Isso é normal. E a cabeça, dói muito?

— Não. O corpo dói mais.

— Ótimo sinal. Você consegue se sentar?

— Acho que sim.

Sentei-me no leito com dificuldade por causa das dores no corpo e foi apenas ao assumir a posição vertical que senti a fisgada forte na cabeça, quando então levei a mão até ali e descobri que havia um grande curativo em minha testa.

— O que é isso? — Indaguei, com medo.

— Não se apavore, você se cortou e precisou de alguns pontos, mas não foi um corte profundo, logo a dor vai passar. Se sente tonta?

— Não.

— Com enjoo?

— Não.

— Isso é ótimo.

Ele continuou fazendo perguntas enquanto me examinava, observando meus olhos, meus sinais vitais, o ferimento sob o curativo e até meus ouvidos, para depois declarar:

— Você está bem. Teve muita sorte em estar usando o cinto de segurança.

— Posso ir pra casa?

— Hoje não. Quero observá-la mais um pouco, mas se nada mudar até amanhã, você pode. — Fez algumas anotações no meu prontuário. — Mas pode receber visitas, inclusive daquele sujeito que tentou me subornar para deixá-lo entrar aqui.

— Quem?

— Joshua Walker.

Virei para minha mãe, o desespero me tomando.

— Mãe, por favor não o deixe entrar aqui. Eu não quero vê-lo. Nunca mais quero olhar pra cara dele. Me promete que ele não vai entrar, mãe.

Minha mãe me olhava aflita, sem que eu a deixasse falar.

— Calma moça, você não pode ficar agitada desse jeito. — O médico alertou. — Se você não quer recebê-lo, vou dar ordens à minha equipe para proibir a entrada dele aqui. Está bom assim?

— Sim. Obrigada.

— Então é isto. Receitei um remédio para a dor e uma vitamina para esta palidez. Amanhã volto para te dar alta.

Com isto, ele deixou o aposento, enquanto a enfermeira preparava um soro com a medicação receitada.

— Ah, minha querida, eu sei que Joshua errou em te acusar, mas ele teve razões para isto. — Minha mãe me encarava com aquela cara de dor.

— Como é?

— Eu espero que você me perdoe pelo que vou te dizer agora, mas está na hora de você saber a verdade.

Fitei-a com o peito angustiado, prevendo o que ela diria.

— Que verdade?

Ela respirou fundo, soltando o ar devagar, hesitou várias vezes e por fim, falou:

— Robert Walker é o seu pai.

Eu só podia ter ouvido errado.

— O quê?

— Seus avós eram empregados na casa dele, sua avó cozinhava e seu avô era o motorista. Eu nasci naquela casa. Não o via muito durante a minha infância, porque morávamos na casa dos fundos e quando adotaram o pequeno Noah, fui contratada para ser babá dele, passando a morar na casa principal. Foi então que aconteceu. Eu me apaixonei e por dois anos fomos amantes.

Meu sangue gelava nas veias a medida que ela fazia aquela macabra revelação. Fatos como a Sra. Walker ter desmaiado ao ouvir meu sobrenome, ou o Sr. Walker ter me contratado sem me conhecer, passando a fazer todo o sentido.

Ele sabia que estava contratando a própria filha, nada foi por acaso, até mesmo a porra da bolsa para cursar a faculdade ele me deu. Por quê? Estaria tentando amenizar sua culpa?

Eu não sabia o que pensar sobre tudo aquilo, me lembrava das palavras de Candice, dizendo que meu pai não quis assumir-me como sua filha, que nos expulsou quando descobriu que minha mãe estava grávida, que minha mãe engravidou com o intuito de dar o golpe e minha mente girava, meu estômago embrulhando, o pouco sangue que restava em minha face desaparecendo.

— Mãe... o que você está dizendo? — Eu lutava contra as lágrimas, pois chorar não apagaria o fato de que minha mãe foi amante de um homem casado, de que mentiu para mim durante toda a minha vida, dizendo que meu pai foi morto em um acidente de carro. Tampouco apagaria o fato de que o Sr. Walker realmente se negou a me assumir como sua filha, a filha de uma empregada afrodescendente.

— Me perdoa, filha. Eu nunca te contei nada porque tive vergonha que você soubesse que fui amante de um homem casado, e pra te manter longe daquela gente. Robert é um bom homem, mas a esposa dele não é.

Lembrei-me do desaparecimento do Sr. Walker nesses últimos dias e do fato de ter pedido o divórcio sem ao menos falar pessoalmente com a esposa.

— Ele estava com você durante todos esses dias? — Me encolhi no leito, temendo a resposta.

As lágrimas marejaram seus olhos e soube qual seria a sua resposta mesmo antes que ela falasse.

— Sim. Estava. Ele está arrependido por ter nos abandonado quando fiquei grávida. Eu o perdoei, mas vou te apoiar se você não o perdoar.

— Mas que absurdo! É claro que não vou perdoar! E você também não deveria. Mãe, esse cara nos rejeitou! Nos jogou fora! Pior que isso, ele nos isolou em uma fazenda pra preservar seu casamento com aquela víbora! Ele preferiu adotar três crianças desconhecidas a assumir a filha de sangue. Quando eles adotaram Candice, eu já tinha nascido e mesmo assim optaram por ela, me rejeitando! — Eu estava fora de mim, um turbilhão de sentimentos ruins conflitando-se no meu interior, raiva, mágoa, rejeição, revolta, tudo se misturando. — Como você pôde perdoar uma coisa dessas?!

— Calma, Amber, você não pode se agitar tanto. — A enfermeira que ouvia tudo em silêncio, falou, vindo aplicar o soro na minha veia.

As lágrimas desciam pelo rosto da minha mãe, desenfreadamente, enquanto eu a olhava. Embora tentasse e precisasse, não conseguia odiá-la.

— Me desculpa, filha. Eu sinto muito por tudo. Eu entendo como você está se sentindo e estou do seu lado. O que você decidir, terá o meu apoio.

Eu nunca vi minha mãe chorar daquele jeito, como também nunca a vi com um homem. Às vezes a flagrava pensativa e acreditava que sentia saudades do meu pai. Agora eu sabia que estava certa. Isto, unido ao fato de que ela estava com ele durante todos esses dias, não me deixava ter dúvidas de que ainda o amava.

— Você ainda o ama?

— Sim. — Ela sussurrou. — Mas eu amo mais você. Infinitamente mais. E por você, não voltarei a vê-lo, eu prometo.

Eu não tinha o direito de julgá-la e sabia que quando me acalmasse, me arrependeria por minhas palavras, mas naquele momento, eu estava dominada pela revolta imensa que jazia dentro de mim.

— Ele pediu o divórcio por sua causa. Como você pôde destruir assim o casamento de alguém? Ela soluçou alto, levando as mãos à boca para sufocar um segundo soluço.

— Ele nunca amou a esposa.

— Ele nos abandonou pra ficar com ela! Como nunca a amou?!

— Ela ameaçou tirar tudo dele se ele a deixasse, a empresa, os imóveis, o dinheiro. Ele optou pela estabilidade, mas está arrependido.

— Eu não acredito que esteja. E se ama tanto o dinheiro que tem, que fique com ele e somente ele. São todos gananciosos, pais e filhos. Nunca mais quero olhar pra cara de nenhum deles. Nunca mais!

— Eu apoio a sua decisão. Volte comigo pra fazenda até você melhorar, de corpo e de alma. Depois recomece sua vida, longe deles.

Lembrei-me das tentativas de assassinato contra mim, depois de tudo o que ouvi, não tive mais dúvida nenhuma de que o responsável era alguém daquela família maldita, tentando se livrar da filha legítima para não ter com quem dividir o maldito dinheiro que tanto prezavam. Eles que ficassem com tudo. Eu não queria um centavo sequer! Queria apenas esquecer que um dia os conheci. Não apenas porque assim eu estaria segura, mas porque eles realmente me enojavam, com a sua ambição descomedida.

— Eu vou mãe. Estou precisando de sossego nesse momento.

Pelo menos até colocar minha cabeça em ordem eu ficaria no campo, junto com minha família, depois pensaria sobre o que fazer da minha vida. Não seria tão difícil recomeçar, eu já tinha uma

formação acadêmica e Kate e Dean para me apoiar.

— Posso te dar um abraço? — Minha mãe pediu, com tom de súplica.

Era difícil olhar para ela com os mesmos olhos depois de tudo, mas ela era a pessoa que eu mais amava nesse mundo, não seriam os seus erros a destruir esse amor.

— Claro, mãe.

Assim, ela se inclinou sobre mim e abraçou-me apertado, ainda chorando, seu calor fraterno me reconfortando um pouco, trazendo um certo alívio para as minhas feridas abertas.

Ainda naquele dia, no horário do almoço, Kate e Dean vieram me visitar e ficaram perplexos com a verdade que lhes revelei. Na opinião deles, eu deveria reivindicar o que era meu por direito e tomar o controle da Prime, mas eu jamais faria isso, eu realmente queria distância daquela gente gananciosa. Viver entre eles seria o mesmo que viver em um covil, correndo o risco de levar uma picada fatal a qualquer momento.

Durante todo o dia, Joshua teve a cara de pau de enviar recados pelas enfermeiras pedindo que eu o recebesse, mas eu não sentia a mínima vontade de olhar para ele, nunca mais queria voltar a vê-lo. Por mais que ele estivesse certo ao afirmar que o Sr. Walker era o meu pai, ele me fez acusações graves, pisou nos meus sentimentos, me humilhou, não me permitiu me defender e ficou do lado de Candice contra mim. Era o suficiente para eu esquecer que um dia o conheci.

Certamente, a esta altura, seu pai tinha lhe explicado que eu desconhecía a minha verdadeira origem e queria se desculpar, mas era tarde, ele me magoou demais, irremediavelmente.

Entretanto, quando se tratava de Joshua Walker, não havia nada que o detivesse e ainda naquele dia, no final da tarde, quando minha mãe saiu para me comprar um jantar descente, ele invadiu o quarto sem que o segurança perto da porta fizesse nada para impedi-lo, já que trabalhava para ele.

Tinha um aspecto horrível, o terno amarrotado, a barra da camisa para fora do cós da calça, o nó da gravata desfeito, os cabelos desalinhados, a barba ligeiramente crescida e imensas olheiras sombreavam seus olhos. Não era difícil deduzir, pela sua aparência, que teve uma recaída na sua compulsão e provavelmente passou toda a noite em busca de satisfação para o seu vício.

Pensar nisso, me angustiava muito mais do que eu podia evitar ou conseguia entender. Imaginar que ele passou a noite com outra mulher me machucava demais, embora eu soubesse que aquilo aconteceria na primeira oportunidade. Dor, raiva, e piedade, me tomaram ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XXIV

Apesar de toda a raiva e toda a mágoa que eu sentia por aquele homem, bastou-me olhar para ele para que meu corpo reagisse violentamente, as emoções se conflitando no meu interior. Meu coração saltou como um louco no peito, minha respiração se tornando irregular, minhas mãos transpirando. Era impressionante a atração que ele ainda exercia sobre mim, mas eu faria com que isto acabasse. Definitivamente.

— Oi. — Ele disse num sussurro, aproximando-se devagar do leito, seus olhos presos aos meus.

E tudo voltou-me a mente, suas palavras de crueldade, seu olhar acusador, a forma como me desvaneceu diante de Candice, como me fez sentir humilhada, foi então que a raiva venceu tudo mais que eu sentia, borbulhando quente em minhas veias. Tentei responder ao cumprimento, mas a palavra não atravessou minha garganta seca.

— Por favor, não me olha assim. — Ele continuou, colocando-se muito perto de mim, em pé ao lado da cama estreita. — Eu sei que não mereço, mas sinceramente gostaria que você me desculpasse. Eu não estava pensando direito. Fiquei cego quando Candice...

— Não merece mesmo! — O interrompi, bruscamente, sentindo-me ainda mais furiosa ao ouvir o nome daquela víbora. — E eu não vou te desculpar. Você me julgou e me condenou na primeira oportunidade, nem parou para me ouvir, não levou em conta tudo o que aconteceu entre nós, como se isso nada significasse. Pode ser que pra você nada tenha significado mesmo, mas pra mim foi importante! Você deixou claro que se importa mais com o dinheiro que com qualquer outra coisa, então fique com a porra do seu dinheiro, você e sua maldita família. Eu não quero um centavo, como também nunca mais quero olhar pra nenhum de vocês. Nunca mais quero te ver na minha frente. Você deixou de existir pra mim.

Ele me encarava com angústia visível nos olhos azuis. Me faria vacilar facilmente se eu não estivesse tão cega de ódio.

— Não fala assim, Amber. Claro que você é importante pra mim. Você é a pessoa mais importante na minha vida. O que aconteceu entre nós foi a única coisa boa que já tive. Não diga que estou morto. Eu preciso de você.

Enquanto ele falava, as lágrimas estiveram muito perto de cair dos meus olhos, mas eu não me permitiria chorar. No fundo da minha alma, de alguma forma, suas palavras pareciam verdadeiras, mas a mágoa me impedia de acreditar, a raiva me cegava para tudo o mais que não o momento de humilhação na sua sala, seu julgamento ao meu respeito, o desvanecimento do que existia entre nós dois.

— Não, você não precisa. Você tem o dinheiro e a presidência da Prime, isso me pareceu mais importante pra você ontem. Ah! E antes que eu me esqueça, você também tem Candice pra te dar conselhos quando você precisar. Portanto, vá embora daqui e me deixa em paz.

— Você está magoada, eu entendo, como também entendo que causei isso, eu reconheço o meu erro. Mas saiba que eu nunca vou desistir de você. Eu sei esperar e vou esperar por você.

— Nem perca seu tempo pensando nisso. De você e da sua família, eu quero apenas distância. Vou voltar pra fazenda, onde é o meu lugar. Não foi isso que seu pai achou que eu merecia quando me rejeitou? Então é pra lá que eu vou.

— Ele é seu pai também. Aliás, é mais seu do que meu.

Soltei uma gargalhada forçada, impregnada de amargura.

— O fato de ele ter me colocado no ventre da minha mãe não faz dele meu pai. Eu preferia

viver na mentira de que tinha um pai morto a descobrir a verdade: que fui rejeitada!

— Ele está arrependido. Me confessou isso.

— Parece que é parte da natureza de vocês fazer o mal e depois se arrepender. Acontece que isso não cola comigo! Pedir desculpas não apaga o que já está feito.

Ele ficou cabisbaixo, mostrando-se consternado, indignado. Respirou fundo e voltou a me encarar.

— Não vai pra fazenda, fica comigo. Eu não sou nada sem você. — Sua última frase saiu trêmula, e estive muito perto de esquecer tudo e correr para os seus braços, pois eu o queria também e queria demais, no entanto, a bagagem que ele trazia era imensa e pesada, foi toda uma vida de educação voltada para as coisas materiais, na primeira chance, colocou seu cargo na presidência, sua família e o dinheiro que possuíam em primeiro lugar, acima de tudo o que vivemos. Eu não podia lhe dar a chance de fazer de novo.

— Acabou, Joshua. Arranja outro passatempo pra te manter longe do seu vício. Pelo visto, você está precisando.

— Você nunca foi um passatempo. Você é tudo pra mim.

— Palavras nada significam diante das atitudes e ontem você provou que o dinheiro e o poder são tudo pra você, não eu.

— Esquece o que aconteceu ontem, eu não estava pensando direito.

— Não dá pra esquecer. Se seu pai não tivesse voltado pra te falar a verdade, você ainda estaria me julgando, me chamando de golpista.

Novamente, ele fitou o chão, encolhendo os ombros, com consternação.

— Eu sei que errei feio e estou aqui me desculpando por isto. Se ponha no meu lugar! Se você visse um teste de DNA e uma doação feita pelo meu pai, o que pensaria?

— Eu teria te dado a chance de se explicar. Agora saia daqui. Suas desculpas não foram aceitas.

— Por favor, Amber, não me abandone agora. Me dá a chance de te provar o quanto você é importante pra mim. Não me deixe voltar pro inferno.

— Pelo visto você já voltou.

— Ainda não. Estou aqui no hospital desde ontem. Mas estou à beira do abismo. — Percorreu os dedos pelos cabelos, se mostrando nervoso.

Mais uma vez relembrei suas palavras e a expressão dos seus olhos quando me acusou, o que me levou a acreditar que tudo o que dizia agora era falso e teatral.

— Chega de teatrinho. Vá embora daqui e nunca mais apareça na minha frente.

Nesse momento, minha mãe entrou no quarto, mantendo-se perto da porta, como se tentasse não interferir.

— Não fala assim, Amber.

— Foi o que te pedi ontem, lembra? Pra não falar daquele jeito comigo. Agora você sabe o quanto foi injusto, mas eu não estou sendo, essa é outra certeza que você pode levar.

Ele me encarou em silêncio por um instante, com dor e amargura na expressão dos seus olhos, o que, mais uma vez, quase me desmontou, me levando muito perto de me atirar em seus braços.

— Isso ainda não acabou. Eu não vou desistir de você.

— Não perca seu tempo.

— Eu sei que também sou importante pra você e um dia você vai perceber isso. Só espero que não seja tarde quando esse dia chegar.

Novamente, ele percorreu os dedos através dos seus cabelos bagunçados, num gesto de

nervosismo, para em seguida deixar o quarto, caminhando meio trôpego, como se não enxergasse o chão.

Quando a porta se fechou atrás dele, finalmente permiti que as lágrimas escorressem dos meus olhos, uma sensação de vazio devastadora tomando conta de mim, tão dolorosamente que estive muito perto de correr atrás de Joshua, para que trouxesse de volta o pedaço de mim que parecia levar consigo, uma parte da minha alma. Mas do que adiantaria amenizar a porra daquela dor agora, se ele me magoaria de novo? Era melhor cortar o mal pela raiz.

Vendo o meu desespero, minha mãe correu para me tomar em seus braços, abraçando-me apertado, fraternalmente.

— Oh, meu benzinho, você o ama, não é? — Ela disse ao meu ouvido.

— Eu acho que amo... mas ele me magoou demais...

Então aquela era a verdade que eu ainda não tinha enxergado: eu amava Joshua e amava demais, com todas as forças do meu ser, por isso sua atitude me magoou tão dolorosamente. E o pior erro que uma mulher podia cometer, era se apaixonar por um homem como ele, Candice era a prova viva disto.

— Eu sei como é, minha princesa, quando se ama, as mágoas ficam mais dolorosas. Mas eu te prometo que com o tempo isso tudo vai passar. Você vai conhecer outra pessoa que te fará feliz.

Afundi meu rosto em seu peito e chorei como nunca tinha chorado na vida.

— Quero ir embora daqui na hora que o médico me der alta amanhã. Nunca mais quero ver a cara dele na minha frente.

— É uma pena que não tenha dado certo, pois sei que ele também te ama.

— Ele não ama ninguém, mãe. Só o dinheiro.

— Sim, minha querida. Ele te ama.

— Por que você diz isso?

— Está na cara. Ele passou a noite toda no hospital, não saiu nem pra comer. Quando chegamos ontem, ele já estava aqui. Não dormiu, não se alimentou, apenas caminhou de um lado para o outro na sala de espera.

Fitei-a, surpresa, pois não tinha acreditado quando ele me falou.

— Ele passou a noite aqui mesmo?

— Sim, está se sentindo muito culpado pelo que aconteceu. Principalmente depois que Robert esclareceu as coisas.

Isto justificava sua aparência desleixada. Ele não tinha passado a noite na farra como eu imaginara, mas isso não mudava nada, a dor ainda latejava dentro de mim e eu ainda queria distância dele.

Na manhã seguinte, logo cedo, o médico deu-me alta, me avisando de que eu devia voltar dentro de uma semana para tirar os pontos. Como Joshua não se deu ao trabalho de mandar seu segurança trazer minhas coisas que estavam todas no seu apartamento, minha mãe precisou me comprar roupas novas. Tinha acabado de tomar um banho e trocado a camisola do hospital por uma delas, jeans e camiseta de malha, me aprontando para deixar o lugar, quando o Sr. Walker invadiu o quarto, caminhando devagar, tentando assumir uma postura humilde ao manter-se cabisbaixo, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, como um garoto que fizera algo errado e vinha confessar ao pai. Mas sua falsa humildade não me convencia, ele me rejeitou antes mesmo de eu nascer, me trocou por filhos adotados, preferiu a família rica a assumir minha mãe, nada do que dissesse ou fizesse amenizaria sua culpa. Eu o odiava por tudo isto e nunca o perdoaria, o queria o mais longe possível de mim, como sempre estivera.

Pela ausência injustificada da minha mãe no quarto, soube que ela queria nos deixar deliberadamente sozinhos, apoiando aquele encontro, o que me levou a odiá-la um pouco também.

— Posso conversar com você? — O Sr. Walker indagou, fingindo timidez.

— E adianta se eu disser que não?

— Pois é, não adianta. — Ele pigarreou antes de continuar, como se quisesse se certificar de que as palavras saíam. — Eu sei que não mereço o seu perdão por tê-la deixado, mas ainda assim, gostaria que você me perdoasse.

— Lamento. Não existe perdão para o que você fez. Você optou por filhos adotivos ao invés de mim, por Cecily ao invés da minha mãe, pelo seu maldito dinheiro ao invés de uma família de verdade. Agora fique com o que escolheu e me deixe em paz. — Fui ríspida e grossa.

— Foi a decisão mais errada da minha vida, filha...

— Não me chama de filha!

— Você é minha filha, Amber, nada pode mudar isso.

— Você mudou isso há vinte e três anos, quando optou por não ser meu pai, porque ser pai não é apenas plantar o sêmen no útero de uma mulher.

— Como eu já disse, foi a decisão mais errada que já tomei e estou arrependido. Me arrependi pouco tempo depois, logo que percebi que tinha jogado minha felicidade fora. Acredite, eu nunca fui feliz depois que perdi vocês.

— Você não nos perdeu e sim nos jogou fora. Há uma grande diferença nisso.

— Você se lembra do que me disse uma vez? Que podíamos sempre voltar atrás em uma escolha ruim, que podíamos apenas adiar o que era certo a fazer e não desistir do que realmente queríamos?

— Eu disse?!

— Sim, uma vez quando caminhávamos do condomínio para a Prime, lembra?

Cacete! Eu me lembrava daquilo, quando acreditei que ele tinha uma amante. Nem em mil anos eu teria cogitado que essa amante era minha mãe.

— Pois eu retiro o que disse. Algumas situações não podem ser remediadas.

— Sim, podem quando existe amor e eu amo a sua mãe, sempre ameí e amo você. Quero ter vocês duas em minha vida. Quando fui ao encontro dela na fazenda, eu estava seguindo seu conselho, o conselho da minha filha, que parece infinitamente mais sábia do que eu.

— Eu já disse que não sou a porra da sua filha! — Desta vez eu gritei.

— Sim, você é. Queira ou não, o meu sangue corre nas suas veias e quero ter você e sua mãe de volta.

— Tarde demais. Fica com a cobra que você escolheu como esposa e com seus filhos adotados. Eles combinam mais com você.

— Eu já me separei de Cecily. Não tem mais volta.

— Não é problema meu! E quer saber? Chega de conversa. Adeus!

Peguei a sacola de roupas de sobre a cama, quando o esforço me fez sentir uma fisgada na cabeça e gemi alto, soltando-a.

— Deixa que eu levo isso. — Ele pegou a sacola e se dirigiu para a porta.

— Não! — Gritei tão alto que ele se deteve-se assustado, virando-se para mim. Fitando-me com perplexidade e entregou a bolsa ao segurança.

— Então deixa que Anthony leve. Ele vai com vocês para a fazenda.

Foi a minha vez de fitá-lo com perplexidade.

— Isso é alguma brincadeira?

— Não. Ele vai nem que seja em outro carro seguindo vocês. Isso não está em discussão. Não podemos ignorar o fato de que tem alguém por aí tentando te matar. Não sabemos de quem se trata, por isso não podemos deixá-la correndo perigo.

Lembrei-me daquele fato bizarro e meu corpo estremeceu de cima a baixo, do mais intenso pavor.

Embora acreditasse que a pessoa que tentou me matar fosse alguém daquela família a fim de livrar-se de mais uma herdeira com quem teria que dividir o dinheiro que tanto amavam, e que, portanto, me deixaria em paz depois que eu me fosse para sempre e sem levar nada, segurança nunca era demais, então, mesmo não sendo consultada sobre a ida do guarda-costas, não fiz objeção ao fato. Restava saber se o homem afrodescendente, muito alto e parrudo, conseguiria viver em uma fazenda, longe das mordomias da cidade.

— Você já esteve em uma fazenda, rapaz? — Perguntei.

— Sim. Ele cresceu em uma. Por isso Joshua o contratou. — O Sr. Walker respondeu no lugar dele.

Sem dizer mais nada, sentindo meu peito pesado de angústia, minha alma dilacerada de dor, deixei o aposento, com os dois homens me seguindo de perto.

Logo no corredor, encontrei minha mãe, que parecia me esperar, muito quieta, buscando meus olhos e depois os do Sr. Walker, tentando descobrir o resultado da nossa conversa e não demorou a perceber que nada tinha mudado, soube que eu ainda o queria longe de mim, então abaixou a cabeça com tristeza e todos caminhamos para fora.

Ao longo do percurso até a saída, não houve um só metro quadrado do grande hospital que meus olhos não tivessem varrido a procura de Joshua, minha mente cansada, estressada com tantas informações novas, teimando em fantasiar que ele estivesse por ali, ainda esperando que eu mudasse de ideia, ainda resistindo ao seu vício, mas eu estava enganada, ele tinha ido embora, tinha desistido de mim. Mas não era isso que eu queria? Talvez, no fundo, inconscientemente, eu esperasse que ele lutasse um pouco mais por nós dois, mas não aconteceu. A essa altura, ele devia estar na esbórnia, entregue ao prazer nos braços de qualquer outra mulher, em busca de satisfação para a sua compulsão.

Eu jamais entenderia a razão pela qual aquela constatação me doía muito mais que o resto, mais que as acusações, a humilhação, a rejeição. Imaginá-lo nos braços de outra mulher me rasgava por dentro, como se uma adaga afiada se arrastasse dentro de mim, impiedosamente, desoladoramente.

Do lado de fora do hospital, ainda insisti e olhei para os dois lados da rua, mas ele realmente não estava e foi apenas depois que entrei no Mercedes escuro que o segurança dirigiria, o qual aparentemente nos levaria para a fazenda, que recostei a cabeça no ombro da minha mãe e deixei que as lágrimas rolassem soltas de novo, a sensação de que deixava uma parte de mim para trás, tomando conta de todo o meu ser.

CAPÍTULO XXV

O primeiro dia na fazenda foi suportável. Aproveitei para me reunir com minha família, como costumava fazer antes, em torno da grande mesa na hora das refeições e na varanda, quando pude colocar a conversa em dia com os meus avós e assim nem vi o tempo passar.

Como ainda não tinha chegado a época da colheita dos girassóis, não havia nada a se fazer por ali, que não jogar conversa fora e às vezes eu optava por ficar sozinha em meu quarto, ainda arrumadinho, como se minha mãe sempre esperasse que eu voltasse.

Rapidamente, todos fizeram com que o meu segurança se sentisse à vontade e logo ele parecia parte da família, andando livremente pela casa pequena, embora em nenhum momento deixasse de carregar sua arma presa ao cinto da calça, sob a camisa longa.

Já no dia seguinte, eu me senti invadida por uma sensação de melancolia que se recusava a me deixar. Era como se eu não fizesse mais parte daquele lugar, como se o fato de estar ali, me transformasse em uma perdedora, embora eu soubesse que não era bem assim, eu apenas tive uma decepção por ter sido manipulada pelo Sr. Walker a ir parar na sua empresa, se tivesse tomado um rumo diferente, estaria na cidade e bem empregada agora, como realmente gostaria.

Entretanto, nada me doía mais que a falta de Joshua. Eu pensava nele da hora que acordava pela manhã, até à noite, antes de dormir. Ainda podia sentir o seu cheiro gostoso, o calor do seu corpo contra o meu, o sabor da sua boca na minha, como se ele estivesse impregnado em mim e se recusasse a sair.

Embora eu não atendesse seus constantes telefonemas, talvez por saber que não conseguiria me manter longe ao ouvir sua voz, com o passar dos dias eu já não tinha certeza se tomei a decisão certa ao me afastar, pois a sua ausência se tornava a cada instante mais insuportável. Nada do que aconteceu, nada do que ele me disse ou fez, me doeu mais do que doía não tê-lo por perto, não poder olhar para ele e tocá-lo todos os dias, o que me levou a uma depressão pungente e à necessidade de ficar sozinha. No entanto, eu só conseguia me livrar do segurança quando saía para cavalgar nas terras da fazenda, o lugar que ninguém podia alcançar sem antes passar por ele, portanto, eu estaria segura.

Me dediquei àquela atividade dia após dia, quando podia relembrar meus momentos com Joshua sem que ninguém reparasse na minha expressão triste e pensativa ou tentasse me animar com uma conversa desinteressante. Esperei que o tempo apagasse nossa história, que o levasse da minha memória, que cicatrizasse minhas feridas abertas e alentasse minha alma, mas não aconteceu, a cada dia eu me sentia mais infeliz, tão sem ele, tão só, que chegava a ser insuportável.

E o pior era ver a minha mãe no mesmo estado. Embora ela tentasse disfarçar, eu sabia que estava sofrendo por causa do Sr. Walker, por minha culpa, porque eu os separei.

Enfim, nós duas estávamos no fundo do poço por minha causa e eu já não sabia se tinha valido à pena jogar tudo para o alto e tentar recomeçar.

Quando o final de semana chegou, eu estava cansada de ficar deprimida e decidi ir até Cibolo tomar umas cervejas e buscar um pouco de diversão. Talvez revesse os amigos da época da escola, afinal, era uma cidade pequena, onde as pessoas sempre se reencontravam, ou ainda conhecer alguém diferente, que me tirasse daquele mar de tristeza. Quem sabe era apenas disso que eu precisava: algumas cervejas, boa música e boa conversa.

Assim, quando a noite caiu, vesti um jeans colado, uma regata apertada de alças finas, calcei

botas pretas de cano longo e saltos altos, passei um pouco de creme nos cabelos para domar os cachos rebeldes, me maquiei e estava pronta. Fui na caminhonete antiga do meu avô, enquanto o segurança me seguia de perto no Mercedes, por insistência minha, pois se dependesse dele, eu teria ido junto no mesmo carro, como uma prisioneira.

O percurso até a estrada principal foi demorado, já que não chovia há dias e a estradinha sem asfalto que ligava a fazenda a ela estava coberta pelo barro vermelho, cuja poeira dificultava a visão. Ao alcançar a autoestrada, em quinze minutos estávamos na cidade.

Me dirigi direto para o Carouse, o bar mais badalado das redondezas, localizado no centro, onde costumava ir com meus amigos na época do Ensino Médio. Estava bastante diferente, mais moderno, com decoração nova, uma pista de dança maior, com jogos de luzes coloridas e ainda mais movimentada, com muitas pessoas dançando ao sabor da música agitada, enquanto outras ocupavam as mesas com assentos estofados nas laterais e muitas se encontravam ao balcão do bar, também maior que antes, para onde me dirigi, procurando algum rosto conhecido em meio à multidão.

O primeiro que encontrei foi o de Fred, um ex colega do colégio, que estava atendendo no bar. O garoto tinha mais ou menos a minha idade, era muito magro e alto, e me reconheceu assim que ocupei um dos assentos ao balcão.

— Olha só quem está aqui, pompom. — Aquele era meu apelido no colégio, por causa do meu cabelo sempre alto, rebelde e cacheado, como um pompom que as animadoras de torcida usavam.

— Ninguém me chama assim há muito tempo. — Falei.

— Mas seu cabelo ainda se parece com um pompom. Como está indo a vida? — Ele indagou com um sorriso, ignorando um cliente que tentava fazer um pedido.

— Muito boa. No momento, estou descansando na fazenda. E você?

— Continuo na mesma. Ainda não consegui ingressar numa faculdade, mas continuo tentando. O que você vai beber?

— Uma cerveja.

Ele olhou para Anthony que se recostou na parede, muito sério, a poucos metros de distância.

— Ele está com você?

— Não. Ele é só... meu segurança. — Falei constrangida.

— Então suponho que ele não vai beber nada.

— Acho que não.

Fred se afastou e logo retornou com a cerveja gelada, saindo para ir atender aos outros.

Ingeri um grande gole da bebida, que desceu macia em minha garganta, me fazendo relaxar rapidamente.

Pouco depois, Angelina, outra antiga colega da escola, veio falar comigo, muito animada ao me rever, me apresentando seu namorado, para depois de alguns minutos de uma conversa animada sobre os velhos tempos, ambos me levarem para a pista de dança, onde passei a me balançar ao sabor da música, sentindo-me cada vez mais relaxada, livre da tristeza e da melancolia que me acompanhou nos últimos dias.

Logo um homem alto, moreno, com belos olhos castanhos, amigo do namorado de Angelina, juntou-se a nós, dançando muito perto de mim, flertando abertamente.

Mas eu não sentia interesse nenhum em ficar com ninguém, apesar de ser um gato, o cara não me atraía, como se meu organismo estivesse programado para desejar apenas um homem e esse homem era Joshua, o único que eu queria, em quem pensei durante todos aqueles dias, com quem gostaria de estar agora.

Bastou-me lembrar de sua distância para que o desânimo voltasse a me abater e me dirigi ao bar em busca de mais cerveja, como se a bebida fosse capaz de preencher aquele vazio existente dentro de mim.

Tinha acabado de me sentar ao balcão, quando um homem alto sentou-se ao meu lado. Desanimada, virei-me para ver de quem se tratava e meu coração deu um salto violento no peito quando vi Joshua sentado bem ali diante de mim, mais lindo que nunca, usando jeans e uma simples camiseta branca de malha que ressaltava seus músculos perfeitos. Tinha os cabelos desalinhados, a barba meio crescida e seus olhos azuis brilhavam como duas joias preciosas, enquanto fitava o meu rosto.

Mas como aquilo era possível? Como ele tinha vindo parar ali? Será que era uma alucinação? Eu esperava que não.

— Oi. — Ele disse, com um sorriso que me deixou sem chão, completamente presa a si, à sua voz linda, à sua proximidade gostosa.

Tudo dentro de mim se revirou, cada uma das células do meu corpo tomando consciência da presença dele, quando então percebi que senti sua falta muito mais do que tinha imaginado e me perguntei como consegui passar tantos dias sem olhar para ele.

— Oi. — Respondi, confusa. — O que você faz aqui?

— Estou investindo na agropecuária e essa região é rica em gado. — Ele falou sem me encarar diretamente no rosto e soube que estava mentindo.

— É sério isso?

— Não. O Anthony me ligou avisando que você tinha saído e vim te ver. — Desta vez falou olhando nos meus olhos e meu coração bateu ainda mais feroz, como se tentasse saltar do meu peito.

— E como você chegou aqui tão depressa?

— De avião. — Fred veio atendê-lo e Joshua pediu vodca com gelo. — Senti sua falta.

— Eu também senti a sua. — Falei, sem forças para esconder meus verdadeiros sentimentos e continuar mantendo-o longe como uma parte de mim gostaria, aquela parte que vinha me impedindo de atender aos telefonemas dele, que me fez deixá-lo e que perdia a batalha contra aquela outra parte que o queria mais que tudo nessa vida.

— Por que não atendeu meus telefonemas?

— Você sabe o porquê.

— Ainda está magoada?

— Sim. — Ele desviou seu olhar para o chão. — Mas nada se compara a não ter você por perto. — Ele voltou a fitar-me nos olhos, com paixão.

— Meus dias também não têm sido fáceis sem você.

Imediatamente, lembrei-me da sua compulsão e quase tive certeza de que ele teve uma recaída. Certamente possuiu várias mulheres naqueles dias e agora estava ali diante de mim. Puta merda!

— Você teve uma recaída? — Minha voz saiu trêmula por temer a resposta.

Ele estreitou seus olhos sobre os meus antes de responder.

— Eu posso te garantir que fui ao inferno e voltei depois que você se foi, estive muito perto de cometer essa loucura, mas não cometi, por você, porque no fundo eu nunca deixei de ter esperança de que você seria minha de novo. — Eu podia sentir meu coração pulsando forte contra as costelas enquanto ele falava. — Você me enfeitiçou Amber Mitchell, mas também me curou.

Eu lutava contra as lágrimas que ameaçavam aflorar dos meus olhos, lágrimas de pura emoção.

— E você a mim, Joshua Walker.

— Nesse caso não vejo uma razão maior para que estejamos separados.

— Isso é complicado. — Bebi um gole da cerveja, afim de fugir do seu olhar

— Não a ponto de não podermos resolver. — Voltei a fitá-lo no rosto, pensando em suas palavras. — Eu preciso de você na minha vida.

E eu precisava dele, muito mais do que gostaria ou pudesse controlar.

— Eu também preciso de você. — Confessei e ele sorriu, lindamente.

No instante em que sorri de volta, sentindo-me feliz como há dias não me sentia, o sujeito com quem eu dançava antes, amigo do namorado de Angelina, colocou-se em pé diante de mim, sua estatura alta me intimidando.

— Qual é, gatinha, vai me deixar sozinho na pista de dança? — Falou com tom de grosseria, segurando-me pelo braço.

Os olhos atentos de Joshua registraram o gesto e refletiram uma fúria quase animalesca.

— Solte-a! — Esbravejou, deixando sua cadeira, partindo para cima do homem, com ameaça.

— E quem é você pra me dizer o que fazer, babaca? — Sem mais nem menos, o sujeito esmurrou-lhe o peito com as duas mãos espalmadas.

Porra! O cara era enorme, se Joshua não baixasse a bola ia levar uma surra.

— Sou o namorado dela, otário! — Joshua gritou.

Tentei falar alguma coisa que pudesse amenizar a situação, mas antes que tivesse tempo de abrir a boca, Joshua partiu para cima do homem com tudo, mostrando-se agressivo como uma fera selvagem, esmurrando-lhe a face, violentamente, repetidamente, até que este estivesse meio baqueado, quase caindo no chão inconsciente, quando então seu amigo veio em seu socorro, junto com Angelina e o afastaram de Joshua, levando-o para longe.

— O que deu em você? Ficou louco?! — Indaguei, atônita e ao mesmo tempo temerosa que outros amigos do cara aparecessem para atacá-lo em busca de vingança. Entretanto, logo avistei Anthony nos observando e me acalmei.

— Ele me provocou e estou sem paciência. Vem cá.

Segurou-me firmemente pelo pulso, com a mesma mão que esmurrou o rosto do sujeito e puxou-me para fora do bar sob o olhar curioso das pessoas, com o segurança nos seguindo a uma certa distância. Do lado de fora, gesticulou para que Anthony ficasse onde estava e me levou para um beco escuro que se abria entre o prédio em que funcionava o bar e um depósito de bebidas fechado.

— O que você está fazendo? — Perguntei, alarmada.

— Isso.

Com impetuosidade, Joshua encostou-me na parede e aprisionou-me ali com o seu corpo grande e quente, sem me dar a chance de escapar, para em seguida tomar-me os lábios, impiedosamente, com uma ganância selvagem que me fez abrir a boca para receber a língua ávida e gostosa, se movendo dentro de mim, me despertando a mais deliciosa luxúria, me fazendo amolecer toda em seus braços, esquecendo-me de tudo mais.

Suas mãos começaram a explorar o meu corpo e logo me perdi no mar de sensações que aflorou dentro de mim, o calor gostoso do desejo se espalhando depressa pelas minhas veias, me incendiando inteira, me fazendo latejar no meio das pernas.

Porra! Como senti falta dele! Como senti falta do seu calor!

Agindo como uma viciada que encontrava sua droga, fechei minhas mãos nos músculos duros dos seus braços, apertando com força, querendo-o um pouco mais e em resposta, Joshua inclinou os joelhos, nivelando nossos sexos, pressionando sua firme ereção diretamente sobre minha

intimidade por sobre as roupas, esfregando-se em mim como um animal no cio, arrancando-me um gemido alto.

— Caramba! Como senti falta disso. — Confessei, quase sem voz por causa da respiração pesada, quando sua boca desceu para explorar a pele do meu pescoço.

— Eu também. Quase enlouqueci sem você. Nunca mais me diga para ficar longe. — Sua voz lembrava o grunhido de um animal.

Eu ia lembrá-lo do quanto ele me magoara, mas antes que tivesse a chance de falar, sua boca gostosa estava na minha de novo e todas as palavras se perderam no turbilhão de moções para o qual eu era arrastada.

Logo, suas mãos vieram para o zíper da minha calça, abrindo-o com uma pressa meio desesperada, ao mesmo tempo que as minhas iam para o fecho da calça dele, trabalhando com a mesma urgência.

Em questão de segundos, Joshua me deixou nua da cintura para baixo, enquanto que eu consegui apenas baixar sua calça e sua cueca até os quadris, segurando o pau deliciosamente duro, todo babado entre os meus dedos, minha vagina latejando, sequiosa por senti-lo todo enterrado ali, o que não demorou muito, pois logo Joshua usou suas duas mãos para erguer-me do chão, apoiando minhas costas na parede enquanto eu abraçava seus quadris com as minhas pernas e foi assim que ele entrou em mim, duro, firme, quente, delicioso, sua carne rija escorregando na minha maciez lubrificada a ponto de me enlouquecer de prazer, sua boca gostosa engolindo os meus gemidos.

Putá merda! Como era bom senti-lo assim, me enchendo inteira, me completando como mulher, sem que nada mais faltasse para a minha realização como fêmea.

Joshua movia-se freneticamente dentro de mim em vai e vem, estocando forte, indo muito fundo, me possuindo inteira, me fodendo gostoso demais, me levando à loucura, mas era uma loucura gostosa da qual eu nunca mais queria sair.

No entanto, foram muitos dias sem ele, pensando nele, desejando-o tanto que meu corpo logo enrijeceu, suplicando pelo alívio, quando então, enterrei meus dedos nos seus cabelos curtos, puxando com força, ensandecida, perdida de tanto tesão e gozei gostoso, com seu pau todo enterrado em mim, meu líquido banhando-o, meu corpo se contorcendo, sua boca ávida bebendo meus gemidos.

Quando comecei a ficar mole, foi a sua vez e com um único gemido, ele se esvaiu dentro de mim, seus espasmos se fazendo contra a minha carne, me arrancando um segundo orgasmo, enquanto seu leite me enchia quente e delicioso.

Por fim, ficamos imóveis, apenas nossas bocas se movendo languidamente uma na outra, ele ainda dentro de mim, sem a menor pretensão de sair e eu sem a menor vontade de deixá-lo ir, como se fizéssemos parte de um só ser que não podia ser partido em dois pedaços.

Sua boca gostosa escorregou para o meu pescoço, mordiscando e lambendo levemente minha pele, despertando-me uma nova onda de calor.

— Me diz que nunca mais vai me deixar. — Sussurrou contra a minha pele.

— Eu... não posso dizer isso...

Ele afastou o seu rosto alguns centímetros, apenas o suficiente para que seu olhar encontrasse o meu.

— Quando você vai entender que você é minha? — Indagou, rouco e um tanto autoritário.

— Eu não sou...

— Sim, você é. Isso está determinado.

Ele saiu de mim, abaixando-se para pegar minha calça do chão, entregando-me.

— As coisas não são assim. — Vesti-me, enquanto ele fazia o mesmo. — Nem tudo se resolve com sexo. Você me...

— Não repita isso. — Ele me interrompeu, firmemente. — Eu sei o que você vai dizer, sei como você se sente, mas também sei o quanto você me quer, porque todo o seu corpo me diz isso, assim como o jeito que você me olha. Então ouça o que está no seu coração e vem comigo pra Dallas. Agora.

A tentação era quase irresistível. Voltar com ele para Dallas, viver em seu apartamento, passar meus dias ao seu lado. O que mais eu podia querer? Ele tinha razão, eu o desejava e desejava demais. Mais que isso, eu estava completamente apaixonada por ele, embora não o deixaria saber até ter certeza de que meus sentimentos eram correspondidos, mas eu precisava pensar com o meu lado racional no quanto me senti magoada em seu escritório. Eu não estava preparada para viver assim, mas também não estava preparada para viver sem ele. Na verdade, eu não sabia o que fazer.

— Vem comigo, Amber, por favor. — Ele deslizou suas mãos pelos meus braços, para fechá-las sobre as minhas. — Eu te dou minha palavra de que nunca mais voltarei a te magoar. E se algum dia eu faltar com esta promessa, então eu te deixo ir e nunca mais você ouvirá falar de mim.

Meu coração falhou uma batida com a simples menção da possibilidade de nunca mais ouvi falar dele e foi então que concluí que talvez precisasse mais dele do que ele de mim, que não suportaria uma vida inteira sem ele.

— Você me promete? — Indaguei, num fio de voz.

Ele levou minha mão ao seu peito, pousando-a do lado esquerdo, me permitindo sentir as batidas aceleradas do seu coração.

— Com toda a força do meu coração.

Pensei uma, duas, três vezes antes de responder, mas a resposta não podia ser outra.

— Tudo bem, eu volto, mas não agora. Eu preciso me despedir da minha mãe. Amanhã eu vou.

— Eu venho te buscar.

— Está bem.

Ele me abraçou apertado, plantando um selinho em meus lábios antes de me soltar.

— Vamos, vou te levar em casa.

CAPÍTULO XXVI

Deixamos o beco escuro, adentrando à claridade da rua, onde Antony nos esperava, Joshua me guiando até o Mercedes.

— Ah, não. Eu vim na picape do meu avô. — Gesticulei para a lata velha estacionada do outro lado da rua e quase sorri da expressão que Joshua fez ao olhar para ela. Um misto de pena e incredulidade surgindo em seus olhos azuis.

— Antony, você volta na picape que eu levo Amber no Mercedes. Depois você me traz até o avião.

— Sim, senhor.

Entreguei a chave da velha picape a Anthony e entrei no Mercedes com Joshua ao volante, guiando-o no percurso de volta até a fazenda.

Ao estacionar diante da casa, que estaria completamente às escuras se não fosse pela lâmpada solitária e fraca acesa na varanda, ele beijou-me na boca até me deixar sem fôlego, acariciou meu corpo inteiro, me deixando loucamente excitada, mas não me possuiu, como se quisesse deliberadamente me deixar ansiosa, à espera dele no dia seguinte, sem mudar de ideia. Mas eu nunca mudaria, nada poderia me fazer voltar atrás naquela decisão. Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo, mas faria, porque sem Joshua meus dias se tornaram insuportáveis.

Não consegui dormir nas poucas horas que restavam daquela noite, me sentindo exultante porque voltaria a viver perto do homem que eu amava, e ao mesmo tempo arrasada porque minha mãe continuaria ali, ainda mais sozinha, sem o homem por quem sofreu e a quem amou durante toda a sua vida. Eu estava sendo no mínimo egoísta por partir em busca da minha felicidade e continuar impedindo a dela. Mas o que eu podia fazer? Eu sequer perguntei a Joshua se o Sr. Walker ainda estava separado da esposa. E mesmo que estivesse, o que eu diria ele? Que voltasse para a minha mãe? Eu não tinha o direito de manipular a vida dos outros de tal forma.

Como Joshua não me disse a que horas viria, assim que o dia clareou, arrumei minhas poucas peças de roupas em uma mochila, tomei café com minha família, comunicando a todos que voltaria a Dallas e depois fui aproveitar o sol ainda fraco para uma última cavalgada de despedida.

Algumas horas depois, estava muito distante da casa, quando avistei o helicóptero pousando na clareira que cercava a moradia e não tive dúvidas de que era Joshua. Quem mais pousaria com um helicóptero em meio a uma plantação de girassóis?

Ansiosa por revê-lo, voltei com o animal em uma corrida veloz e senti o sangue fugir da minha face quando encontrei todos sentados na varanda: minha família, Joshua, que estava lindo demais em um terno impecável, com a barba bem-feita e os cabelos arrumados, e o Sr. Walker. O que ele fazia ali?

Obtive minha resposta no instante em que saltei da montaria e percebi a troca de olhares entre ele e minha mãe.

Putá merda! Eles realmente se amavam e eu era a barreira que os impedia de ficarem juntos. Definitivamente, eu não me sentia dona desse direito.

— Olá. — Falei, quebrando o silêncio que se instalou no ambiente com a minha chegada.

— Olá. Está pronta para irmos? — Joshua deixou sua cadeira para vir me encontrar no meio da varanda, plantando um selinho em meus lábios, deixando-me imensamente constrangida ao fazer aquilo na frente de todos.

— Só que ninguém vai arredar o pé daqui enquanto não comerem o leitão que estou preparando. — Minha avó declarou, sem deixar espaço para contestação. — Ninguém me avisou que viriam tão cedo e eu preciso que minha neta leve o sabor da minha comida para que não demore tanto a voltar aqui de novo.

Todos sorrimos em uníssono, como se fizéssemos parte de uma grande família e não fôssemos pessoas com a alma em frangalhos devido aos acontecimentos do passado.

— Esperamos sem problemas. Eu adoro leitão assado. — Joshua declarou, verdadeiramente empolgado.

— E eu então, nem se fala. Amo sua comida. — O Sr. Walker emendou.

Embora eu jamais aceitaria o fato de que ele era meu pai, consegui sentar-me na varanda, perto de Joshua e olhar para ele sem aquele ódio medonho que sentia antes, como se este fosse abrandado com os dias que se passaram.

Ali, na varanda da casa simples, engatamos em uma conversa descontraída, sobre a fazenda, sobre os negócios na Prime, as diferenças entre a vida no campo e a vida na cidade. Mais tarde, nos reunimos em torno da grande mesa e fizemos a refeição ainda mergulhados naquele clima gostoso de união e cumplicidade, envolvidos por uma paz genuína, estranha, como se os problemas não existissem de fato.

Durante todo o tempo, o Sr. Walker e minha mãe não deixaram de trocar olhares apaixonados, embora nada falassem sobre a possibilidade de uma reconciliação, por isso não fiquei surpresa, tampouco furiosa, quando, no momento de entrarmos no helicóptero e nos despedirmos, ele declarou:

— Bem, Amber, considerando que está chegando a época da colheita dos girassóis, acho que vou ficar aqui uns dias para ajudar. Quanto mais braços para trabalhar, melhor. O que você acha?

Ele estava pedindo a minha permissão para ficar com a minha mãe. E o que eu podia dizer? Que ele não ficasse e assim impedir que ela fosse finalmente feliz? Eu não podia ser egoísta a este ponto.

Eu passei menos de um mês com Joshua e uma semana inteira sem ele foi como viver no inferno, podia imaginar como minha mãe se sentiu durante toda a sua vida, amando aquele homem sem poder tê-lo. Definitivamente, eu não podia atrapalhar a chance que ela tinha de ser feliz, talvez a última.

— Acho uma boa ideia, Sr. Walker. Até porque as hélices do seu helicóptero estragaram algumas flores e isto vai requerer uma mão de obra maior. — Declarei e vi o rosto da minha mãe se iluminar com um sorriso largo, seus olhos negros brilhando como duas pérolas.

E foi assim que ela veio me abraçar, com gratidão e despedida. Abracei também meus avós e partimos todos no helicóptero, inclusive Antony, deixando o Mercedes para que o Sr. Walker fosse à cidade comprar algumas roupas, já que parecia ter vindo sem trazer nada.

Eu não sabia quantas horas demoraria o percurso até Dallas. Então, como não tinha dormido nada durante a noite, descansei minha cabeça no ombro de Joshua, que se sentava ao meu lado e peguei no sono, sem ver o caminho.

Esperava que fôssemos direto para o apartamento dele, matar a saudade que eu tanto senti durante aqueles dias, mas quando acordei estávamos pousados na pista no topo do edifício da Prime, onde mais três seguranças nos aguardavam, Antony indo cumprimentá-los como se fossem velhos conhecidos.

Era fim de tarde e dali podia-se ver o sol se pondo atrás do tapete de edifícios, enviando seus raios amarelados, em um belíssimo espetáculo.

— Pensei que íamos direto para o seu apartamento. — Falei, desapontada, ciente de que havia um heliporto na sua torre escura também.

— Precisamos ter uma conversa antes e como se trata de negócios, achei mais apropriado que falássemos aqui.

Conversa de negócios em pleno domingo? Isso era no mínimo estranho.

Descemos pelo elevador até o andar onde ficava sua sala, com os quatro seguranças na nossa cola.

O prédio parecia totalmente deserto, com exceção dos seguranças que sempre ficavam lá e de nós, não havia mais ninguém e fomos direto para a sala de Joshua, que sinalizou para que nossos seguranças esperassem do lado de fora. Nos acomodamos um de cada lado da sua mesa com tampo de vidro, enquanto minha curiosidade crescia.

— Quer beber uma água mineral? — Ele indagou, mexendo no nó da sua gravata, como se estivesse nervoso.

— Não. Eu quero é que você me diga logo o que tem pra dizer.

Ele hesitou antes de falar.

— Bem é que meu pai ele... — Continuava hesitante. — Quando eu disse a ele que ia te trazer de volta esta manhã, ele transferiu todos os seus bens para o seu nome. — Fiquei encarando-o em silêncio, tentando adivinhar se tinha escutado direito. — Esta empresa, os imóveis na Suíça e em Londres, todas as filiais, o condomínio, tudo agora é seu.

Ele só podia estar brincando. Por que seu pai faria uma coisa dessas?

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Não. É a mais pura verdade.

— Por que ele faria isso?

— Porque você disse que o dinheiro era mais importante para nós dois do que você e ele quis provar que não é. Por isso o ajudei no processo, para que você saiba que está acima de tudo o mais na minha vida e na dele.

Aos poucos, a ficha foi caindo junto com o meu queixo, a medida que meus olhos se arregalavam atônitos. Eu não estava preparada para ser dona de todo um império e nem queria ser. Se a família dele já pretendia me matar antes disso, eu podia imaginar o que fariam agora.

— Eu não quero nada disso. Como faço pra devolver?

— Não tem como devolver, ele impôs essa condição como lei. Você agora é dona de tudo. É a rainha do jogo e a mais nova presidente da Prime.

— Vocês estão loucos! — Nervosa, levantei-me, passando a caminhar de um lado para o outro da sala. — Eu não tenho competência pra ser presidente nem da minha vida, vou ser de uma empresa desse tamanho? Eu jamais conseguiria.

Calmamente, Joshua veio até mim, segurando-me pelos ombros para me deter. Fitou-me diretamente nos olhos e disse:

— Se acalma. Eu conheço o seu trabalho, sei que você é competente e talentosa o suficiente pra comandar isso aqui. Além do mais, eu sempre estarei ao seu lado para te ajudar. Você sempre vai poder contar comigo.

Me senti mais segura com suas palavras, mas ainda não queria nada daquilo, pois dinheiro e poder só levavam problemas à vida de uma pessoa. Eu preferia viver em paz.

— Eu não quero nada disso, Joshua.

— Como você pode saber se não vai gostar antes mesmo de tentar? Tente, experimente as possibilidades, aí então se você realmente ainda não quiser, eu volto a assumir tudo. Mas não farei

isso antes que você tente.

— Eu não entendo. Por que tudo isso?

— Para que você saiba a importância que tem para nós. — Caramba! Eu certamente fui muito dura em minhas palavras quando os acusei de dar mais importância ao dinheiro do que a mim, para que tomassem uma atitude radical como aquela.

— Assim eu vou ficar ainda mais na mira da pessoa que quer me matar.

Joshua ficou visivelmente tenso, pois sabia que eu insinuava que essa pessoa podia ser sua mãe ou sua irmã, as únicas que eu conhecia com razões para me odiar a ponto de quererem me ver morta.

— Tem uma coisa que ninguém sabe. — Ele afastou-se, passando os dedos entre os cabelos curtos. — Um dos executivos da Prime, o Morris, do setor administrativo, já foi espião da CIA, era ele quem investigava o roubo de informações. — Eu lembrava do homem a quem ele se referia, um sujeito com cerca de cinquenta anos, dono de olhos muito sagazes para a sua idade. — E está ajudando a polícia a investigar quem está por trás dessa história. Descobriu que Bruce usava um celular dentro da cadeia, portanto, há uma grande chance de que seja o mandante das tentativas de assassinato que você sofreu.

Uma corrente de pavor passou pelo meu corpo, me fazendo estremecer de cima a baixo.

Eu não acreditava que fosse Bruce, pois ele não esperaria três anos, a não ser que não tivesse um meio de se comunicar com seus comparsas antes. Ainda assim, algo me dizia que Candice ou Cecily estavam por trás de tudo aquilo, mas não insistiria em dizer isso a Joshua para não o magoar ainda mais.

— Era isso que eu tinha pra te falar. A decisão de passar a Prime para o seu nome foi tomada em consenso por mim e por meu pai. Nós dois acreditamos que você merece isso.

— Só esqueceram de me perguntar se eu queria.

— É um presente, Amber. Uma forma de retratação pela forma como agimos com você. Não se pergunta a uma pessoa se ela quer um presente antes de dá-lo.

— Eu agradeço, mas não sei se vou conseguir.

— Você vai. Eu estarei sempre aqui pra te ajudar. Amanhã cedo faremos uma reunião com todos os acionistas para comunicar a novidade, então você estará no controle de tudo.

Que gente louca! Eu não sabia controlar nem minha vida e eles me confiavam uma construtora multimilionária. Estávamos todos ferrados, ele mais do que eu.

— Espero que eu não afunde isso aqui. — Resmunguei.

— Você não vai. Eu já conheço o seu trabalho, sei que você é competente.

— Sua irmã e sua mãe devem estar putas com isso.

— Elas têm as coisas delas. Casas, carros. Não precisam de mais nada. — Isso era o que ele pensava. — Vamos pra casa, tenho outra surpresa pra você.

Segurou-me a mão e me conduziu para fora, depois para o elevador e por fim para a rua, já mergulhada na penumbra da noite, sem que os seguranças saíssem de perto de nós nem por um segundo. Caminhamos até o condomínio, quando só então me dei conta do quanto senti falta daquele curto trajeto, como se aquele fosse verdadeiramente o meu lugar neste mundo, como se eu tivesse nascido para viver ali, em meio à movimentação da cidade, trabalhando na Prime, morando no condomínio, fazendo aquele percurso todos os dias.

Ao alcançarmos seu prédio, Joshua deu ordens para que os seguranças ficassem do lado de fora, em alerta, sem permitir a passagem de ninguém sem a sua prévia autorização e subimos.

Fiquei encantada ao entrar na grande sala principal, onde havia uma mesa ao centro,

ornamentada com flores, velas perfumadas, pratos de porcelana e taças de cristais, postos para duas pessoas.

— Que lindo! — Exclamei, fascinada.

— É a sua segunda surpresa.

Eu ia abrir a boca para perguntar se precisava fazer o jantar, quando uma mulher de origem latina surgiu da cozinha, usando um uniforme preto elegante, dizendo:

— O jantar está pronto, senhor. Quer que sirva agora?

Joshua virou-se para mim.

— Quer jantar agora? — Indagou.

Eu não estava com fome, na verdade, preferia que ele me jogasse sobre a mesa e arrancasse minhas roupas, mas tudo tinha sido preparado com tanto capricho, que não tive como recusar.

— Sim, quero.

Agindo como um perfeito cavalheiro, Joshua puxou uma cadeira para que eu me acomodasse, foi até o bar no canto da sala, de onde trouxe uma garrafa de vinho tinto gelado e nos serviu, para em seguida ocupar a cabeceira da mesa.

— Gosta de cordeiro ao molho? — Indagou.

— Sim.

— Ainda bem, pois é o que temos para hoje.

Não demorou muito para que a mulher surgisse novamente da cozinha trazendo o jantar, o aroma maravilhoso do cordeiro enchendo o ambiente, me dando água na boca. Serviu a mesa com muito requinte, para depois pegar seu casaco e se despedir, deixando o lugar.

— Parece que você planejou isso muito bem. — Falei, saboreando a comida, maravilhada com o sabor.

— Só estou tentando ser um homem romântico, como nunca fui. Você acha que exagerei?

— Claro que não. Você está se saindo muito bem.

Eu não ia lhe dizer isto, mas gostava dele exatamente como era: uma máquina sexual irrefreável, louco pelo prazer carnal, como me tornou. Muitos homens românticos já tinham passado pela minha vida, mas apenas ele, com seu jeito safado de ser, foi capaz de conquistar o meu amor. Não que eu estivesse reclamando daquele gesto tão belo, pelo contrário, eu gostava de tudo o que vinha dele.

Trocamos poucas palavras e muitos olhares maliciosos durante o jantar, de modo que deixamos claro um para o outro o que queríamos de fato, aquela necessidade de nos amarmos ficando muito evidente, como uma sede que nunca era saciada.

Mas Joshua estava decidido a me dar uma noite romântica, então, após a refeição, foi pessoalmente à cozinha em busca da sobremesa, quando aproveitou para colocar uma música clássica romântica no volume baixo, antes de voltar com as duas taças cheias de chandelle de chocolate com chantili em uma bandeja de cristal, pousando-a sobre a mesa. Voltou a sentar-se, fixando seus olhos em meu rosto.

Eu gostava daquele joguinho de sedução, afinal, que mulher não gostaria de ser servida por um homem lindo como ele? Mas havia algo de que eu gostava mais. E foi pensando nisso que levei uma colherada de chandelle à boca e, deliberadamente, passei a língua bem devagar na colher vazia, provocantemente, sem desviar meus olhos dos dele.

No instante que se seguiu, Joshua me atacou, contornando minha cintura com um braço para me puxar para si, tomando-me os lábios com uma urgência desesperada, enquanto que, com o outro braço, desocupava a mesa, varrendo todos os utensílios para o chão, com exceção da taça que

ficou na minha mão, deitando-me de costas no tampo de mármore.

— Você me provocou, agora vai ter que arcar com as consequências. — Disse, rouco, contra a minha boca.

E eu queria muito aquelas consequências!

CAPÍTULO XXVII

— Você se descontrola muito fácil, meu bem. — Provoquei um pouco mais, divertidamente.

— Isso nunca foi segredo pra você.

Inclinou-se sobre mim, descansando seu peso nas mãos e me beijou até que eu estivesse perdida, navegando naquele mar de luxúria para o qual ele me arrastava cada vez que me tocava, ansiosa por senti-lo, molhada, sensível, todo o meu corpo clamando pelo seu com uma urgência descomedida.

Com mãos experientes, Joshua me despiu, primeiro tirou minhas duas botas, depois abriu o zíper da minha calça e a desceu junto com a calcinha, deixando-me nua da cintura para baixo. Quando ergui o tronco para tentar alcançar o zíper da sua calça, ele me deteve, forçando-me a voltar a ficar deitada.

— Nada disso, quietinha aí. — Falou com um tom de autoridade que me deixava ainda mais excitada.

O que ele pretendia com aquilo? Eu estava doida pra descobrir.

Ainda com mãos urgentes, tirou minha regata, deixando-me completamente nua, estendida sobre a mesa, com os joelhos dobrados para cima, os pés apoiados na borda.

Completamente vestido, ele caminhou em volta da mesa, observando a minha completa nudez com olhos reluzentes de luxúria.

— Linda... — Sussurrou, quase num grunhido, me deixando ainda mais ansiosa. — Sabe, eu adoro chandelle, não vou dispensar o meu.

Com isto, pegou a única taça que permaneceu na mesa, cheia com o doce e levou uma colherada à boca, sem engolir, trouxe seus lábios de volta para os meus e derramou a sobremesa na minha boca, me alimentando assim e todo o meu corpo vibrou com expectativa crescente.

Usando a colher, Joshua começou a banhar-me com o doce cremoso, derramando-o sobre a minha pele, começando pelo pescoço, descendo pelos seios, ventre e por fim lambuzou todo o meu sexo, a simples perspectiva do que ele faria me incendiando de tesão.

Abandonou a taça sobre uma cadeira e trouxe sua boca gostosa novamente para mim, beijando-me sofregamente nos lábios antes de descer, lambendo o doce que espalhara sobre mim, devorando-o devagar, seus lábios e sua língua quentes saboreando minha pele, em contraste com o frio do doce, atijando o calor da lascívia que jazia no meu interior, me deixando prestes a explodir de prazer.

Continuou fazendo aquele percurso delicioso, parando para provocar meus mamilos com a sua língua gostosa. Colocou um deles entre os dentes e puxou devagar, me arrancando um gemido de prazer. Depois, desceu para o meu ventre, me limpando do chandelle, até que por fim alcançou o meu sexo, quando estão abri mais as pernas para recebê-lo, loucamente excitada.

Com um gesto único, sua língua deliciosa foi do meu ânus até o meu clitóris, me limpando do doce, me fazendo arquejar, cada fibra do meu corpo implorando por mais e Joshua me deu, lambendo avidamente meu clitóris com a ponta da língua, em círculos, de cima para baixo, aceleradamente, me levando muito perto do clímax.

Ensandecida, enterrei meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, movendo ligeiramente meus quadris para esfregar meu sexo na sua boca, gemendo alto, doida pelo gozo que ameaçava me partir em mil pedaços.

Mas antes que eu explodisse, ele levou sua língua para a minha vagina, enterrando-a ali, movendo-a lá dentro, me fodendo assim, meus gemidos de súplica se tornando mais altos, ecoando pela sala.

Como se percebesse que já tinha me torturado o suficiente, voltou para o meu clitóris, segurando-o entre seus lábios, sugando levemente, enquanto enterrava dois dedos na minha vagina lambuzada e foi assim que gozei, violentamente, me sacudindo toda, gemendo alto, me contorcendo, me acabando de prazer, Joshua se alimentando de mim, até que fiquei lânguida sobre a mesa.

Joshua puxou-me pelas mãos, para cima, sentando-me na beirada da mesa, colando-se em mim de cima a baixo, sua boca gostosa na minha, sua ereção pressionando meu sexo por sob sua calça, uma nova onda de desejo florescendo dentro de mim, se espalhando depressa pelo meu corpo.

Fiquei impressionada com a intensidade com que eu queria aquele homem. Era como se ele fosse parte do meu ser. Será que todas as mulheres que passaram por ele se sentiram assim?

O pensamento me fez estremecer, mas logo o afastei, entregando-me ao mar de emoções que me engolfava.

— Você é uma delícia, Amber. — Ele sussurrou contra a minha boca. — Quero sentir o seu gosto todos os dias, toda hora.

E voltou a me beijar, enterrando sua língua gostosa na minha boca para que eu a sugasse com uma fome meio descontrolada.

Sem separar sua boca da minha, ele me ergueu em seus braços, carregando-me para o quarto, onde fiquei extasiada ao ver a cama coberta por pétalas de rosas vermelhas, o vidro das paredes oculto por paredes móveis, o ambiente meio escurinho, com velas perfumadas acesas por todos os lados.

— Nossa! Você caprichou mesmo! — Falei, observando tudo à nossa volta.

— Isso não é nada perto de tudo o que você merece.

— Quando fez isso tudo?

— Dei alguns telefonemas enquanto você dormia no helicóptero.

Ele me deitou sobre a cama, colocando-se sobre mim, seu corpo grande me cobrindo inteira, sua boca devorando a minha, com uma fome descomedida. Foi então que inverti as posições, fazendo-o deitar-se de costas, colocando-me sobre ele.

Devagar, abri os botões da sua camisa e a tirei, beijando e lambendo os músculos duros e perfeitos do seu tórax, para em seguida ir para o zíper da sua calça e abri-lo, despindo-o completamente, voltando para observar o pau, muito longo e grosso, completamente duro, cheio de veias protuberantes, lambuzado e minha boca se encheu de água.

Ansiosa por experimentar o seu gosto, coloquei-me de quatro no colchão, sobre suas pernas estendidas e abocanhei aquela maravilha, extasiada, levando-o fundo em minha garganta.

Putá que pariu! Não podia existir um gosto melhor que aquele. O gosto da luxúria e do prazer.

Enquanto eu chupava seu pau avidamente, deliciada, a corrente de tesão me percorria inteira, minha intimidade palpitando, minha pele em chamas e como se conhecesse cada uma das minhas necessidades, Joshua usou as suas mãos fortes para me puxar para cima, virando-me, me fazendo montar o seu rosto. Abriu minhas nádegas com as duas mãos e voltou a chupar minha boceta enquanto eu devorava seu pau, sequiosa, faminta, louca de prazer.

Ah! Porra! Que delícia! Definitivamente, não existia nada melhor do que fazer sexo com aquele homem.

Sua língua estava enterrada na minha carne molhada e novamente, eu me aproximava do

êxtase, mas desta vez ele interrompeu, virando-me de novo, me fazendo montar o seu sexo, uma perna de cada lado e foi assim que me penetrou, com um golpe violento dos seus quadris, entrando todo em mim, até que seus pelos púbicos ralos acariciassem minha vulva, seu tamanho me esticando, me dando um prazer indescritível.

— Ah, gostosa, rebola no meu pau... — Ele sussurrou, com um tom meio animalesco, que me deixou ainda mais excitada.

Prontamente obedeci, movendo-me freneticamente sobre ele, rebolando, subindo e descendo, sentindo-o muito duro, muito fundo no meu interior, me completando demais, me fazendo verdadeiramente mulher, me dando a sensação de que nada mais me faltava nessa vida, a melhor sensação que uma mulher podia ter.

Entretanto, Joshua tinha o poder de transformar o que já era perfeito em algo ainda melhor e o fez, sentando-se na cama para que seu corpo encontrasse o meu, movendo-se junto comigo, tomando-me os lábios em um beijo faminto, para depois escorregar sua boca para os meus peitos, alternando entre eles com mordidas e lambidas que me deixavam ainda mais ensandecida, completamente enlouquecida de prazer.

Segurou meus cabelos firmemente atrás da cabeça, me fazendo encará-lo no rosto, fixando seus olhos escurecidos, meio selvagens, nos meus.

— Não existe nada melhor no mundo que estar dentro de você, Amber. — Sussurrou, com tom rouco e, com muita agilidade, inverteu as posições, colocando-se sobre mim, montando-me, seu corpo inteiro colando-se ao meu, de cima a baixo, sua boca tomando a minha com fúria, com paixão, enquanto me penetrava cada vez mais forte, mais fundo, com estocadas bruscas, me fodendo gostoso demais.

Tentei me segurar para prolongar o quanto mais aquele momento, mas foi impossível, logo meu corpo todo se contraiu, exigindo o alívio e eu explodi, gozando como uma desesperada debaixo dele com o seu pau enterrado em mim até a raiz, meus gemidos se transformando em gritos, as lágrimas fugindo dos meus olhos, meu corpo se contorcendo todo.

Quando eu começava a ficar mole, foi a vez dele e seus espasmos me levaram a um novo orgasmo, que se tornava delicioso por ter seu leite me enchendo, seu corpo gostoso ondulando junto com o meu.

Quando a calmaria nos engolfou, Joshua beijou-me demoradamente na boca com muita paixão, para em seguida deitar-nos de lado na cama, sem sair de mim, aninhando minha cabeça no seu peito largo, quando pude sentir as batidas aceleradas do seu coração ao mesmo tempo que percebia o leve tremor em seu corpo.

— Você está bem? — Perguntei, inebriada com o seu cheiro se misturando ao aroma das rosas e das velas no quarto.

— Nunca estive melhor. — Afundou o rosto em meus cabelos, inalando meu cheiro. — Você me faz sentir completo, Amber.

— E você a mim.

— Eu tenho a impressão de que passei toda a minha vida esperando por você.

— Estou aqui, agora.

Sua mão foi para os meus cabelos, acariciando-os carinhosamente.

— Sim... e nunca mais te deixarei partir. Você agora é minha.

— Sim... toda sua.

A nossa noite estaria apenas começando se eu não tivesse passado a noite anterior acordada. Além do mais, era tão bom ficar assim abraçadinha com ele, envolvidos naquela redoma de paz e

tranquilidade que só existia nesses momentos, que acabei adormecendo do jeito que estava, sentindo-me segura e protegida em seus braços queridos.

Quando acordei na manhã seguinte, Joshua estava beijando meu corpo, que parecia incendiar de tanto desejo sob o toque da sua boca. Após transarmos mais uma vez, tomamos um banho demorado juntos e fiquei nervosa ao escolher o que vestir, pois seria um momento crucial em minha vida, quando declararia a toda uma empresa que me tornei dona dela da noite para o dia.

— Não vou conseguir fazer isso. — Declarei, aflita, ainda no quarto.

— Claro que vai. Você é brilhante, tem boas ideias e o sangue do maior engenheiro desse país corre nas suas veias. — Joshua falou, encorajando-me.

Então, respirei fundo e escolhi o que havia de mais careta entre minhas peças de roupas: um casaco xadrez de mangas compridas, que coloquei junto com o jeans e as botas. Me lembraria de ir às compras mais tarde.

Sob o sol escaldante daquela manhã de segunda-feira, eu e Joshua deixamos o seu apartamento, atravessando o condomínio já praticamente deserto com os seguranças nos seguindo de perto, não mais os mesmos que estavam à noite, na certa estavam se revezando. Fizemos o percurso até a Prime mergulhados em um silêncio tenso, motivado pelo meu alto grau de nervosismo.

A sala de Joshua agora ficava no penúltimo andar, mas ele fez questão de me acompanhar até a sala da presidência, onde agora era o meu lugar.

Fomos recebidos por uma Rebecca simpática e sorridente como sempre, que veio me perguntar se já podia convocar os demais acionistas para a grande reunião.

— Você pode pedir que esperem um pouco, até você se acalmar. — Joshua falou, ao adentrarmos à grande sala sobriamente decorada, com uma vista esplendorosa para o centro de Dallas.

— Melhor não. Se é pra contar, que seja logo.

Ele sorriu admirado e fomos para a sala de reuniões, onde ocupei meu lugar na cabeceira da mesa, com ele sentando-se na primeira cadeira, ao meu lado.

Em questão de minutos, a sala foi se enchendo de executivos usando terno e gravata, a maioria deles com o dobro da minha idade, todos se mostrando perplexos ao me ver ocupando o lugar que seria de Joshua. Entretanto, nenhum olhar foi tão fulminante quanto aquele que Candice me lançou ao entrar, carregado de ódio, como se quisesse me incendiar viva.

Noah também estava lá, na última cadeira, vestido de forma despojada, como eu. Manuseava seu iPhone e parecia não dar a mínima importância para nada.

— Estão todos aqui? — Indaguei, esforçando-me para manter a voz firme.

— Sim, todos. — Um dos acionistas respondeu.

Respirei fundo antes de continuar.

— Então, senhoras e senhores, eu não sei se todos estão inteirados dos acontecimentos, mas sou filha de Robert Walker e por alguma razão ele achou que eu devia ser proprietária dos seus bens. — Uma enxurrada de murmúrios e expressões de perplexidade encheu a grande sala. — Senhores, por favor, podem fazer silêncio? Eu ainda não terminei de falar. — Fiquei pasma quando todos se silenciaram ao meu comando. — Outro desejo do Sr. Walker, foi que eu me tornasse presidente da Prime, portanto, estou aqui. Alguma pergunta?

Todos me olhavam atônitos, obviamente sem reação diante de uma revelação tão inesperada. Candice foi a primeira a se manifestar.

— Isso não pode ser possível! Meu pai deve estar esclerosado. Ele não ia entregar a

presidência da sua empresa a uma pessoa como você.

— Uma pessoa como eu, como?! — A interrompi, bruscamente.

Podiam se passar cem anos, mas Candice jamais me desceria pela garganta.

— Você não tem preparo algum, tampouco tem experiência para assumir tanta responsabilidade.

— Ela está preparada. — Joshua interveio em minha defesa e os olhos dela brilharam ainda mais furiosos.

— Eu me recuso a trabalhar sob as ordens de alguém sem preparo algum! — Emendou.

— Ótimo! A porta da rua está aberta. É só se retirar. — Falei, sem remorso algum. Ela que fodesse!

Por fim, percebendo a sua derrotada, Candice se calou.

— Mais alguma objeção em trabalhar comigo? — Indaguei, varrendo todos os rostos à minha frente, sem que ninguém se manifestasse. — Ótimo. Acho que podemos começar então.

Olhei para a pilha de documentos que tinha trazido da outra sala, entre eles projetos inacabados, outros por começar, outros para serem aprovados e todos esperando pela minha palavra final. Comecei pelo projeto da construção de hidrelétrica em Nevada por ser o maior de todos, do qual eu já estava inteirada. E durante uma apresentação de slides, me senti livre para mudar aquilo que eu achava necessário, como o fato de deixarmos um pedaço de terra maior para os habitantes das comunidades ribeirinhas que viviam da pesca e, portanto, seriam prejudicados. Ressaltei que o objetivo era construir algo moderno e arrojado, interferindo o menos possível na natureza, afinal, durante a faculdade, a preservação do ecossistema foi a minha disciplina preferida.

Houve protestos, reclamações e lamentações por parte dos acionistas, principalmente porque esta decisão reduzia nossos lucros, mas por fim a palavra final era minha e assim esta prevaleceu, o que começava a tornar aquele jogo surpreendentemente divertido.

No entanto, nem tudo era diversão. Após a reunião, apareceu tanto trabalho na minha mesa que eu mal tive tempo de respirar. Percebi que com o poder vinham as responsabilidades, eu precisava ser objetiva, sensata e pensar rápido para que as coisas dessem certo, pois o menor deslize, podia acarretar prejuízo para milhares de pessoas.

O melhor momento do meu dia foi quando Joshua deixou sua sala para vir almoçar comigo quando o desejo falou mais alto, como sempre, e acabamos nos entregando um ao outro ali mesmo, sobre a mesa, sem receio e sem pudores.

Além das responsabilidades, eu precisava lidar também com o preconceito da maioria dos funcionários, os quais não acreditavam que eu tivesse competência para assumir o cargo, devido à minha pouca idade e falta de experiência, o que servia apenas para me incentivar a dar o melhor de mim e provar o quanto estavam errados.

No final daquele dia, eu estava uma pilha de nervos, extremamente estressada. Ainda bem que tinha Joshua ao meu lado para me acolher no aconchego dos seus braços. Aquela noite, ele me fez uma massagem relaxante antes de me foder até que eu não me lembrasse mais nem do meu próprio nome.

CAPÍTULO XXVIII

E assim se foi aquela semana de muito trabalho, muita perseguição por parte dos preconceituosos, muitas responsabilidades a serem assumidas e decisões difíceis a serem tomadas, mas no fim, tinha dado tudo certo. Eu consegui desempenhar meu papel com competência e eficiência, para decepção daqueles que esperavam pelo meu fracasso.

Embora agora ocupasse a vaga de vice-presidente em uma sala do penúltimo andar, Joshua me ajudou nos momentos mais difíceis, prestando-me auxílio sempre que eu precisava. Os melhores momentos dos meus dias e das minhas noites ficaram por conta dele, que me tomava em seus braços com aquela fome deliciosa que eu amava saciar, me trazendo conforto e alívio para a tensão, ao mesmo tempo que me tornava cada dia mais ligada a ele, mais apaixonada. Eu amava tanto aquele homem, que já não conseguia me ver em uma vida sem ele, embora não lhe diria esta verdade até ter certeza de que meus sentimentos eram correspondidos.

O médico da clínica de reabilitação onde estivemos quando nos conhecemos nos procurou pedindo para que fizéssemos uma palestra falando às pessoas que tinham problemas semelhantes aos que tivemos, como encontramos a cura nos braços um do outro, como nos completamos e saramos nossas dores ao confiarmos um no outro.

Fomos na sexta-feira, sem nada programado para dizermos às dezenas de pessoas com a alma dilacerada que nos ouvia, apenas falamos a verdade.

Ainda era dia quando deixamos a clínica e aproveitamos o tempo livre para caminharmos no parque, atraindo a atenção de todos por sermos seguidos pelos seguranças armados, o que não interferiu em nosso momento de lazer. Mesmo sendo observados, conseguimos nos sentar abraçadinhos sobre a grama, sob a sombra de uma árvore frondosa e curtimos a proximidade do outro.

Na manhã de sábado, eu estava determinada a mudar meu visual displicente e assumir uma aparência mais madura, que alguns poderiam considerar mais apropriada para a minha atual posição na Prime. O que não era o caso de Joshua, que deixou claro que gostava da minha aparência exatamente como era.

Ainda assim decidi arriscar e convidei Kate para irmos às compras. Seguida pelos seguranças, que ocupavam outro carro, mas não saíam da minha cola, fui apanhá-la em Tyler, com o meu Camry consertado, novinho em folha.

Passamos a manhã inteira no shopping, quando usei o cartão de crédito da Prime para mudar radicalmente meu visual. Alisei os cabelos, deixando-os em fio reto, fiz limpeza de pele, depilação completa, comprei algumas lingerie muito sexy, para usar apenas quando estivesse com o meu amor, muitas roupas e sapatos sociais, os mais caros terninhos e alguns vestidos de noite, sem esquecer de presentear Kate com algumas peças caras também.

Já deixei o shopping usando roupas novas, um vestido colado de alças finas bege, sofisticado e ao mesmo tempo sensual, que combinava com as sandálias de saltos altos delicada.

Chegamos ao condomínio por volta das duas da tarde. Como tínhamos combinado de almoçar todos juntos, Dean já se encontrava no apartamento com Joshua, nos esperando. Ao entramos na grande sala, com um dos seguranças carregando as sacolas de compras, os dois homens se levantaram para nos receber, ambos me observando com o queixo caído, me deixando em dúvida se estavam me reconhecendo ou não.

— Sou eu gente, Amber! — Falei com descontração.

— Cacete! Você está diferente. — Dean falou.

— Está linda. — Joshua completou, varrendo-me de cima a baixo com olhos brilhantes antes de vir para mim, abraçando-me possessivamente. — Eu nunca imaginei que algo que já era perfeito podia ficar ainda melhor. — Completou, para depois me dar um selinho.

Em resposta, meus lábios se curvaram em um amplo sorriso de pura satisfação.

“E eu nunca imaginei que podia me apaixonar mais a cada dia pelo mesmo homem.” Pensei, mas não me atrevia a falar.

— Alguém com fome? — Foi Kate quem indagou.

— Muita. — Joshua respondeu, seus olhos ainda presos aos meus.

— Onde vocês querem almoçar? — Dean perguntou.

— Abriu um restaurante novo em Reverchon, vocês gostariam de conhecer? — Foi Joshua quem perguntou.

— Sim. — Eu e Kate respondemos em uníssono, para em seguida cairmos na gargalhada, os dois homens se entreolhando com diversão.

— Vai ser esse, amigo. — Dean precisou concordar.

Então, fomos os quatro, Dean e Kate no carro deles na frente, eu e Joshua na limusine guiada pelo motorista e os quatro seguranças armados em um Mercedes atrás.

O restaurante era simples, porém tinha uma decoração de muito bom gosto, toda em estilo country e o melhor de tudo era que ficava bem no centro do parque, em meio às árvores centenárias, o mais perto possível da natureza que se podia chegar ao se fazer uma refeição em Dallas.

Após saborearmos a deliciosa comida em uma área do restaurante que ficava ao ar livre, continuamos ali jogando conversa fora e bebendo vinho gelado, sem pressa nenhuma de irmos embora, aproveitando o momento tão agradável, interrompido pela libido descontrolada de Joshua, que a todo instante trazia seus lábios ao meu ouvido para me lembrar do quanto estava ansioso para ficar sozinho comigo e arrancar meu vestido novo com os dentes.

Eu precisava admitir que aquela promessa me deixava em ebulição, muito excitada e molhada no meio das pernas.

Era fim de tarde quando nos despedimos, Kate e Dean voltando para Tyler no carro dele, eu e Joshua indo para o condomínio na limusine, com os seguranças nos seguindo.

— Se divertiu? — Ele perguntou no instante em que entramos no veículo longo e luxuoso, e este se pôs em movimento.

— Muito e você? — Joguei os cabelos sobre um ombro, satisfeita ao ver que ele registrava o gesto com olhos brilhantes.

— Tirando o fato de que meu pau está quase tendo uma câimbra por ficar tanto tempo duro, te olhando nesse vestidinho, acho que me diverti sim.

Não consegui me conter e meus lábios se esticaram em um largo sorriso, para que no instante seguinte ele pulasse para o assento que eu ocupava e me atacasse, sua boca vindo para a minha, uma de suas mãos me segurando pelas costas para me manter no lugar, a outra mão se enfiando sob a saia colada do vestido, se infiltrando na minha calcinha minúscula, tocando-me intimamente, atijando o fogo do tesão que parecia nunca se apagar dentro de mim.

— Ah! Joshua, eu te quero tanto... — Sussurrei na sua boca faminta, enterrando minha mão sob sua camisa para acariciar seus músculos perfeitos.

— Não mais do que eu a você.

Com isto, ele usou um botão para erguer o vidro negro que nos separava do motorista e voltou

a me agarrar, suas mãos arrastando a saia do vestido para cima com urgência, as minhas abrindo o fecho da sua calça.

Palavras eram desnecessárias para que soubéssemos exatamente o que queríamos e que tínhamos cerca de dez minutos para isto, o tempo exato do percurso até o condomínio. Então nos apressamos. Com um gesto brusco da sua mão, Joshua arrancou a minha calcinha, me ajudou a descer sua calça até abaixo dos quadris e me puxou para cima dele, montando-me em seu colo, uma perna de cada lado, penetrando-me forte e fundo como eu gostava, se enterrando inteiro em mim até que eu gemesse alto de prazer, sua boca gostosa mordiscando meus seios por sobre o vestido, minhas mãos se fechando nos seus ombros fortes.

Ele usava suas duas mãos para me ajudar a mover-me sobre seu membro, me levando para cima e para baixo, escorregando dentro de mim, enlouquecendo-me como só ele sabia fazer, até que nossos corpos enrijeceram ao mesmo tempo e sua boca encontrou a minha para beber meus gemidos enquanto gozávamos juntos, nossos corpos ondulando em igualdade, nossos espasmos se fazendo ao mesmo tempo, antes de se cessarem de vez.

Faltava uma quadra para chegarmos e me apressei em sair de cima dele, ambos sorrindo alto da mais genuína felicidade, enquanto colocávamos nossas roupas de volta no lugar, minha calcinha rasgada ficando esquecida em algum canto do carro.

Estávamos passando em frente ao prédio da Prime, quando de súbito lembrei-me dos relatórios que deveria ter estudado durante a semana e não tive tempo. Eu poderia tirar algumas horas do meu domingo para fazer aquilo.

— Peça ao motorista para parar aqui. Preciso pegar alguns documentos. — Pedi, terminando de ajeitar meu vestido no lugar.

— Esquece isso. Vamos aproveitar o final de semana.

— É importante. Por favor.

Ele me observou em silêncio por um instante e depois sorriu amplamente.

— Você tem mesmo a quem puxar. — Abaixou o vidro que nos separava da cabine e deu ordens para que o motorista nos deixasse ali.

— Obrigada. — Falei, sorrindo de satisfação.

— Você é minha chefe. Tenho que obedecer.

Desta vez eu gargalhei alto, divertida.

A limusine nos deixou diante do prédio e prosseguiu para o condomínio, enquanto que os seguranças estacionavam no acostamento diante de nós, sob as ordens de Joshua, se colocaram dois de cada lado da entrada, para nos aguardar e subimos de mãos dadas.

Era fim de tarde e por ser sábado, o prédio estava praticamente deserto, com exceção dos vigias e algumas pessoas que ainda se empenhavam em fazer a limpeza, não havia mais ninguém além de nós por ali. Na minha sala, peguei os documentos de que precisava e fizemos todo o percurso de volta, envolvidos em uma conversa íntima e gostosa.

Ao alcançarmos a rua, caminhando para o condomínio com três seguranças atrás de nós, já que o quarto tinha ido com o carro, continuamos conversando distraidamente, de mãos dadas, quando de súbito o avistei, do outro lado da rua, o meu pior pesadelo, o terror em forma humana que me perseguiu em pensamentos durante três longos anos. Em meio a uma pequena multidão de pedestres que passava pela calçada, diante do prédio do luxuoso hotel que ficava do outro lado da avenida, eu reconheci Bruce, seus olhos diabólicos dourados observando-me fixamente com a fúria de sempre. Embora tenha sido muito rápido, não tive dúvidas de que era ele, as tatuagens em seus braços exageradamente musculosos estavam lá, visíveis por sob a manga curta da camiseta.

Com todo o meu corpo trêmulo, do mais puro horror, eu estaquei, ficando ali na calçada, meu sangue fugindo da minha face, meu coração ameaçando parar de bater, os documentos caindo da minha mão sem que eu percebesse.

— Por Deus, Amber! O que você tem? — Joshua indagou aflito, seus olhos buscando a direção para a qual eu olhava.

— Bruce. — O nome daquele monstro saiu da minha boca num fio de voz muito fraco.

Aflito, Joshua estreitou-me entre seus braços, protetoramente.

— Onde?!

— Ali. — Gesticulei para o lugar exato onde ele estivera a um segundo atrás, embora já não o visse mais.

Joshua mirou seu olhar naquela direção, sem também encontrá-lo, depois deu ordens para que dois dos seguranças fossem à procura do monstro enquanto me conduzia para o condomínio com o outro segurança atrás de nós.

As lembranças dos dias que passei presa naquele maldito porão, com fome, com frio, sendo violentada por aquele monstro me voltaram tão nítidas, que eu podia sentir tudo de novo, a dor, a humilhação, o horror e, abraçada a Joshua, pouco a pouco fui perdendo a consciência, mergulhando na negra escuridão, a saída que meu cérebro encontrara para fugir das lembranças.

Quando recobrei os sentidos, estava deitada confortavelmente na cama de Joshua, usando uma camisola de algodão folgada, sob o olhar aflito dele, que estava sentado na beira do colchão.

— Por quanto tempo apaguei? — Perguntei, sentando-me na cabeceira, com as costas apoiadas no espaldar.

— Alguns minutos. O médico está vindo dar uma olhada em você. — Ele falou, visivelmente preocupado.

— Não preciso de médico, mas se você me arranjar um corpo d'água, eu aceito.

— Claro. — Ele foi ao frigobar no canto do quarto, voltando com a água no copo. — Amber, me avise se não estiver em condições de falar sobre o assunto, mas você tem certeza de que o viu? — Indagou, com cautela.

A visão do monstro me voltou, junto com um calafrio que desceu pela minha espinha.

— Sim. Eu vi.

— Tem certeza que era ele?

— Absoluta.

— Os seguranças já tinham a foto dele, mas não o encontraram. Eu telefonei para Morris. Ele disse que entraria em contato com a polícia para saber se ele foi solto. Ficou de vir aqui mais tarde.

Em poucos minutos, Joshua foi abrir a porta para o médico, um homem de meia idade que me examinou e fez algumas perguntas, para depois recitar o que já sabíamos.

— Fisicamente ela só precisa de vitaminas, pois está meio anêmica. O desmaio foi por causas psicológicas. Recomendo que procurem um psicólogo.

— Obrigado, doutor. — Joshua agradeceu e os dois minutos que precisou me deixar sozinha para ir levar o homem até a porta, me pareceram os mais demorados da minha vida. — Morris está vindo. Você gostaria de se trocar para recebê-lo? Mas só se estiver confortável com isso. Caso prefira ficar aqui, eu falo com ele. — Indagou ao voltar.

— Eu estou confortável.

Sentindo meu corpo fraco, devido à alta carga de tensão e nervosismo, levantei-me devagar e troquei a camisola por jeans e regata de malha, para depois ir para sala de mãos dadas com

Joshua, quando notei que havia dois dos seguranças do lado de dentro, guardando a porta.

— Contratei mais alguns. Tem quatro lá fora. — Joshua disse, ao perceber meu espanto.

— Melhor assim.

Nos acomodamos ali no sofá, abraçados e logo que a campainha tocou, Joshua foi abrir a porta para seu investigador.

Quando o homem entrou, fiquei impressionada com o fato de uma pessoa com a aparência dele ter conhecimentos de um espião da CIA. O cara parecia um professor de literatura, sempre usando um terno muito grande para o seu corpo, os cabelos em um corte fora de moda e a barba crescida, embora seu olhar estivesse sempre em alerta, registrando tudo a sua volta, o único indício de que ele era mais que um executivo comum.

— Olá, Amber. — Ele falou, após cumprimentar Joshua com um aperto de mão, sentando-se no outro sofá.

— Como vai, Sr. Morris?

Apressadamente, Joshua sentou-se ao meu lado, muito perto e passou o braço em torno dos meus ombros, os olhos escuros do homem registrando o gesto.

— E então, o que você descobriu? — Joshua indagou, sério.

— Nada de bom. Encontraram provas de que Bruce é inocente de uma acusação de assalto a banco pela qual cumpria pena e como retratação ele recebeu liberdade condicional pelo crime de sequestro e... — Ele hesitou. — Estupro. Saiu da cadeia ontem à tarde.

Enquanto o ouvia, meu sangue gelava nas veias, meu coração batendo muito devagar, a inconsciência ameaçando me pegar. Vinte e quatro horas depois de sair da cadeia Bruce já estava me rondando, ele queria vingança, queria a minha cabeça e não descansaria até que eu estivesse morta.

Em desespero, afundei meu rosto no peito largo de Joshua em busca do conforto que apenas ele podia me dar.

— Não tenha medo, Amber. Aquele safado não vai chegar perto de você enquanto eu estiver vivo. — Joshua me garantiu, me apertando contra seu corpo.

— E não é só isso. — A voz de Morris assumiu um tom ainda mais grave. — No celular que foi encontrado com ele, havia ligações para um número que era usado por Sam.

— Então quer dizer que ele era o mandante das tentativas de assassinato?

— Ao que parece, era sim.

— E como ele arranjou um celular na cadeia?

— É o que a polícia está investigando.

— Não tem como provar que ele tentou matar Amber e assim perder essa retratação?

— Não conseguiram provar que o telefone era de Sam...

Os dois continuaram falando, quando de súbito ocorreu-me que algo não batia naquela história.

— Espera. Sam disse que não foi o responsável pela queda do gesso no teto da lavanderia, que foi a pessoa que o contratou. Se Bruce ainda estava preso, quem foi então?

— Não sei, Amber. Estão faltando muitas peças nessa história ainda. Na certa, Sam estava mentindo. Mas estou investigando tudo junto com a polícia e vou tentar acionar a CIA. — Morris falou. — Não fique preocupada, com o tempo apanharemos esse miserável. Até lá, não se afaste dos seguranças.

Ele e Joshua trocaram mais algumas palavras sobre o caso, sem chegarem a uma conclusão clara de nada e por fim Morris se foi.

Sozinhos, Joshua me abraçou apertado, me tornando muito pequena entre seus braços fortes,

junto ao seu corpo grande.

— Não tenha medo, Amber. Eu jamais permitirei que algo de mau te aconteça. — Falou, me transmitindo segurança.

Fiz uma incursão mental em todos os acontecimentos e, de súbito, comecei a me sentir culpada por ter acusado a irmã e a mãe dele e pela depressão que Cecily atravessava, afinal, minha mãe era a responsável por aquele divórcio.

Definitivamente, Joshua estaria melhor sem mim.

— Me desculpa. — Balbuciei.

— Pelo quê?

— Por pensar que sua mãe ou sua irmã estavam por trás dessa história, por seu pai ter se divorciado da sua mãe.

— Não pense nisso. — Ele afundou seu rosto em meus cabelos. — No seu lugar, qualquer pessoa teria pensado o mesmo e você não é culpada por meu pai amar sua mãe.

Suas palavras eram doces e sinceras, mas não amenizavam o sentimento de culpa que jazia dentro de mim.

Aquela noite não saímos mais do apartamento. Joshua pediu comida japonesa e fizemos a refeição mergulhados em uma atmosfera de cumplicidade e harmonia. Mais uma vez, naquela noite ele se mostrou o homem magnífico que era ao me acolher em seus braços calorosos, me confortando, me apoiando, me dando o cuidado e o carinho de que eu tanto precisava naquele momento, durante toda a noite, sem tentar transar comigo, apesar da sua libido descontrolada.

CAPÍTULO XXIX

Na manhã de domingo, eu quis compensá-lo de alguma forma pelo simples fato de existir em minha vida e me levantei antes dele para preparar o café da manhã. Fiquei aliviada ao passar pela sala e ver dois seguranças armados na porta.

Na cozinha, usei tudo o que encontrei de gostoso para preparar uma bandeja farta com café fresco, leite, sanduíches e frutas e levei para Joshua, no quarto. O encontrei ainda mergulhado em seu sono tranquilo e o despertei colando minha boca na sua, fazendo com que o nosso café fosse adiado, pois quando se tratava de Joshua, um beijo na boca de manhã era como uma overdose de afrodisíaco.

No instante em que abriu os olhos, ele me jogou na cama e me fez sua, com tanta intensidade, tanta paixão, que fiquei ainda mais inebriada, loucamente apaixonada.

Depois, tomamos o café da manhã ali mesmo na cama e continuamos nos entregando ao desejo selvagem que nos engolfava sob a água do chuveiro, depois nas poltronas, do quarto, até que o cansaço nos tomasse por completo.

Estávamos quietinhos, abraçados na cama, com nossos corpos trêmulos pelos orgasmos, ouvindo as batidas acelerada do coração um do outro, mergulhados na paz e na calma que nos tomava nesses momentos, quando o interfone tocou e a voz da mãe dele partiu do outro lado da linha.

Merda! Não seria fácil ter que engolir aquela mulher, mas ela era mãe do homem que eu amava, por mais que eu quisesse, não conseguiria evitá-la.

— Eu espero você aqui. — Declarei, quando Joshua se levantou e começou a se vestir para ir recebê-la.

— Nada disso. Você vem comigo.

— Você sabe que sua mãe me odeia. Antes eu não entendia, mas agora eu entendo o motivo, assim como entendo que o ódio dela deve ter crescido depois que seu pai pediu o divórcio por causa da minha mãe.

— Ela que engula o ódio. Você é a mulher que escolhi para mim. Ela vai ter que aceitar isso.

Suas palavras fizeram meu coração bater descompassado. Embora ainda não dissesse que me amava, como eu tanto ensejava ouvir, dizer que eu era a mulher que ele escolheu para a sua vida, era um grande começo.

— Eu sou? — Indaguei, meu peito se enchendo de emoção.

Joshua interrompeu a tarefa de vestir-se para vir até mim, seu olhar confuso, como se desse-se conta de alguma constatação. Sentou-se na beira do colchão, com seus olhos presos aos meus e acariciou minha face com a ponta dos dedos.

— Claro que você é, Amber. Eu não sou muito bom com as palavras, aliás sou mais de agir do que de falar, mas eu achei que você já tinha percebido o quanto estou apaixonado por você. — Fogos de artifícios pareceram se fazer no meu interior, enquanto meu coração assumia um ritmo ainda mais acelerado no peito, meus lábios se curvando em um sorriso largo. — Eu te amo Amber Mitchell, sempre amarei. Você é a mulher da minha vida, com quem quero passar o resto dos meus dias e nada nem ninguém pode mudar isso.

As lágrimas marejaram meus olhos, lágrimas de pura emoção.

Por Deus! Como esperei para ouvir aquilo dele!

— Eu também te amo, Joshua, mais que tudo nessa vida.

Ele sorriu lindamente e selamos aquela verdade com um beijo demorado e apaixonado.

— Agora se veste, vamos receber sua futura sogra.

Caramba!

Fiz como ele disse, vestindo um short confortável e regata. Deixamos o quarto de mãos dadas, encontrando a mulher já acomodada em um dos sofás da sala, elegante como uma rainha no conjunto de saia e blusa marfim, com os cabelos escuros, lisos, caindo pelos ombros.

Quando nos aproximamos, ela levantou-se, cravando seu olhar mortal em meu rosto, com tanto ódio que por pouco não me escondi atrás de Joshua.

— O que ela faz aqui?! — Indagou, entre dentes, os olhos reluzentes de fúria.

— Ela está morando comigo, é a mulher que escolhi para a minha vida e a senhora precisa aceitar isso. — Joshua falou, com calma.

— Você realmente espera que eu aceite ver meu filho agarrado com a filha de uma prostituta barata que destruiu meu casamento?! E como se não bastasse ainda tirou tudo de nós!

Meu corpo estremeceu de raiva ao ouvi-la se referir à minha mãe daquela forma, porém, por outro lado, eu me sentia mal por estar plantando a discórdia entre ela e Joshua.

— Ela não tirou nada de nós. A decisão de transferir a Prime pro nome dela foi exclusivamente minha e do papai. — Quanto mais Joshua me defendia, mais eu me sentia culpada pela sua desunião com a mãe, pois por mais ruim que ela fosse, era a única mãe que ele tinha. Eu não queria afastá-los.

— Eu vou deixar vocês sozinhos. — Balbuciei e tentei ir para o quarto, mas ele me segurou firme pela mão.

— Você fica! — Disse firmemente. — Se a senhora quiser conversar comigo precisa fazer isso na presença de Amber e aceitá-la como minha mulher, porque é isso que ela é.

— Nunca! — A mulher quase rosnou. — Não aceitarei a filha de uma empregada vadia e golpista, que tirou tudo de nós, na minha família. Se algum dia você abrir os olhos e ver quem ela realmente é, pode se considerar meu filho de novo. Por enquanto, esqueça que eu existo!

Com isto, ela deu meia volta e saiu, pisando pesado, batendo a porta com força atrás de si.

Meu coração ficou despedaçado ao ver Joshua encolhendo os ombros, abatido, visivelmente transtornado, afinal perdia a mãe pela segunda vez e tudo por minha culpa. Eu queria ter o poder de fazer algo para mudar aquilo, mas não tinha, eu o amava demais para me afastar.

— Me desculpa. — Murmurei, abraçando-o apertado.

— Não é sua culpa. — Ele me abraçou de volta.

— Eu plantei a discórdia entre vocês. No lugar dela eu também estaria puta por perder meu marido para outra mulher e os bens para a filha dessa mulher.

Joshua sorriu, trazendo um pouco de alívio para o remorso que me corroía a alma.

— Ela não perdeu meu pai pra sua mãe. Eu cresci ouvindo os dois brigarem, gritando para o outro o quanto eram infelizes juntos. E quanto à Prime, não vai fazer falta, minha mãe é rica, talvez mais que você. Ela só está magoada. Quando essa raiva passar ela vai encontrar outra pessoa e ser feliz, então perceberá que você nem sua mãe são culpadas pela infelicidade dela.

— Tomara que ela consiga ser feliz.

— Ela vai ser. Basta que se apaixone por alguém.

Ele segurou minha face com uma mão e trouxe seus lábios deliciosos para mim, para em seguida me segurar em seus braços e me carregar para a cama, onde nos entregamos de corpo e alma à paixão visceral que jazia em nosso íntimo.

Passamos o domingo assim, agarradinhos, nos amando e jogando conversa fora. Tentamos assistir alguns filmes no DVD, mas o tédio não permitia que nos concentrássemos em mais nada que

não no sexo e no quanto ele podia ser bom.

Por mais que estivéssemos isolados do mundo lá fora, eu nunca antes me senti tão feliz, tão plena e realizada, com a sensação de que nada mais me faltava, de que meu mundo estava completo pelo fato de ter Joshua comigo. Ele era tudo para mim e podia ver em seu olhar e em cada gesto seu o quanto significava o mesmo para ele. Enfim, ali sozinhos, tivemos um domingo perfeito.

Na segunda feira de manhã, precisamos voltar à nossa realidade e marchamos, sob o sol escaldante, com os seguranças nos seguindo, para mais um dia de trabalho na Prime. No instante em que adentramos o suntuoso edifício, notei os olhares admirados dos funcionários, certamente apreciando minha nova aparência, com aprovação. Naquela manhã eu usava um conjunto de saia longa e um terninho grafite, que combinava com os sapatos de salto pretos e os cabelos lisos caindo nas costas.

Inclusive Rebecca, elogiou e aprovou a nova aparência, como se as roupas fossem mais importantes para todos que o trabalho que eu vinha realizando ali.

Como esperado, o dia foi fatídico, cansativo e de muito trabalho, com pausas para as visitas de Joshua, que vinha para tornar meu dia mais gostoso e quente, muito quente.

Apesar do cansaço, no final da tarde, eu levei comigo a compensadora sensação de dever cumprido, já que tudo tinha corrido bem, cada projeto aprovado se mostrava um sucesso e todas as decisões tomadas foram as certas.

Ao mesmo tempo em que eu me sentia realizada profissionalmente e afetivamente, sentia também o terror dentro de mim aumentando a cada dia pela certeza de que Bruce estava solto pelas ruas da cidade e podia me atacar a qualquer momento, por isso eu não dava um passo sem os seguranças me seguindo, o que começou a se tornar um fardo com o passar dos dias.

Ao mesmo tempo em que tive uma semana produtiva, de grandes vitórias no trabalho, o amor e a companhia de Joshua tornando tudo ainda mais perfeito, tornando-me a mais realizada das mulheres, o pavor e o inconveniente de não poder dar um passo sem os seguranças me seguindo, vinha se tornando um fardo cada vez mais pesado.

Como sempre fizera desde que saí de casa para cursar a faculdade, minha mãe me telefonava todos os dias e fiquei maravilhada por saber o quanto ela estava feliz, vivendo com o Sr. Walker, que estava construindo uma casa maior para os dois ali mesmo na fazenda. Para não deixá-la preocupada, não lhe contei sobre a saída de Bruce da cadeia.

No sábado, eu e Joshua combinamos de ir almoçar com Dean e Kate no mesmo restaurante no parque Reverchon. Fomos de limusine, com o carro cheio de seguranças nos seguindo, encontrando os dois já no local, ambos se mostrando admirados com o quanto eu estava diferente, não apenas na aparência mais sofisticada, mas na forma mais dinâmica de falar e agir. Afirmaram acreditar que o mundo dos negócios estava me fazendo bem e Joshua emendou ressaltando o ótimo desempenho que eu vinha mostrando ao presidir a Prime.

Almoçamos envolvidos em uma atmosfera gostosa de paz, descontração e tranquilidade, enquanto falávamos sobre nossas vidas, Joshua se entrosando com os dois como se os conhecesse há mais tempo.

Como da outra vez que estivemos ali, ocupamos a área externa do restaurante, uma varanda ampla, que rodeava quase todo o estabelecimento, onde as sombras das árvores nos protegem dos raios escaldantes do sol. Após a refeição, ficamos ali saboreando o vinho gelado, aproveitando o cheiro gostoso do ar puro e o sossego da natureza à nossa volta.

Em algum momento, precisei ir ao banheiro que ficava do lado de dentro e, seguida por dois

seguranças, atravessei o grande salão com decoração tipicamente country, abarrotado de pessoas e fui para os fundos.

Os dois seguranças ficaram na entrada do largo e bem iluminado corredor, onde ficavam os banheiros, os masculinos de um lado e os femininos do outro, formando duas longas fileiras de portas fechadas. Escolhi uma das últimas portas e entrei, trancando-a pelo lado de dentro.

Estava checando minha maquiagem no grande espelho sobre a pia de mármore, quando a porta foi forçada pelo lado de fora, para no instante seguinte se abrir e o terror tomou conta de mim quando Bruce entrou, com um revólver na mão.

Meu primeiro impulso foi gritar por socorro, mas ele esperava que eu fizesse aquilo e agiu rápido, correndo para mim, tapando-me a boca com uma mão enquanto me aprisionava contra a pia com o seu corpo muito grande e musculoso, a outra mão apontando a arma para a minha cabeça.

— Senti saudade, gatinha. — Falou, seu hálito fedendo a cigarro batendo em meu rosto, o mais intenso pavor me dominando, as lembranças dos piores momentos da minha existência voltando, a ponto de me deixar em estado de choque, paralisada, incapaz de qualquer reação, meu cérebro procurando a fuga na escuridão que se recusava a vir. — Você não imagina o quanto pensei nesse corpinho gostoso e nessa bocetinha pequena enquanto estava naquele chiqueiro. Agora vamos poder recuperar o tempo perdido. — Sem afastar sua mão da minha boca, ele levou sua língua nojenta até a minha orelha, lambendo-a, meu corpo em choque experimentando a mais insuportável repulsa. — Mas antes, precisamos sair daqui. Vamos pelos fundos, e só pra você saber, eu não estou sozinho, se você não vier quietinha, sem fazer barulho, meus amigos enfiam uma bala na cabeça do seu namoradinho e depois na da sua amiguinha. Então, se você se preocupa com eles, não grita. Entendeu? — Eu não consegui esboçar qualquer resposta e ele esbravejou rispidamente, um tom ameaçador que eu conhecia muito bem: — Entendeu?!

Em resposta, meneei a cabeça afirmativamente, para que em seguida ele libertasse minha boca da sua mão nojenta, guardasse o revólver no cós da calça e, segurando-me pelo braço, me conduzisse para a porta de saída do banheiro. Entreabriu-a e enfiou a cabeça no pequeno espaço, olhando para os dois lados antes de me conduzir para fora, muito depressa, me fazendo atravessar o corredor e entrar na porta do outro lado, um dos banheiros masculinos, sem que eu tivesse certeza se fomos vistos pelos seguranças.

Ali, no pequeno banheiro, havia uma janela com o vidro quebrado no alto da parede que parecia dar acesso ao lado de fora.

— Vamos sair por ali. — Falou, gesticulando para a janela. — Você vai na frente, mas não tenta nenhuma gracinha, porque eu não estou sozinho.

Com o choque paralisando meu corpo e enevoando minha mente, não consegui ter qualquer reação quando ele me segurou pela cintura, erguendo-me no ar, até que eu alcançasse a janela, quando então mãos brucas de homens que esperavam me puxaram do outro lado, para fora.

Consegui distinguir que estávamos nos fundos do restaurante, Joshua e os seguranças se encontravam do outro lado, muito longe, embora pudessem me ouvir se eu gritasse bem alto. Entretanto, minha mente parecia entorpecida pelo horror, paralisada pela certeza de que eu voltaria a ser violentada e humilhada de todas as formas possíveis por aquele monstro. Por mais que eu ordenasse, minha voz se recusava a sair, como se meu corpo não me obedecesse mais.

Logo que meus pés tocaram o gramado do lado de fora, com os dois homens me segurando um de cada lado, foi a vez de Bruce atravessar a janela, com dificuldade em passar pelo espaço muito pequeno para o seu corpo enorme. Segurou-me firme pelo braço, afastando-me dos seus

comparsas, olhando para os dois lados afim de se certificar de que ninguém notava o que acontecia e ninguém nos olhava. Então, me conduziu na direção de uma das ruas de pedras que cortava o parque, a mais próxima, com os dois homens nos seguindo.

Estávamos muito perto de um Corola cinza, quando me dei conta de que se entrasse naquele carro estaria perdida, retornaria para o horror que por pouco não me destruiu, talvez nunca mais voltasse a ver Joshua e foi essa constatação que me arrancou do meu estado de choque, quando por fim encontrei forças para buscar minha voz e o grito partiu do fundo da minha garganta, um grito agudo, movido pelo desespero, que embora tivesse sido interrompido pela mão do monstro que votou a tapar-me a boca, foi capaz de atrair a atenção das pessoas que se encontravam por perto, embora meus olhos buscassem apenas uma direção, aquela de onde Joshua surgiu junto com Kate, Dean e os seguranças, seu olhar me alcançando no instante em que eu era brutalmente empurrada para dentro do carro do meu raptor e os seguranças vieram em disparada na nossa direção.

Bruce me empurrou para o assento traseiro do carro, sentou-se ao meu lado empunhando a arma, o outro homem sentando-se do outro lado, enquanto que o terceiro tomava o volante e arrancava em alta velocidade, passando muito perto de atropelar as pessoas que caminhavam sob as sombras das árvores.

Meu coração batia depressa no peito, o horror e a adrenalina se misturando no meu interior, me arrancando aos poucos do estado de choque. Olhei para trás, tentando descobrir se Joshua e os seguranças nos seguiam, mas não vi ninguém. Talvez tivessem voltado para pegar o carro, o que acarretava um grande risco de nos perder de vista. Eu precisava fazer alguma coisa, impedir que aquilo acontecesse, não podia voltar a ser prisioneira daquele monstro, preferia a morte a ser tocada por ele novamente.

Assim, guiada por um impulso, usei toda a força e a agilidade do meu corpo para lançar-me na direção do motorista, levando minhas mãos aos seus olhos, cravando-lhe minhas unhas crescidas por um milésimo de segundo, pois logo o monstro puxou-me para trás, desferindo-me uma bofetada violenta no rosto antes de me imobilizar no assento com seus braços musculosos. Mas o estrago que eu pretendia tinha sido feito, o motorista levou uma mão aos olhos feridos pelas minhas unhas, sem conseguir enxergar e assim perdeu o controle da direção, seguindo com o carro em ziguezague pela rua, em alta velocidade, perigosamente, até que por fim bateu no tronco grosso de uma árvore, o impacto fazendo com que todos nós fôssemos lançados para a frente, violentamente.

Fiquei tonta pelo choque contra o encosto do assento dianteiro, a dor se espalhando pelo meu corpo, mas aquela podia ser a minha única chance de escapar, então lutei contra o horror, contra o estado de choque que me paralisou antes e avancei para a porta, abrindo-a, tentando sair. Mas não fui rápida o suficiente, pois logo as mãos de Bruce estavam em mim novamente, segurando-me com brutalidade, aprisionando-me, sem que eu tivesse forças físicas suficientes para me libertar.

Deixando o carro batido com o motorista desacordado ao volante, sem que o fio de sangue que escorria da sua testa o detivesse, o monstro me empurrou para fora, puxando-me pelo braço, me forçando a acompanhá-lo em uma corrida veloz para dentro da floresta que fazia parte do parque, com o comparsa dele nos seguindo.

Em meio ao meu desespero, olhei para trás a procura de Joshua e dos seguranças, mas não os vi.

Por Deus! Onde estavam?! Eu não podia me tornar prisioneira daquele monstro de novo!

CAPÍTULO XXX

Bruce agarrava meu braço com força enquanto corríamos apressadamente por entre as árvores centenárias com os galhos desprovidos de folhas. Meu coração saltava como um louco no peito por causa da adrenalina, minhas pernas começavam a bambejar, quando os saltos das minhas sandálias se enroscaram em um sarmento rastejante e caí de cara no chão, meu corpo sofrendo um baque violento contra o solo forrado por folhas secas. Tentei aproveitar a oportunidade para escapar, mas meu raptor era implacável e antes que eu conseguisse recuperar o equilíbrio para me colocar de pé, ele estava novamente me segurando pelo braço. Arrancou minhas sandálias enquanto cuspi um punhado de palavrões.

— Só morta você foge de novo de mim! — Esbravejou e me obrigou a correr novamente, me puxando com tanta brutalidade que sua mão seria capaz de arrancar o meu braço, caso eu não acompanhasse seu ritmo acelerado.

Meu corpo tremia de pavor e adrenalina à medida que eu tentava me localizar, me perguntando em que direção da cidade seguíamos, se para o norte ou para o sul, assim como me perguntava se Joshua e os seguranças estavam em nosso rastro, pois embora o carro tenha ficado na estradinha, indicando o lugar exato por onde entramos, aquela floresta parecia imensa, o que dificultava nossa localização.

Intimamente eu rezava para que eles nos alcançassem, essa era a minha última chance de salvação, pois se chegássemos à rua, Bruce teria mais chance de desaparecer comigo, já que era perito em roubar carros e eu preferia a morte que passar por tudo o que passei sob os domínios dele de novo.

O cansaço começava a tomar o meu corpo, quando sons de motores e buzinas nos alcançaram, indicando que estávamos muito próximos de uma rua movimentada e o desespero me golpeou, quando então, me atirei no chão, gritando histericamente.

— Me deixa em paz, seu maldito! Eu não vou com você! Pode me matar se quiser, mas não vou ser sua prisioneira de novo!

Ao mesmo tempo que tentava me colocar em pé novamente, o monstro percorria seus olhos pela floresta a nossa volta, com aflição, pois sabia que os seguranças seriam guiados pelos meus gritos.

— Cala a boca, vadia! — Rosnou.

— Eu não vou ficar esperando que nos encontrem por causa dessa mulher. — Seu comparsa declarou e seguiu em frente sozinho, correndo com velocidade.

— Maldita! — Sem opção, Bruce levantou-me do chão e me pendurou em seu ombro, com a cabeça para baixo, reiniciando o percurso, com velocidade.

Estávamos muito próximos da rua, quando, para o meu total alívio, vozes nos alcançaram de perto, de trás.

— Pare aí mesmo e coloque a moça no chão! — Ressoou a voz masculina, ríspida.

E o que aconteceu em seguida, foi muito rápido. Em um instante eu estava pendurada no ombro de Bruce, para no momento seguinte ele me colocar no chão, na frente do seu corpo, contornando meu pescoço com um braço, usando-me como uma espécie de escudo, enquanto apontava a arma para a minha cabeça e assim se virar para os homens, os quatro seguranças, todos empunhando suas armas, apontando-as para nós.

Entre eles estava Joshua, sua face contorcida de aflição.

— Abaixem as armas, ou atiro nela! — Bruce ameaçou. — Eu só quero sair daqui com essa

garota. Se vocês recuarem, não a machucarei.

— Você está cercado. A polícia já está a caminho. — Joshua falou, sua fisionomia contraída, seu olhar angustiado. — Você não tem a mínima chance de escapar. Agora solte-a.

— Foda-se! — Bruce esbravejou. — Eu vou sair daqui com a garota. Se vocês me seguirem, atiro nela.

Com isto, começou a recuar sem dar as costas para os homens, nos conduzindo devagar para o interior da floresta.

— Atirem nele! — Gritei, tomada pelo mais terrível pavor de que ele conseguisse me levar. — Atirem, por favor!

— Cala a boca vadia! — Ele grunhiu, ao mesmo tempo que desferia uma coronhada violenta na minha cabeça, me deixando tonta, quase desfalecida.

— Desgraçado! — Joshua gritou e em meio à minha vertigem, o vi avançando como uma fera em nossa direção, perigosamente, para que logo Bruce lhe apontasse o revolver e disparasse, o estilhaço da bala atingindo-o, seu corpo grande caindo no chão.

Tomada pelo mais doloroso desespero, gritei pelo seu nome e tentei alcançá-lo, mas o monstro continuava me aprisionando contra si, o que não se prolongou por muito mais tempo, pois logo um dos seguranças atirou em nossa direção, uma única vez, um tiro certo que arremessou o monstro para trás, para o chão, seu braço musculoso quase me levando junto.

Livre, com todo o meu corpo trêmulo, corri para Joshua, agachando-me ao seu lado sobre o solo forrado por folhas secas, rezando intimamente para que ele estivesse vivo.

De perto, pude ver a mancha de sangue na sua camiseta na altura do ombro e foi como se meu mundo desmoronasse.

— Joshua. — Chamei, com a voz trêmula, acariciando sua face com a ponta dos meus dedos, quando então ele abriu os olhos e a vida voltou a existir dentro de mim.

— Você está bem? — Ele perguntou, com a voz muito fraca.

— Sim, estou. Mas o que deu em você pra se jogar na frente do revolver daquele louco?

— Acho que perdi a cabeça quando eu o vi te machucando.

Senti vontade de abraçá-lo, por gratidão, por me dar o seu amor de forma tão genuína.

— Não fala mais, meu amor, isso pode te fazer mal. — Virei-me para os seguranças. — Por favor, chamem uma ambulância.

— Já chamamos, está a caminho.

Neste momento, um gemido partiu do monstro que jazia ensanguentado no chão. Os seguranças se entreolharam antes que o mesmo homem que atirou nele antes se aproximasse com sua arma na mão, dando outro tiro certo, desta vez no meio da sua testa, acabando de vez com o que restava de sua maldita vida, algo que não lamentei nem um pouco.

Sentei-me ao lado do meu amor, apoiando sua cabeça nas minhas pernas, acariciando seus cabelos macios.

— Você vai ficar bem. A ambulância já está vindo. — Garanti.

— Eu já estou bem. Como eu poderia não estar com essas pernas gostosas debaixo de mim e essas mãos delicadas nos meus cabelos?

Não consegui conter o riso, o alívio me tomando pela certeza de que seu estado não era grave.

— Você não tem jeito, Joshua Walker.

— Pois é, eu não tenho.

A ambulância chegou quase ao mesmo tempo que a polícia, e Joshua foi levado imobilizado em uma maca para o hospital, comigo ao seu lado o tempo todo.

Graças aos seus céus, a bala não atingiu nenhum órgão vital, embora ele fosse precisar de uma cirurgia simples para extraí-la. Enquanto esperava, me senti na obrigação de avisar sua família, então decidi telefonar para Noah, já que era o único que nunca me tratou com hostilidade. E em menos de uma hora, todos estavam lá: Noah, Cecily e Candice, as duas mulheres me encarando com ódio e desprezo, como era de esperar. Apenas Noah veio falar comigo.

— E aí, como é que ele está? — Indagou, visivelmente preocupado.

— Ainda na cirurgia. Mas o médico me garantiu que não foi grave. Só precisam tirar a bala.

— Como exatamente ele foi baleado?

Cacete! O que eu ia dizer a ele? A verdadeira versão daquela história me colocava como responsável direta pelo fato de Joshua ter levado um tiro, sem mencionar que eu precisaria falar sobre o terror do meu passado para explicar tudo.

Todavia, Noah era seu irmão, tinha o direito de saber de tudo. Então, sufoquei os meus traumas, respirei fundo e falei a verdade, Noah se mostrando estupefato ao fim da minha narrativa.

— Nossa! Esse sujeito era mesmo um louco! Mas não se sinta mal com isto, a culpa não é sua.

— Obrigada.

Eu queria que o resto da família pensasse como ele, mas as duas lambisgóias me culpariam e me odiariam mais ainda quando ouvissem a história.

Joshua passou três dias internado, dias em que não consegui deixar o hospital para nada, incapaz de sair do lado dele.

Durante este período, a Prime ficou nas mãos dos demais acionistas, embora Rebecca me mantivesse informada, por telefone, sobre as principais transações realizadas.

Decidimos que seria melhor não falarmos nada do que aconteceu à minha mãe nem ao Sr. Walker, pelo menos enquanto Joshua não estivesse totalmente recuperado.

Embora ainda tivesse uma bandagem em torno do ombro, no terceiro dia ele recebeu alta e voltamos para o seu apartamento, Candice e Cecily nos acompanhando durante o percurso, como sempre, me tratando com hostilidade. Entretanto, nem aquelas duas seriam capazes de estragar a felicidade que eu sentia por finalmente estar fora de perigo, sem um batalhão de seguranças me seguindo. Com Bruce morto, eu finalmente tinha minha liberdade de volta, isto não tinha preço.

Joshua precisaria ficar de repouso por uma semana ainda antes de voltar a trabalhar e fiz questão de cuidar dele pessoalmente, dispensando a contratação de uma enfermeira, não por ciúmes ou receio de que ele tivesse uma recaída, mas simplesmente porque eu não conseguia me afastar dele, existir em um mundo sem que ele estivesse constantemente ao meu lado.

Para que nosso afastamento temporário não incentivasse pessoas como Candice a tomar decisões que pudessem nos prejudicar futuramente, pedi a Rebecca que redigisse um documento no qual eu lhe daria plenos poderes de agir no meu lugar durante aqueles dias e trouxesse para que eu assinasse, afinal, ela era a única pessoa naquela companhia em quem eu confiava realmente.

Eu e Joshua tivemos uma semana de paz e tranquilidade, sozinhos no apartamento dele, sem que houvesse espaço para mais nada e nem mais ninguém no nosso mundinho particular cheio de amor e cumplicidade.

A cada instante perto daquele homem crescia em meu íntimo a certeza de que ele era o amor da minha vida, por quem esperei durante toda a minha existência. Eu o amava e amava demais, um sentimento tão intenso que às vezes chegava a ser meio assustador. E o melhor nisso era saber que meus sentimentos eram correspondidos. Não podia existir felicidade maior que esta: amar e ser amada de forma verdadeira, sem outro interesse que não estar perto daquela pessoa.

Em uma semana, Joshua estava praticamente recuperado, seu ferimento quase que totalmente

cicatrizado e em uma manhã de segunda-feira, deixamos o condomínio para retornarmos ao trabalho na Prime. Quando alcançamos a rua movimentada e barulhenta, banhada pelo sol escaldante, fui tomada por uma indescritível sensação de liberdade, porque finalmente, depois de tanto tempo, podia caminhar em público sem que um batalhão de seguranças me seguisse, sem o medo constante de que a qualquer momento alguém tentaria me matar e pela certeza de que nunca mais estaria em perigo de novo, afinal, o meu inimigo já não existia mais.

Assim que entrei na minha sala, Joshua me telefonou avisando que precisaria ir até Nevada tentar conter mais uma manifestação dos moradores da região ribeirinha onde a hidrelétrica estava sendo construída, o que me deixou duplamente aflita: primeiro por temer que aquela gente pudesse fazer mal a ele, segundo porque eu me sentiria um peixe fora d'água ali na Prime sem ele. Mas era uma viagem necessária.

Voltei ao trabalho com muito gás, e logo nas primeiras horas descobri que Candice passara por cima das ordens de Rebecca e aprovara um grande projeto que eu deixara claro, por meio da minha secretária, que não devia ser aceito de forma alguma. Era um projeto de construção de um condomínio de luxo em um local onde a natureza precisaria ser destruída para a sua concretização, além de acarretar a desapropriação de fazendeiros que viviam da agropecuária nessas terras. Seria um projeto bastante lucrativo, mas não valia a pena pelo mal que causaria ao meio ambiente e aos donos das terras e Candice sabia disso, tomara esta decisão obviamente para me afrontar. Era uma ordinária filha da puta.

Estressada, convoquei uma reunião em caráter de emergência com a empresa que nos contratou e desfiz o contrato imediatamente. Mais tarde, reuni os acionistas majoritários da Prime na grande sala e após discutirmos os vários assuntos que havia em pauta, lhes comuniquei a minha decisão sobre o tal projeto, assim como expliquei as minhas razões.

Burburinhos de vozes paralelas preencheram o ambiente depois que falei, alguns concordando, outros discordando, mas foi Candice quem explodiu.

— Quem você pensa que é pra chegar aqui e mudar completamente a nossa forma de trabalhar?! — Ela gritou, fuzilando-me com olhos mortais. — Você acha que construímos uma das maiores companhias do país preservando a natureza?

Putá merda! Eu já estava farta dos chiliques daquela mulher.

— Eu não preciso te dizer quem sou, porque disso você já sabe. E se for necessário que a Prime deixe de ser uma das maiores construtoras do país para que o meio ambiente seja preservado, então ela deixará de ser, pois esta é a minha decisão. — Fui firme ao falar.

— Isso é idiotice. O meio ambiente não será preservado porque deixamos de pegar o projeto, outra construtora pegará e o lugar será transformado em um grande condomínio, da mesma forma.

— Mas não com a nossa ajuda. — Desviei minha atenção do rosto dela. — Senhoras e senhores, estão dispensados.

Não esperei que Candice viesse me dizer mais das suas asneiras e me dirigi para a minha sala, enquanto os demais acionistas se retiravam.

Tinha acabado de me acomodar à minha mesa quando Brian Cooper, um dos acionistas, o mais jovem entre todos, com menos de trinta anos, veio na minha direção, colocando-se em pé diante da minha mesa com um sorriso torto nos lábios.

— Eu não sei se a minha opinião serve de muita coisa, mas gostaria que você soubesse que admiro demais a sua forma de trabalhar. — Fitou-me fixamente antes de continuar. — Eu também acho que não vale a pena interferir no meio ambiente por causa de dinheiro, então você tem todo o meu apoio.

— Obrigada, Brian. Fico feliz em saber, mas é como ela disse, nós não pegamos o projeto, mas sempre haverá alguém que pegue e vai lá fazer merda.

— Olha, eu trabalho aqui desde que me formei e sempre tentei abordar esse lado da engenharia civil, mas nunca fui ouvido. O meio ambiente será prejudicado pelo desenvolvimento, disto não há dúvida, mas não com a nossa ajuda.

— É muito bom saber que tem pessoas aqui que pensam igual a mim.

— E é muito bom trabalhar com uma mulher como você.

— Interrompo? — A voz grossa de Joshua partiu de detrás de Brian, que quase deu um pulo de susto.

— Não, Sr. Walker eu só estava dizendo à Srta. Mitchell o quanto estou satisfeito em trabalhar com ela.

Joshua cravou seu olhar quase mortal no rosto do outro homem, sua fisionomia se contraindo de uma fúria tão selvagem que vi o rosto de Brian empalidecer.

— Se já terminou, eu gostaria de ficar sozinho com ela. — Falou seco e áspero.

Brian ficou muito sem graça, visivelmente embaraçado, deixando seus ombros caírem.

— Sim, claro. Com licença. — E saiu apressadamente da sala.

Olhei para o homem que eu amava e todo o meu corpo reagiu a ele, meu coração batendo em um ritmo mais acelerado, minha alma inundando de um contentamento gostoso, prazeroso. Como sempre acontecia quando detinha meu olhar sobre ele, fiquei fascinada com sua beleza, sua pele naturalmente bronzeada, o rosto másculo e bem-desenhado, os olhos de um azul-claro quase cristalino.

— O que você faz aqui? Não tinha ido para Nevada? — Indaguei.

— Queria que eu estivesse longe para ficar mais à vontade com Brian? — Embora ele as tivesse proferido com tom de seriedade, suas palavras me pareceram uma piada e soltei uma sonora gargalhada, que ecoou pela sala enorme. Como podia passar pela sua cabeça que eu teria olhos para outro homem? — Está caçoando de mim, Amber Mitchell?

— Sim, eu estou.

Seu maxilar contraiu, uma veia pulsando mais forte em seu pescoço.

— Sobre o que vocês estavam falando?

Aquilo estava começando a ficar divertido.

— Nada de mais. Ele veio me dizer o quanto gosta de trabalhar comigo, mas pela forma como você o encarou, eu acho que nunca mais ouvirei isso dele.

— Esse babaca está a fim de você. Por acaso ele não sabe que você é minha? — Dessa vez ele grunhiu e me dei conta de que a coisa estava ficando séria demais.

— Relaxa, Joshua. O cara não está a fim de mim. Veio apenas me fazer um elogio. — Fingi examinar alguns papéis para dissipar a seriedade que o assunto assumia. — E então, vai me dizer porque não está em Nevada?

CAPÍTULO XXXI

Ignorando minha pergunta, Joshua contornou a mesa com agilidade, alcançando-me. Segurou-me pela cintura, arrancando-me da cadeira, sentando-me sobre o tampo de vidro da mesa e aconchegou seu corpo grande e gostoso ao meu. Usou as duas mãos para escorregar minha saia longa para cima e abrir minhas pernas, para encaixar seus quadris entre elas.

Foi o suficiente para que eu me esquecesse sobre o que falávamos, o calor gostoso da lascívia florescendo dentro de mim, me desestabilizando.

— Eu não quero esses marmanjos cobiçando a minha garota cada vez que eu der as costas. — Falou, firme e ao mesmo tempo rouco.

— Isso é irrelevante. Não importa a atitude deles. O importante é que não existe outro homem para mim que não você. — Tentei contornar meus braços em torno do seu pescoço, mas ele me impediu, afastando-os, para em seguida trazer suas mãos para os botões da minha blusa de seda, abrindo-os devagar, um por um, sem desviar seus olhos, carregados de luxúria e raiva, dos meus.

— Uma mulher como você pode levar um homem a perder facilmente a cabeça, Amber. — Abriu todos os botões da blusa, puxou a barra de dentro da saia e a afastou, para em seguida erguer meu sutiã, desnudando meus seios. — Eu não posso nem imaginar um desses babacas te tocando. — Trouxe sua boca gostosa para um dos meus peitos, sugando meu mamilo devagar, despertando-me um tesão violento, que se alastrou depressa por todo o meu corpo, fazendo meu sangue ferver nas veias, minha intimidade latejar.

— Ah, Joshua... — Gemi o seu nome e apoiei as mãos na superfície da mesa para me inclinar para trás, dando-me mais a ele.

— Jamais permita que outro homem te toque, deixe-os saber que você é minha, somente e totalmente minha.

Sua boca deliciosa escorregou para o outro peito, lambendo meu mamilo intumescido antes de chupá-lo com volúpia, intensificando o desejo selvagem dentro de mim, minha lubrificação me inundando no meio das pernas.

Eu precisava dele, com urgência, precisava de mais, muito mais, de ser possuída, tomada, ali, sobre a mesa.

Assim, abracei seus quadris com as minhas pernas e esfreguei o meu sexo muito lambuzado na sua firme ereção por sobre as roupas, sibilando ansiosa, sequiosa por tê-lo dentro de mim.

— O que você quer, Amber? — Perguntou, seu hálito quente acariciando meu peito muito sensível.

— Você.

— Como?

— Dentro de mim.

Ele chupou meu mamilo com mais força antes de prosseguir.

— Peça.

— Ah... Joshua, por favor, me faça sua, agora.

Então, sem que eu esperasse, ele simplesmente se afastou, deixando-me com a sensação de que agonizava em chamas sobre a mesa.

— Infelizmente tenho um compromisso agora. O líder da comunidade ribeirinha de Nevada está me esperando na minha sala para negociarmos. Foi por isto que voltei do meio da viagem. Preciso ir e não esqueça de fechar a sua blusa, pois a porta não está trancada. Com licença.

Com isto se retirou, deixando-me paralisada sobre a mesa, tomada por um misto de incredulidade, frustração e confusão.

Que porra de jogo era aquele que ele estava jogando? Era uma forma de me punir por ter conversado com Brian? Se fosse isso, eu ia querer a cabeça de Brian em uma bandeja e nem precisaria ser de prata. E desde quando Joshua tinha autocontrole suficiente para chegar tão perto do ato sexual e não concluí-lo?

Frustrada e ainda mais estressada que antes, não tive alternativa que não colocar minhas roupas de volta no lugar e voltar ao trabalho, à imensa pilha de documentos que havia sobre a minha mesa.

Tive uma tarde árdua de trabalho, passei as horas examinando documentos, me reunindo com o pessoal dos diferentes setores, analisando novas propostas, assinando autorizações de serviços. No final da tarde, eu estava uma pilha de nervos, estressada, afadigada pelo cansaço mental e sexualmente frustrada.

Faltavam poucas horas para o encerramento do expediente e eu ainda examinava documentos, quando de súbito a porta se abriu e Joshua entrou sem bater.

— Que foi, veio me torturar mais um pouco? — Indaguei, fingindo uma raiva que não existia.

— Não. Na verdade, pretendia te deixar de castigo por pelo menos vinte e quatro horas, mas perdi a batalha contra mim mesmo.

Bastou que ele trancasse a porta por dentro e viesse na minha direção para que todo o meu organismo reagisse violentamente, o desejo acordando dentro mim, incendiando em minhas veias. Eu poderia me negar a ele agora para lhe dar o troco, mas que mulher resistiria àquele corpo grande e gostoso e àquela cara de tarado que ele tinha?

— Posso saber exatamente por qual motivo eu estava de castigo?

— Por dar atenção para aquele imbecil. — Ele me segurou pela cintura, uma mão de cada lado, ergueu-me da cadeira e sentou-me na beirada da mesa, na lateral, exatamente como fez antes.

— Eu só estava conversando com ele.

— Então não converse mais.

Eu tinha pelo menos uma dúzia de argumentos para contestar aquilo, mas não tive a chance de citar nenhum deles, pois logo a sua boca estava na minha silenciando-me, me fazendo esquecer do mundo à nossa volta, minha mente sucumbindo ao desejo visceral que jazia dentro de mim, meu corpo muito consciente do dele.

Puta merda! Como eu queria aquele homem! Fazer amor com ele nunca me cansava, nunca era suficiente.

Suas mãos grandes ergueram minha saia com muita urgência para que seus quadris se encaixassem entre minhas pernas abertas, desta vez sua ereção pressionando diretamente meu sexo, com força, por sobre as roupas, enquanto meu gemido era bebido pelos seus lábios.

Ansiosa, enterrei minhas mãos nos seus cabelos curtos atrás da cabeça, puxando-os com força, para em seguida ajudá-lo a se livrar do paletó e ir abrir os botões da sua camisa.

Eu o despia das peças de roupas enquanto ele fazia o mesmo comigo e como era muito mais experiente, logo eu estava quase nua, com apenas a saia enroscada em torno da cintura e os sapatos, enquanto sua calça continuava no lugar, quando então ele afastou-se um pouco para contemplar o meu corpo, seus olhos mais escuros que o normal, brilhantes como duas pedras preciosas.

— Nunca vou me cansar de constatar o quanto você é linda. — Sussurrou, evidenciando a

respiração ofegante.

Quando voltou para mim, usou suas mãos poderosas para me colocar de quatro sobre a mesa, todo o meu corpo vibrando pela expectativa do que aconteceria em seguida. Empurrou meu torso para baixo, de modo que minha bunda ficou muito empinada e abriu mais minhas pernas, passando a mão na fenda entre uma nádega e outra, para em seguida colocar sua boca em mim, ali atrás, sua língua quente e úmida dançando devagar sobre o meu ânus antes de escorregar para a entrada lambuzada da minha vagina e penetrá-la, movendo-se em vai e vem, me fodendo assim, me tirando de vez o juízo.

Ah! Porra! Como aquilo era bom! Como ele fazia gostoso!

Ali, sobre a mesa, completamente arreganhada diante do rosto de Joshua, sendo lambida por ele, eu tinha a sensação de que meu corpo incendiava de dentro para fora, cada uma das células do meu organismo estava bem acordada, tomada pelo mais intenso tesão, tudo era sensações, a luxúria tomava conta de mim, tudo formava um delicioso turbilhão de emoções que quase me levava à loucura e que ao mesmo tempo me dava a impressão de que a vida valia mais a pena ser vivida.

Sua língua deliciosa foi para o meu clitóris, movendo-se depressa sobre ele e gemi alto, ensandecida, louca de prazer, o orgasmo se aproximando depressa.

Estava quase gozando quando Joshua parou. Me fez deitar de barriga na mesa, com os pés apoiados no chão, desceu sua calça até os joelhos, encaixou-se atrás de mim, enrolou meus cabelos na sua mão, puxando-os e me penetrou, por trás, com força, entrando em mim com uma estocada firme, sua rigidez escorregando na minha carne molhada, empurrando as paredes da minha vagina tão deliciosamente, que meus gemidos se transformaram em gritos, o mais completo prazer me engolfando.

Joshua se movia dentro de mim em vai e vem, metendo com força, indo fundo, me abrindo, me enlouquecendo. Desferiu uma palmada na minha bunda e fui ao delírio, pedindo por mais e ele me deu, batendo do outro lado, de novo e de novo, sem jamais deixar de me foder gostoso, até que nossos corpos se contraíram ao mesmo tempo, exigindo o alívio, quando então, sem deixar o meu interior, ele me virou de frente, pendurou minhas pernas em seus ombros, fixou seus olhos profundamente escurecidos nos meus e estocou ainda mais forte dentro de mim, mais fundo, mais gostoso e foi assim que gozamos juntos, nossos espasmos se fazendo ao mesmo tempo, seu gemido se misturando aos meus, nossos corpos ondulando em uma harmonia perfeita, o que me fez amá-lo um pouco mais.

Quando a tempestade de sensações nos deixou, sorrimos juntos com a mais plena felicidade, antes que ele abaixasse minhas pernas para colar seu corpo gostoso no meu, sua boca voltando para a minha, para um beijo demorado e apaixonado, que nos teria levado a começar de novo se não estivéssemos no nosso local de trabalho.

— Eu te amo, Amber Mitchell. — Ele disse, com seus olhos ainda prendendo os meus.

— Eu também te amo, Joshua Walker, e amarei para o resto da minha vida.

Ele afastou uma mecha de cabelo que caía sobre minha face.

— E não há nada nesse mundo que eu possa apreciar mais que encher essa sua bocetinha com a minha porra. — Não pude conter o riso e deixei escapar uma gargalhada. — Você gosta de sorrir de mim, não é mesmo?

— É a segunda coisa que eu mais aprecio nesse mundo, a primeira é quando você enche a minha bocetinha com a sua porra.

Foi a vez de ele sorrir e logo estávamos gargalhando juntos, como dois tolos que não tinham

mais o que fazer.

Ficamos ali, presos ao outro, até que a batida na porta nos obrigou a nos desgrudarmos. Era Rebecca, com mais trabalho para mim, documentos a serem analisados. Ainda tinha mais duas horas daquilo pela frente antes de voltar para casa.

Apesar do cansaço que nos tomava, aquela noite eu e Joshua decidimos comemorar minha recente liberdade e fomos jantar fora em um restaurante francês elegantíssimo no centro da cidade. Um jantar romântico, regado a champanhe, à luz de velas e ao som de violinos, como eu tinha visto apenas nos filmes românticos de época e que me deixou maravilhada, com a sensação gostosa de que nada mais me faltava, algo que apenas aquele homem era capaz de me proporcionar.

Os dias que se seguiram foram de muito trabalho, porém também de muitas vitórias e realizações. A cada dia que passava, eu me apaixonava mais pelo mundo da Engenharia Civil e quanto mais o amava, mais a Prime prosperava, o que contribuiu para que aqueles que desacreditavam na eficiência do meu trabalho mudassem completamente de ideia, de modo que em pouco tempo, eu tinha ganhado o respeito e a admiração de todos, com exceção de Candice, que insistia em me infernizar, como sempre.

Em cerca de vinte dias, o final de semana seria marcado pelo aniversário da Prime, um evento que sempre era comemorado em grande estilo. Esse ano, a equipe responsável pela organização faria uma grande festa no Majesty, o hotel de luxo que ficava do outro lado da rua, por ser um lugar de fácil acesso para todos.

No final da tarde de sexta-feira, pouco antes de deixarmos a sede da Prime, Rebecca veio me parabenizar por algo que não entendi direito e tive a impressão de que eu seria homenageada pelos funcionários durante esta festa, o que me deixou à beira de um ataque de nervos. Para começar, não sabia o que vestir, pois não podia ser homenageada usando um dos meus vestidos de noite, todos curtos e muito justos. Então, na manhã de sábado, convidei Kate para irmos ao shopping e nos esbaldamos no salão de cabeleireiro e nas lojas de grifes, embora no final eu tivesse acabado comprando cerca de meia dúzia de vestidos, todos muito curtos e justos. Aquele era o estilo de me vestir, não havia como mudar.

À noite, optei por usar um modelito preto de alças estreitas, com um decote generoso, apertado de cima a baixo, com tachinhas metálicas na minissaia e sandálias de saltos altos. Enquanto que Joshua ganhava mais vinte por cento de gostosura ao se enfiar em um Armani que parecia feito sob medida.

Como não podia deixar de ser, Kate e Dean foram conosco, e fizemos a pé o percurso do condomínio até o hotel, apreciando a brisa gostosa daquela noite de verão.

Estaria tudo ainda mais perfeito se minha mãe pudesse estar ali para presenciar o meu sucesso, mas não seria bom que ela e o Sr. Walker aparecessem juntos no mesmo espaço fechado que Cecily. Além do mais, quando me telefonou, há duas noites, ela disse que ambos passariam alguns dias na praia, em Los Angeles. Deviam estar se divertindo muito, pois ela não voltou a me ligar, como fazia todos os dias. E eu não poderia deixar de me sentir feliz por ela.

Ao entramos no Majesty, fiquei impressionada com a suntuosidade do lugar onde acontecia a recepção, já abarrotado de pessoas, os funcionários da Prime. O salão enorme, muito bem iluminado, estava rodeado por mesas enfeitadas com ramalhetes de flores mimosas, havia um palco pequeno, onde uma orquestra se apresentava, o bufê em um canto parecia ter vindo direto de um restaurante exótico do Caribe, no teto havia candelabros enormes de puro cristal, em diferentes formatos e o chão de mármore era todo forrado por tapetes. Ali, o luxo e o bom gosto estavam

presentes em cada detalhe da decoração.

Assim que entramos, Leslie, assistente do gerente de marketing, quem organizava tudo, veio nos receber com um largo sorriso, para depois dos cumprimentos e apresentações nos conduzir até a mesa que foi reservada para nós, uma das primeiras. Antes que a alcançássemos, enxerguei a Sra. Walker em outra mesa sentada ao lado de Candice, que já nos fuzilava com seu olhar maligno. Estava acompanhada também por um homem com mais ou menos a sua idade, um sujeito elegantemente vestido, de quem ela parecia muito íntima e quem eu podia apostar que era o motivo do sorriso estampado em seu rosto, o que me trouxe um certo contentamento, afinal, ela estava seguindo em frente. Agora faltava Candice arranjar um amor e esquecer o meu Joshua.

Logo que nos acomodamos à mesa, um dos garçons veio nos servir do champanhe gelado.

— Minha nossa! Gente rica passa bem mesmo! Olha só isso aqui. — Kate falou, percorrendo os olhos em volta depois de beber um gole do champanhe.

— E como passa. — Emendei. — E quem sofre nessa história toda é a presidente que precisa trabalhar mais que todo mundo.

Joshua e Dean tentaram conter o riso, mas não conseguiram e gargalharam ao mesmo tempo.

— Qual foi a graça? — Eu quis saber.

— Para de fazer drama, Amber. Você adora ser a presidente. — Joshua falou.

E ele estava certo, no jogo do poder, nada era mais excitante que dar as cartas.

— Mas isso porque tenho muita disposição para o trabalho. — Notei que Joshua lançou um olhar triste na direção da sua mãe. — Vai lá falar com ela. — Tentei.

— Não. Ela disse pra eu esquecer que era minha mãe.

Ver sua dor e não poder fazer nada para sará-la, estragou um pouco a minha noite, pois tirou quase toda a minha alegria. Minha felicidade jamais estaria completa se a de Joshua também não estivesse. Porém, só me restava torcer para que aquela perua do cacete o procurasse para fazer as pazes, porque se bem o conhecia, eu sabia que ele não iria.

A orquestra tocava hits românticos dos anos oitenta e alguns casais, todos muito bem vestidos com roupas caras e elegantes, arriscavam-se alguns passos no centro do grande salão. Logo, Joshua me convidou para a dança também, seguido por Dean, que convidou Kate. Nos colocamos os quatro no centro do salão, Joshua contornando minha cintura com seus braços fortes, me apertando contra seu corpo grande, enquanto eu o abraçava pelo pescoço, me aconchegando no seu calor gostoso, seu cheiro tão familiar e tão amado me inebriando.

— Me avise se eu estiver sendo chata, mas acho que você devia tentar puxar assunto com sua mãe. Ela parece estar feliz agora, já deve ter esquecido as mágoas e o rancor.

— Eu não posso fazer isso. Não posso conviver de boa com ela enquanto ela não te aceitar como minha mulher.

Caramba! Eu realmente era a pedra que os separava. Como eu podia conviver com aquilo? Saber que o homem que eu amava não tinha mais o amor da sua mãe por minha causa? Eu precisava fazer alguma coisa, falar com ela, talvez explicar o quanto ele estava magoado com a sua distância. Restava saber se ela me ouviria.

Por sobre o ombro de Joshua, olhei mais uma vez na direção dela e a vi dançando coladinha com seu acompanhante, o homem sussurrando algo em seu ouvido que a fez gargalhar. Ela parecia feliz e apaixonada, uma pessoa nesse estado, não tinha muita disposição para odiar. Eu falaria com ela, estava decidida, tentaria uni-la de novo a Joshua. Restava criar coragem para chegar perto.

A música acabou, iniciando outra mais agitada, quando eu e Joshua fomos ao bufê beliscar

alguma coisa, já que tínhamos saído sem jantar. Logo Kate e Dean juntaram-se a nós.

— Caramba! O que é tudo isso? — Kate indagou admirada, referindo-se ao bufê.

— São frutos do mar. No Havaí tem uma mesa dessas em cada restaurante. — Peguei uma porção de salmão lomi com um garfo e levei à boca dela. — Experimenta isso.

— Humm, minha nossa! Isso é como fazer amor com os deuses. — Kate falou, saboreando a comida.

— Eu já volto. — Joshua falou, me parecendo meio nervoso. E me deu um selinho antes de se afastar.

— Aonde você vai? — Perguntei às suas costas enquanto ele se dirigia na direção do palco, minhas palavras se perdendo no ar.

Parei de olhar quando ele desapareceu em meio à multidão e voltei a saborear os frutos do mar ali na mesa farta, junto com meus amigos. Estava usando palitinhos para devorar os camarões de um pires, quando de súbito a música parou, para no instante seguinte a voz máscula e grossa de Joshua invadir o ambiente, por meio do microfone.

— Com licença, desculpem interromper a festa, mas tenho algo importantíssimo a dizer.

O que ele diria? Seria a tal homenagem que me fariam? Eu não esperava que fosse ele o porta voz dos funcionários, pois não me disse nada.

CAPÍTULO XXXIII

— Eu não sei até que ponto todos aqui sabem da minha vida, mas o fato é que eu nunca antes fui feliz, ou sequer me senti vivo até conhecer Amber Mitchell. — Joshua continuou, enquanto que todos os olhares se voltavam para mim, as pessoas gesticulando insistentemente para que eu me aproximasse do palco e o fiz, muito nervosa, com meu coração batendo forte no peito. — Ali está ela. Eu estou perdidamente apaixonado por essa mulher linda, inteligente e maravilhosa que me resgatou de um mundo de escuridão, onde eu vivia sozinho por muito tempo. Ela trouxe um sentido para a minha vida, me curou de um tormento que me destruía aos poucos. Por ela, eu finalmente reconheço que vale a pena estar vivo. É por ela que eu acordo todas as manhãs e é por isso que, aqui, diante de todos vocês, eu quero pedir a ela que me dê a honra de se casar comigo. — Meu coração dava saltos no peito, as lágrimas marejando meus olhos, lágrimas de pura emoção. — Amber Mitchell, você aceita ser minha esposa?

Meus lábios esticaram em um largo sorriso. Comecei a me tremer inteira, nervosa, emocionada. Olhei para o lado e vi Kate sorrindo amplamente, então tive certeza de que não vivia um sonho, tudo era real, Joshua realmente disse tudo aquilo e queria se casar comigo. Eu não precisava nem pensar duas vezes para saber o quanto queria ser esposa dele.

— Sim. — Falei, voltando a encará-lo.

— O quê? Eu não te ouvi.

— Eu disse sim! — Gritei o mais alto que consegui e houve uma explosão de aplausos por parte de todos os que assistiam um dos momentos mais emocionantes da minha existência.

Sorridente, Joshua devolveu o microfone ao condutor do evento, tirou uma caixinha preta do bolso do seu paletó e desceu do palco, vindo ao meu encontro, entregando-me a caixinha aberta com um anel portando o maior diamante que já vi.

— Caramba! Quando foi que você comprou esse anel? — Indaguei.

— Há alguns dias. Estava esperando o momento certo pra pedir a sua mão. — Ele tirou a joia delicada e preciosa da caixinha e enfiou em meu dedo. — Eu não pretendia fazer todo esse escarcéu, ia me ajoelhar quando estivéssemos na mesa, mas não resisti.

— Eu adorei que tenha sido desta forma.

Ele me tomou em seus braços.

— Você está bem? — Perguntou, afastando o rosto para me encarar.

— Eu nunca estive melhor. — Falei, emocionada.

— Você está tremendo.

— É de emoção.

Neste momento a plateia que nos assistia começou a gritar em uníssono:

— Beija! Beija! Beija!

— Você está ouvindo, precisamos obedecer. — Joshua falou com tom jovial e sorri ainda mais amplamente, para que logo sua boca viesse para a minha, beijando-me devagar, sem aquela selvageria que existia quando estávamos a sós e houve outra enxurrada de aplausos à nossa volta.

— Agora uma música para os noivos. — O sujeito que conduzia a orquestra declarou, para depois começar a tocar uma melodia romântica.

Foi então que as pessoas vieram nos cumprimentar, primeiro Kate e Dean, que nos abraçaram apertado, nos dando os parabéns, depois Noah, Rebecca e os funcionários mais próximos e por

fim, para a minha total satisfação e surpresa, Cecily veio falar com Joshua.

— Meu filho. — Ela balbuciou, seus olhos marejados de lágrimas. — Eu nunca entendi, nem vou entender, mas se tudo o que você disse lá em cima é verdade, eu fico feliz que você tenha conhecido Amber.

E foi assim que Joshua deixou suas resistências caírem por terra e tomou a mulher em um abraço apertado.

— É tudo verdade sim, mãe. Graças a ela eu estou sendo feliz pela primeira vez na minha vida.

Quando se separaram do abraço, ela encarou-me com seus olhos marejados de lágrimas, dizendo:

— Vocês dois têm a minha bênção.

— Obrigada. — Eu não sabia mais o que dizer.

— Será que eu posso roubar a noiva para uma dança? — Noah falou com seu jeito despojado de sempre, quando pude ver a fisionomia de Joshua se contraindo, seu corpo enrijecendo de tensão. — Relaxa, maninho, é só uma dança.

Sem esperar resposta, Noah segurou-me pelo pulso e saiu me puxando para o meio do salão, já abarrotado de dançarinos. Contornou minha cintura com um braço, puxando-me, colando seu corpo no meu, quando então afastei-me alguns centímetros.

— Não provoca seu irmão. Você já deve ter notado o quanto ele é ciumento. — Alertei, sentindo-me chateada com a intromissão dele, embora não quisesse dar uma de mal-educada negando-lhe uma dança.

— É só uma dança. Não vou arrancar pedaço. — Ele sorriu com jovialidade. — Você realmente transformou Joshua em outro homem.

— Ele também me transformou em uma nova mulher.

— E meu pai está com sua mãe, minha mãe arranjou um namorado. Pelo visto só falta eu e Candice nos darmos bem nessa história. — Achei a sua colocação de péssimo gosto, era como se estivesse me culpando por algo, mas preferi ficar calada. Quando voltou a falar, a voz de Noah tinha assumido um tom de gravidade. — Eu preciso conversar com você em particular. Não pode ser aqui. Tem uma sala no final daquele corredor. — Ele gesticulou para uma direção do salão. — Eu vou na frente, você dá um tempo e vai depois. Não deixe de ir. É muito importante.

— Mas que doideira é essa? Eu não vou sair daqui.

Ele afastou-se o suficiente para fitar-me no rosto, quando vi uma frieza cortante e surpreendente nos seus olhos escuros.

— É sobre a sua mãe. Ela está em perigo. — Um calafrio percorreu minha espinha. — Mas não diga isso a ninguém. É só entre nós dois. Vou te esperar lá. — Com isto, ele me soltou, desaparecendo em meio à multidão.

Fiquei paralisada no meio do salão, vendo tudo girar à minha volta, minha mente enevoada por pensamentos sombrios. Do que Noah estava falando? Por que minha mãe estaria em perigo? Era ele que a estava ameaçando?

Medo e aflição me tomaram ao mesmo tempo, eu precisava de respostas e apenas Noah podia me dá-las. Portanto, eu precisava ir encontrá-lo como me instruiu.

Percebi que mesmo conversando com sua mãe, Joshua não tirava os olhos de mim e me esgueirei devagar entre os convidados para sumir das vistas dele antes de seguir pelo corredor que Noah me indicou, alcançando a porta ao final, a qual abri e entrei, encontrando-o em pé ao lado de um piano.

Era uma sala ampla, cheia de antiguidades, como um minimuseu que trazia a história do hotel.

— O que você quer falar comigo? — Perguntei, com um mau pressentimento.

— Quero te mostrar uma coisa. Vem aqui.

Quando me aproximei, ele tirou um Iphone moderno do bolso da sua camisa, digitou algumas teclas e me entregou. Na tela do aparelho eram exibidas imagens em tempo real da minha mãe e do Sr. Walker, ambos amarrados em cadeiras de madeira com as mãos para trás e vendas nos olhos.

— O que significa isso?! — Perguntei, meu sangue gelando nas veias, meu coração quase parando de bater, o mais intenso horror me tomando.

— Significa o que você está vendo. Eles estão presos e só você pode libertá-los.

— Quem tá fazendo isso com eles? — Embora tudo estivesse claro como água, eu me recusava a acreditar que Noah era a pessoa por trás de tudo. Das tentativas de assassinato contra mim.

— Eu estou, embora eles não saibam disso.

— Por quê...?

— Porque você tem algo que eu quero.

— A Prime?

— Garota esperta. Mas não é só a Prime. Eu quero também todos os imóveis e as contas bancárias que meu pai colocou no seu nome. Me dê o que eu quero e eu liberto seus pais.

— Como você pôde fazer isso?! Ele é seu pai também.

— Ele não lembrou disso quando te deu tudo o que era nosso.

— Eu te dou tudo. Vamos agora mesmo ao escritório. Eu passo tudo para o seu nome. Só não os machuque, por favor.

— Não é tão simples assim. Se você passar tudo para o meu nome assim, sem mais nem menos, todos vão desconfiar de mim.

— Não tem outro jeito.

— Sim, tem. Nós vamos fingir que temos um caso amoroso, que estamos perdidamente apaixonados. Isso justificará porque você me deu tudo antes de desaparecer.

Processei suas palavras e meu coração falhou sua batida. Entendi o que ele quis dizer com o fato de eu desaparecer, significava que mesmo lhe dando tudo, ele ainda acabaria comigo. Entretanto, aquilo não parecia ter nenhuma importância diante do quanto Joshua sofreria se acreditasse que o traiu durante todo esse tempo, isso seria suficiente para destruí-lo.

— E Joshua? Ele vai ficar mal se achar que o traiu. Pode voltar para a vida de antes.

— Eu gosto muito do meu irmão, mas não acho que seja tão terrível viver uma vida regada a muito sexo. Acho até que ele se divertia mais naquela época.

Uma fúria cega, violenta tomou conta de mim e avancei para ele como uma louca, tentando golpeá-lo no rosto, mas nem cheguei perto de acertá-lo, pois ele era muito mais forte.

— Desgraçado! Maldito! Como pode ser tão egoísta?! Cretino!

— Já chega! — Ele me empurrou para longe com brutalidade, quando quase perdi o equilíbrio e caí no chão. — Ou você enfrenta isso como a adulta que é, ou mando matar os dois agora mesmo!

— Mesmo que você consiga o que quer, se me matar depois, seu pai pode ligar o meu desaparecimento ao sequestro deles.

— Meu pai não, SEU pai! — Desta vez ele gritou, assustando-me. Nunca me passaria pela cabeça que Noah pudesse ser uma pessoa tão perigosa e ambiciosa. — Se ele me considerasse seu filho, não teria dado tudo a você, tudo o que Candice e Joshua o ajudaram a construir com muito trabalho. Mas ele não pensou em nenhum de nós, deu tudo pra puta que tem o sangue dele e

nos deixou sem nada. Eu sempre soube que seria assim. Estava prevendo. Desde que fiquei sabendo sobre sua existência, eu imaginei que aquele velho safado nos deixaria sem nada.

— E desde quando você sabe sobre mim? — Eu o fitava aturdida.

Noah soltou um riso bizarro, sem que seu olhar frio acompanhasse o gesto.

— Quando eu era adolescente, ouvi uma briga dos meus pais. Eles brigavam muito. E desta vez mencionaram a filha bastarda da empregada negra, mas que também era a filha de sangue. Eu não pensei que teria que me preocupar em dividir minha herança e dos meus irmãos com você até aquele velho maldito te dar uma bolsa pra faculdade. Foi aí que eu me dei conta de que precisava me livrar de você antes que acontecesse o que aconteceu. — Eu ficava mais apavorada a cada palavra que ele proferia. — Eu não me importaria em dividir minha herança com Candice e Joshua, afinal, eles trabalharam duro na Prime, mereciam a parte deles, mas com você eu não aceitaria dividir nada. Você nunca mereceu nada. É só a filha de uma vadia que fodeu com um homem casado pra se dar bem na vida.

Náuseas se faziam no meu estômago, calafrios me percorriam. Cada frase partida dele era uma nova revelação.

— Você disse que decidiu se livrar de mim quando o Sr. Walker me deu a bolsa de estudos, isso quer dizer que...

— Sim. — Ele me interrompeu. — Eu contratei Bruce pra te matar, mas o bastardo pareceu nunca ter visto uma mulher e resolveu tirar uma casquinha antes de fazer o serviço. E sim, fui eu quem contratou o Sam.

— O incidente na lavanderia, foi você?

— Claro que foi. Quem mais na face da Terra saberia que o gesso do teto desabaria com a queda do ventilador, que não o cara que arquitetou o prédio? Se vocês tivessem pensado um pouco, teriam chegado a essa constatação.

— Como você passou pelo porteiro? Ele disse que não viu ninguém entrar lá naquele dia.

— Aquele cara é um bêbado. Só para naquela portaria no horário de chegada e saída dos funcionários.

— E o número do telefone que Bruce usava na cadeia no celular do Sam?

— Eu arranjei tudo. Mandeí alguém dar o celular para o Bruce e outro para o Sam, já com o número gravado. Foi tudo muito fácil, mas você é uma pessoa de sorte, se recusou a morrer.

— Depois que você mandou Bruce me matar, há três anos, por que não tentou de novo?

— Eu caí na burrice de acreditar que você estava traumatizada demais para vir para Dallas. Ledo engano! Agora chega de conversa. Daqui a pouco Joshua vai entrar por aquela porta e precisa nos flagrar juntos. Vem aqui.

— Por favor, não.

— Agora! Sua mãe está com assassinos perigosos, se eu não telefonar de meia em meia hora, ela morre. Pensa bem se você quer isso.

Engoli em seco, dominada pelo pânico e caminhei de um lado para o outro do cômodo, trêmula, desesperada, vasculhando minha mente em busca de uma saída, mas não havia, ou pelo menos eu não conseguia pensar em uma naquele momento, pois os meus pensamentos estavam enevoados pelo tormento. A única certeza que eu tinha era a de que se aquele louco foi capaz de mandar me matar, era capaz de qualquer coisa.

— E quem me garante que minha mãe vai ficar bem depois que eu te der tudo?

— Você vai ter que confiar em mim. — Enfiou o iPhone de volta no bolso. — Decida agora. Ciumento como é, em minutos Joshua estará aqui te procurando. — Ele desabotoou todos os botões

da sua camisa, deixando-a aberta.

Por Deus! O que eu ia fazer? Destruir o homem que eu amava, ou colocar em risco a vida da minha mãe? Fiquei com a primeira opção.

Assim, fui até ele, trêmula, nervosa e o deixei me abraçar pela cintura, seu contato me despertando a mais insuportável repulsa. Ele usou o seu corpo para me empurrar até um sofá cujo modelo se equiparava aos móveis da idade média, onde deitou-me, debruçando-se sobre mim. Sua boca nojenta estava no meu pescoço, quando sua mão foi para a minha perna, escorregando devagar, se enfiando debaixo da minha saia, quando o detive.

— Não precisa tudo isso. Se nos ver como estamos ele já estará convencido.

— Nenhum homem com sangue nas veias ficaria só nos amassos com uma garota que usa um vestido desse tamanho. — Tirou minha mão da sua. — Precisamos ser convincentes.

Nesse instante, o trinco da porta se moveu e muito apressadamente, Noah colou sua boca na minha, tentando enfiar sua língua entre meus lábios, sem que eu desse passagem, enquanto sua mão subia minha saia até minha cintura e se enfiava dentro da minha calcinha, tocando-me intimamente, a outra mão se enfiando no meu decote para segurar o meu peito.

De olhos fechados, sem conseguir conter o tremor em meu corpo, ouvi o ranger da porta se abrindo e se fechando novamente, os passos pesados se aproximaram, enquanto que intimamente eu rezava para que não fosse Joshua. No entanto, logo sua voz grossa soou como o esturro de uma fera selvagem, bem do nosso lado.

— O que significa isso?!

Fingindo ter levado um susto, Noah levantou-se depressa e quando abri os olhos, buscando o rosto do meu amor, foi como se um punhal se cravasse em meu peito, tamanha foi a dor que me tomou ao ver a sua face contorcida de angústia, a forma como ele me olhava com incredulidade, mágoa, e um ódio descomunal.

— Desculpa, Joshua. Nós íamos te contar. — Noah falou com muito cinismo e levantei-me também, já sem conseguir encarar Joshua no rosto, as lágrimas começando a cair dos meus olhos.

— Desde quando?! — Joshua parecia transtornado.

— Desde que você nos apresentou na Prime, no primeiro dia de trabalho dela. Não leva a mal cara, ela só estava indecisa entre nós dois, mas decidimos que vamos morar juntos.

— Isso é verdade, Amber? — Joshua ainda parecia incrédulo.

Lembrei-me da minha mãe amarrada em algum lugar cuja localização apenas Noah conhecia. Eu estava nas mãos dele.

— Sim, é verdade. — Murmurei, entre soluços.

— Então diz isso olhando na minha cara! — Joshua gritou e não me senti encorajada a olhar para ele.

— Diga a ele, Amber. — Noah sabia que seu plano estava prestes a ir por água abaixo e se fosse, quem pagaria era a minha mãe.

Então, buscando forças dentro de mim, erguei o rosto, deparando-me com a dor latente nos olhos azuis que me fuzilavam.

— Sim, é verdade. — Menti e a dor se intensificou no olhar de Joshua.

— Por quê? Por que fez isso comigo? Por que fez isso conosco? O que tínhamos era tão lindo. Era a melhor coisa que já tive. Você esteve fingindo esse tempo todo?

— Claro que não. — Merda! Eu não devia ter dito aquilo.

— Ela quer dizer que não fingiu, assim como foi verdadeira comigo também. — Noah remendou o vacilo. — Mas no fim das contas, ela me escolheu. Aceita isso, irmão.

— Deixa ela falar! — Joshua gritou novamente. — Só me diga por que, Amber.

Eu não sabia o que dizer. Não tinha ideia do que uma pessoaalaria em momento desses.

— É como ele disse. Eu te amo, mas amo ele também. Agora estou escolhendo ficar com ele. Eu sinto muito. — Para ser mais convincente, tirei o anel de noivado do meu dedo e devolvi a ele, enquanto a dor me dilacerava por dentro, tortuosamente, as lágrimas se recusando a pararem de descer.

Com os ombros encolhidos, a face contorcida, Joshua pegou o anel, olhando-me com frieza. Depois se virou para Noah, avançando com tudo para ele, dando-lhe um único soco no rosto, que o levou ao chão.

— Eu devia te dar uma surra, seu moleque, não vou fazer porque apesar de tudo você é meu irmão. Eu espero que a vida dê aquilo que vocês dois merecem.

Com isto. Joshua deu-nos as costas, foi para a porta e saiu, com passos meio cambaleantes, incertos.

CAPÍTULO XXXIV

“Acabou!” A palavra ecoou em minha mente, como se anunciasse minha própria morte. Mas talvez nem a morte doesse tanto quanto ver Joshua daquele jeito, quanto perdê-lo de vez. A dor era simplesmente insuportável e me corroía por dentro, consumindo-me lentamente. Desalentada, sentei-me no sofá, afundi o rosto nas mãos e chorei ainda mais, meus soluços saindo altos.

— Você foi muito bem. Só não devia ter chorado tanto na frente dele. — Noah falou, levantando-se do chão, despertando-me um ódio mortal. Se eu tivesse a chance de resgatar minha mãe antes de ele acabar comigo, eu o mataria com as minhas próprias mãos. Maldito! — Agora vamos. Você vai ficar uns dias no meu apartamento até todos se convencerem de que estamos apaixonados e então você passa tudo para o meu nome.

— E depois você me mata. — Completei.

— Se você for uma boa menina, talvez eu te presenteie com uma passagem só de ida para o Marrocos. Você pode até levar sua mamãe junto.

Eu não acreditava no que ele dizia. Se vinha me perseguindo desde que entrei na faculdade por medo de perder a sua maldita herança, não me deixaria viva para acarretar-lhe o risco de ficar sem tudo de novo.

— Eu preciso passar no apartamento de Joshua para pegar minhas coisas. — Falei, secando minhas lágrimas com as mãos.

— Eu pego depois. Não quero que vocês se encontrem de novo.

— Você acha mesmo que ele iria pra casa depois do que acabou de passar? E que não vai falar comigo na Prime?

— Se eu bem o conheço, o que acabou de acontecer aqui foi suficiente para ele voltar pra lama onde sempre viveu. Não vai voltar à Prime tão cedo.

Por mais que doesse, eu precisava admitir que ele podia estar certo. O baque foi grande demais para Joshua, desta vez ele não conseguiria evitar uma recaída. Sua vida estava destruída, por minha causa.

Arrasada, deixei a sala de mãos dadas com Noah, como ele exigiu. Ao atravessarmos o salão da festa, ainda abarrotado de pessoas, todos pararam para nos observar com perplexidade, como se fôssemos dois ETs, afinal, estávamos de mãos dadas e ele era o irmão do cara que acabou de me pedir em casamento. Estávamos quase alcançando a porta de saída, quando uma Kate boquiaberta tomou-nos o caminho.

— O que está acontecendo, Amber? Joshua, passou aqui igual uma bala.

— Depois eu te explico.

Ela deslocou seu olhar do meu rosto para o de Noah, muito desconfiada.

— O que está acontecendo? — Insistiu.

— Ela já disse que explica depois. Com licença. — Noah esbravejou e saiu me puxando pela mão para o lado de fora.

Fomos direto para o apartamento de Noah em um edifício de luxo em Uptown. O lugar era enorme para quem morava sozinho e tinha uma decoração moderna e sofisticada. Ele me mostrou o quarto de hóspedes, onde eu deveria dormir caso não quisesse dividir a cama com ele. Depois me perguntou se eu queria comer alguma coisa.

— Não quero comer, mas gostaria de falar com a minha mãe. — Respondi.

— Isso não vai ser possível, pois eles não podem saber que você está ligada a esse sequestro.
— Como você os pegou? A essa altura, meus avós já devem ter chamado a polícia.
— Não, baby. Eles estavam na casa de praia em Los Angeles, ninguém além de nós dois e dos homens que contratei para fazer o serviço, sabem sobre isso.
— Me deixa pelo menos vê-la. Por favor.

— O que eu ganho com isto?

— Sei lá. O que você quer?

— Que tal uma noite de sexo selvagem? — Fiquei gelada, olhando para ele apavorada. Até que de repente ele começou a sorrir, gargalhar. — Cara, você devia ter visto sua cara. Muito engraçado. Relaxa. Você é linda, mas não como uma mulher a menos que ela queira dar pra mim.

Me espantava que ele tivesse a capacidade de se divertir em uma situação como aquela, enquanto mantinha o próprio pai amarrado em uma cadeira sob a mira de revólveres. Relembrei de como ele se mostrou interessado em mim quando nos conhecemos, inclusive chegamos a sair juntos para um show de rock.

— Aquela noite em que me levou ao show de rock, você ia me matar, não ia?

— Sim, eu ia. Tinha tudo planejado para que parecesse um acidente e o maldito do meu irmão atrapalhou os meus planos.

— Me deixa ver minha mãe. Por favor.

— Tá, mas só um pouco. — Ele tirou o iPhone do bolso, digitou as teclas e entregou-me.

Minha mãe e o Sr. Walker continuavam amarrados com as mãos para trás, mas desta vez estavam deitados em um colchão no chão, juntinhos, sem as vendas, pareciam aterrorizados e cansados, embora nada dissessem.

Senti meu peito angustiado por ver minha mãe daquele jeito, prisioneira, tão frágil e indefesa, sem que eu pudesse fazer nada para ajudá-la, se chamasse a polícia, seria muito pior. Noah os mataria antes que os encontrasse, já tinha dado provas suficientes de que era louco o bastante para isto. Aproveitei para dar uma boa olhada no lugar onde estavam. Se tratava de uma construção antiga, com as paredes descascando, o assoalho de madeira velho e nenhum móvel por perto. Porém, um barulho estranho despertou minha atenção. Precisei levar o aparelho até meu ouvido para distinguir do que se tratava e consegui identificar o som das ondas do mar, portanto, eles ainda estavam na praia.

— Já chega. Me dá isso aqui. — Noah me tomou o aparelho, desligando-o antes de voltar a colocá-lo no bolso. — Vou receber alguns amigos para uma bebida. Quer participar?

— Não. Prefiro ficar aqui.

— Você quem sabe.

Assim, ele deixou o quarto de hóspedes e pude mergulhar ainda mais fundo na minha insuportável tristeza, imaginando onde Joshua estaria agora. Era impressionante como as coisas mudaram depressa. Em um instante estávamos felizes com seu pedido de casamento e agora, menos de duas horas depois, eu sequer sabia onde ele estava, apenas dividia com ele a dor de não mais termos um ao outro.

Logo o som de um rock pesado e de várias vozes diferentes começaram a partir da sala, enquanto eu tentava, a todo custo, pegar no sono para esquecer de tudo, mas não consegui. Vi o dia amanhecer e meus olhos não se mantinham fechados.

Passei todo o domingo assim, sem conseguir comer, nem dormir, apenas sentia a dor que se recusava a me deixar.

Na segunda-feira de manhã eu estava um caco, ainda assim troquei o vestido que usava desde

sábado pelas roupas sociais que Noah me comprou, já que não era homem suficiente para arriscar encontrar Joshua no apartamento dele ao ir buscar as minhas. Como ele exigiu, entramos na Primeira de mãos dadas, todos os funcionários nos olhando torto, cochichando às nossas costas e desta vez eu nem podia tirar-lhes a razão, pois aos olhos de todos eu agia como uma canalha traidora, o que ficava ainda mais feio depois do pedido lindo de casamento que Joshua fez.

Até mesmo Rebecca, que sempre se mostrou muito simpática, virou a cara mim naquela manhã. Mas quem podia culpá-la?

Noah me acompanhou até a minha sala e quando ocupei meu lugar atrás da minha mesa, ele se acomodou em uma das poltronas que havia no centro da sala, pegando uma das revistas de sobre a mesinha de centro, cruzando uma perna sobre a outra bastante à vontade.

— Então é isso? Você vai ficar aí me olhando trabalhar? — Perguntei, esmorecida.

— Pelo menos até saber se Joshua está no prédio, sim.

Peguei o interfone e liguei para Rebecca, falando bem alto para ter certeza de que ele ouvia.

— Rebecca, por acaso você sabe me dizer se Joshua veio trabalhar hoje?

— Sim. Acabou de me ligar para perguntar a mesma coisa sobre você.

Suas palavras aqueceram meu coração. Se ele perguntou, era porque ainda se preocupava comigo, apesar de tudo.

— Ele veio trabalhar. Mas nem por isso você precisa ficar aqui. Eu não vou contar nada a ele e colocar a vida da minha mãe em perigo.

— Eu sei que você não arriscaria a vida dela intencionalmente, mas você está apaixonada pelo meu irmão e uma mulher apaixonada fica cega e burra.

Eu não tinha mais argumentos, então apenas o ignorei e engatei no trabalho, sem muita energia, mas com muito empenho, pois só assim eu me esqueceria de tudo o que estava acontecendo.

Minha ansiedade por ver Joshua, pelo menos olhar para ele era tanta, que cada vez que a porta se abria ou o telefone tocava, eu esperava que fosse ele, mas sempre me desapontava. Na certa, ele não queria me ver e eu nem podia culpá-lo por isto.

Por fim, na hora do almoço consegui me livrar de Noah, que se recusou a comer no escritório e foi em busca de um almoço descente, como ele disse. Eu pedi o meu ali mesmo, mas não consegui comer, minha tristeza era tão imensa que me tirava o apetite.

Estava sentada atrás da minha mesa, encarando o prato de comida intocado à minha frente quando a porta se abriu e Joshua entrou, fazendo o meu mundo se perder no azul do seu olhar. Olhei pra ele e não soube se sorria ou se chorava, emoções conflitando-se no meu interior, a certeza de que o amava demais me inundando mais uma vez.

Ele estava visivelmente cansado e abatido, como se há muito não comesse e não dormisse.

— Oi. — Ele disse, com calma.

— Oi. — Minha voz saiu trêmula.

— Você não me parece bem.

— Você também não.

Ele se mostrou surpreso.

— Você realmente esperava que eu estivesse bem?

— Não. Desculpe.

Ele percorreu os dedos pelos cabelos, mostrando-se nervoso, depois enfiou as mãos nos bolsos da calça e aproximou-se da minha mesa sem desviar seus olhos lindos, carregados de tristeza dos meus.

— Fiquei sabendo que o Noah passou a manhã toda aqui.

— Sim, passou.

— Por quê?

— Ele é meio ciumento.

Joshua encarou-me em silêncio por um longo momento, desconfiado.

— Eu não acredito nisso. Essa história está estranha. Eu não acredito que nossa história foi uma mentira, que você ama mais ele do que eu. — Silenciou-se, exigindo uma resposta com o olhar, mas só consegui desviar meus olhos para o chão. — Pelo amor de Deus, Amber. O que está acontecendo? Me fala a verdade!

— Você já sabe a verdade. — Tentei.

Ele veio até mim, arrancou-me da cadeira, segurando-me pelos ombros, forçando-me a encará-lo.

— Você está mentindo. Os dois estão. Ele disse que vocês estão juntos desde que os apresentei, mas quando os apresentei você ainda tinha fobia ao toque. Isso não faz sentido algum.

— Por favor, Joshua. Saia daqui. — Por dentro eu tremia, temendo que Noah pudesse voltar a qualquer momento e nos flagrar juntos.

— Não vou sair até você me dizer o que está acontecendo.

— Estou apaixonada pelo seu irmão.

— Mentirosa!

Sem qualquer aviso prévio, ele tomou-me os lábios, beijando-me com aquela forma selvagem que me enlouquecia, tão sofregamente que não consegui resistir e correspondi, me entregando à saudade que jazia dentro de mim, até que estivesse em fôlego e então ele parou.

— Me diz agora que não me ama! — Exigiu.

Busquei forças dentro de mim para mentir mais uma vez, mas não encontrei, minha mente foi traída pelo turbilhão de sentimentos que explodia em meu peito e olhando em seus olhos, deixei as lágrimas descenderem, enquanto falava a verdade:

— Ele sequestrou minha mãe e o seu pai. Me disse que se eu não mentisse, mataria os dois. Por favor, me perdoa.

Os olhos de Joshua se arregalaram da mais pura incredulidade.

— O que você está me dizendo?

— Ele quer a Prime e todos os bens. Quer que eu passe tudo para o nome dele, mas quer que eu finja que estou apaixonada antes para ninguém desconfiar que fui forçada a isto. Foi ele quem contratou Bruce para me matar há três anos e contratou Sam recentemente.

— Maldito! Vou matá-lo! — Joshua fez menção de ir para a porta, mas o segurei no lugar, colocando-me em seu caminho, aflita, sobressaltada.

— Pelo amor de Deus! Não faz isso. Se ele não telefonar de meia em meia hora, as pessoas que estão com minha mãe vão matá-la. Se ele souber que te contei, acontece o mesmo.

Joshua estava transtornado, seus olhos saltando nas órbitas. Refletiu por um instante e então me estreitou em seus braços amados.

— Eu sinto muito por duvidar de você. Quase enlouqueci achando que você não me ama. Desculpe.

— Sou eu quem tem que pedir desculpas por mentir.

— Você foi obrigada. — Afastou-se o suficiente para fitar-me no rosto. — Aquele maldito voltou a te tocar?

— Não.

— Ainda bem. — Voltou a me abraçar apertado. — Nós vamos dar um jeito nessa situação. Eu

vou falar com Morris para acionar a CIA. Nós vamos encontrar nossos pais, eu prometo.

— Eu os vi pelo iPhone de Noah, em tempo real. Estão em um lugar antigo, com as paredes descascadas, a pintura antiga branca e assoalho de madeira, estão perto do mar, eu pude ouvir as ondas.

— Vou dizer isso a Morris.

Afastei-me do abraço, sua distância dando-me a sensação de que faltava um pedaço em mim.

— Você precisa sair daqui. Ele é capaz do pior se nos vir juntos.

— Entendo. Vou comprar outro celular pra você e mandar Rebecca te entregar discretamente para que possamos nos falar. A essa altura ele já deve ter grampeado o seu. — Beijou-me como um esfomeado antes de se afastar. — Eu te amo, Amber. Não sinta medo. Tudo vai dar certo.

— Eu também te amo.

Com isto, ele saiu da sala, me deixando um vazio tão grande que parecia levar parte de mim. Por outro lado, me deixava também mais leve, por ter dividido toda aquela carga.

Para minha satisfação, Noah não voltou à minha sala mais naquela tarde, na certa por se dar conta de que sua presença constante despertaria suspeitas. No meio da tarde, Rebecca me entregou o pequeno celular escondido em uma pilha de documentos e, fitando-me com piedade, pediu-me desculpas pela forma como me tratou mais cedo, deixando claro que Joshua lhe contou tudo.

Mais tarde, ele me ligou para dizer que a CIA tinha sido acionada por Morris e vários homens treinados estavam à procura dos nossos pais, nos restava apenas esperar pelo melhor.

Minha noite foi longa no apartamento de Noah. Nervosa, caminhei de um lado para o outro do quarto durante horas intermináveis, sem conseguir adormecer, sem conseguir comer. Pensava no que aquele louco seria capaz de fazer se desconfiasse de que havia uma organização procurando por nossos pais. Na certa, ele os mataria e depois acabaria comigo por ter aberto a boca. Temia ainda que o prazo que ele estipulava para que as pessoas se convencessem de que estávamos apaixonados esgotasse e ele me matasse antes que minha mãe fosse encontrada.

Na manhã de terça-feira fui para o trabalho ainda mais esgotada, adentrando ao prédio de mãos dadas com Noah. E o dia se estendeu da mesma forma, sem notícias, sem Joshua, meu corpo, movido a café e nada mais, se tornando cada vez mais cansado, lânguido.

CAPÍTULO XXXV

Na quarta-feira, eu estava ainda pior, muito fraca, abatida e cansada. Situação agravada pelo fato de que Noah não me deixava mais ver minha mãe pelo iPhone, me levando a desconfiar que tinha feito mal a ela.

Encontrava-me sentada atrás da minha mesa me sentindo perdida, sem vida, observando a pilha de papéis à minha frente, sem vontade alguma de examiná-los, enquanto Noah ocupava uma das poltronas no centro da sala, sorrindo como um adolescente ao se sair vitorioso em um jogo virtual que jogava no celular, quando de repente a porta se abriu e Joshua entrou, seguido por dois homens usando terno e gravata, que não reconheci como funcionários da Prime. Nervosa, levantei-me com meu coração batendo tão depressa que eu podia senti-lo contra as minhas costelas, Noah se colocando de pé também, sobressaltado.

— Encontraram nossos pais, meu amor. Acabei de falar com eles por telefone. Estão bem, sendo trazidos para cá de helicóptero. Estavam em uma área isolada de Los Angeles. — Joshua falou, vindo para mim.

Levantei-me devagar, emocionada demais, tão aliviada que as lágrimas me fugiram dos olhos, escorrendo pela minha face. Joshua me abraçou e praticamente desfaleci em seus braços, as poucas forças que me restavam me abandonando de vez.

— Você está bem? Quer ir a um hospital? Minha nossa! Você está gelada. — Ele falava, sem deixar de me abraçar.

— Eu vou ficar bem agora.

— Eu não sei o que essa mulher andou inventando, mas eu não fiz nada. — A voz de Noah nos alcançou, quando só então percebi que os homens o algemavam.

Abraçados, eu e Joshua nos aproximamos do trio.

— Eu devia te dar a surra que você não levou na infância, seu moleque. — Joshua falou, entre dentes.

— Não acredita nessa mulher, mano. Eu sou inocente.

— Já chega, Noah! — Desta vez Joshua gritou. — Os bandidos que você contratou pra prender o homem que te criou como filho, já disseram que foi você. Não tem mais como negar.

Noah soltou uma risada macabra.

— O homem que me criou como filho, mas deu tudo o que nós tínhamos para essa cretina. Como você pode aceitar uma coisa dessas? Trabalhar toda a sua vida em uma empresa, pra depois ver aquele velho dar tudo de mão beijada pra essa vagabunda?

Com isto, Joshua perdeu o controle e avançou para Noah com toda a sua fúria, atirando-se sobre ele, arrancando-o dos dois homens que o seguravam um de cada lado, ambos caindo no chão, Joshua por cima e começou a esmurrar-lhe a face com os punhos cerrados, repetidamente, até que os homens o tiraram de sobre o outro.

— Não só aceito como apoio a decisão dele! — Joshua gritou, fora de si. — Amber é a verdadeira dona disso tudo aqui, sempre foi, ninguém fez favor a ela passando a Prime para o seu nome, pelo contrário, o que fizeram foi privá-la de uma vida melhor da qual ela sempre teve direito. E tem outra coisa, presta bastante atenção porque só vou falar uma vez: agora que eu sei que era você tentando assassiná-la, reze para que não caia um fio de cabelo da cabeça dela, para que ela não quebre uma unha ou se machuque de outra forma, porque qualquer coisa que acontecer a ela de agora em diante, você será o responsável. Eu te mato com as minhas próprias

mãos, seja na cadeia ou onde quer que você esteja. Fui claro? — Noah não respondeu. — Fui claro!? — Joshua gritou.

— Sim, foi.

— Ótimo.

— Por favor, senhores. Levem esse lixo daqui.

Os dois homens levaram Noah para fora, segurando-o um de cada lado.

— Eles são da polícia? — Perguntei, muito fraca.

— Sim. Da segurança nacional. Oficiais do governo. Isso vai garantir que Noah passe um bom tempo na cadeia.

— Eu sinto muito por tudo, afinal, ele é seu irmão.

— Não ligue pra isso. Ele errou feio e merece pagar. Agora vamos pra casa esperar nossos pais. Eles já devem estar chegando. — Antes de sairmos, Joshua enfiou a mão no bolso do seu paletó, de onde tirou o anel de noivado que me dera quando pediu minha mão em casamento. — Acho que já posso te devolver isso.

Colocou a joia em meu dedo, antes de me tomar novamente em seus braços, abraçando-me apertado.

— Acho que finalmente poderemos viver em paz.

— Sim. Finalmente.

Deixamos o prédio abraçados, sob o olhar de admiração dos funcionários, que a essa altura já sabiam de toda a verdade. Fomos direto para ao apartamento dele no condomínio, o lugar me transmitindo um aspecto familiar de um verdadeiro lar, como se aquela fosse a minha casa.

No centro da grande sala, havia uma mesa posta com diversos tipos de comidas e finalmente, depois de tantos dias sem conseguir comer nada, eu senti o meu estômago roncar.

— Come alguma coisa enquanto eles chegam. — Joshua ofereceu, como se fosse capaz de ler os meus pensamentos.

— Acho que vou aceitar. — Abasteci um prato com salada e filé e sentei-me em um dos sofás para fazer a refeição, enquanto Joshua me observava com um afeto genuíno que me fazia sentir amada, especial, com aquela certeza gostosa de que ali, ao lado dele era meu lugar no mundo.

Eu tinha acabado de comer, quando por fim ouvimos a hélices do helicóptero se aproximando e corremos para o heliporto em cima do prédio. Logo o aerotransporte pousou e um homem com o uniforme do exército saltou, seguido do Sr. Walker que se virou para ajudar minha mãe a descer.

Me bastou olhar em seu rosto tão amado, para que as lágrimas voltassem a marejar-me os olhos e corri para encontrá-la, emocionada, aliviada, feliz por vê-la bem. Aninhei-me em seus braços tão amados e deixei que as lágrimas banhassem de vez minha face, enquanto ela fazia o mesmo, o amor incondicional nos ligando.

— Não chora, filha. Graças Deus tá tudo acabado. — Ela falou, se esforçando para conter o próprio pranto.

— Estou chorando de felicidade, porque cheguei a pensar que nunca mais a veria. — Afastei-me um pouco para observá-la, tinha o rosto cansado, mas não parecia ferida. — Você está bem?

— Sim, querida. Eles não nos machucaram, foi só o susto. Seu pai estava lá para cuidar de mim.

Olhei para o homem que ela dizia ser meu pai, estava conversando com Joshua, de muito perto e olhou para mim com afeição, cumprimentando-me com o aceno de cabeça que correspon-di. Foi ali, que pela primeira vez, agradei aos céus por ele ter entrado na vida da minha mãe novamente, ou ela teria enfrentado todo aquele pesadelo, sozinha.

— Ainda bem que ele estava lá. — Falei e abracei minha mãe de novo.

Em meu coração não havia mais espaço para raiva nem rancor, o que me dava a certeza de que um dia eu aceitaria o Sr. Walker na minha vida como meu pai. Não seria hoje, mas esse dia chegaria. Até lá, eu aprenderia a amá-lo como tal.

Nós quatro descemos para o apartamento, onde os dois recém-libertos do cativeiro atacaram a comida na mesa, comendo com muito apetite, para depois nos acomodarmos nos estofados, eu e Joshua em um, eles dois em outro e conversarmos sobre tudo o que aconteceu, sobre como eles foram apanhados pelos três sequestradores, enquanto dormiam durante a noite na casa de praia em Los Angeles, a qual Noah conhecia muito bem; sobre como foram levados no porta-malas do carro, encapuzados, até o cativeiro; como a polícia invadiu o lugar e os libertou, prendendo os bandidos e por fim, eu e Joshua falamos sobre o nosso noivado, deixando ambos bastante felizes, foi quando o Sr. Walker me pediu um abraço e pela primeira vez na vida, abracei o meu pai, uma sensação bem estranha, mas com a qual eu podia me acostumar facilmente.

No dia seguinte, ao retornarmos ao trabalho na Prime, recebemos a demissão de Candice, que se disse cansada dos Estados Unidos e pretendia ingressar em uma viagem pelos países da Europa, fazer um curso de artes na Itália e viver por algum tempo naquele país tão belo. Eu esperava sinceramente que ela arranjasse um belo italiano por lá.

Eu e Joshua também precisávamos de descanso, estávamos esgotados devido aos últimos acontecimentos, por isso marcamos a data do nosso casamento para dali a um mês, pois assim tiraríamos férias ao mesmo tempo que teríamos nossa lua de mel. Para ajudar com os preparativos, minha mãe e o Sr. Walker decidiram ficar em Dallas até a data da cerimônia, ocupando uma das casas do condomínio.

Como não queríamos nada muito grande, decidimos fazer uma cerimônia religiosa em uma pequena capela ali perto, seguida da festa ali mesmo nas ruas do condomínio, tudo muito simples.

Assim, Kate e minha mãe passaram a dedicar grande parte do tempo delas com a organização, já que o meu tempo era bastante limitado.

O casamento foi realizado em uma ensolarada manhã de domingo na pequena capela, o lugar estava todo decorado com arranjos de flores brancas, laços de cetim e um tapete vermelho que ia da entrada até o altar. Kate e Dean foram os meus padrinhos, e Rebecca e Morris, os padrinhos de Joshua. Meu vestido, cuidadosamente escolhido por minha mãe e Kate, era simples, cor de marfim, sem alças, que se colava ao corpo até altura dos quadris, de onde partia a saia longa e rodada, com alguns detalhes em renda. Os cabelos estavam presos em um coque bem trabalhado com alguns fios caindo pela nuca.

Minha mãe pediu com tanta insistência e carinho, que acabei concordando em aceitar que o Sr. Walker me levasse até o altar, mas daí a chamar ele de pai, ainda tinha muito chão pela frente, embora eu soubesse que com o tempo eu chamaria, já que não havia espaço dentro de mim para rancor algum, eu conseguia apenas amar e ser feliz.

Depois da cerimônia religiosa, fomos comemorar no condomínio, que tinha suas ruas enfeitadas com flores e balões, um palco para as várias bandas que se apresentaram ao longo do dia e barraquinhas nas calçadas com as mais diversas iguarias da cozinha texana, embora nada estivesse à venda. Tudo estava muito parecido com os festivais de colheita que aconteciam anualmente em Cibolo, dos quais minha mãe e o Sr. Walker tinham se tornado frequentadores assíduos.

Ali, com toda a população do condomínio reunida, junto com minha mãe, meus amigos, meus avós e meu amor, eu tive o dia mais feliz da minha existência, o dia em que me tornei a Sra. Walker. Agora vinha a parte mais interessante do processo: a tão esperada lua de mel.

Deixamos Dallas ainda naquela noite, em um voo particular direto para as ilhas Maldivas, onde passaríamos os próximos quinze dias. Eu estava tão feliz quando entrei naquele avião, que mal cabia em mim. Cheguei até a me perguntar se realmente merecia tudo aquilo, eu não me lembrava de ter feito nada de tão extraordinário para que a vida me presenteasse com coisas tão boas.

Ali, no compartimento principal do avião, eu olhava para Joshua, lindo como sempre em uma camisa de seda branca e custava a acreditar que ele realmente era meu marido. Todinho meu. Somente meu.

— Aceita um champanhe? — Ele indagou, enquanto eu me acomodava em uma das poltronas e colocava o cinto, como devíamos fazer durante a decolagem.

Eu tinha bebido champanhe suficiente por uma semana na festa, mas não pude recusar.

— Aceito.

Ele foi até o frigobar no canto do compartimento, servindo duas taças com a bebida gelada. Estava entregando-me a minha quando uma comissária de bordo apareceu do corredor, sugerindo que ele colocasse seu cinto, pois íamos decolar em minutos.

Foi uma decolagem tranquila. Estávamos no ar quando Joshua se livrou do seu cinto e veio me livrar do meu, erguendo-me em seus braços fortes para me carregar até uma das cabines, quando descobri que esta estava toda enfeitada, com pétalas de rosas brancas espalhadas no chão e na cama larga, havia também velas perfumadas por toda parte e mais uma garrafa de champanhe em um balde com gelo.

— Que lindo! Quem fez isso tudo? — Indaguei, estupefata.

— Não tenho certeza, mas acho que foi Kate, com a ajuda de Rebecca.

— Ai meu Deus, espero que minha mãe não esteja envolvida nisso. Seria constrangedor demais.

Joshua sorriu amplamente, antes de estender-me sobre a cama, em meio às pétalas, deitando-se ao meu lado com o corpo erguido para fitar-me no rosto.

— Acho que ela tem uma ideia do que aconteceria aqui durante a viagem. E agora que somos casados, não vejo porque se constranger.

— Você está certo. Somos casados agora e pessoas casadas fodem o tempo todo. — Joshua soltou uma sonora gargalhada. — Qual foi a graça?

— Nada, só estou sorrindo de felicidade.

— Eu também estou muito feliz. Como nunca fui antes na minha vida. Eu sinto que finalmente estou completa agora. Tudo está perfeito, nada mais me falta nessa vida.

Ele percorreu meu rosto com a ponta dos dedos.

— Você é tão linda. Mal posso acreditar que é minha.

— Acredite, eu sou, por toda a minha vida. — Estendi-lhe a mão para mostrar a aliança de ouro em meu dedo.

— Eu sou mesmo um sujeito de muita sorte. — Colocou sua mão na minha e as fechamos, nossos dedos entrelaçados.

— E eu uma garota de sorte.

— Você me salvou quando eu já não tinha esperança, transformou a minha vida, me resgatou do inferno quando deveria ter me dado as costas. Sem dúvida, você me completa em todos os sentidos e é por tudo isso tudo que eu te amo e amo demais.

Lágrimas de emoção marejaram-me os olhos.

— E eu te amo, Joshua, amarei para sempre, meu amor. Você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Com isto, sua boca gostosa tomou a minha e embora não precisássemos de pressa alguma já

que tínhamos toda uma vida pela frente, o beijo veio faminto, urgente e selvagem, seus lábios devorando os meus como se fossem o último alimento da Terra, o desejo insaciável florescendo dentro de mim, me incendiando inteira, para que assim a nossa noite começasse de verdade.

Três anos depois.

Com a chegada da nossa doce Cassie, nos mudamos para uma das casas de família do condomínio, pois não queríamos que a nossa pequenina crescesse olhando para a população através das paredes transparentes do apartamento planejado de Joshua, como se isso fosse algo natural. A casa era adequada para se ter filhos, com três quartos grandes, duas salas e um cozinha bem equipada, no entanto, o jardim era pequeno e com o intuito de ter um espaço recreativo maior, ficamos também com a casa dos fundos, que foi implodida para que construíssemos uma piscina grande, um parquinho e plantássemos algumas árvores, assim daríamos à nossa menina o conforto que ela merecia sem precisar nos mudarmos dali.

Trabalhei na presidência da Prime até o último minuto de gestação para passar todo o período de licença maternidade ao lado do meu anjinho, no entanto, os seis meses já tinham se passado e eu não me sentia encorajada a deixá-la com uma babá. Eu simplesmente estava adorando acordar todas as manhãs e ir para o jardim amamentá-la, passar o dia todo cuidando dela, enquanto andava descalça e com roupas curtas pela casa, sem precisar me preocupar com horários, em vestir roupas sofisticadas, usar maquiagem, ou mesmo pentear os cabelos. Me recusava a trocar a função de ser apenas mãe, pelo estresse do trabalho.

Eu já tinha excedido uma semana do prazo e nem me passava pela cabeça sair de casa.

Naquela manhã, acordei cedo como sempre para amamentar Cassie e depois tomarmos banho juntas. Estávamos deitadas em uma rede confeccionada com palha no jardim, eu de um lado, com as pernas dobradas e ela em cima das minhas pernas, aproveitando os primeiros raios do sol daquele dia.

Eu brincava, fazendo cócegas com minha boca na sola dos seus pezinhos, apaixonada por seu sorriso infantil, fascinada com o quanto era linda, rechonchuda, com suas bochechas rosadas. Ela tinha tido a sorte de herdar os olhos azuis do pai, assim como os traços perfeitos dele, mas a pobrezinha herdou os meus cabelos difíceis, que por enquanto serviam para lhe dar ainda mais encanto, já que os cachinhos dourados lhe caíam lindamente pela testa, mas que no futuro lhe renderiam horas no cabeleireiro.

— Bom dia. Como estão as garotas mais bonitas do Texas? — Joshua falou, aproximando-se, vindo da direção da casa, já vestido com seu terno elegante e carregando sua valise, pronto para o dia de trabalho. Tinha os cabelos molhados bem-penteados e o cheiro gostoso da sua loção pós-barba chegou em mim antes de ele, inebriando-me, me deixando mais apaixonada, como acontecia todas as manhãs.

— Estamos nos divertindo, papai. — Falei, fazendo uma vozinha infantil.

Joshua plantou um selinho em meus lábios, para depois beijar a testa de Cassie, fechando os olhos para aspirar o cheirinho dela como todo pai apaixonado fazia e minha princesa sorriu lindamente, tão apaixonada por aquele homem quanto eu.

— A sua licença maternidade acabou, mamãe. Você precisa voltar ao trabalho.

— E deixar essa coisinha fofa aqui? Nem morta.

— Você não tem escolha, Amber. Precisa assumir suas responsabilidades de presidente.

— Então, nesse caso eu me demito.

Cassie deu outro sorriso lindo, como se fosse capaz de me compreender.

Joshua ia abrir a boca para continuar insistindo, mas desistiu e acabou sorrindo junto com a filha.

— Está certo. Se você prefere assim, vou providenciar todos os documentos para que eu assuma de volta a presidência e trago para você assinar.

— Obrigada, papai.

— Agora preciso ir, alguém tem que cuidar dos negócios da família.

Com isto, ele deu-nos as costas e ia se afastando, quando então fui atraída para ele, como se por uma espécie de ímã, meu corpo suplicando pelo seu e me levantei depressa, deixando Cassie bem acomodada na rede, indo atrás dele. Com toda liberdade que tínhamos um com o outro, tomei-lhe o caminho, abraçando-o apertado, colando meu corpo no seu, minha pele ardendo com o contato.

— Só vim te desejar um bom dia de trabalho. — Mentira, eu queria senti-lo um pouco mais, pois as noites pareciam insuficientes para nós.

— Se realmente era só isso, eu lamento por você. — Ele colocou sua valise no chão, sobre o gramado e segurou-me pelas costas, para me apertar ainda mais contra seu corpo. — Porque agora você vai ter que apagar um incêndio.

Suas palavras tinham tom de luxúria e o calor da lascívia me percorreu inteira, se instalando entre minhas pernas e quando sua boca tomou a minha, em um beijo faminto, tudo se tornou ainda mais intenso, quente, enlouquecedor.

Joshua usou o seu corpo grande para me conduzir até o esconderijo atrás do tronco de uma árvore, tirou meu short pelos pés, abaixou meu top de malha sem alças e me fez sua, ali, em pé, como dois animais, do jeito que me enlouquecia, como se jamais fosse suficiente, como de fato não era.

Depois que me entreguei a Joshua pela primeira vez, por muito tempo eu acreditei que não podia existir nada mais prazeroso na vida que fazer amor com ele, mas descobri que existia apenas uma coisa: ser mãe. Foi na maternidade que eu aprendi que sempre se podia ser um pouco mais feliz, foi onde encontrei minha plena realização. Por isso, quando nossa Cassie tinha dois aninhos, trouxemos ao mundo nosso príncipe Brayden, quando Joshua me fez prometer que nossa família estava completa, embora eu ainda estivesse indecisa sobre isto.

Alguns anos depois do divórcio, o Sr. Walker se casou com a minha mãe. Eles continuaram morando na fazenda e vinham nos visitar de vez em quando, quando passavam dias em nossa casa e apesar de me dar bem com ele, eu jamais consegui chamá-lo de pai.

Quanto à mãe de Joshua, se casou com o novo namorado, um milionário com quem vivia viajando pelo mundo. Ela vinha visitar os netos e o filho de vez em quando, e apesar de tentarmos nos tratar bem, eu nunca consegui ficar totalmente relaxada na presença dela.

Candice foi outra que finalmente desencalhou. Para minha total satisfação, casou-se com um italiano que conheceu durante o curso de história da arte que estudava naquele país e mudou-se de vez para lá. Da última vez que ouvi falar nela, estava grávida de gêmeos, trabalhando como professora em uma renomada universidade.

Como todos encontravam seu lugar no mundo, depois de cumprir cinco anos de prisão por tentativa de homicídio, Noah deixou a cadeia, se mudou para Nova Iorque e passou a integrar uma quadrilha de lavagem de dinheiro, um negócio ilegal e perigoso, mas que dava a ele o estilo de vida multimilionário que sempre quis ter.

Plenamente realizada com meus três amores, eu não voltei a trabalhar fora, passando a me

dedicar a atividade de amar e ser amada integralmente, como mãe de duas crianças lindas e esposa de um grande homem, porque não havia nada que me fizesse mais feliz nessa vida.

FIM

CONTATO: Ari.ela_pereira@hotmail.com

Outras Obras na Amazon:

- Pecados Íntimos
- A Primeira Noite
- Quando Te Amei
- Para Amar e Proteger
- Predestinados
- Irresistível Paixão
- Quando Me Apaixono
- FUGITIVA
- FUGITIVA 2
- O Caso Roger Miller
- O Amante
- Intenções Perigosas
- Coração Selvagem

Fontes de pesquisa:

Sites: <http://vidaeestilo.terra.com.br/homem/vida-a-dois/vicio-em-sexo-conheca-os-sintomas-e-confira-os-tratamentos,5f088f96e4237310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>

<http://www.personare.com.br/viciados-em-sexo-do-prazer-a-obsessao-m2379>

Filmes: “Shame” e “Terapia do Sexo”